

SÉRIE
RENDA - S E

Katarina

LIVRO III

ANNE MARCK



SÉRIE
R E N D A - S E

Katarina
LIVRO III

A N N E M A R C K

Copyright © 2018 Anne Marck

Capa: Murilo Guerra

Revisão: **Kátia Regina Souza**

Diagramação: Denília Carneiro

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

KATARINA – Livro3
SÉRIE RENDA-SE

Anne Marck

1ª Edição — 2018

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e / ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

CONTEÚDO

[Dedicatória](#)

[Sinopse](#)

[Apresentação](#)

[Prólogo 01](#)

[Capítulo 01](#)

[Capítulo 02](#)

[Capítulo 03](#)

[Capítulo 04](#)

[Capítulo 05](#)

[Capítulo 06](#)

[Capítulo 07](#)

[Capítulo 08](#)

[Capítulo 09](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre a próxima publicação:](#)

[Recado da autora](#)

Dedicatória

A J.P., pelos abraços aquecidos quando mais preciso.

À Jhenifer, pelo suporte e amizade.

Sinopse

“Renda-se”, a série do quarteto de amigas Júlia, Alice, Katarina e Priscila, traz ao leitor quatro histórias de amor, descobertas e superação, apresentando um novo sentido à palavra amizade.

No terceiro livro, “Katarina”, uma mulher divertida, dona de ótimo humor e atitude insurgente se vê obrigada a confrontar o passado quando o irmão de sua melhor amiga retorna à sua vida.

Eles tiveram uma história juntos. Esse é o grande segredo por trás da fachada da mulher paqueradora de comportamento livre. Daniel, irmão de Júlia, foi o primeiro e grande amor de Katarina, talvez até mesmo o único. Sua partida, há nove anos, deixou para trás uma menina apaixonada e magoada, mais do que ele pode supor. E agora o homem está de volta, disposto a reconquistar sua amizade, e também seu coração. O que ele descobrirá é que esse caminho foi cimentado para não ser mais aberto. A tarefa não será fácil, tampouco Katarina permitirá que seja (embora ela não possa negar: o infeliz ainda mexe muito com seu coração).

Venha viver sentimentos tão conflitantes quanto intensos junto deles, e descobrir se o tempo é capaz de destruir bases sólidas.

Apresentação

Uma paixão platônica transformada em mágoa. É assim o sentimento de Katarina por Daniel. O homem obteve tudo dela, desde o primeiro beijo até seu coração, de forma permanente. Mas ele foi embora e a deixou para trás. Nada nunca doeu tanto. E, agora, o homem está de volta, mais do que disposto a reconquistá-la. Resta saber se um sentimento tão nobre quanto o amor é o suficiente para curar feridas abertas há tanto tempo.

— *Jamais te prejudicaria, Katarina. Quando deixar sua mágoa de lado, verá isto também.*

— *Não guardo mágoa de você, Daniel, não se superestime assim... — mudo meus olhos para a janela, evitando que ele enxergue a mentira em mim.*

— *Então beijar aquele cara não foi sua maneira de revidar?*

Vejo meu reflexo incomodado através do vidro. Lambo os lábios, pensando seriamente no que dizer.

— *Sabe — respiro fundo — Um dia eu te amei... amei pra caralho. Pensava em você o tempo todo, Deus é testemunha, cheguei a acreditar que eu enlouqueceria de tanta falta que você me fez — arranho uma sujeira invisível no painel à minha frente, buscando não trair minhas emoções — Hoje, não mais. Eu te deixei ir. Então tudo o que faço é apenas porque quero fazer. Eu quis beijar Rico, e o fiz.*

Ouçoo expirar profundamente. Penso até que não dirá nada... Até que...

— *Você finalmente quer falar sobre o passado?*

Mordo a parte de dentro da bochecha.

— *Não.*

— *Tudo bem. Quando estiver disposta a ser honesta consigo mesma, conversaremos.*

Argh!

— *Sou honesta, Daniel. Se não fosse, não te diria o quanto você me ferrou quando me deixou naquela cama sem nunca olhar para trás. Você me quebrou.*

Atinjo-o como um soco na curva do queixo. É a sensação que tenho. Uma pequena vitória.

Katarina



Prólogo 01

Katarina

Katarina encostou cuidadosamente a bicicleta contra a parede da represa, ao lado de onde suas amigas deixaram as delas. Ela foi a última a chegar. O céu estava limpo, o verão aquecia tudo em volta, mas também deixava o nível de água do lago muito baixo. Bem, somente assim para que todos eles viessem a esta área, na verdade.

Pelas cores, ela reconheceu as bicicletas de suas amigas, Júlia, Alice e Priscila; de mais alguns amigos... e também a *dele*. Daniel. Foi difícil conter o sorriso. Ela gostava quando ele se juntava ao grupo (era uma pena que acontecia somente quando ele estava de férias da faculdade). Ela gostava de tudo que envolvia o irmão de sua amiga, se fosse honesta. Mas, ultimamente, era diferente. Quando estava perto dele, coisas dentro de si mudavam: o coração disparava, as mãos suavam, ela se pegava reparando em detalhes de seu rosto, seu sorriso, seu queixo com aquele furinho lindo. E sentia uma falta desgraçada quando estavam longe.

Puxa. Katarina estava apaixonada por Daniel. Precisava admitir. E tentava lembrar quando este sentimento surgiu em seu coração, mas não fazia ideia. Ela gostava da companhia dele desde que eram crianças; ele transmitia a sensação de proteção, a fazia rir constantemente. Talvez ela *sempre* gostara dele, então? *É possível*, meditou.

— Vai ficar aí por muito tempo? — era a voz grave do próprio garoto, às suas costas.

Suspirando, recuperou o controle e se virou para ele.

Mas que visão.

Descalço, vestindo uma bermuda encharcada que grudava em seus joelhos, o peito nu escorria água em abundância, e o cabelo, aquele tom de loiro num corte rebelde quase tocando os ombros (que o pai dele detestava, pelo que Jú lhe revelara), molhado ao ponto de pingar. O garoto era bonito. Mais do que isso: Daniel era lindo. Parecia um homem. Cinco anos mais velho do que ela, ele agora estava com vinte, mas aparentava ter até mais. Dani era grande, ossudo; seus braços, apesar de magros, ganhavam contornos de músculos, a barriga lisa não apresentava nem um grama fora do lugar... e, droga, a visão mexia com ela.

— Então? — ele arqueou a sobrancelha, bem-humorado (seu humor: outra coisa que ela amava nele).

— Hã? — piscou, confusa.

— Vai ir pra água, Katarina... — ele disse mais mansamente, se aproximando dela devagar, como uma cobra sorrateira — Ou eu vou ter de te ajudar?

E antes que ela pudesse processar, estava içada sobre o ombro dele, sendo levada pelo gramado até a beira do lago raso.

— Não, Dani, não! — ainda tentou parar o intento, mas a risada não a tornava uma pessoa convincente.

— Eu te dei uma alternativa, *carinho* — ele dizia, em tom de provocação.

— Não me jogue com roupa, por favor, por favor!

— Tarde demais — e *tibum*, lá estava ele se lançando com ela para dentro do lago.

A água morna a tomou por inteira. Com o impacto, seus corpos foram ao fundo (nem tão fundo assim) e emergiram. Ela cuspiu ao mesmo tempo que tentava tomar uma respiração.

Quando abriu os olhos, deu de cara com o sorriso convencido dele, tão perto que podia sentir seu hálito. O coração bateu mais forte. Ela nem mesmo conseguia respirar agora. O calor. Era o calor do corpo dele, ainda agarrado à sua cintura, que foi cortando a vontade de sorrir também, e dando lugar a um sentimento muito mais forte.

Como seria beijá-lo?

Ela nunca beijara ninguém, mas sentia esta necessidade se espalhando por toda a boca conforme a saliva ia secando. Katarina queria provar um beijo. Com ele. Ninguém mais senão ele.

E talvez seu desejo tenha se tornado explícito para o garoto. O sorriso de Daniel foi morrendo sutilmente. Aqueles olhos verdes expressivos, riscados de amarelo, foram escurecendo, e as narinas se abrindo, exibindo certa dificuldade na passagem do ar. Ele também sentia?

Katy engoliu a pouca saliva.

— Dani... — o sussurro saiu de seus lábios.

— Katarina — ele disse seu nome como quem reza uma prece.

Seu corpo arrepiou, mesmo dentro da água. Ela sentiu um calafrio gostoso percorrer desde a base dos pés até o topo da coluna.

Sem se dar conta, atraída como um ímã, Katarina apoiou as mãos em seus ombros. *Deus, ela tremia tanto!*

— Ei, Katy! Você demorou! — a voz distante de Júlia atravessou o ar.

Ela não olhou para a amiga. Tampouco ele.

A conexão parecia forte demais.

Mas Júlia, alheia ao que acontecia, nadando, juntou-se a eles.

Katarina piscou e demorou a abandonar o transe. Sentiu nele esta dificuldade também.

— E-eu... — ela lambeu o lábio — vou deixar minha roupa na bicicleta — murmurou e então se virou para a amiga — Seu irmão me jogou na água de roupa e tudo, acredita?

Brincar foi a melhor maneira de lidar com a situação. Sua cabeça estava confusa. Afinal, será que Daniel, o garoto com quem cresceu, o mais desejado por todas as meninas mais velhas, também

queria beijá-la?

Meneou a cabeça, recuperando um pouco do juízo e, em braçadas largas, se afastou deles. Seus pés molhados subiram o gramado, apressados. Ela pingava, sua camisa e shorts jeans estavam encharcados. Quando alcançou o topo, onde ficavam as bicicletas, ela levou os dedos frios a pegar a borda da camiseta e a puxou para cima. Pendurou aberta no guidom, para que secasse, abriu o botão do shorts e estava pronta para tirá-lo, quando uma mão tomou seu pulso e a puxou para a curva do muro. Longe da visão do lago.

Mas o que...?

No instante seguinte, Katarina se deu conta de que era *ele*. Daniel.

Ele a encarou com grande intensidade. Por tudo o que era mais sagrado, esta cena ficaria para sempre em sua memória.

— Eu quero muito te beijar — disse a ela, numa voz rouca que a arrepiou por inteira.

Seu coração batia maluco quando respondeu.

— Então beije...

E ele o fez. Beijou de verdade. Katarina não tinha com o que comparar, mas podia apostar que aquele havia sido o melhor primeiro beijo que alguém já tivera na vida.

Naquele beijo, seu coração de adolescente foi entregue a ele, para a eternidade, de maneira irreversível. Ela o amou desde sempre, e iria amá-lo por toda a vida.

Mas será que o amor *pode mesmo* durar tanto assim?



Capítulo 01

Katarina

Dias atuais...

Dirijo pela autoestrada em uma linha reta quase infinita, e só o que preciso fazer é manter o pé moderadamente no acelerador, após tantas paradas quanto possível. Estou a oitenta quilômetros por hora, no meio do nada, cercada por vegetação e asfalto. Sozinha no carro, minhas mãos seguram forte o volante para que eu me mantenha concentrada, ao contrário do que minha mente tenta fazer.

Meu destino é a fazenda de Frederico, namorado da Júlia, uma de minhas melhores amigas. Eu poderia ter tomado um avião, como as meninas fizeram esta manhã, mas, em vez disso, inventei uma bela desculpa e optei por fazer os mais de quinhentos quilômetros de carro. É burrice, eu admito, porém, neste momento, eu ainda gostaria que faltasse muito mais caminho até chegar lá, e olha que não estou nem na metade.

Hoje à noite será o jantar de noivado de Júlia e Frederico. Estou muito feliz por ela, muito mesmo. Amo aquela garota como uma irmã... Eu deveria estar mais animada, no entanto meu corpo tenso só consegue processar o fato de que, pela primeira vez em nove anos, estarei revendo ele, Daniel, o irmão da Júlia.

O cara que me mostrou o que é ser magoada por alguém.

Não houve uma única noite em que eu tenha ido dormir sem a sua imagem miserável passar pela minha cabeça, mesmo que numa lembrança boba e pequena. Eu gostaria mesmo é de esquecer... Ah, como eu gostaria. Às vezes, penso que estou condenada a este sentimento, num tipo de maldição eterna, pelos pecados que eu viria a cometer no futuro (alguns já até cometi).

Sou uma mulher adulta. Faz um bom tempo que decidi não me ater mais ao passado, e a distância ajudou a seguir em frente. Mas hoje é um daqueles dias inevitáveis em que o passado vem beliscar sua bunda, testando, lançando em sua cara coisas das quais você não tem como fugir.

Desde que saí de casa e entrei neste carro, só o que eu consigo fazer é pensar no bastardo; a tensão é tanta que reflete em todo o meu corpo.

Aumento o volume do som e deixo a música alta dominar meus pensamentos. *Chandelier* de Sia diz ironicamente que garotas festeiras não se magoam. Gostaria que fosse verdade. Estou ficando mais velha, a diversão da vida de solteira já não me deslumbra mais como antes. Mergulhei de cabeça para ser bem-sucedida no trabalho, e estou conseguindo. Tenho uma carteira com os melhores investidores e investimentos do país. Sei exatamente quando uma ação vai se mover. Tenho conquistado grandes clientes e, paralelamente a isso, estou começando a moldar o meu próprio negócio de consultoria para empresas que pretendem abrir seu capital no mercado. Minha vida está tomando um caminho previsível, no entanto, no aspecto emocional, nada parece mudar.

A sensação de vazio vem crescendo mais a cada dia. E hoje, particularmente, parece maior do que eu gostaria, prestes a me engolir.

Por que eu não consigo tirar aquele cara da cabeça? Já se passou tanto tempo, eu nem mesmo tenho contato com ele mais.

Acho que deveria procurar auxílio profissional, sei lá, alguma terapia, alguém que me diga o que fazer. Nunca falei sobre ele com as meninas, nem saberia como contar. Daniel é meu segredo mais bonito e também o mais sujo.

E, bem... isso não importa agora. Nada do que eu sinto realmente importa. Eu só preciso sufocar estes sentimentos por um dia e depois tudo voltará ao normal.

Espero (e torço profundamente) que Júlia e Frederico não queiram se inspirar no casamento da Bia, irmã dele, com Ivan, meu amigo de infância. Aquela festa durou uma semana. Sou capaz de me jogar de um carro em movimento, só para não ter de conviver por todo esse tempo com o infeliz.

Para não pensar, concentro-me em dirigir.

Encontro outra oportunidade de parada quando avisto, na beira da estrada, um comércio de... *o que é aquilo mesmo?*

Levo o carro para a entrada de chão batido.

— Olá, senhor! — cumprimento da janela, ciente de que é sempre bom manter certa precaução antes de descer.

— Tarde...

— Pode me dizer o que são estes...?

— Escultura de cimento pra jardim, moça — sinaliza com o queixo para os objetos coloridos nas prateleiras, sem fazer muita questão.

Legal.

Retiro os óculos de sol e deixo de lado.

Calmamente desço, alongo as pernas, e me preparo para ver as opções.

— É você quem faz? — questiono, gentil.

O senhor, dono de uma pele escurecida pelo sol, olhos caídos pela idade e um chapéu de palha que provavelmente já viu dias melhores, cospe o capim do canto da boca, antes de dizer:

— Minha esposa — revela um tanto seco (talvez cansado de responder à mesma pergunta centenas de vezes).

Enrugo o canto do lábio, analisando as pequenas esculturas. Bem, não vou dizer que são as coisas mais lindas que já vi na vida. Pequenos sapos verdes, cogumelos coloridos, coelhos brancos de olhos rosados e mais alguns animais (que não reconheço num primeiro olhar) se espalham na pequena loja abafada pelo calor. No geral, é um trabalho bem interessante.

Inclino-me para verificar mais de perto, corro os dedos por algumas delas, observando minuciosamente, e decidindo qual levar. Eu poderia ficar aqui a tarde toda escolhendo... apesar do

ar carrancudo do senhorzinho.

— Quanto é essa? — assinalo para uma *lagartixa*, eu acho.

— Trinta.

— Hum... e estas? — aponto para... *Deus do céu, que bicho é esse?*

— Duas por cinquenta.

— Legal. E estes?

— Dona, olhe a placa. Tudo aqui ou é uma peça por trinta, ou duas por cinquenta — aponta o *banner* na parede.

Humm, certo.

— Ok, me desculpe. Vou levar dois destes... por favor.

Ao final de míseros vinte minutos, saio com duas pequenas estátuas de jardim debaixo do braço. O fato de eu morar em apartamento e não ter jardim é só um detalhe. Ligo o carro e me preparo para viajar mais um pouco, rezando para ter um comerciante mais atencioso no caminho, onde eu possa ficar pelo menos uma hora.



Capítulo 02

Katarina

Depois de algumas paradas (tantas quanto possível) e muitos quilômetros de estrada, chego à entrada da fazenda incrivelmente bela. O lugar é o próprio paraíso. Confiro o horário no painel. Já passa das seis da tarde. Daqui a poucas horas será o jantar de noivado. A ideia (somada a todas as bobagens que comi no caminho) retorce meu intestino.

Estaciono em frente à casa de hóspedes. Pini me avisou que ficaremos juntas no mesmo quarto em que estivemos da última vez, e que Gabi (nossa amiga e cunhada de Alice) ficará conosco. Alice, recém-casada, ficará com Benjamin, e Júlia permanecerá com Frederico na casa grande.

Quem diria que as coisas mudariam tanto em tão pouco tempo.

Desço do carro e puxo minha pequena mala para fora. Trouxe apenas o essencial: uma boa desculpa para encurtar minha estadia aqui. O pior é que amo este lugar.

Pini já está na porta me esperando. Engraçado como o ar da fazenda renova as pessoas. Os cabelos esvoaçantes e a bochecha corada dão a ela um ar mais jovial, tornando-a linda e leve. Não que Priscila precise de muito para isto. A garota tem uma boa genética, grandes olhos verdes-esmeralda, cabelos loiros e grossos, bunda e coxas enormes, é uma filha-da-mãe sortuda.

— Katy! — ela desce os degraus calmamente e vem me receber — Como foi a viagem?

Seu olhar astuto me avalia de cima a baixo ao se afastar, depois de um abraço.

— Cansativa — dou um gemido dramático, mas não evito o sorriso.

— Que ideia foi essa de vir dirigindo?

— Eu te disse, tive que passar em um cliente no caminho — dou de ombros — Sabe como é.

Isso é quase verdade: eu só passei na empresa do cara para deixar um portfólio, nada que fosse necessário ser entregue pessoalmente. Foi mais uma desculpa.

— Sei... — e continua me estudando daquele jeito irritante que quase me faz dar com a língua nos dentes.

— Garota, me dê um desconto, olhe para o estado do meu cabelo e todo esse suor.

— É. Você está horrível — provoca... e para de falar quando algo atrás de mim chama sua atenção.

Afastando-me para o lado sem nenhuma delicadeza, ela se debruça contra a janela do carro.

— Mas o que é toda essa parafernália aí atrás?

Rá.

— Umas coisas legais que comprei pelo caminho...

Aqueles olhos enormes saem dos meus novos itens e se aprofundam em mim, céticos.

— Raquete para mosquitos?

Dou de ombros.

— A gente nunca sabe quando vai precisar...

Rindo de mim, ela sacode a cabeça e pega a mala da minha mão.

— Vem, vamos entrar. Você precisa de um banho, além de que, daqui a pouco será o jantar. Júlia acabou de perguntar de você.

Sigo-a para o quarto e dou graças por ela não ver o quanto a informação me atormenta. Daqui a pouco será inevitável reencontrá-lo.

— E então... quem mais está aqui? — espelho, tentando disfarçar a ansiedade e aquela fagulha de esperança.

Entro e fecho a porta do quarto atrás de mim.

— Alice e Benjamin, Gabi, Gustavo, Bianca e Ivan, Daniel e a namorada — lista com os dedos, depois de pousar a mala ao lado da cama — Todos chegaram esta manhã... e os pais de Frederico, é claro.

Meus nervos se contorcem somente por ouvir o nome dele.

Espere...

O quê?

Pini disse “a namorada”?

Sem me notar, ela continua a falar.

— Os pais da Júlia não estão falando com ela e não vêm — franze o nariz para o lado, em reprovação — São uns dementes e nem mereciam participar disto mesmo...

Escuto no fundo da minha cabeça a voz de minha amiga, mas não consigo me concentrar nela.

Ele trouxe uma namorada junto. Que *bastardo*!

— Katy — ela chama atenta — Você está bem?

Sacudo a cabeça para sair do meu transe.

— Hã...?

— Eu perguntei se você está bem — questiona, neutra, no entanto, estreitando os olhos perspicazes.

— Tô, claro. Eu só... — lambo o lábio, pensando numa mentira que me ajude — esqueci de colocar na mala aquela sandália dourada que compramos outro dia, lembra?

— Entendo. E empalideceu por isso?

A filha da mãe se parece com uma investigadora! *Pff*... Nem sei por que tento enganá-la, de todo modo.

Evito responder, em vez disto, deixo meu corpo cair na cama e cruzo as mãos em cima da barriga. A sensação de esticar as costas provoca um gostoso relaxamento. Quase gemo de tão satisfeita.

Minha amiga desaba ao meu lado, em silêncio por alguns instantes, até que...

— O que está havendo, Katarina? — sua voz é tranquila.

— Nada... — encaro o teto, refletindo — Só tive bastante tempo sozinha, no caminho pra cá, para pensar na vida, sabe?

— Sei — olha para o teto também, imitando minha postura.

— Será que um dia também encontraremos alguém?

Ouçoo sua expiração mais longa, e algum silêncio, até dizer, por fim:

— Eu acho que não nasci para ter algo assim na minha vida, Katy — o tom é baixo, pensativo — Talvez eu nem mesmo queira...

Percebo a aceitação em suas palavras, e um toque de algo que não consigo definir – mágoa, talvez. É quase imperceptível, mas está presente. E isso me mata. Mata de verdade. Nestes raros momentos em que sua guarda está baixa, uma certeza dentro de mim se fortalece: Pini tem mantido um segredo.

Dói pra cacete, tanto por ela não se abrir, quanto pela ideia de que seja algo tão sério que ela não queira falar.

— Pini?

Seu peito sobe e desce numa respiração profunda, talvez por saber aonde estou tentando chegar.

— Não, hoje não, por favor — e assim ela anula qualquer possibilidade.

Droga... Amo essa mulher com tudo o que há em mim. Se eu pudesse arrancaria qualquer tristeza dela com as minhas próprias mãos. De todas elas. Mas tenho de respeitá-la. Se sua vontade é guardar, cabe a mim aceitar.

Tamborilo os dedos contra a barriga.

E opto por quebrar um pouco do clima estranho.

— Algum cara bonito e solteiro aqui, pelo menos?

Ela bufa.

— Até onde eu sei, apenas um... mas acho que *esse* você não vai querer — pelo tom de suspense, penso por um momento que ela está se referindo a Daniel.

Sinto as bochechas queimarem.

Será que Pini sabe?

— Quem? — murmuro, hesitante.

A miserável não responde de imediato. Acho até que não vai falar mais nada.

— Gustavo — diz, por fim, enfiando uma cotovelada de leve na costela.

O alívio é uma porcaria maravilhosa, não é?

— *Pff...* — aceno um gesto de mão — Nem que eu quisesse, amiga. Ambas sabemos disso.

— Lamento então te dizer, Katarina, mas estamos sem opções.

— É, estamos...

O barulho da porta se abrindo nos faz erguer a cabeça e olhar em direção à entrada. Então, quando a madeira é empurrada, eis que surge a figura loira de cabelos longos beirando as costas e de curvas bem delineadas num vestido esvoaçante na altura dos joelhos.

Apoio-me sobre os cotovelos.

— Mas como isso é possível? — olho dela para Pini — Essa garota não tem dia ruim?

— Pelo jeito, não — Pini ri.

— Tão injusto...

— Katy, finalmente! — Gabrielle entra, aproximando-se da cama.

Contudo, antes, a mulher para, me analisando com mais atenção. Seu olhar é aquele do tipo “Que diabos você tem?”.

— Muitas horas dentro de um carro — explico simplesmente, guardando a parte sobre estar em pânico — Escute, você pegou este bronzado em apenas algumas horas aqui? — ainda estou tentando compreender o segredo da mulher.

Gabrielle se lança ao nosso lado na cama.

— Sabe como é, suco de cenoura acelera um pouco o processo... — explica sem ênfase — Mas, é claro, passei um bronzeador também. Um solzinho destes é meio raro pra gente, não é? — encolhe os ombros, fazendo graça.

— Vou começar a adicionar isso à minha alimentação — reflito, um tanto arrependida de todo o hambúrguer e as fritas que comi durante a semana.

— E tomates... — Pini acrescenta, mordendo o sorriso.

— ... porque tomates levantam os peitos — Pini e eu dizemos juntas, em referência ao último almoço que tivemos nós três.

Gabrielle é ligada à qualidade da alimentação. Para ela, frutas, verduras e legumes têm uma boa finalidade no organismo (as mais inusitadas, claro).

— Benefícios do licopeno, meninas, a idade está chegando e tudo o que puder ajudar é bem-vindo.

A simplicidade. Desde que conheci Gabrielle, esse seu modo simples foi o que mais gostei nela. Tipo amor à primeira vista. Tão bonita sem esforço, elegante, viajada, e ainda assim humana,

alegre. Gabi tem a nossa idade, voltou ao país há pouco tempo, depois de um divórcio, e agora está curtindo a vida de solteira com a gente. Semana passada nós três saímos e acabamos em uma ressaca monumental.

Depois de uns minutos de conversa com elas, já me sinto mais disposta para o banho.



Diante do espelho, faço algumas ondas nos cabelos castanho-escuros, jogo de lado, ao estilo mulher fatal, me maquio deixando o toque de sensualidade por conta do batom vermelho-sangue, e visto um bom vestido preto contornando a silhueta e caindo solto um pouco acima dos joelhos. Eu trouxe esta peça especialmente para impressionar o bastardo, mesmo sabendo que isso não vai me levar a nada.

Apesar de não querer estar perto dele, meu lado ressentido deseja esfregar em sua cara a mulher que me tornei. Quero ficar linda para que ele possa olhar bem pra mim e se lembrar de tudo o que perdeu.

Perdeu em termos... É mais correto dizer de tudo de que ele fugiu, sem olhar pra trás, e sem se preocupar com o quanto isso machucou.

Inventei uma desculpa qualquer para que Gabi e Pini fossem à frente. Preciso de um pouco mais de tempo antes de enfrentá-lo, depois de tudo.

Fecho os olhos e tento buscar dentro de mim a mesma coragem que me fez chegar até aqui. Espero que, depois desta noite, as coisas mudem, eu consiga retirá-lo definitivamente dea cabeça e seguir em frente de verdade.



Capítulo 03

Katarina

Entro na ampla sala de jantar da casa grande e me surpreendo com a riqueza dos detalhes da decoração. Uma imensa mesa retangular de vidro negro e brilhante se estende ao centro, rodeada por cadeiras com encosto alto em boa madeira. Acima da mesa, há um enorme lustre de cristais transparentes com cúpulas pretas ao redor. Uma das paredes é revestida por um espelho de fora a fora. Contraria um pouco o que se esperava de uma casa na fazenda, e só agora percebo: da última vez que estive aqui, não cheguei a entrar na propriedade.

Pequenos grupos se espalham pelo ambiente. Júlia e Frederico estão num canto, dizendo coisas um ao outro que a fazem ruborizar (a safada). Alice, Benjamin, a mãe e o pai de Frederico, Ivan e Bianca formam outra rodinha próxima.

Gabi e Pini conversam com Gustavo, ou melhor, devem estar ouvindo seus galanteios.

E, mais afastado, de costas para onde estou, vejo *ele*, Daniel, ombros largos cobertos pela camisa branca ajustada ao contorno definido de seus braços. A cintura fina termina em uma calça mostrando o volume da bunda redonda. Impossível não notar que ganhou mais músculos desde a última vez que o vi, há tantos anos.

Porcaria, isto não será fácil. Por mais que eu tenha me preparado.

Minha avaliação termina quando me dou conta de sua companhia. Uma loira esguia de boca carnuda, vestida num longo verde exibindo o decote que permite a visão de seios enormes e firmes. E ainda por cima é humilhantemente alta.

A filha da mãe é uma maldita modelo?!

Grande sorte, a minha. Fico anos sem ver o cara, me arrumo toda para esfregar bem na cara dele que me tornei uma mulher interessante, e o bastardo me aparece com uma modelo. Rá.

Aproveitando que ninguém me viu ainda, sinto-me tentada a sair de fininho e correr para o mais longe possível. Eu deveria inventar uma desculpa qualquer e ir embora...mas hoje é o dia da Júlia. Não posso fazer uma coisa destas com minha amiga.

E, parecendo prever, ela me enxerga.

— Katy! — Jú chama alto.

A passos decididos, vem direto até mim, atraindo todos os olhares. Pela visão periférica, percebo que ele também se girou, mas não tenho coragem de levantar a cabeça e conferir.

— Que bom que chegou! — recebo um abraço apertado — Como foi a viagem?

— Foi boa, fazia tempo que eu não pegava a estrada, sabe como é... — sorrio, disfarçando meu repentino nervosismo — Você está tão linda, amiga — aponto para ela, num vestido com detalhes de renda, que cai muito bem em seu corpo, e o cabelo preso em um coque bonito.

Jú me mostra a mão; seguro e fico admirada com a beleza de um lindo anel de brilhantes.

— Não é maravilhoso? Ele me pediu sábado, na gruta! Ah, Katy, estou tão feliz! — seu sorriso é algo impressionante, os olhos umedecidos corroboram a verdade neles.

Toco seu rosto.

— Estou vendo! Fico muito feliz por você. Muito mesmo.

Ela me abraça outra vez.

— Eu sei que sim. E te amo muito, irmã.

— Eu também te amo, Jú.

Sou tomada por uma espécie de orgulho e gratidão imensos. Uma das pessoas mais importantes pra mim está feliz e isso me conforta de um jeito inexplicável.

— Agora vou dar um oi por aí — limpo a garganta, afastando o embargo. Se eu ficar mais um minuto com ela, teremos nossas maquiagens detonadas por lágrimas — Nenhum gato solteiro pelo jeito, hein, amiga? Que lástima — brinco, fazendo-a rir.

Caminho até onde Alice se encontra. Cumprimento a todos, e a puxo para um abraço.

— Como está seu pé, gatinha? — ela retirou o gesso há pouco tempo.

— Bem melhor, pronto para uma maratona. E você, como foi a viagem? Fiquei preocupada, estas estradas andam muito perigosas, Katy.

— Eu estou bem, é sério. Foi ótimo vir dirigindo, talvez um pouco cansativo, mas ótimo — baixo então meu tom para o que pretendo perguntar — E como está a vida de casada? — cochicho com cumplicidade.

Não que eu tenha realmente alguma dúvida sobre isto. Nos falamos sempre, além de que, o brilho em seus olhos não nega a felicidade.

— Vivendo um sonho — sussurra um tanto tímida, assistida pelo olhar aquecido de Benjamin.

— Bem, eu imagino, a contar por esta sua expressão de boba — zombo.

Troco mais algumas palavras com ela e me aproximo para parabenizar Frederico pelo noivado. Hoje ele parece muito mais jovem e descontraído do que quando o conheci. Não há dúvidas de que este homem ama a minha amiga e a fará feliz. Já faz, na verdade. Ela mudou, está mais segura de si.

Evitando o lado norte da sala, onde *eles* estão, vou então em direção à Gabi, à Pini e ao Gustavo.

— Olha se não é o único homem solteiro neste lugar...

Cumprimento-o com um beijo no rosto.

— Suas amigas estão se casando, Katarina. Logo as amarras também baterão à sua porta —

sorri, zombeteiro.

Gustavo é amigo de Frederico, foi o padrinho do casamento de Bianca, e acabamos nos tornando amigos.

— Primeiro eu precisaria de um namorado, o que acha? — pisco, me insinuando de maneira sedutora... e então reviro os olhos, acenando desdenhosamente — O que não pretendo procurar pelos próximos dez anos.

Ele joga a cabeça pra trás e gargalha alto.

— Não lance esperança ao meu coração e depois a retire de mim assim, tão brutalmente, mulher!

Rio também.

Início uma conversa leve com eles. Gustavo flerta com Pini o tempo todo. Eles já ficaram uma vez, mas mal sabe ele que Pini não tem a menor intenção de repetir. Ela nunca o faz. Esta batalha está perdida pra ele.

Finjo prestar atenção ao que dizem, para não ter de olhar para trás, onde o bastardo está. Mas é tão impossível ignorá-lo quando sua presença se assemelha a um grande elefante branco para mim. Mesmo depois de tantos anos, meu corpo reconhece nossa proximidade. Um ventinho frio revira o estômago, sinto-me inquieta, enfim.

No entanto, tenho tudo sob controle.

Até que sinto uma mão delicada me tocar.

— Katy... — é Júlia.

Olho-a por cima do ombro. E, ao encontrar sua expressão estranhamente condescendente, sei o que me espera.

Vagarosamente, me viro para enfrentar *ele*. Daniel... acompanhado da modelo, *pff*.

Não consigo encarar seu rosto. Simplesmente não consigo. É como se deparar com um enorme refletor que te cega e obriga a cerrar os olhos. Evitando me prestar ao ridículo papel de fechá-los (feito uma criança mimada), faço então um grande esforço para manter meu foco na mulher ao seu lado.

— Katy — Júlia limpa a garganta, talvez constrangida — Daniel está aqui, e eu gostaria de te apresentar à Nicole, amiga dele.

— *Namorada* — a garota a corrige ao me estender a mão, sustentando um sorrisinho ligeiramente arrogante.

A filha da mãe infelizmente é mais bonita de perto. Droga! Os olhos verdes combinando com o vestido, a pele perfeitamente branca, aveludada, lábios grossos... *Deus, tenha misericórdia!* Até eu poderia me apaixonar por essa garota!

— Oi — minha voz soa mais confiante do que realmente sinto — Sou Katarina, *a amiga...* da *Júlia* — acrescento este final para evitar equívocos.

Aperto a mão delicada da menina e tenho vontade de rir do quão perdida a batalha está pra mim.

Idiotice pensar assim. Foi perdida há muitos anos.

— É um prazer te conhecer, Katarina, *amiga* da Júlia — sua ironia me surpreende um pouco.

Solto seu aperto, mas permaneço concentrada nela, ainda me decidindo se devo olhar para o homem ou não. Sem aviso, a mão forte e quente, no entanto, toca meu ombro, praticamente me guiando para um beijo no rosto.

— Oi, Katarina.

Meu ouvido se refestela ao receber o timbre grosso do miserável. Há quanto tempo eu não o ouvia... Meu Deus.

— Oi — sibilo, sem jeito.

Logo que sua boca toca meu rosto, sinto uma detestável confusão dentro do estômago. Minhas pernas, traidoras, bambeiam. O toque de seu lábio sutilmente raspando minha bochecha queima a pele. A sensação é incrivelmente a mesma de que eu me lembrava. Tenho vontade de me socar diversas vezes na cara, por ainda sentir coisas assim.

Afasto-me rapidamente e dou um passo atrás.

— Então, você veio dirigindo? — ele pergunta, talvez desconfortável, naquela bendita voz macia, em uma tentativa de puxar assunto.

Baixo os olhos para meus sapatos. Não o encaro nem por um segundo, esta vitória não dou a ele.

— Aham.

Sem muita vontade de entrar em uma conversa desnecessária, volto a me direcionar à garota. Abro um sorriso calmo, tentando parecer natural.

— Se vocês me dão licença...

Sem esperar por uma palavra do casal feliz, me viro e saio, evitando apresar os passos, mas apressando mesmo assim. É quando encontro Pini no caminho. Pelo jeito, ela estava observando a cena.

— Banheiro? — sussurro pra ela.

— Venha — diz, discreta, e eu a sigo.

Caminho para um sanitário ao lado da sala. Ela entra comigo e fecha a porta.

Não consigo respirar.

Apoio as mãos na pia e abaixo a cabeça.

Pini encosta-se à parede.

— E então, Katy?

— Então o que, Pini? — mando a questão de volta, um pouco rude.

— Desde quando? — ela mantém a voz neutra e baixa.

— Desde quando o quê? — aperto meus olhos.

— Você é apaixonada pelo Dani.

Levanto o rosto e a encaro. Pini, inesperadamente, tem os olhos compreensivos de quem já sabe a resposta. Não adianta negar. Estou cansada de esconder por tanto tempo.

— Desde sempre — admito sem vitória.

Minha amiga solta uma respiração pesada.

— Vem aqui, garota — abre os braços e eu aceito o abraço.

— Como eu faço para esquecer, Pini? Como? — pergunto, cansada de ainda sentir algo por aquele cara.

— Eu não sei, Katy...



Capítulo 04

Katarina

Sob controle, voltamos para a sala e nos aproximamos de Gabi e Alice. Pouco tempo depois, Frederico solicita atenção. Ele toma as mãos de Júlia na sua e inicia um pequeno discurso, ou melhor, uma puta declaração de amor. As palavras que usa para descrever a importância dela em sua vida são de deixar qualquer um embargado. Preciso me controlar para não começar a chorar como uma bebezinha.

O amor entre eles é forte, quase tangível.

Se existe uma definição para a palavra realização, certamente é o que estou sentindo agora. Sou tão apegada a estas garotas que temia o dia que em que uma delas encontrasse alguém pra valer, talvez por medo de perder esse elo que temos. Mas *não*. O sentimento que nos une é tamanho que me completa saber que estão felizes. Alice se casou; Júlia em breve também o fará, e, desde que estejam bem, eu igualmente estou, é simples assim.

Elas são as irmãs que eu não tive.

— Aposto que você será a próxima — Pini provoca, cochichando ao meu lado.

Conecto meu braço ao seu.

— Não, gata. Esse risco eu não corro. Quero ser uma solteirona para sempre. Já pensou: nós duas bem velhinhas, tomando chá, sentadas numa cadeira na varanda, fofocando sobre algum vizinho deliciosamente depravado?

Priscila ri, exibindo as covinhas.

— Tsc, tsc, que deprimente. Acho que tenho planos melhores pra minha velhice, Katarina.



Após cumprimentos aos noivos, todos são informados que o jantar será servido na elegante mesa, posta com louças e talheres para diferentes tipos de alimento, três modelos de taças, e ao centro, arranjos baixos com flores brancas que não faço a menor ideia de que tipo são. Esta é uma habilidade de Alice.

Pini e eu somos as últimas a seguir o fluxo, o que nos deixa sem opção de escolha, e pior, confirma minha má sorte: os únicos lugares disponíveis, lado a lado, são em frente ao belo casal.

Quero gemer alto de desgosto.

Ciente disto, e muito *prestativa*, minha amiga não me deixa escolher. Apressa a passada e se senta diante da modelo de seios fartos.

— Olá novamente, Nicole — sorri angelical, a safada!

Aliso o vestido antes de puxar a cadeira, dizendo a mim mesma que está tudo bem, posso lidar com isto. Na verdade já passei por situações piores. Sento, coloco o guardanapo sobre o colo, ajeitando-o com todo o cuidado, sem pressa.

A vida é mesmo uma grande caixa de surpresas. Se lá atrás, quando eu tinha não mais do que quinze anos, me dissessem que algum dia me sentiria desconfortável por estar na presença dele, eu não teria acreditado. Uma pessoa que era para mim como um herói, alguém que eu ansiava por ver, cujo nome eu escrevia dentro de corações nos cadernos escolares, foi justamente o único a me ensinar que príncipes não existem... Bem, pelo menos eu aprendi cedo; se nossa história teve um lado bom, foi esse.

Conversas e risadas inundam o ambiente. Pini tem sua atenção em Gabi, ao seu lado. À minha esquerda, Bia não desgruda de Ivan. Estou no meio, sem ninguém falando comigo, com a cabeça quase colada ao prato vazio esperando para começar a comer de uma vez.

Afinal, quando o jantar será servido? Tenham piedade!

Giro os polegares das mãos unidas, debaixo da mesa.

Levanto o olhar para Júlia do outro lado da mesa, sentada ao lado do irmão, entretanto, atenta ao que o noivo diz. E então mudo para Alice, a pobre coitada, tendo de ouvir pacientemente deliberações e objeções da modelo peituda sobre vestidos longos ou curtos, cabelos soltos ou presos.

Não é que eu queira botar defeitos na mulher, mas a voz dela é um tanto presunçosa. E irritante também. Hum, bem, neste caso, eu não estou colocando nada, o defeito já está nela, não é?

Mordo um risinho. Esse meu despeito soa ridículo, admito.

No entanto perco a vontade de rir em seguida, quando me dou conta de que o homem aproveita-se do meu isolamento para me encarar. Não que eu esteja olhando, mas percebo e sinto a força de suas íris em mim. É quase a mesma sensação de quando estávamos em um grupo de amigos, guardando para nós nosso segredo, e ele me observava atrevidamente. Na época eu amava aquilo.

— Ouvi dizer que a estrada melhorou muito depois da última obra.

Sua voz macia chega suavemente aos meus ouvidos como uma maldita carícia, que me obriga a prender a respiração (para não cobrir o rosto com as mãos).

Cogito fingir que não escutei ou que o assunto não é comigo, mas percebo-o então inclinando o tronco pra frente, ligeiramente.

— É verdade, Katarina?

De uma maneira perspicaz, Daniel está me desafiando a continuar ignorando-o. E sabe que logo isto chamará a atenção das pessoas a nossa volta.

Não tendo alternativa, lentamente pouso o olhar em sua camisa impecavelmente branca, justa

sobre o peito. Ele parece mais forte atualmente. Subo pelo pescoço bronzeado, maxilar reto, coberto por uma barba de bom tamanho escondendo o furinho no queixo de que sempre gostei. Os lábios estão presos numa linha meio de lado, um tipo discreto de sorriso torto. E, finalmente, chego aos intensos olhos verdes com riscas amarelas fitando-me profundamente debaixo de cílios longos. Noto também as poucas linhas de expressão marcadas pelo sol em sua testa e ao redor dos olhos.

Inegável, o infeliz está ainda mais bonito com a idade.

Frustrada por gostar do que vejo, limpo a garganta, num esforço de lembrar qual foi a pergunta feita por ele.

Esboço então uma expressão desapaixonada.

— É, está melhor sim.

Ele estreita os olhos, sutil, avaliando-me com velado interesse pelo tempo que parece não acabar nunca.

Ouçó e sinto cada batida do meu coração, em espera.

— Que bom — diz, por fim.

Pelo tom levemente satisfeito, não sei se refere-se às estradas ou ao fato de estarmos conversando. Prefiro nem saber, sendo franca.

Por sorte, uma moça salva o momento, enchendo minha taça com vinho. Agradeço, espero que ela vá à Pini, e praticamente entorno a bebida em busca de socorro no álcool.

O infeliz me observa tão calmo que dá nos nervos. Seu olhar só se desvia de mim para também agradecer à moça, quando chega sua vez, jogando-lhe um sorriso charmoso (aquele que reparte o lábio de cima). Cuido para não revirar os olhos ao notar o rubor nas bochechas dela.

— Você parece bem — volta a dizer antes de bebericar o líquido.

Ah, tão encorajador. Meu ego se refestela em êxtase, tal qual ficaria num exame Papanicolau. Depois de tantos anos, é o *melhor* que tem a dizer, infeliz?

— Obrigada — respondo mesmo assim, numa ridícula voz falhada. Engulo mais vinho e aponto discretamente a taça na direção dele — Você também.

...Parece maravilhosamente bem, seu bastardo! Como consegue?

Daniel abre um pequeno sorriso simples, por trás da taça, parecendo ler a minha mente.

— É bom te encontrar.

Chego a ficar em dúvida se ele realmente disse isso, contudo a intensidade de seu olhar afirma que sim. E me desestabiliza, até desencoraja a rebater da forma como deveria.

Odeio reconhecer o quanto isso me balança.

O prato de entrada finalmente é servido no momento certo. Uma salada caprese cuidadosamente decorada: folhas de manjerição delicadamente postas sobre tomates e mussarela de búfala, regada ao que parece ser azeite de oliva, pelo aroma gostoso.

Aproveito do momento para aplicar um beliscão na perna da Pini, obrigando-a a me dar atenção. Minha amiga se vira num salto, surpresa.

— Caramba, Katy! — geme.

Descrição passou longe, ao que parece.

O olhar de Priscila vai de mim para Daniel, e retorna, parecendo finalmente entender meu pedido de socorro. Não perco a ameaça de uma risadinha brincando em seus lábios comprimidos.

Graciosamente, a mulher leva a taça à boca, ajeita sua postura, e sorri para ele.

— Como andam os negócios, Dani?

Manter uma conversa com ele, para ela, é fácil. Priscila sempre gostou muito do cara. Todas nós, aliás. Crescemos juntos, Daniel era um tipo de referência masculina pra gente. Era quem nos protegia, nos incluía. Acho que foi assim que nasceu minha profunda admiração por ele, e a paixão platônica... *até o bastardo ferrar tudo*.

— Indo bem, você sabe... — responde sem ênfase ao fato de ser um dos maiores fabricantes de artigos esportivos do país.

A maldita humildade e o jeito simples de ser (que me encantam tanto nas pessoas) são qualidades que nem posso contestar no miserável.

Percebendo que eles engatam um papo, finalmente me sinto capaz de respirar de verdade, coisa que não fiz desde que me sentei aqui. É um alívio não precisar mais forçar uma conversa que não quero ter.

Baixo o olhar para o prato e me concentro em comer. A primeira porção que enfio na boca é tamanha que quase tenho de mastigar de boca aberta. Enfio outra garfada menor, mastigo com mais decência e engulo. Finco o garfo num tomate, deslizo ele pelo azeite no cantinho do prato e...

— E quanto a você, Katarina, o que anda fazendo? — *ele* indaga casualmente, obrigando-me a entrar na conversa.

Paro o garfo na metade do caminho à boca.

Deus me ajude, que sujeito mais manipulador.

— Olhe, no momento, — dou de ombros, como quem também vai explanar algo de modesto sobre a vida — Só tentando comer um pouco, mesmo, sabe como é...

Pini quase cospe seu vinho, abafando uma risada. E acaba se engasgando.

— Ainda bem que conseguiu engolir a tempo, do contrário, sairia por seu nariz — dou tapinhas em suas costas, ajudando-a com a tosse — Levante os braços e respire, querida — oriento calmamente.

Minha amiga me lança aquele olhar de “Você é ridícula, Katarina”.

Humpf.

— Acho que já está melhor — cochicho, desgostosa, e volto a me concentrar na comida.

Daniel nos observa com divertimento, apesar de minha grosseria.

E permanece me olhando durante o jantar que se arrasta lento e sufocante. Todos estão felizes e conversando, mas o bastardo não tira os olhos de mim, e isso faz com que eu não consiga comer praticamente nada. Que droga, eu nem mesmo me reconheço.

Para piorar, a cada assunto levantado por quem quer que seja, a namorada “sabe-tudo” tem sempre uma opinião a dar (irritantemente fútil, na maioria das vezes).

A mulher não tem um bom filtro.

E eu estou morrendo de inveja da maneira como ela se debruça sobre ele, cheia de propriedade. Isso é uma porcaria de assistir.



Capítulo 05

Katarina

Depois do jantar, vamos todos para um momento de *drinks* à beira da piscina. A noite fresca carrega um perfume de mata molhada delicioso. Na fazenda, até mesmo o céu é mais limpo, tem mais estrelas. Eu gostaria de não ir embora tão rápido, se pudesse. Mas a presença *dele* não me permite ficar. Seria demais pra mim.

Aliás, Daniel e eu estamos travando um tipo constrangedor de dança das cadeiras. Estou sempre no lugar oposto de onde ele e sua namorada se encontram, e quando eles se aproximam eu me afasto (tentando ser o mais discreta possível). A sensação é de estarmos presos no mesmo ambiente, não consigo relaxar.

Fato é que eu não estava preparada para revê-lo. Nos primeiros anos tive esperança que ele voltasse, esperança por *tempo demais*, e acho que este é justamente o problema: anos se passaram sem que nada mudasse, acabei me acostumando à situação.

E, hoje, nossa proximidade mexe com meus nervos...

Nervos... Devo estar parecendo a Senhora Bennet reclamando.

— Você está bem? — Alice questiona atrás de mim.

Viro-me pra ela, e só então me dou conta de que eu estava sozinha observando a cascata da piscina, feito uma tola.

Suspiro. E beberico meu *drink*.

— Acho que estou um pouco cansada — respondo, parcialmente honesta.

Cansada de me sentir tão tensa, é a verdade.

Ela me abraça de lado e afaga meu ombro.

— Você anda numa rotina muito pesada no trabalho, Katy, deveria tirar uns dias pra descansar — a preocupação é intrínseca ao tom doce.

— Eu sei, Ali, tenho pensado nisso...

— Às vezes é tudo o que precisamos...

Alice tirou férias recentemente, isso fez bem a ela, bem de verdade.

— Obrigada por se preocupar, gatinha, acho que te amo por isso, sabia? — brinco, espantando um pouco da melancolia que tenta surgir.

Pini se aproxima.

— Alguém aqui (*tirando a Alice*, é claro) gostaria que houvesse homens solteiros nesse lugar?

— Você tem uma opção, garota — cutuco-a — Uma de um metro e noventa, e uma bela bunda, por sinal — me refiro a Gustavo, de costas a uma certa distância da gente.

Ela bufa com bom humor.

Júlia e Gabi logo se juntam a nós e passamos os próximos minutos conversando sobre um pouco de tudo, e nada especificamente. Estar assim, com todas elas, me faz um bem danado. É meu refúgio particular. Tudo o mais pode estar uma merda, mas perto destas garotas não há tempo ruim.

— Se você vai continuar fugindo desse jeito ridículo a noite inteira, tenho de te avisar: está na hora de fazer de novo... — Pini cochicha somente para os meus ouvidos — Dani e a amiga que entende tudo de dieta pós-treino estão vindo... — zomba, discreta.

— Mais uma aula gratuita de nutrição? Que estimulante... — brinco por sobre a taça, em referência à afirmação convicta da tal Nicole de que é “super-recomendável” (em suas palavras) tomar Coca-Cola depois do exercício físico.

Difícil não rir... Mas rir é um tanto paradoxal, pois acaba me tornando uma daquelas ressentidas que precisam detonar a atual do seu ex para se sentir melhor. Que situação decadente a minha.

Pior é reconhecer o quanto eles combinam. Altos, lindos, loiros. Dá vontade de revirar os olhos de tão perfeitos.

— O que há de engraçado? — o infeliz pergunta, sorrindo meio de lado, desconfiado.

Não deixo de notar seu braço ao redor da cintura estreita da garota, a sensação é de que meu olhar foi atraído como um ímã.

— Você sabe, o ar da fazenda desperta nosso bom humor... — Pini despista, um tanto óbvia demais.

Daniel, sagaz, nos estuda com as sobrancelhas franzidas e um ar de reconhecimento, provavelmente fazendo alguma ideia do assunto.

É Júlia quem, mesmo sem saber, nos salva do constrangimento, “pegas em flagrante”.

— O que vocês acham de um passeio a cavalo amanhã de manhã, todos nós? — ela sugere.

A tal Nicole é a primeira a se posicionar.

— Vi que cavalgar é um excelente exercício para o abdômen — afirma, entendedor.

Lógico que ela tem uma opinião sobre isso também.

Pelo sorriso preso entre os dentes, sei que Pini pensou o mesmo.

Enquanto todos concordam com a ideia, eu me contenho em não abrir a boca, o que é uma merda, pois eu adoraria o passeio.

Sugo o conteúdo da taça através do canudo, ciente de que, uma hora ou outra, precisarei contar meus planos à minha amiga.

— E você, Katy? — Júlia pergunta.

Leva menos tempo do que eu esperava.

— Ah, eu sinto muito, Jú, mas não vai dar. Amanhã vou pegar a estrada bem cedo — antes que ela proteste, trato de elaborar uma explicação — Tenho uma reunião importante.

Seguramente estou me tornando uma mentirosa profissional.

— Num domingo?

Touché.

— Pois é. Esse é um daqueles que nunca tem tempo na agenda, consegui essa brecha por sorte.

— Que pena... Achei que pudéssemos ter uma tarde de piscina — Jú junta os lábios, num tipo de beicinho que não cola muito.

— É mesmo uma pena, amiga — lamento, *principalmente por mentir.*

Sem precisar confirmar, sinto a força dos olhos *dele* em mim, me avaliando, desconfiado, como se pudesse me enxergar de verdade. É desconcertante. Contudo, seguro a pressão, firme no propósito de não olhar em sua direção. Ignorar é sempre a melhor saída.

— O céu aqui é tão diferente, não acham? — observo, brincando com o canudo na taça.

Ele limpa a garganta.

Prendo a respiração.

— Katarina? — de repente, chama meu nome de um jeito muito aveludado.

A sorte definitivamente não está a meu favor.

— Sim? — indago por obrigação em frente às meninas, me fazendo de desentendida... Mas, infelizmente, cometo o engano de encará-lo.

E reconheço o brilho discretamente zombeteiro em seus olhos. O infeliz está tramando algo.

Droga, até mesmo o fato de conhecê-lo tão bem me mata. Desde nova me tornei uma especialista nas expressões desse cara. Eu sabia quando estava chateado, talvez por brigar com o pai, ou quando queria simplesmente ficar tranquilo. Sabia diferenciar seu sorriso trocista com um toque de desinteresse (destinado a alguns), daquele pleno, transmitindo sua verdadeira personalidade. Houve uma época em que eu amava este conhecimento.

Sibilo um “não” para o que quer que ele esteja cogitando.

— Você se importaria em me dar uma carona? Eu também tenho um compromisso importante amanhã na cidade, e não consegui alterar minha passagem.

Pisco algumas vezes, aturdida.

O quê?

— *O quê?* — sua namorada se adianta e faz em voz alta a minha própria pergunta — Dan, eu não quero voltar de carro — ronrona como uma gata manhosa, alisando peito dele — Detesto viagens longas, você sabe disso.

Daniel a olha mantendo uma irritante expressão serena, como quem já contava com o protesto. Sem disfarçar a curiosidade, as meninas transferem seus olhares dela para ele, em expectativa.

Dou um passo atrás, desejando que a modelo resolva isto por mim, ou surja um buraco que me engula.

— Você não precisa vir se não quiser, Nicole — ele segura suavemente a mão que ela arrastava por seu peito, gentil — Pode ficar aqui, com a Júlia e as meninas, e aproveitar o dia. Depois volta de avião, no horário marcado.

E assim, pelo visto, ele a convence.

Nem ferrando!

— Olhe, eu realmente gostaria de poder ajudar — afirmo com um forçado tom de lamento — Mas meu cliente fica justamente no caminho, e receio que será uma reunião meio demorada.

— Não há problema, Katarina — sua voz amena engana quem não sabe o que houve entre nós — Tenho certeza de que ainda assim chegarei antes obtendo carona.

Ninguém diz nada. Ficam todos na plateia, esperando. Mesmo Pini, que já sabe como eu me sinto, se mantém calada. Ela poderia ter alguma de suas ideias brilhantes agora e me salvar, a traidora.

— Vou demorar neste cliente — desta vez, fulmino seu rosto plácido, exigindo que entenda o recado — Isso não é uma boa ideia.

Ele dá um passo mais perto.

— Não se preocupe, eu posso esperar — mantendo a compostura, o safado sorri. *Sorri!*

Argh! Duas palavras pra você, Daniel: *Vai. Sonhando.*

Contrariada, preenchida por um sabor amargo, do tipo que chega a doer a língua, porém com uma ideia surgindo na mente, resmungo um “ok” de qualquer jeito.

Nossos expectadores parecem finalmente respirar, em coro. E por uma obra do destino, decidem mudar de assunto. Não poderiam ter feito isso antes?

O resto da noite é um borrão. Não consigo relaxar, de modo nenhum. A mulher dele não para de falar, evito-os o quanto posso, porém, não interessa onde estou, ele logo dá um jeito de se aproximar.

Eu não pensei que isso seria tão difícil.



Capítulo 06

Katarina

Levanto às cinco da manhã – digo *levanto* porque acordar não define. Precisaria ter dormido para acordar, e não foi o caso. Revirei na cama, feito um zumbi com câibras. Detesto ser a pessoa que age pelas costas, contudo, hoje não terá outro jeito. Pretendo me mandar deste lugar antes que Daniel perceba.

E é o que faço.

Tomo banho, escovo os dentes, penteio os cabelos ainda molhados, visto jeans e camiseta, e saio em silêncio para não acordar as meninas. Avisei a elas que partiria logo cedo (só não disse o quão cedo seria). O dia ainda está escuro. Puxo a mala, abro o porta-malas do carro e a enfio lá dentro. Estou saindo à surdina. Sei que não é bonito, mas é necessário.

Dar carona a ele? *Pff*.

Daniel perdeu a cabeça se pensou mesmo que eu aceitaria isso assim, de graça.

Ideia ridícula.

— Bastardo... — praguejo baixinho.

Fecho o porta-malas com cuidado para não fazer muito barulho e...

— *Deuuus do céu!* — grito sem voz ao me deparar com o próprio infeliz bem atrás de mim.

A sensação é de que meu coração paralisou para a morte, antes de acelerar feito louco de tamanho susto.

Levo a mão ao peito, amolecida por completo.

— Você quer me matar de susto seu filho de uma...?

— Cuidado com a boca — interrompe, calmo, sorrindo por baixo da barba, como um tigre satisfeito.

Vitorioso, eu diria. Os olhos, envoltos em bolsinhas inchadas, rejubilam.

— *Cuidado?* Isso lá é modo de... — avalio-o melhor — *aparecer?* — cuspo esta última palavra, desgostosa, sentindo que caí numa armadilha. Na minha própria armadilha, melhor dizendo.

Apoiando-se na lateral do carro, ele cruza os pés, à vontade.

Sem poder evitar, corro uma análise por seu corpo. Camisa jeans envolvendo seus braços, óculos de sol preso na gola, calça escura, botas robustas de cor mostarda nos pés. Uma pequena mochila apoiada no ombro. Casual e pronto para uma viagem, o que só aumenta a frustração.

— Que diabos você está fazendo aqui tão cedo, me assustando desse jeito?

O sujeito arqueia a sobancelha, tranquilo.

— Desculpe, esta não foi minha intenção...

— Imagino que não.

—... mas tive a impressão de que pretendia partir sem me avisar. Você não faria isto, não é Katarina?

A satisfação em sua voz é irritante.

— Eu ia te chamar.

Mentindo, desvio dele e caminho para a porta do motorista. Toco a maçaneta, porém, sou impedida de abrir. Daniel espalma a grande mão contra o vidro, me bloqueando.

— Sabe, não foi o que pareceu — seu hálito fresco varre meu rosto deliciosamente.

Argh!

— Você está aqui, não está?

— E se eu não estivesse?

— Acho que nunca saberemos.

O cara simplesmente sorri, de um jeito tão bonito que leva meu autocontrole embora.

— Muito bem — largo a maçaneta e cruzo os braços diante do peito, pronta para o embate — Por que está fazendo isso?

Daniel mexe a cabeça um milímetro e me olha meio de lado, como se não compreendesse a pergunta.

Um erro.

— Você pode ter envelhecido, mas acho que não ficou burro desde a última vez que te vi. Então diga, por que está aqui?

— Eu *envelheci*? — leva a mão ao peito, simulando um ar de ofendido.

Se fosse possível, fumaça sairia por minhas narinas.

— Responda, Daniel. Por que quer carona?

— Como eu disse, tenho um compromisso e não consegui mudar minha passagem — dá de ombros, como se isso fosse tudo.

— Besteira — desdenho — Você sabe bem que a viagem de carro é mais demorada, e que vou parar em um cliente. Então vamos lá — faço sinal com as mãos — Isso é para me provocar?

Noto uma sutil mudança em seu semblante inquebrável. O ar zombeteiro vai se dissipando, dando lugar a uma seriedade muito desconcertante, que quase faz eu me arrepender de abrir a boca.

— O que espera que eu responda, honestamente? Que estou inventando uma desculpa pra ficar perto de você? É o que gostaria de ouvir?

Em reação, meu coração, o traidor, fecha em punho e se choca contra o peito, dificultando a respiração. Covardemente, desço o olhar de seu rosto fixado intensamente em mim para aquele ponto protuberante do pescoço masculino, buscando ali algo que seja certo de se dizer e substitua o *cri, cri, cri* irônico dos grilos, como naquelas malditas novelas.

Limpo a garganta, recuando.

— Tudo bem, estamos perdendo tempo aqui parados. Já que me poupou o trabalho de chamá-lo, acho que devemos ir.

Nenhum de nós se move. Tão perto como estamos posso sentir o cheiro de sua roupa limpa, o frescor na pele bronzeada, de um banho recém-tomado. O que eu faço com estes sentimentos? Com esta vontade perturbadora de simplesmente tocá-lo e perguntar por que ele fez aquilo comigo, com a gente?

A carona é um erro.

Ambos sabemos.

— Katarina... — sibila, fazendo-me lembrar da forma preciosa com que meu nome saía de seus lábios antigamente.

— Tudo bem — covarde, corto-o, desviando o olhar a tempo — Vamos lá Daniel.

Ouçõ a expiração frustrada. Por fim, ele abaixa a cabeça e descola a palma da mão do vidro, afastando-se sem insistir.

Mortificada, o assisto contornar e entrar ao lado do passageiro. Fora, aproveito o último momento sozinha para sorver uma respiração profunda, e recitar uma pequena reza. *Senhor, eu não tenho ideia de como vai ser isso, mas me ajude a não pirar, por favor.*

Entro no carro e puxo o cinto, mas faço isto abruptamente demais; a maldita engrenagem trava, puxo outra vez, ele não vem, me atrapalho toda e... logo percebo que há algo mais urgente do que minha segurança, no momento. Largo-o de qualquer jeito e, tateando a chave no contato, finalmente abro as janelas, implorando ao vento que dissipe o perfume masculino concentrado por todo o espaço. Seu cheiro me atinge em cheio por ser exatamente o mesmo de que me lembrava: uma fragrância quente, masculina, marcante. Só os céus sabem o quanto eu sonhei com este cheiro e o quanto eu tentei senti-lo em outras pessoas, sem sucesso.

A sensação é embaraçosa, *sufocante*, eu diria.

Que situação de merda...

Fecho os olhos por dois segundos, tempo suficiente para organizar o raciocínio de volta ao lugar.

Coloco os óculos de sol (mesmo que o dia nem tenha clareado), boto o veículo em movimento e, para ter certeza de que não haverá conversas entre nós, ligo o rádio num volume suficientemente alto.

Passando pelas fronteiras da extensa fazenda, guio em direção à estrada vazia, indo ao encontro do nascer do sol. Nela, acelero até chegar a cerca de cento e trinta por hora, dando início à

viagem de volta. Estou triste por antecipar meu retorno, não nego... e pior, meu plano explodiu no meio da minha cara, parecendo piada.



Sinto todo o meu corpo tenso, dolorosamente tenso.

Sem nem bem contemplar a paisagem correndo lá fora como ela devidamente merece, tudo o que faço é fingir manter a mente vazia, enquanto tamborilo os dedos contra o volante, no ritmo das músicas que vão surgindo emendadas, uma atrás da outra, até que, seis ou sete delas mais tarde, ouço uma com a letra um tanto *desconcertante*:

Você se lembra de quando me amava?

O que aconteceu?

Querido, no que nos tornamos? O que aconteceu?

Você pode pegar esse coração

Curá-lo ou quebrá-lo ao meio

Não, isso não é justo

Pulo *Love Me or Leave Me* imediatamente. Com toda a certeza, não preciso de nada que fale de amor não curado, coração quebrado ou qualquer constrangimento destes justamente quando é ele aqui, ao meu lado.

Logo que começa uma mais animada, no entanto, Daniel surpreende-me ao desligar o rádio.

— Ei...?

— Como você bem lembrou, estou velho demais e preciso poupar um pouco meus pobres ouvidos cansados — explica, relaxado.

Ora, que abusado.

— Há um ditado que fala: os incomodados que se... — levo a mão de volta à mídia, mas meu pulso é apanhado no caminho, envolvido pelos dedos quentes, firmes, embora suaves.

O simples contato, tão inocente, provoca sensações que nem mesmo tenho competência de racionalizar, choques, a falta de fôlego de alguém que correu uma maratona, aquele desequilíbrio no estômago...

— Daniel — aviso, puxando de volta. Em vez de soltar, ele desliza seus dedos nos meus, contornando, parecendo redescobrir o formato de minha mão.

— Do que tem medo? De conversar comigo?

Por um momento, tiro meus olhos da estrada e o encaro seriamente. O fôlego some quando

percebo a absurda intensidade de seu olhar fixado em mim. O verde com riscas amarelas está agora de uma cor escura indefinida. Desafiador, mas também muito honesto. Desnudando minhas intenções, obrigando-me a enfrentar a situação.

É irritante, apavorante e todos os “ante” que podem definir o estado de alguém que se encontra presa num veículo junto ao único cara que já amou na vida, depois dele ter ferrado tudo.

— Não tenho medo de nada, Daniel — dona de minhas emoções, recolho-me do toque — Sinto dizer, mas você é o intruso aqui, eu só consigo dirigir ouvindo música...

— Neste volume?

— Sorte sua eu não estar cantando também — resmungo, focando na estrada outra vez.

O pior não é tê-lo aqui comigo. O pior mesmo é essa satisfação, descabida, de me redescobrir viva somente por estar em sua presença.

— Por que deixamos passar tanto tempo? — questiona; a pergunta vem como um soco diretamente na curva do queixo.

Não digo nada, é o melhor a fazer. A carona não deveria estar acontecendo, em primeiro lugar. Alimentar conversas não levará a um bom resultado. Dizem que quando você se encontra no fundo do poço não há mais para onde cair... Mas e se ele for feito de areia movediça?



Capítulo 07

Katarina

Passamos cerca de trinta minutos em silêncio. Não trocamos nem uma palavra, mas o ar não ficou menos pesado. Nunca, em anos, eu imaginei esta situação – mesmo que, em minha mente, tenha inventado reencontros de diversas maneiras, estar presa dentro de um carro junto dele não foi uma delas.

E agora estamos aqui, sem poder fugir.

Meu corpo tenso dói em todos os lugares, principalmente na nuca. Os olhos pesam de sono, cansados de tanto asfalto e mato. Eu preciso de ar. Sinto que estou absorvendo somente o essencial para não pifar.

É por isto que, quando ele quebra o silêncio perguntando se podemos parar e comer, minha resposta é a mais lógica.

— Claro — concordo, desapaixonada.

Meu estômago já está roncando também, e preciso de um minuto longe dele para voltar a respirar normalmente. Guio para a parada e estaciono no local marcado. Desligo o carro e desço. Sem dizer qualquer coisa, caminho para dentro do lugar. Sei que ele está logo atrás de mim, mas não tenta conversar.

Avisto a placa indicando o banheiro feminino e vou pra lá.

Diante do espelho, me odeio um pouco mais. Estou definitivamente um caco emocional. Apagada, sem graça, pálida e nitidamente perturbada. Olhos rodeados por manchas escuras, resultado de não dormir a semana toda, apreensiva. Que má ideia deixar essa história de carona ir tão longe. Eu poderia ter dito não e inventado qualquer desculpa melhor, mas não fui forte o bastante.

O cara ainda mexe comigo. Demais.

Jogo um pouco de água no rosto, seco de qualquer jeito, e logo saio.

Surpreendendo-me, Daniel está me esperando ao lado da porta. Lindo e inabalável, *o infeliz!* Sua aparência tem o equilíbrio perfeito da natureza: as suaves marcas de expressão na testa e ao redor dos olhos dão a ele uma masculinidade atraente pra caramba, em contraste com o vigor que lhe atribui juventude.

O tempo pode ser generoso com alguns.

Limpo a mente e lhe lanço um olhar desinteressado.

— Não se preocupe, eu não pretendia fugir e te deixar aqui.

Ante a grosseria, ele simplesmente sorri, meio de lado, do jeito que envolve a vítima numa

teia, sem ela saber como foi atingida.

— acredite, não pensei isso, Katarina. Só estava me certificando de que ficaria bem. Estes lugares não são seguros.

A verdade na explicação me faz encolher um pouco. Claro que meu coração balança, *o vendido*. O cara sempre foi protetor. E eu costumava amar isso. No passado.

Encaro-o placidamente.

— Obrigada, mas ainda posso me cuidar sozinha.

Talvez sendo desagradável, pelo menos mantenho o distanciamento.

No balcão, peço uma xícara de café preto, puro. Ele, um sanduíche e café. Não faço questão de procurar um lugar para me sentar, fico por aqui mesmo, em pé.

— É melhor você comer alguma coisa. Só o café não garantirá a energia necessária para pegar a estrada por tanto tempo — diz, cuidadoso, enquanto adoça o café.

Aperto a xícara com mais força entre os dedos

— Eu me pergunto desde quando minha alimentação importa pra você... — resmungo, apática, fingindo esquadrihar a lanchonete.

Sua colherinha é deixada de lado.

— Desde sempre — responde, fitando cruamente meu perfil, captando a acusação implícita e me desafiando ao embate, sem se abalar.

Semicerro os olhos, encontrando seu olhar, pronta para dar o que ele quer.

— Sabe, eu tô bem curiosa sobre por que estou recebendo esta atenção toda agora...

Olha-me tranquilamente, porém como quem pega uma oportunidade.

— Está mesmo, Katarina?

Humpf.

— Seu senso de oportunidade é tocante — ironizo, desviando o olhar para a xícara.

Calmamente, ele leva sua bebida quente à boca.

— Pelo menos estamos conversando, não é? É um bom progresso, depois de você me evitar como uma criança ontem à noite e tentar fugir esta manhã...

Touché.

— E fracassei, temos de reconhecer, pois aqui estamos nós: dois estranhos, no meio do nada, forçando uma convivência que não desejamos... — suspiro — Preciso melhorar minhas habilidades de fuga, ao que parece.

Ele respira fundo, muito sério.

— Não somos estranhos, Katarina. Eu ainda sou o mesmo cara com quem você costumava passar horas a fio — afirma com tanta convicção que me dói.

Dói, pra cacete.

Abandono o café de vez.

— Pois pra mim é, Daniel. E, honestamente, é melhor assim...

Ninguém diz mais nada. Por um tempo, o único som presente é o das pessoas à nossa volta — caminhoneiros, em sua maioria, livres, famintos, preparando-se para o dia com refeições opulentas, alheios ao meu sentimento terrível de inquietação.

— Eu lamento muito ter deixado passar tanto tempo, se isto vale de alguma coisa — a voz retorna baixa, em tom de reflexão.

— Ajuda se não falarmos — fria, finalizo a conversa.

Sinto-me imediatamente desconfortável em minha própria pele sob seu olhar. Eu deveria perdoar e seguir em frente, a resolução é simples. Perdão é uma virtude tão honrosa. E amar é tão bom. Apaixonar-se verdadeiramente. Eu quero isto de novo na minha vida, quero sentir o descompasso do coração, diante de alguém, o friozinho na barriga gostoso, a vontade de estar perto...

Subitamente, tenho uma grande necessidade de querer saber se para ele demorou a acontecer outra vez, a se apaixonar de verdade por outro alguém (acreditando na hipótese de que ele tenha gostado de mim verdadeiramente algum dia).

No ímpeto, giro meu rosto para o seu, e me deparo com uma profunda agitação nos olhos claros. Pergunto-me, de fato, se não é a minha própria, e desisto, de qualquer jeito. Para que me torturar?

Ao caminharmos até o carro, no mesmo silêncio, Daniel apanha meu cotovelo.

— Deixe que eu dirija — oferece — Você acordou cedo, descanse um pouco.

Seria mais fácil chutá-lo se ele não fosse um cara legal.

— Estou bem... Gosto de dirigir.

Entro, coloco o cinto e dou a partida.

Então ligo o rádio. Alto.

O infeliz desliga.

Acelerando, ligo outra vez.

— Meu carro. Minhas regras — explico, lacônica.

Como quem ouviu uma piada extremamente divertida, o desgraçado ri, uma gargalhada gostosa.

— Está aí um argumento maduro e irrefutável.

— Eu não precisaria criar argumento nenhum se estivesse sozinha, concorda?

— Mas não está — afirma, contudo, cede parcialmente, abaixando o volume para algo agradável aos ouvidos, em vez de tornar a desligá-lo.

Não deixo de refletir que, zombando de mim, ele me chamou de infantil. E o cara tem razão. Depois de tanto tempo, eu ainda não consigo enfrentar estes sentimentos como adulta. Venho

bancando a tola desde ontem.

Envergonha-me profundamente agir assim. Sou uma mulher, caramba, devo agir como uma!

— Katarina — recita meu nome, suavemente, semelhante a um domador fazendo o primeiro contato com um animal selvagem.

— Sim?

— Você pode relaxar um pouco suas mãos... — há um afeto, cuidado até, em seu conselho, destoando do momento.

Me atento ao que ele aponta, e percebo os nós dos meus dedos, brancos, pálidos, ante a força aplicada em torno do volante.

Já é ruim o suficiente esta tensão toda em meu corpo. Ele percebendo o efeito que causa em mim, só piora.

— Segurando assim tenho mais controle — respondo qualquer coisa.

— Tudo bem, eu sei, mas apenas tente relaxar. Ainda restam algumas horas pela frente...

E assim, recebendo sua maldita *condescendência*, atinjo o meu limite.

— Você pode, por favor, apenas parar de fingir que se importa comigo? Droga!

Cometo meu segundo maior erro do dia. Piso no freio abruptamente, sem me importar com mais nada.

Bom Deus, eu preciso sair daqui.

Daniel

Agarrada ao volante, ela crava o pé no freio bruscamente. O carro vai patinando pelo asfalto até o acostamento, queimando pneu, levantando fumaça. Sou lançado para frente, e poderia ser pior se não estivesse atado ao cinto. E então Katarina faz o impensável. Desliga o motor, abre a porta sem se importar em checar a segurança de seu ato, e sai pisando duro.

Inferno.

Desato o cinto e desço também, a tempo de obter uma visão perturbadora que me atinge feito um trem desgovernado. Fervilhando de raiva, a mulher anda de um lado para o outro pelo acostamento, as mãos pequenas fechadas em punhos, o corpo duro. Em um momento, ela inclusive chuta o ar.

Cogito ir até lá, mas sei que a menina precisa de um momento, sinto a energia que ela quer esvaír de seu corpo.

Eu a perturbei impondo minha presença.

— Eu odeio esse cara! — ouço com perfeição, em meio aos resmungos incompreensíveis.

Mal, tudo o que eu faço é dar a ela a privacidade de que necessita. Contorno a frente do veículo e me escoro contra o capô.

A sensação é de uma lâmina atravessando meu corpo. Imaginei sua mágoa, mas não pensei que seria ao ponto de ela mal conseguir me olhar nos olhos. Sim, eu forcei esta carona, reconheço. Depois de assistir seu bravo esforço em me ignorar durante toda a noite, como se fôssemos dois estranhos, a necessidade de ter um momento com ela falou mais alto.

Ontem, naquele jantar, a mulher mal pôde disfarçar o incômodo. O olhar esperançoso viajava de uma amiga para a outra, como um pedido velado (e talvez desesperado) por atenção. Seus lábios, num tom vermelho vivo, tremiam. Eu esperava encontrar o nervosismo, a indiferença, mas vê-la tão desconfortável em minha presença mexeu muito comigo.

Minha intenção nunca foi magoá-la. Estou tentando dizer isto a ela desde que a vi, nesta madrugada, tentando escapar à surdina de mim. Katarina não mudou, tive a prova disto quando previ sua intenção. À margem, peguei o momento em que desceu sorrateiramente os degraus de seu quarto até o carro. Eu quis rir, e aproveitei a rara ocasião para simplesmente observá-la por inteiro depois de anos desejando isso. A menina é linda, sempre foi. Vejo-a hoje mais decidida do que antes, mais independente, porém, ainda assim, é a mesma menina doce, parceira e carinhosa, que me fazia rir.

Maldição, se ela pudesse ao menos me ouvir e saber que não havia outra saída.

Katarina

Descontrolada, não consigo parar. Eu odeio esse cara! Odeio que ele me rejeitou! Odeio o fato dele não ter me procurado! Odeio ter ele aqui de volta! E eu me odeio por saber que ele ainda me afeta!

Pingando suor e parecendo uma maluca, curvo-me sobre os joelhos, esgotada, consternada e envergonha. Puxo a barra da camiseta até o rosto e limpo a testa. Tô ficando louca?! Cristo misericordioso!

Respiro fundo, várias e várias vezes, até que uma faísca de controle retorna ao meu corpo.

E só então vejo Daniel lá na frente, encostado no capô, de cabeça baixa. Ele não tentou me interromper, esta é a pessoa que o cara é. Até num momento assim, o infeliz sabe compreender minha necessidade.

Humilhada, retorno para dentro, mas desta vez do lado do passageiro. Após alguns momentos, o cara volta, em silêncio, e assume o volante. Ninguém diz nada. Encosto a cabeça no vidro e fecho os olhos.

O que eu acabei de fazer? Praticamente assumi para ele que não superei o passado.

Vergonha é pouco para explicar o que estou sentindo agora.

Por mais que me esforce para evitar, uma lágrima solitária insiste em escorrer pela minha

bochecha.

Encolho-me mais ainda contra a porta e o vidro, tentando relaxar. Minha garganta arde, o corpo e a cabeça doem. Estou exausta... e acabo pegando no sono.

— Eu me importo com você — ouço sua voz no fundo de minha mente.



Capítulo 08

Katarina

Acordo com uma dor incômoda no pescoço. Abro os olhos e me dou conta de que não era um sonho: estou mesmo num carro com Daniel. *Droga*. Ajeito as costas contra o assento e faço um exercício para alongar e estalar o pescoço. Dou uma arrumada breve no cabelo e, finalmente, olho para ele.

— Quanto tempo eu dormi? — sussurro, rouca pelo cochilo.

— Duas horas, um pouco menos — responde cuidadoso.

Olho para a janela e faço um cálculo mental rápido. Eu dirigi por quase duas horas a aproximadamente cento e dez por hora, e ele por mais duas, então já estamos chegando.

Ótimo.

Mas não demora, observo uma placa na estrada informando que ainda faltam cento e cinquenta quilômetros para chegar à cidade.

O quê?

Viro rapidamente pra ele.

— A que velocidade você veio? — tento ser alguém equilibrada.

— Eu não corri, se é o que está pensando — dá de ombros, sem constrangimento (escondendo um sorrisinho de divertimento) — Sou cauteloso. E não estou com pressa.

— *Mas que diabos!* — grito — Você nem sequer chegou a cem?

— Não.

— Pare o carro! — exijo.

Ele me olha de canto, daquele jeito irritantemente tranquilo.

— Não.

— Seu bastardo. Pare. Já. Este. Carro — cuspo furiosa.

— Olhe. Essa. Boca — imita meu tom, de modo zombeteiro.

— Ouça, não me provoque, Daniel. Estou te avisando.

— Jamais faria isto, Katarina.

Ignorando minha irritação, ele volta a se concentrar na estrada, parecendo muito satisfeito.

— Você está com fome? — a voz grossa questiona, gentil.

— Não, eu só quero voltar a dirigir meu carro e chegar em casa logo — respondo sem humor.

Minha barriga, no entanto, faz um barulho alto. Traidora.

O homem arqueia a sobrancelha castanha bem desenhada pela natureza, pegando-me na mentira.

— Não é o que parece.

Respiro fundo, me obrigando a ceder.

— Tudo bem, vamos comer e depois *eu* dirijo. Na *minha* velocidade.

Sorrindo, o filho-da-mãe faz um beicinho como que concorda com o acordo. É isso o que estou falando, o modo de ser, os sorrisos tortos, os olhares que enxergam através da alma. Esse cara tem isso em si. Mas antes de deixar os pensamentos tomarem o rumo da divagação, ajeito-me no banco e miro minha janela. É errado ficar notando coisas que não levam a lugar algum.

Quando passamos direto por um posto de gasolina com lanchonete, volto a me virar pra ele.

— Você acabou de passar pelo posto — aviso, confusa.

— Eu sei. Nós vamos parar em cinco minutos. Num lugar com comida de verdade.

Não questiono a decisão. Daniel é determinado e assertivo de um jeito que nos faz confiar nele sem objeções, sempre foi assim. Nunca precisou levantar a voz ou ofender para ter o que quer, e eu admirava muito isso em sua personalidade. Na verdade, eu o amei por um conjunto infinito de qualidades que são quase insuperáveis. Em troca, ele me feriu.

— Posso te perguntar uma coisa? — diz, brando, cortando meus pensamentos.

Oh, por favor, não recomeçemos!

— Não — resmungo.

O infeliz ri, e a boba aqui admira até mesmo as ruguinhas que se formam ao entorno de seus olhos com a ação.

— O que é tudo isso aí atrás? — inquiri mesmo assim, apontando com o queixo para o retrovisor.

Por cima do ombro, vejo no banco de trás o chapéu de palha que comprei; três vasos de cerâmica; a raquete para mosquito; os enfeites de jardim; o tapete horroroso de couro de vaca; dois potes de mel e uma rede de tecido trançado.

— Coisas legais que comprei no caminho — respondo sem muita ênfase.

Mentalmente, uma vozinha revoltada grita: *por sua causa! Gastei uma nota; não tenho onde pôr metade destas coisas e não gosto da outra metade!*

Parecendo compreender a situação, seu lábio se enruga meio de lado, por baixo da barba, ocultando a graça.

Deus do céu, esta viagem poderia ser mais embaraçosa?

O carro é desviado para uma propriedade com aspecto colonial. Uma grande placa informa que aqui são feitos diversos alimentos caseiros. Ele entra pelo caminho estreito e estaciona em frente a uma casa de madeira grande e antiga.

— Você vai gostar daqui — informa, naturalmente, como se fôssemos amigos compartilhando a estrada.

E tem razão. O lugar dispõe de uma variedade de pães, bolos, vinhos, queijos e doces frescos. Depois de pedir o ensopado de carneiro, seguindo o conselho de Daniel, nos sentamos numa mesa mais ao fundo, próxima às janelas que dão vista para o rio atrás da propriedade.

Ainda envergonhada por meu *showzinho* de mais cedo, tamborilo os dedos contra a superfície, aguardando a comida, fingindo encarar a situação de maneira absolutamente natural (*pff...* como se isso fosse possível), evitando seu rosto.

Mas, em dado momento, nosso olhar se cruza.

A sobriedade no modo de me encarar me obriga a baixar a cabeça e fitar minhas mãos.

— Sei que forcei esta carona, Katarina... — é a sua admissão, numa voz calma, baixa, gostosa de ouvir, que me faz subir a atenção de volta para ele.

— Pensei que tivesse um compromisso inadiável... — serena, lembro-o da mentira.

— Culpado, confesso — seu belo rosto expressa uma seriedade desconcertante — Só queria passar um tempo com você. Não agi bem, e gostaria, honestamente, que me desculpasse por ter imposto minha presença dessa forma.

Espremo os olhos, impolida, a fim de escrutinar seu belo rosto – uma versão do personagem Thor de cabelos curtos, num corte rente à orelha e volumoso em cima, pele bronzeada e olhar penetrante.

— Não me parece arrependido, na verdade.

E sei que o peguei pelo pé.

— Você me evitou a noite inteira — argumenta, como se isso justificasse.

— Num jantar com tantas pessoas, você está sendo egocêntrico se acha que fiz isto de propósito — provoco, tranquila, apesar de tudo.

Um sorriso conhecedor rasga o canto de seus lábios.

— E você uma mentirosa, se negar.

Arranho uma imperfeição na mesa de madeira robusta.

— O que esperava que eu fizesse, Daniel, francamente? Aliás, o que espera que eu faça agora? Relaxe aqui e lembre os velhos tempos? — minha questão vai com pitadas de acusação e mágoa, por mais que eu queira bancar a mulher equilibrada (de que adiantaria? O infeliz me viu chutar o ar).

Ele pega a questão como quem agarra uma oportunidade.

— Que conversemos. Quero apenas isto. Ontem, durante aquele jantar, sentar diante de você e ver o quanto minha presença te incomodou foi um inferno de estranho...

— Olhe a boca — repito sua provocação de minutos antes.

Ambos suspiramos profundamente.

— Você mudou, Katy...

— Katarina — lembro somente por uma questão de mesquinha.

— Que seja.

— Nós dois mudamos, Daniel.

— Mas não o suficiente para não nos conhecermos.

— Se quer pensar assim... — dou de ombros.

O homem se cala por um momento. Os olhos mesclados dão uma volta pelo restaurante vazio, antes de retornar pra mim. Decidindo o que dizer, talvez.

— Sobre nós...

Ah, não. De jeito nenhum!

— Não. Por favor — aviso, e este é o meu esforço de continuar mantendo o clima leve — Não quero falar sobre o passado, ele está exatamente onde deveria.

— Está mesmo?

Minha paciência (ou maturidade) vai escorregando por entre meus dedos, bem diante de mim.

Abro a boca para refutar, porém, ele é mais rápido.

— Por favor, Katarina, só escute...

— Realmente, é desnecessário — reforço.

— Sei que não temos como mudar o que passou — continua mesmo assim — Mas não precisamos encarar um ao outro como estranhos. Se você se recusa a me ouvir sobre o passado, tudo bem, eu entendo e respeito, mas ainda podemos ser amigos.

É quando qualquer linha de raciocínio coerente me abandona. Fico em branco. Separo os lábios. Fecho-os. Torno a abrir...

— Amigos? — repito, pois nada melhor acontece dentro do meu cérebro.

O homem diante de mim hesita, por um instante, me estuda um pouco mais, e, por fim, confirma.

— Sim, podemos ser amigos.

Este vai para a lista dos piores momentos da minha vida. Definitivamente vai.

O cara que amei desde que me entendo por gente — e que me virou as costas sem dar sinal de vida por muitos anos — hoje está aqui, sentando à minha frente, com seu belo rosto e par de olhos penetrantes, dizendo a maldita frase mais clichê do universo inteiro.

Podemos ser amigos.

Mas que porcaria é essa?

O que falar numa hora assim? Que conselho eu daria se uma de minhas amigas me contasse que o homem da sua vida pediu para ser seu *amigo*, depois de tudo?

Eu recomendaria *retaliação*.

E dor... (bem, quero dizer, *Pini* diria dor).

Sinto então um repentino bom humor diante de uma nova perspectiva surgindo em minha mente. Antes de pronunciar, todavia, respiro fundo, ciente de que vou tomar um caminho difícil e sem volta: permitir a presença dele em minha vida outra vez.

— Tudo bem — engulo a acidez consumindo a boca e boto meu melhor sorriso afável nos lábios.

Se o cara quer ser meu amigo, ele terá a melhor amiga que já teve.

— Podemos ser amigos, Daniel.

O grande homem sentado comigo para uma refeição se empertiga, inclina a cabeça de lado e me observa com cuidado, cético talvez.

— Assim, tão fácil?

Rá!

Vai sonhando.

— Sim, e... — suspiro teatralmente, jogando o cabelo de lado — Acho que tem toda a razão — gesticulo com a mão — Você seguiu em frente, tem sua namorada, sua vida. Estou seguindo a minha também. Temos a Júlia. Não precisamos de drama desnecessário, a gente se conhece há tanto tempo, não é?

O olhar afiado me vigia, parecendo não engolir a explicação.

Neste momento, a senhora com cara de avó deixa nossos pratos. O cheiro é espetacular.

— Agora, se me der licença... — sorvo o aroma do ensopado, salivando — Sabe como é, comida vem antes de amigos para mim — brinco e, sem timidez, simplesmente me deleito com o novo apetite surgido em minha vida: o de fazer com que esse cara se arrependa até o último fio de cabelo por ter sugerido ser meu amigo. Depois de ter se deitado comigo num momento mágico, em que eu era uma virgem platonicamente apaixonada, e feito promessas, para em seguida desaparecer como se eu não fosse nada além de uma noite vergonhosa.

Logo voltamos para a estrada. Enfio o pé no acelerador pra dar fim a esta viagem, longa demais para o meu gosto. É até engraçado, vim de carro para evitá-lo e acabei presa a ele. Atinjo cento e trinta por hora, e Daniel apenas me observa, cauteloso, desconfiado – todavia, silencioso. Claro que eu deixo a música dominar o silêncio. Tenho um novo objetivo de vida e não pretendo aliviar.



Entrando na cidade, Daniel me instrui sobre o caminho até sua casa. Ele mantém um apartamento aqui, num bairro despojado e cheio de parques, mas passa a maior parte do tempo em sua casa no litoral, onde seus negócios estão. Estaciono em frente à entrada do prédio, contudo, não desligo o motor. Sinto seu olhar cravado em meu rosto. Uma parte de mim (não vou negar) se ressentido por ter de nos separar. Bem ou mal, eu curti um pouquinho passar esse tempo ao lado dele.

— Aqui estamos.

— Gostaria de entrar um pouco, conhecer o apartamento? — a voz suave acaricia meu corpo inteiro, arrepiando desde a base da coluna.

— Não, obrigada, Dani — enfatizo seu apelido, afinal, somos amigos — Eu tenho uma reunião logo mais.

— Pensei que sua reunião fosse num cliente na metade do caminho... — sagaz, lembra *minha* mentira.

— Uma desculpa para te evitar. Culpada — brinco, gostando deste climinha de provocação mais do que deveria.

Antes de descer, no entanto, ele me olha diretamente, numa expressão muito serena (demais até). E sorri. *Sorri!*

— Não se esqueça que, independente de quanto tempo tenha passado, eu ainda te conheço, Katarina — murmura bem pertinho do meu ouvido, ao beijar meu rosto, provocativo, vagaroso.

É evidente que estremeço um pouco.

Assim que ele põe o pé pra fora, acelero e me mando.

Não consigo esperar até chegar em casa. Paro uns quarteirões acima e desço do carro. Eu preciso de ar para assimilar os acontecimentos das últimas vinte e quatro horas.

Amigos. De onde foi que ele tirou esta ideia de merda? Do meio da bunda dele, com toda certeza.



Capítulo 09

Katarina

Faz uma semana desde que eu vi Daniel. Trabalhei bastante, então quase não tive tempo para pensar nele. Só pensei mesmo antes de dormir, *todas as noites*, nos momentos de folga, algumas vezes no trabalho, enfim, *quase nada*.

São os efeitos colaterais de ainda amar um bastardo, eu acho.

E por falar nisso, hoje nos veremos novamente. Júlia o convidou para uma noite em nosso *pub* favorito. Disse que chamou a tal Nicole também. Ótimo. Se diante da ideia de revê-lo eu já estava animadíssima (acrescente a isto uma dose cavalgar de ironia), estar com o casal será o *paraíso*.

Relaxada na cadeira do meu escritório, batuco o lápis contra a palma da mão, encarando a tela do monitor. *Que situação de merda é a minha*.

Estou pagando pelos pecados e... *Mas o que é isso?*

Empertigo-me no lugar quando algo nos números diante de mim chama atenção.

Essa conta, esse valor... Não é possível.

Passo de uma tela para outra, e outra e outra. A conta da Proadenspi não faz sentido. Eu mesma chequei os fundos deles, rearranjei os títulos, o saldo não deveria ser este! Há, pelo menos, oito dígitos faltando aqui.

Pego o telefone imediatamente e disco o ramal.

— Oi, Wiwiany, sou eu, Katarina. Tudo bem?

— Oi, Katarina, tudo sim, e você?

— Bem também. Por favor, posso falar com o Alberto? — peço a secretária dele.

— Lamento, ele entrou numa reunião há alguns minutos.

Hum.

— Certo... — mordo a ponta do lápis — Sabe me dizer se ele conversou com alguém da Proadenspi ontem, ou talvez hoje...?

O que, é claro, não explica. Eu sou responsável por esta carteira.

Ela tosse, gagueja, e acaba não respondendo nada com nada.

Muito estranho.

— Tudo bem. Falarei com ele mais tarde, obrigada. Por favor, avise-me quando a reunião

acabar, ok?

— Aviso sim... — diz baixo, parecendo desconfortável.

Desligo, fitando o aparelho por alguns segundos. Quatrocentos mil não somem do dia para a noite. Nem mesmo podem ser transferidos para qualquer fundo sem a minha assinatura digital. Soa fora do lugar...

Faço uma busca do histórico de transações da conta; tenho a impressão de que algo vem acontecendo bem debaixo do meu nariz. Só preciso saber o quê.

Daniel

— Você está me evitando... — Nicole diz assim que abro.

A mulher entra no apartamento, apressada, passando por mim com um roçar de seus seios contra meu peito. Respiro fundo, encarando o corredor vazio do lado de fora, antes de fechar a porta.

Viro-me a tempo de vê-la sentando-se ereta no sofá.

Não vou até ela. Escoro-me contra a parede e guardo as mãos nos bolsos da calça de moletom.

Ela tem razão, eu a evitei. Venho tentando dar um fim a esta situação há alguns meses, mas, a cada conversa, Nicole dá um jeito de se esquivar, reverter. Não posso mais levar isto. É errado com ela, comigo. Sou um estúpido por deixar ir tão longe.

— Sabia que sua irmã me mandou uma mensagem convidando para sair com ela esta noite?

Sim, Júlia me avisou tardiamente. Minha irmã pensou estar fazendo um favor ao incluí-la.

— Nicole... — chamo, sabendo que não há jeito fácil de resolver isto.

— Ai, Dan! — a mulher de repente se encolhe, derruba o rosto entre as mãos, escondendo-se, parecendo no limite do choro — Eu não sei mais o que faço com a minha mãe. Ela se recusa a aceitar que tem um problema e isto está acabando comigo! — mal ouço sua voz abafada.

Fazendo a única coisa certa, caminho até ela e me sento ao seu lado. Não quero enganá-la ou alimentar esperanças pra gente, porém, não amá-la é diferente de me comportar como um crápula insensível.

— Os cheques estão sendo descontados, um atrás do outro, já não tô conseguindo suportar pagar tanto dinheiro. Minha conta entrou no vermelho e ela parece não entender! O que eu faço, Dan? O que eu faço?

Toco seu ombro.

— Posso te ajudar, Nicole, sabe que sim. Mas você precisa conversar com seu pai, seus irmãos, contar a eles o que vem acontecendo, dividir o peso... Sua mãe necessita de ajuda.

E ser internada numa clínica para compradores compulsivos, certamente.

Ela se lança contra meu peito, me deixando sem alternativa a não ser abraçar seu corpo magro.

— Obrigada, amor! Obrigada — geme, o rosto enterrado em mim — Por me ajudar tanto, por estar sempre aqui por mim, não sei o seria faria sem você — soluça — Eu vou contar a eles, só tenho de arrumar esta bagunça primeiro, sabe?

Sei exatamente o que é desejar limpar a bagunça.

— Te amo, Dan. Amo! Não sei o que faria sem você.

— Nicole... — estou ciente de que não é um bom momento, mas não é certo adiar.

Parecendo prever, ela se encolhe um pouco mais.

— Só continue me abraçando, por favor, por favor. Vai passar, só preciso ficar assim, com você, por mais um tempo — seus braços me envolvem com mais força.

Mesmo não querendo agir como um canalha num momento assim, simplesmente não consigo relaxar com a proximidade. Meu corpo não a quer, por isto, quando sinto sua mão ganhando caminho para a borda da minha calça de moletom, eu a impeço.

— Estou suado, vou acabar te sujando — é uma verdade. Minutos antes, eu estava na esteira.

Em outra situação, ela se afastaria. Já fez isto muitas vezes antes. No entanto, ao que parece, isso não a preocupa hoje. Nicole se desprende de meu peito, sacudindo a cabeça em negação.

— Não me importo, Dan. Amo seu suor, amo seu corpo, amo você — diz, chorosa.

Bloqueio a escalada segurando suavemente seu pulso, mas impedindo-a de subir por baixo da camiseta.

— Não, Nicole.

Katarina

Arrumo-me com todo o capricho, da maquiagem ao sapato. Meu vestido justo, propositalmente curto, quase beira o vulgar. Dane-se. Quero mais é provocá-lo, me exhibir aos seus olhos, mesmo que o pensamento pareça doentio. Para ser honesta, mal reconheço a ansiedade gostosa que se apropriou de meu corpo, a excitação, a sensação de estar mais viva... Mas ciente de que, para ele, não passamos de amigos (esta é a minha nova palavra *odiada*).

Já são mais de dez da noite quando Pini avisa que está subindo. Não tivemos muito tempo para conversar desde minha fuga da fazenda. Ela fez questão de passar aqui para irmos ao *pub* juntas.

Ao abrir a porta, deparo-me com o mulherão loiro de tirar o fôlego.

— Minha nossa... — é ela a assoviar — Katarina, Katarina, se eu não te conhecesse, diria que está querendo impressionar *alguém*.

— Sua sutileza é impressionante — mostro a língua e a puxo para um abraço — Já estava com

saudade.

— Passei a semana enfiada numa campanha complicada — explica — Mas e você? Como foi seu *retorno*?

— Se você quer os detalhes, precisamos de uma taça de vinho — dramatizo.

Sento-me com ela na sala e conto meio por cima sobre o que houve entre Daniel e eu, nossa conversa. Falo desde minha vergonha pelo ataque ridículo contra o ar, ao pedido estúpido de amizade. Enfim, é um monólogo pra lá de melancólico.

— E, ao que parece, você quer mostrar a ele como é ser sua amiga — ela gesticula a taça para minha aparência.

— *Humpf*... — resmungo — Dá para acreditar? O cara some e depois de quase uma década retorna com essa proposta miserável.

— Você chegou a perguntar o porquê dele não ter entrado em contato com você? — especula.

Suspiro.

— Não. A verdade é que eu não quis ter “*A conversa*”, entende?

Pini beberica o vinho.

— Uma hora precisarão ter...

Escoro-me contra o encosto do sofá.

— Não muda nada, Pini.

— Katy, você lembra da confusão entre ele e os pais na época, não lembra? Talvez ele não tenha tido opção.

— Mas não poderia ter ao menos enviado uma mensagem? Explicado, sei lá? Nós éramos ligados, Pini, eu amava o cara, ele sabia disso... Doeu tanto que eu nem imaginava que fosse possível.

Ela deixa a taça de lado.

— Há coisas que fazemos para proteger a quem amamos, em algum grau, Katy...

Seu tom me chama a atenção.

— Por que você diz isto, Pini?

Ela ri, não daquele jeito natural ao qual estou tão familiarizada.

— Por nada especificamente, garota. Só quero que você abra sua mente e tente dar uma chance ao cara...

Hum...

Finalizando qualquer tentativa minha, ela gesticula em desdém com a mão.

— E então, pronta para bancar a *amiga*?

— Acho que não... Mas vamos lá.

— Você tirará isto de letra — pisca, cúmplice.



Entramos no lugar cheio e barulhento. Todos estão aqui: Alice e Benjamin, Gabi, Júlia e Frederico, Gustavo... e também o *casal*. A loira peituda se agarra ao ombro dele como se ele fosse uma boia inflável em uma piscina.

Ciúmes é uma pragazinha infernal, não é?

Aproximo-me caminhando lentamente, rebolando meu quadril de um lado para o outro. Assim que me vê, noto que a postura dele muda. Sinto a avaliação de seu olhar escurecido em mim, o peso de seu estudo, esquentando de meus pés à cabeça, descompassando os batimentos do coração, a respiração, a transpiração... enfim. Sinto na pele o afeto.

É muito errado se excitar com isso?

(Suspiro).

Cumprimento com um beijo no rosto cada pessoa, inclusive a *namorada*, deixando-o por último.

— Oi, Dani — cochicho inocente em seu ouvido ao roçar sua bochecha.

Daniel prolonga o momento, segurando meu ombro um pouco mais do que o padrão. *Bandido*.

Sob os cílios longos, seus olhos buscam os meus ao nos separarmos.

— Como vai, Katarina? — diz baixo, grave.

Arrepia a pele. *Droga!*

— Bem, obrigada — pisco com uma dose extra de meiguice.

A modelo se aproxima mais dele (como se fosse possível), debruçando-se entre nós.

— Você está bonita, Katarina... — opina, mal ocultando o desdém.

Esperta, não vou tirar seu mérito. Provavelmente me sacou.

— ...mas essa saia não é um tanto curta demais? — finge brincar, porém, percebo a tentativa de me constranger.

Sinto vontade de revirar os olhos. Olha quem está falando.

— Não é menor do que a sua, Nicole. Deve ser moda, não? — digo com doçura — A propósito, acho seus seios lindos! São naturais?

Ela avermelha com visível irritação.

Ótimo: não se meta comigo, *modelo de peitos venenosa!*

Afasto-me deles para uma deliciosa rodada de tequilas (tudo o que eu precisava), e então me encaminho para a pista de dança, rebolando de modo até exagerado ao *cover* de *I Still Love You*, do

Josh Jenkins. Deixo a música me envolver, sensual, lenta, me deleitando com a força dos olhos dele em mim.

*Eu fecho os olhos e vejo seu rosto
Posso sentir o seu toque, quase posso provar
Eu minto para mim mesmo que eu estou bem
Mas o pensamento de você, ele me para
São palavras congeladas e gélidas de ouvir
Seu amor, eu não posso colocar para baixo, eu preciso te dizer*

*Eu ainda te amo, querida
Com cada polegada do meu coração
Mesmo quando não quero
Ainda te amo*

Bem, a letra não ajuda muito, é verdade. O que não me impede de contorcer o corpo lentamente, de um lado para o outro, abusada, ao compasso arrastado da canção.

Um homem negro, bonito, bem construído fisicamente, se aproxima e dança junto de mim. Seu corpo e altura são sob medida! Fecho os olhos e sigo seu ritmo... infelizmente, me imaginando em outros braços.

Deus, eu vou acabar num manicômio.

Daniel

Subestimei minha capacidade de estar perto dela.

Vê-la dançar desse modo com o cara mexe com um lado meu quase irracional, que eu nem fazia ideia possuir. Seu corpo naquele maldito vestido que mal cobre as coxas se esfrega no sujeito. Apelativa, a mulher está praticamente montada na perna do homem, insinuando-se, exibindo sinais do que pretende.

Sinto meus músculos tensos; um gosto ruim amarga a língua.

Katarina está tentando me provocar explicitando-se de forma tão evidente, e obtendo êxito, sem dúvida.

— Você deveria disfarçar...

A voz de Nicole me lembra de sua presença.

Olho-a, porque, por Deus, eu preciso de uma distração para não ir até aquela pista de dança.

— A respeito de que? — forço-me a não demonstrar a irritação incomum sacudindo meu peito enquanto sorvo uma golada do uísque.

— Sua atração pela tal Katarina. É exatamente o que ela quer — diz, ácida.

Não consigo negar.

E me sinto um imbecil por nem sequer conseguir ocultar meus sentimentos; também por deixar a situação com Nicole se estender por tantos meses.

— Essa mulherzinha quer tirar você de mim, Dan. E, pelo jeito, está conseguindo.

— Ela não quer, acredite.

— Então dance comigo — pede, deslizando as mãos sobre meu peito.

Meu olhar é direcionado à Katarina, como um ímã. E pego o seu em mim, atrevido, malicioso, ao sussurrar algo no ouvido do cara e se esfregar um pouco mais nele.

Não me lembro de ter sentido este tipo de coisa antes. Ciúmes, o mais visceral. Ver as mãos do cara em sua cintura acaba comigo.

— Desculpe, Nic. Eu não sou uma boa companhia hoje, vá você, ficarei aqui um pouco mais — mal reconheço minha própria voz.

Vir a este lugar, presenciar o modo como Katarina se diverte foi burrice. A têmpora latejando endossa isso.

Katarina

O sorriso de Lucas é de tirar o fôlego. Sim, sei seu nome, sei também que ele é atleta profissional e está na cidade junto com o time; solteiro, pelo que diz (se não for um belo mentiroso); cheiroso; dono de um sorriso lindo; bom papo.

Quase perfeito – ele não é o Daniel.

Digo que vou pegar uma água e prometo retornar para mais uma dança. Assim que me viro para voltar à nossa mesa, recebo o crivo aguçado do infeliz. Seu olhar está em mim, parecendo incomodado. Procuro por sua modelo, nem sinal dela.

Sugo uma respiração curta, aprumo o corpo e continuo caminhando pra ele, confiante.

— E aí, Dani! — sorrio, ofegante — Você não dança?

Minha simpatia é tamanha que até *me* surpreende. Não gosto de me gabar, mas sou quase uma

atriz.

Estreito os olhos para avaliá-lo melhor. Sua mandíbula parece tensa, maxilar cerrado. Mal reconheço a cor de sua íris também, de tão escurecida. A expressão de poucos amigos destoa do cara relaxado de sempre.

Guardando minha vontade de rir, calculadamente pego de dentro do balde de gelo, sobre a mesa, uma garrafa de água geladinha e a passo por cima e entre meus seios, misturando com o suor, buscando refrescar a pele.

O olhar afiado acompanha o movimento (e minha calcinha, a pobre coitada, encharca de tanto que essa energia mexe comigo).

— Quem é o cara? — sua tentativa de parecer indiferente é impagável.

Fico na ponta dos pés para cochichar em seu ouvido.

— Se tudo der certo: minha próxima transa — brinco, divertida.

Noto sua garganta se movimentar, engolindo a saliva. A força concentrada em sua mandíbula é tanta que agita o músculo da face, pulsando, revelador.

Abro a garrafa e me deleito (gemo, de propósito).

Depois pego mais uma dose de tequila e mando pra dentro.

— Agora tenho de voltar lá, antes que ele mude de ideia — dou uma piscadela, da mesma maneira que faria com minhas amigas.

Quero que ele pense mesmo que somos amigos, enquanto me vê saindo com todo cara bonito que aparecer na minha frente. Se causar nele ao menos um terço de toda a dor que eu senti, já estará de bom tamanho, e se isto faz de mim uma pessoa ressentida e vingativa, então sim, sou uma, pelo jeito.

Volto para o... *como é mesmo o nome dele?* Lucas, isso. Volto pra ele e em pouco tempo tenho-o mais atrevido. Dançamos juntos, ele beija meu pescoço, me xaveca cheio de promessas. Jogo todo o charme que possuo. O homem quer uma boa noite e eu também (a diferença é que eu gostaria de tê-la com apenas com *um* cara).

Logo combinamos de ir para o hotel onde ele está hospedado. Sei que parece frio da minha parte, mas tenho vivido todos esses anos exatamente assim: saindo com estranhos e buscando meu próprio prazer. Por que agora seria diferente? Porque Daniel está de volta à minha vida? Besteira. O inferno congelaria antes de eu aceitar ser sua amiga e presenciá-lo seguindo adiante ao lado de modelos, enquanto fico quietinha, sofrendo por uma paixão platônica e doentia.

Aviso Lucas de que preciso contar às minhas amigas que estou saindo com ele.

Agradecida por elas não se encontrarem à vista, me aproximo de onde Daniel se localiza (agora, com a modelo ao lado).

Sorrio para a garota; em troca, recebo um olhar ferino.

Por sorte, o som alto me obriga a chegar bem pertinho dele. Toco seu ombro, me equilibrando nas pontas dos pés; me aproximo de seu ouvido e encosto os lábios no lóbulo macio. No mesmo

segundo, o cheiro de seu perfume entra por meu sistema, esquentando tudo.

Energizada, sopro uma respiração provocativa, antes de abrir a boca.

— Dani, você me faria um favor? — sussurro, arrastada.

Sem tirar a mão de seu ombro, inclino a cabeça para trás, verificando em seu rosto a resposta. Ele pressiona um pouco mais o aperto de seus dentes, numa carranca intimidante.

Volto a encostar os lábios em seu ouvido.

— Por favor, avise a Pini de que não vou precisar da carona dela, estou saindo com Lucas.

Afasto-me e sorrio angelicalmente.

Antes que eu vire as costas, sua mão se fecha em torno do meu pulso, alastrando o calor de sua pele para a minha. O bastardo me puxa de volta, obrigando a encará-lo. Se olhares emitissem lanças, eu seria atingida pela força do seu.

— É perigoso sair com um cara que você nem conhece — rosna, seco, de um modo como nunca o vi.

Sacudo seu aperto. Dou uma encarada na loira e depois nele, e me inclino para falar baixinho, próximo à sua orelha outra vez.

— Não se preocupe, *amigo*... Eu terei a noite inteira para conhecê-lo.

Sorrio, divertida, e saio.

Encontro um Lucas sedutor e animado. Apanha minha mão e me puxa para a saída. Antes de sumir de vista, por cima do ombro, ainda dou uma última piscada para o bastardo, que me fuzila a distância.

Esta é só a primeira, Daniel. Sente-se e aproveite.

No estacionamento, no entanto, não me reconheço. Todo o desejo, a emoção, a expectativa de uma noite com o atleta se esvai. Num outro momento, eu sairia com ele de bom grado, me divertiria de mente aberta e seguiria a vida... Hoje, não consigo me animar com a ideia das mãos de outro cara em mim.

Uma maldição: é a única explicação.

— Eu lamento, Lucas... Acho que perdi um pouco a vontade — encolho os ombros, culpada.

O cara, ao contrário da reação que espero, sorri. Um sorriso bacana, agradável.

— Tudo bem, gata. Eu preciso mesmo voltar para a concentração...

Dou mais alguns beijinhos nele, gostosos, excitantes, e é tudo. Lucas caminha comigo até o ponto de táxi, abre a porta de trás, entro, ele beija minha boca uma última vez e vai em direção ao próximo carro da fila. É isso, não trocamos telefone, e tampouco tive vontade.

O retorno do bastardo me arruinou.



Capítulo 10

Katarina

Acordo bem cedo. É manhã de sábado e mal dormi. Visto um moletom e tênis de corrida e saio para a rua, já faz tempo que não me exercitava. Correr é tudo o que preciso agora.

Pensei em Daniel até cair no sono, e sonhei com ele.

Eu deveria buscar ajuda na terapia, para esquecer. Ele está namorando aquela garota intragável e pelo jeito é sério. Não quero me intrometer na relação alheia (acredito seriamente em carma), muito menos continuar amando-o e tendo de passar os próximos anos convivendo com eles, ou quem sabe até indo ao casamento dos dois... *Oh, minha nossa! Não!*

Já pensou?

Eu me mataria antes de ver o bastardo se casar. Aliás, eu *o* mataria e fugiria para a Suíça. Sempre quis morar lá mesmo.

Corro até a casa de Pini e fico com ela para o almoço. Conto meio por cima sobre a noite falida com Lucas, o atleta. Um bom homem.

Passo o restante do sábado e domingo em casa, tentando compreender o que vem acontecendo nas contas de alguns clientes, e conforme vou rastreando algumas movimentações, a situação se torna pior.



Chego ao escritório antes do horário normal. Estava ansiosa demais. Verifico com a recepção que Alberto não está aqui, nem sua secretária. É cedo ainda. Por hábito, checo as notícias e informações sobre o mercado financeiro das principais bolsas pelo mundo. Esta segunda-feira promete. Rumores garantem que o homem mais rico da China, dono de um dos maiores sites de compras do mundo, abrirá ações no mercado ainda hoje. A expectativa é geral. Alguns de meus clientes já enviaram mensagens pedindo informações, mas, não vou negar, sou um tanto reticente quanto a papéis assim. O fenômeno de bolha que empresas como a dele causam no mercado como um todo é o que preocupa.

Beberico o café que comprei na cafeteira do prédio, enquanto espero pela chegada do diretor, que também é um dos sócios da empresa. Preciso analisar as principais ações, movimentar alguns fundos, contatar investidores, porém não conseguirei fazer nada disto sem antes confrontá-lo.

Às sete e meia, disco para a sala dele.

Ela atende.

— Bom dia, Wiwiany, tudo bem? O Alberto já chegou?

— Bom dia, Katarina, tudo sim, e você? Ele... hum... virá um pouco mais tarde.

Seguro a base do nariz, pensativa.

Não pode ser coincidência.

— Ouça, Wiwiany. Há algo acontecendo nos fundos de alguns clientes que requer muita atenção. Preciso que você ligue para ele e diga que o assunto é extremamente urgente, tenho mesmo de falar com ele agora, você entende?

O suspiro longo do outro lado da linha me faz desconfiar que ela sabe do que estou falando. Não há outra explicação.

— Farei isto, pode deixar.

— Obrigada...

Ao desligar, ouço a batida de minha assistente na porta. Uma negra linda, baixinha, dona de cabelos encaracolados com cachos bem definidos. Gentil e competente. A mulher se destaca em nossas saídas para o almoço.

Digo que entre.

— Bom dia, Katarina...

— Bom dia, Jaqueline, tudo bem? Como foi seu fim de semana?

— Foi ótimo, Thiago e eu fizemos aquela escalada no morro do Bartolomeu, que te falei outro dia, lembra?

— Ah, que coisa legal! E aí, o pôr do sol lá é realmente tão incrível quanto dizem?

— Sim! Absolutamente. Fizemos uma caminhada de três horas até alcançar o topo, mas valeu totalmente a pena, você precisa ir quando puder.

Sorrio, não tão relaxada quanto eu gostaria.

— Estou planejando isto com minhas amigas há anos, o problema é coragem — brinco.

— É, precisa mesmo de coragem — ela se inclina, como quem está prestes a contar um segredo — Quase morri de tanto andar, e não pretendo voltar tão cedo.

Rio, me imaginando exatamente assim.

Ela então me oferece um pedaço de papel.

— Um homem chamado Daniel pediu que você ligue pra ele neste número.

O nome...

Pego o papel.

— Ele disse o sobrenome?

Ela faz um beicinho.

— Não. Disse apenas que é um amigo.

— Certo. Obrigada... — espero ela sair e volto a olhar o papel.

Aquele homem não faria isso. Ligar no meu trabalho? É este o nível de amizade no qual ele acha em que estamos?

Apanho um lápis e o bato na palma da mão. É impressionante. Seu nome tem um efeito único nos meus nervos (Senhora Bennet se orgulharia de mim). O que ele poderia querer, tão cedo?

Bem, não sou conhecida por ter capacidade de controlar a curiosidade, isto é um fato.

Disco para o número.

— Oi, Katarina... — atende na voz gostosa, rouca, logo no segundo toque, sem que eu precise me identificar.

Por estar ligando do meu celular pessoal, eu contava com o elemento surpresa, no entanto, ele me reconhece e a surpresa é minha. O cara tem meu número.

— Oi, Daniel. Por que ligou no meu trabalho? — a descoberta me faz esquecer por um momento o teatro de “amigos” que encenamos, e me leva a soar seca (mais do que eu deveria).

— Bom dia para você também — posso até visualizar seu sorriso zombeteiro, adorando me ver incomodada.

Humpf.

— Sim, desculpe. Bom dia — mordo o canto do lábio, me questionando se quero mesmo entrar neste assunto... *droga* — Você pode me responder uma coisa?

Dois ou três segundos de silêncio, até seu timbre macio retornar aos meus ouvidos.

— Pergunte...

Respiro fundo, sabendo que vai doer. Pra cacete.

— Desde quando você tem meu número de telefone?

Ouçó sua respiração também.

— Há algum tempo — confirma minhas suspeitas, honesto.

Legal... *e nunca pensou em me ligar?*

— Por que me ligou? — soo cansada dele, e me sinto assim.

— Preciso falar com você... sobre *negócios* — destaca.

Claro que sim.

Lembro então que o cara é empresário e, até onde sei, seus negócios já estão na casa dos milhões.

— Sou toda ouvidos.

Afirmo, lutando para me concentrar apenas nisto.

— Podemos almoçar juntos, Katarina?

Deus tenha piedade.

— Quando? — devolvo, incerta.

— Fiz uma reserva para hoje — e não há qualquer constrangimento na informação.

— Infelizmente, hoje eu não posso.

Minto, só para não dar o braço a torcer.

— Tudo bem, eu posso passar aí depois do almoço, se não houver problema.

Espertalo, é claro.

Caio para o encosto da cadeira e encaro o teto.

— Você não joga limpo, não é?

Sua risada aquecida me faz rir, contra toda a bagunça emocional em que me encontro.

— Você está enganada. Jogo limpo até demais, Katarina. Sei o que quero e procuro deixar isto claro.

Engulo em seco. O coração, traidor, acelera, despreparado para sua franqueza.

— Ok. Onde?

Anoto a informação. E desligo, antes de me tornar confortável demais ao som de sua voz.



Às dez da manhã, Jaqueline me avisa que Alberto chegou. Pedi a ela que ficasse de campana, pois sinto que o cara está fugindo de mim. Pego o blazer do encosto da cadeira, visto-o, e sigo para o meu objetivo.

A secretária, uma mulher bonita na casa dos trinta, se espanta ao me ver.

— Oi, Wiwiany — passo por ela indo para a porta dele.

— Espere, Katarina! Por favor, ele está em uma reunião... — corre atrás de mim.

Mas se cala quando abro a porta e encontro o patife muito à vontade em sua mesa, sozinho.

— Reunião? — pergunto a ela por cima do ombro.

Ela murcha artisticamente. Em seus olhos, posso ver a aprovação do que estou fazendo.

— Tudo bem, Wiwi. Deixa-a entrar — Alberto diz, inabalável, brincando com dois dados entre os dedos.

Entro na sala pomposa, digna de um diretor, e fecho a porta atrás de mim. Observo-o atrás da mesa robusta de madeira de lei, enxergando seu verdadeiro “eu” pela primeira vez. Como eu nunca

notei esse brilho escuro em seus olhos?

Tremendo, muito, pois nunca tive de passar por uma situação assim, respiro profundamente.

— Bom dia, Alberto.

A arrogância sustentada na expressão de quem foi desmascarado é reveladora. Ele sorri, mas posso ver o fragmento de desagrado no blefe seguro.

— Sente-se.

— Não, obrigada. Acho que prefiro ficar em pé e ir direto ao assunto.

— E qual é esse assunto? — me desafia a falar abertamente.

Aceno com a cabeça, lentamente... lá vamos nós.

— O dinheiro que você desviou de nossos clientes.

Vejo a irritação no modo de franzir o canto da boca, no desatar o nó da gravata verde-bandeira. O imbecil está *roubando* dos clientes!

— Está colocando isto do modo errado. Sente-se — ainda se atreve a usar um tom de ordem.

— *Do modo errado?* Retirar dinheiro dos fundos regulares e transferir para uma conta em nome de uma empresa fantasma é roubo, Alberto!

Jogando os dados vermelho na mesa, é ele quem se levanta.

— Escute bem, Katarina, “roubo” é um termo muito forte e você pode se arrepender disto mais tarde. Se me deixar falar, saberá que tudo está sob o mais absoluto controle.

— Honestamente, estou aqui para te ouvir, antes de tomar uma atitude. Você é meu superior, e em respeito a isto, devo escutá-lo — abro o jogo.

Ele circula a sala e vai até o canto, onde se serve de um café.

— Aceita?

— Não, obrigada.

— Tudo bem. Se você é direta, sinto que também devo ser.

Esforço-me para não fazer uma careta.

— Eu peguei emprestado, mas devolvarei antes mesmo que alguém note. Nossos clientes não vão sequer desconfiar.

Deus, isto é sério?

— Você está se ouvindo, homem? — perco a compostura — Isto é crime!

— *Shh* — ele levanta a mão — Acalme-se, nada vai acontecer — o tom de convencimento é desprezível — Como eu disse, tenho tudo sob controle. Estou fazendo um investimento que trará este dinheiro de volta com uma margem muito melhor.

— Alberto, ouça o que está dizendo! — lanço as folhas para ele, sem me preocupar que o homem é meu chefe — Estamos falando de quase dois milhões! Não é de apenas um cliente. Até onde

vi, somente de minha carteira você fez isto em dezoito contas, e pior: utilizando meus acessos! O que pensou? Que pegando um pouco de cada ninguém desconfiaria?

Vejo sua máscara trincar.

— Fale baixo!

Bufo.

— Ah, você está preocupado que ouçam? Deveria se preocupar é se um desses clientes vier hoje para retirar o investimento e descobrir que foi roubado!

— Pare de histeria, Katarina! Já disse que vou devolver antes que qualquer um deles perceba. Você só precisa fazer o que tem feito, prestar contas, deixá-los informados sobre o mercado, nada de novo.

Que vontade de erguer a cadeira e acertar na cabeça do patife!

— É por isto que usou meu nome? Para que ninguém percebesse?

O sujeito mau-caráter faz um “humpf” desdenhoso.

E ainda quis me usar!

— Veja, eu não sei como fará, mas ainda dá tempo de corrigir. Estes valores precisam estar de volta nas contas dos meus clientes imediatamente.

É somente então que ele se alarma.

— Não! — sussurra, exasperado — Não é assim que funciona, Katarina. Eu te disse, apliquei num *investimento*, estas coisas tomam tempo, você sabe disso — limpa a testa com um lenço.

— Ah, claro. Investimento em que?

O imbecil olha perdido, buscando claramente uma mentira para me dizer.

— Um investimento pessoal.

A situação só se complica. Se eu fechar os olhos, posso ter uma imagem clara de nós dois saindo daqui algemados. Vejo meu pai, o cara mais honesto que conheço, me ligando desesperado porque viu minha foto na televisão.

Sacudo a cabeça.

— Eu não me dediquei a este trabalho e trouxe tantos clientes para eles serem enganados por você. Independente do que fez com esse dinheiro, deverá devolver ainda hoje.

— Impossível — afirma como se estivéssemos em uma negociação.

— Então revele aos clientes. Do contrário, terei de reportar esta situação. Não serei cúmplice de um crime. Já vimos casos assim e sabemos bem como acabam, empresas queimadas, carreiras arruinadas, é um inferno e...

Sou obrigada a dar um passo atrás, e depois outro, quando de repente ele vem pra perto de mim, parecendo querer me machucar. O sujeito robusto, pouco acima dos quarenta anos e em boa forma física é intimidante. A escuridão em seus olhos castanhos, a feição de psicopata, acho que é a

primeira vez na vida que sinto o medo real atravessar a base da coluna.

— Não me pressione, Katarina — rosna, ameaçador, bem próximo ao meu rosto.

Mantenho a calma, porque é o que meu instinto me manda fazer, e tento trazer alguma razão a ela.

— Pense bem, Alberto, assim como eu percebi essa sua manobra com facilidade, qualquer um verá. Você deixou muitos rastros. É só uma questão de tempo.

Parecendo uma hiena velha ardilosa, ele se afasta e passa a andar de um lado para outro. Ávido, pega os dois dados vermelhos de volta.

— Tenho tudo sob controle. E sou seu chefe, se estou dizendo que está tudo bem, então está tudo bem. Em mais alguns dias, tudo se resolverá — sua intenção parece, na verdade, uma tentativa de convencer a si mesmo.

Um agravante terrível.

Seguro a base do nariz, rente aos olhos. Minhas têmporas começam a doer pra burro.

Este homem, infelizmente, soa desesperado.

— Desculpe — aprumo-me — Mas não vou correr o risco de perder minha licença, ou responder a uma ação criminal por uma atitude sua, espero que entenda — ando até a porta e apanho a maçaneta, ansiosa por sair.

— Pense muito bem no que fará, Katarina — a ameaça me embrulha o estômago — Querendo ou não, você também está envolvida. Como saberão se não recebeu parte deste dinheiro? Não se esqueça, são as suas senhas lá.

Abro a porta.

— Não, não esqueço. É por isto que digo: a situação ainda pode ser resolvida, você só tem que fazer a coisa certa... ou eu farei — aconselho e aviso antes de sair.

Wiwiany está lívida em sua mesa. Ela sabe o que o chefe tem feito.

— Tchau, Wiwiany.

— Katarina! — sussurra e se levanta, a passos cuidadosos, olhando para a porta dele fechada, por cima do ombro.

— Pode falar — peço.

— Olhe, eu não quero me meter nisso, por favor, não conte a ninguém que eu te disse...

— Prometo a você.

— Ele está devendo para uns caras barra pesada. Muito dinheiro. E parece que ainda não pagou tudo.

O choque me faz abrir os lábios, sem saber o que dizer.

— Dívida de jogo — murmura.



Sem cabeça para mais nada, ciente de que não posso permanecer nem um minuto neste lugar, pego minha bolsa, aviso Jaqueline que não voltarei mais hoje e saio. Dentro do carro, tremendo ao deslumbrar todas as possibilidades, procuro o celular para chamar alguém que possa me auxiliar.

É nestas horas que você percebe o quão feliz está por uma de suas irmãs optar pelo curso de Direito.

A garota não demora a atender.

— Jú, eu acho que preciso de sua ajuda...

— Ei, o que foi? — ouço o som de seus saltos em um piso — O que houve?

— Será que podemos nos encontrar agora?

— Claro, claro... Estou saindo do fórum. Você quer ir a algum lugar? Minha casa? Sua?

— Minha casa é mais perto daí. Eu tô indo pra lá.

Vinte e cinco minutos mais tarde, chego ao meu prédio. Minha amiga já está dentro do meu apartamento (dei uma cópia da chave para cada, dia desses). Retiro o notebook da bolsa e me sento com ela na mesa de jantar. Conto o que está acontecendo, mostro as informações, extratos das transações. Quanto mais ela vai sabendo, mais seus traços vão ganhando contornos tensos.

— Bem, amiga — diz, por fim — Não sou especialista na área financeira, mas pelo que estou vendo, aí há crimes como apropriação indébita, estelionato, fraude contra a relação de consumo, talvez lavagem de dinheiro... Enfim... — exala uma inspiração ruidosa — Esse cara fez uma merda grande.

— Você acha que posso ser responsabilizada por isso? — questiono seriamente.

O franzir de lábio responde.

— Veja, são transações feitas por você para esta empresa... De uma forma direta, seu nome está vinculado.

Ah, mas que droga!

— O que acha que devo fazer, Jú?

— Sinceramente? Acho que deveria denunciá-lo, imediatamente.

— Não posso, não antes de deixar ele tentar devolver...

— Katarina, abra seu olho! E se esse cara estiver fugindo agora mesmo? Você acha que a polícia vai compreender que você sabia desses desvios e preferiu fechar a boca, mesmo que por pouco tempo?

Derrubo o rosto entre as mãos. Minha carreira. Meu nome no mercado. O negócio de assessoria financeira que estou montando. Ah, Deus, está tudo prestes a ruir.

Minha vida, de uma hora para outra, se transformou numa corda bamba.

Por falar nisso...

Putz!

Daniel!

Preciso desmarcar nosso almoço.

— Eu... — mordo o cantinho do lábio — Tenho de desmarcar um almoço, Jú, espere um minuto.

Levanto e vou até onde deixei minha bolsa. Falta pouco para o meio-dia. Digito uma mensagem rápida para o número que salvei.

✉ **Destinatário:** Bastardo

Mensagem: “Oi, Daniel. Surgiu um problema de última hora e terei de desmarcar nosso almoço. Desculpe. Katarina”.

Sei que não precisava ter assinado, mas senti a necessidade. Estou prestes a guardar o aparelho de volta na bolsa, quando uma resposta vem em seguida. Penso em não abrir agora, mas a curiosidade e o friozinho na boca do estômago não permitem.

✉ **Remetente:** Bastardo

Mensagem: “Algo em que eu possa ajudar? Podemos marcar para o final do dia?”.

Hum. Eu deveria responder imediatamente?

Pisco, fora de concentração nos pensamentos, quando minha amiga limpa a garganta bem alto, descarada.

— Eu conheço essa cara de boba, garota — especula, divertida.

Se ela soubesse...

Droga, detesto mentir, principalmente quando é para uma delas.

— Um cliente novo. Bem, nem sei se vou ter cliente ainda depois disto, não é?!

✉ **Destinatário:** Bastardo

Mensagem: “Infelizmente, não. Falo com você mais tarde”.

Guardo o aparelho de volta na bolsa e finalizo nossa comunicação. Tenho um problema maior agora.

De dentro da prisão, não poderei seguir com um plano de *amizade*, nem com Daniel, nem com ninguém. E é para onde vou, se não resolver esta bagunça.

Após conversar muito com a Júlia e ponderar os fatos, levando em consideração que meu chefe, o cara que não somente é diretor da empresa, como também é um dos sócios, fez uma ameaça gravíssima na tentativa de me coagir, não há outra saída que não um pedido de demissão. Eu não poderia continuar lá ante uma situação tão ferrada. Sei que estou abrindo mão de um emprego que me remunera muito bem, paga bônus anuais altíssimos, me proporciona estabilidade e conforto... Mas, em troca, pode me colocar numa prisão federal. Abomino com todas as forças a atitude daquele cara. Não sou desonesta nos negócios, não acho que a derrota de alguém seja a minha vitória; e, neste caso, pessoas que abriram suas portas e aceitaram confiar em mim estão sendo prejudicadas.

Em minha carta de demissão, relato todos os detalhes das transações, deixando de lado apenas o que a secretária dele revelou. Alberto é um dos sócios; todos os outros, se não sabem, têm o direito de tomar conhecimento das ações desonestas daquele imbecil – e também o dever de arcar com a responsabilidade.

Quase dois milhões desviados é muita grana. Se eu tivesse confiança de que ele devolveria, teria segurado a barra por alguns dias, mas Alberto não fará isso por conta, principalmente se o que a secretária disse for verdade. Ele me deixou sem alternativa a não ser avisar a empresa e me demitir. Se seu chefe rouba e ameaça te incriminar, que outra decisão tomar?

Deixo claro também que o dinheiro precisa ser devolvido imediatamente aos clientes, ou eles devem ser comunicados. Essas pessoas confiaram a mim valores importantes, eu seria uma covarde se não as protegesse.

Nem duas horas depois, meu celular dispara na bolsa. Verifico que perdi outras quatro chamadas diferentes. O nome de minha assistente (ou ex) chama, insistente.

Júlia e Pini se sentam ao meu lado para ouvirem a conversa. Priscila, na verdade, veio apenas para um almoço rápido quando Jú contou que estávamos as duas aqui, mas ao chegar e saber sobre meu *problema*, decidiu tirar a tarde de folga. No melhor ou no pior, somos todas umas pelas outras, e é o que amo em nossa amizade.

Limpo a garganta e atendo.

— Oi, Jaqueline.

— Katarina, graças a Deus você atendeu!

Percebo a ansiedade em sua voz.

— O que aconteceu? — consigo me manter serena, com esforço.

Júlia se aproxima mais, até que estamos compartilhando o telefone. Coloco então no viva-voz.

— Alberto! Ele esteve aqui, transtornado, atrás de você e... e...

— E?

— Quebrou tudo na sua sala, Katarina!

Ar foge dos pulmões.

— Ele disse *coisas*... sobre você ter ferrado ele, que você se daria mal... Eu-eu nem sei o que fazer, estou com medo. Ele parecia maluco.

— Ouça, Jaqueline. Eu pedi demissão. Não posso te explicar os motivos agora, mas me desliguei. Se você não estiver bem, e eu imagino que aquele imbecil te assustou, avise ao RH e vá para casa mais cedo. Eles entenderão, sei disto — neste ponto, minha confiança é verdadeira — Acredito que amanhã as coisas voltarão ao normal.

— Não posso continuar aqui sem você — ela sussurra, parecendo não querer que mais ninguém lá ouça.

Meu coração aperta. Tenho essa mulher como uma boa amiga.

— Juro que, quando as coisas se acertarem, eu vou dar um jeito nisto, ok? — e é só o que posso fazer.

Desligo, prometendo a mim mesma também que assim que eu me estabelecer, seja em meu negócio próprio ou em outra empresa (se meu nome não estiver queimado e eu ainda conseguir emprego), levarei Jaqueline comigo. Por enquanto, estou desempregada e sem o belo salário no fim do mês, o que é preocupante... mas não mais do que a situação.

Pini e Júlia não têm boas expressões. A de Pini é particularmente pior.



Capítulo 11

Katarina

Não consegui relaxar de jeito nenhum. Estou ansiosa pela resolução. Loure, o sócio majoritário, pediu uma reunião comigo para amanhã de manhã. Sua secretária foi quem fez o contato.

Júlia e Pini ficaram aqui até pouco depois das oito da noite. Alice também, foram embora juntas.

Tomei banho, vesti um camisã e estou na sala, com o computador no colo, pesquisando o que fazer do futuro. O salário me fará uma falta desgraçada, tenho economias, mas por quanto tempo? Eu poderia investir de vez em meu negócio de consultora financeira, o problema é que mal tive quatro clientes até agora. Bem, não tive clientes porque não me dediquei a tê-los, afinal, meu emprego tomava muito tempo... Quem sabe essa bagunça não é uma benção escondida?

A vida não pode estar completamente contra mim, pode?

O som repentino do interfone me faz saltar no lugar.

Confiro o horário na tela do notebook. Onze e vinte e três. Quem estaria aqui a esta hora? Alberto não viria a minha casa, viria?

Descalça e desconfiada, vou até a cozinha, onde o aparelho fica.

— Oi, Rute...

— Boa noite, Katarina. Tem um homem aqui que quer falar com você.

Meu coração dispara, temeroso, não nego. Quem viu a escuridão nos olhos daquele cara não teria outra reação.

— Ele disse o nome? — indago, praticamente sem voz.

— Daniel.

— *O quê?* — quase grito, recuperando subitamente a energia.

— Daniel — repete, *prestativa*.

Nãooo.

— Hmm... — apoio a mão na parede e observo meu pé, desenhando um círculo no chão frio — Você pode, por favor, perguntar a ele o que quer?

Meu coração ricocheteia contra o peito, não de medo desta vez.

— Só um minuto.

Ela abafa o bocal por um momento, enquanto fala com ele.

— Disse que quer falar com você.

Falar comigo, não é?

— Desculpa te pedir isto, mas pergunte qual é o assunto, por favor, amiga... — mordo o cantinho do lábio, não resistindo à tentação de ser um tantinho malvada com ele.

Ansiosa pela resposta, tamborilo as unhas contra a parede, num tipo de tique nervoso.

— Katarina, o moço falou que, se quer mesmo saber, deixe ele subir — revela, abafando uma risadinha, aproveitando-se de que ele não pode ouvir através do vidro blindado, sem que o microfone esteja ativado — Agora, vou te dizer, se um homem deste tamanho batesse lá na minha porta, ele teria um sério problema... — sua voz diminui para um cochicho matreiro — em *sair*. Eu o amarraria à minha cama sem pensar duas vezes.

— Você é má — brinco, controlando o riso.

Temos intimidade para isso. Rute é uma amiga. Volta e meia me junto a ela em seus turnos da madrugada apenas para papear, muitas vezes por horas, enquanto partilhamos algum alimento bem calórico.

— Mau é o olhar dele em mim, neste momento. Vá, mulher, autorize, o pobre parece... — quase posso visualizá-la dando uma conferida atrevida nele — disposto a conversar.

— Tudo bem. Vou me lembrar deste conselho, hein.

Desligo e corro para frente de um espelho. Que maravilha, lavei meu cabelo e não sequei, agora pareço um leão. Dou uns tapinhas na bochecha, pego um batom qualquer, deslizo o dedo pelo pigmento e passo na boca, somente para ganhar uma leve vivacidade. O rímel, dando bobeira, vai para o olho também. Junto os cabelos no topo da cabeça, para um coque alto. Fico feia. Junto na nuca, para um rabo de cavalo. Ainda feia. Solto e jogo de lado, agora pareço uma louca. Pego a escova larga e penteio superficialmente, jogo de lado de novo e... Deus me ajude.

Dim dom.

Ele!

Estou com um camisão de uma banda de rock, branco, velho, e mais nada por baixo... bem, em minha defesa, eu não esperava visitas.

Vou até a porta, respiro fundo e abro.

Nunca o imaginei aqui. Este é o meu apartamento. O primeiro que comprei. Uma conquista. Minha vida mudou tanto, houve tantos pequenos momentos, e Daniel jamais esteve presente.

Por um instante, ninguém diz nada. Parecemos duas estátuas — ele, é claro, uma daquelas belezas talhadas sofisticadamente, à semelhança de um deus.

Arrítmica, ocultando meu desconforto, limpo a garganta, tomando a iniciativa.

— Por que está aqui? — corto as saudações.

Daniel tem de saber que há um limite, até mesmo para nossa *amizade*.

— Como eu disse à sua intercessora lá embaixo, preciso falar com você — o tom tem um misto de seriedade e provocação.

Seguro o batente, impedindo sua entrada, e o avalio por inteiro. Botas, jeans numa lavagem envelhecida e camiseta lisa cinza de mangas longas que se agarra aos músculos e ao peitoral. Um belo homem. Definitivamente, eu também o amarraria à cama, devo concordar com aquela safada.

Como tudo na vida é uma questão de reciprocidade, recebo a mesma gentileza de sua avaliação subindo por minhas pernas desnudas, camisa, seios. Vagaroso. *Maliciosamente vagaroso*. Meus mamilos tornam-se rígidos, sensíveis ao olhar, dando-lhe sonora boas-vindas. O diabinho dentro de mim, então, me tenta a exibir a reação deste corpo traidor. Por uma questão de provocação, empino-me, nas pontas dos pés, ainda apoiada ao batente, exibindo descaradamente os faróis destacados por baixo do tecido.

Droga. Minha vontade mesmo é me jogar nele, enroscar as pernas em sua cintura, puxá-lo para um beijo agarrando os cabelos de sua nuca. *Deus tenha misericórdia!* O que o stress não faz com a gente, hein?!

Desço novamente o olhar, agora percorrendo de cima para baixo... e encontro um volume promissor na região da virilha.

Endireito minha postura, cruzando os braços em frente ao peito. O movimento sobe a camiseta e revela um pouco mais das pernas. É claro que ele acompanha.

— O assunto deve ser urgente, pelo jeito — reflito, séria.

— Sim, é. Você disse que ligaria mais tarde e não ligou para saber, tive de vir.

Franzo os olhos, analisando seu argumento.

— Bem, você não precisa levar ao pé da letra quando alguém diz “mais tarde”, sabe disso, não é? — indago com fingido desinteresse — Em que posso te ajudar, Daniel?

Lindamente, ele arqueia a sobrancelha, interrogativo.

— Vai me convidar pra entrar?

Faço um beicinho deliberado e descruzo os braços.

— Como sabe onde moro?

— Sabendo, Katarina — responde, paciente — Mas posso lhe contar como descobri e o que vim fazer aqui, caso ofereça um pouco de hospitalidade e me deixe entrar.

Suspiro.

— Seu assunto é sobre negócios?

Sei que estou sendo irritante, mas me dou esse crédito, por ter ficado anos sem nem um único sinal de fumaça, para repentinamente o cara saber meu telefone, endereço, e achar que pode simplesmente aparecer a hora que bem entender.

— Sim — abaixa o timbre, dando um delicioso ar de intimidade.

Mordisco um pequeno pedaço de pele ressecada no lábio.

— Desculpe, mas não trago trabalho para casa.

É a vez dele de cruzar os braços, fitando-me atrevidamente.

— Sabe, se não fossemos amigos, eu questionaria sua relutância... — o desafio está no ar.

Perco a compostura por um instante. Troco o peso do corpo de um pé para o outro e cruzo as pernas o mais disfarçadamente possível, para amenizar o formigamento indesejado surgindo num lugar bem específico de minha anatomia.

Então sorrio, doce e comportada.

— Sorte minha que retomamos a amizade recentemente — lembro, prestativa.

O bendito inclina a cabeça meio de lado e me estuda, dos pés à cabeça, outra vez.

— Por acaso está com medo de me convidar para entrar, Katarina?

Sim! Medo *de mim*!

— Pois há poucas coisas que me dão medo, Dani — provoco — Você, certamente, não é uma delas.

No entanto, temendo atravessar a linha tênue de um flerte bobo para algo de que eu vá me arrepender mais tarde, dou um passo para o lado e estendo o braço, convidando-o a entrar.

— Por favor — ofereço, angelical.

Passando por mim, seu perfume vem junto. Sorvo discretamente, como uma droga, antes de fechar a porta.

— Bebe alguma coisa?

Pergunto às suas costas quando ele está na minha sala. Virando-se, me encara um pouco mais sério, enfiando as mãos nos bolsos.

— Não, obrigado. Não pretendo demorar.

Meneio a cabeça, concordando. E o observo correr os olhos por meu apartamento, impassível, sem expressar seus sentimentos enquanto esquadrija cada detalhe. Noto quando fita uma foto na mesinha de apoio ao lado do sofá. A imagem em questão é do dia de minha formatura. Meu pai, Pini, Alice, Júlia e eu estamos sorrindo para a câmera. Dói e eu nem sei exatamente o porquê.

Mascaro e aponto para o sofá.

— Certo, por favor, sente-se.

Ele aceita.

É quando uma ideia muito, *muito* malvada estala dentro de mim, tão forte e tentadora que se torna impossível rejeitá-la. Disposta a realizar uma fantasia antiga (desde que assisti ao filme *Instinto Selvagem*), incorporo a Sharon Stone que há em mim e sento-me na poltrona de frente para ele, a princípio de pernas sutilmente abertas, dando-lhe um vislumbre de minha nudez, para então cruzá-las.

Conscientes, olhos absurdamente escurecidos me acompanham, trazendo calor pelo caminho

que percorrem. É delicioso, quase físico, chega a arrepiar a nuca. Demanda um esforço muito grande para não estremecer.

Nervosa, tamborilo as unhas contra o braço da poltrona.

Percebo seu pé direito batendo sutilmente no chão, no mesmo ritmo ansioso de meus dedos.

— Devo dizer que estou feliz em te ver sã e salva... — ele então quebra o silêncio, em tom suspeitosamente tranquilo.

A temperatura da sala cai. Será que esse homem *sabe* sobre Alberto?

Empertigo-me.

— E por que eu não estaria? — aplico calculada displicência ao meu tom.

Um sorriso de canto de lábios, que não convence, marca seu rosto.

— Não é seguro sair com pessoas estranhas, como você fez na sexta — percebo a nota de reprovação na observação azeda.

Alívio e descrença se misturam dentro de mim. Mas me deleito quando peso o significado. Ciente de mim mesma, curvo o corpo um pouco para frente, em sua direção.

— Você não veio até aqui, a este horário, para falar sobre minha noite de sexo da sexta, não é?

Pego o exato momento em que Daniel aperta a mandíbula. O músculo que corre sua têmpora se contrai e pulsa.

— Não. Não quero saber o que você faz com esses caras — rosna muito compenetrado, o semblante escurecido pela feição e baixa iluminação.

Levo a mão ao peito, como quem simula alívio.

— Que bom, até porque não gosto de contar detalhes da minha vida sexual, mesmo para um amigo — volto a me escorar contra o encosto — Apesar de ter sido divertido, se quer mesmo saber — cochicho, arrematando uma piscadela — A propósito, não eram “caras”, na sexta foi somente um.

Sorrio, doce feito mel, e penso um pouco.

— Se bem que adoro um *ménage*... — acrescento por maldade.

— É melhor pararmos, Katarina — avisa, fitando-me intensamente.

— Basta que não queira tocar num assunto que não te diz respeito — também aviso.

Por alguns instantes, tudo o que fazemos é nos encarar. Mesmo aqui, no conforto de minha casa, não consigo me sentir à vontade em sua presença. Nós mudamos. Hoje, há um abismo imenso que nos distancia, preenchido por mágoa. O garoto que um dia foi, acima de tudo um grande amigo, já não existe. Somos estranhos um para o outro.

Claro, a tensão sexual é forte, mais do que antes, principalmente aqui e agora... Mas aquele sentimento puro morreu.

É tão, tão triste.

Limpo a garganta, afastando o ardor. Deixo de lado minha interrogação sobre sua urgência em

vir até aqui (quando o assunto poderia ser tratado durante o dia, num café, num lugar mais impessoal) e lhe dou atenção.

— Você me disse que veio para falar sobre negócios, no que posso te ajudar, Daniel? — sou eu a recuar, ciente de que nada pode ser feito quanto ao passado.

Na mesma sintonia, descansando os antebraços sobre as pernas e curvado para frente, ele meneia a cabeça, devagar, reflexivo, certamente concordando com meus pensamentos (pois, pode passar o tempo que for, ainda sinto que esse homem tem o poder de enxergar através de mim, como ninguém mais no mundo).

Exala uma expiração longa.

— Sim. Vim porque preciso de um auxílio profissional sobre investimentos — diz em um tom que não me permite lê-lo. Aqueles olhos intensos, no entanto, falam por si. Não há saída para nós.

— Legal... Você tem algo em mente?

Ele se ajeita, ambos fazemos, talvez baixando a guarda.

— Na verdade, eu esperava que me ajudasse. Não sei se você sabe, Júlia deve ter comentado sobre o que faço, ela disse?

Pff... Como se precisasse. Pesquisei tudo sobre ele na internet. Cada notícia, foto ou matéria falando dele ou dos negócios. Tudo. Eu praticamente o persegui virtualmente. Sou uma *stalker* quando o assunto é Daniel.

Sentindo que a conversa pode finalmente ser guiada para um terreno seguro, fico mais tranquila para incorporar a corretora loba em mim (e, talvez, arruinada).

— Sim, mencionou alguma coisa... — revelo, sem ênfase — Veja, Daniel, há diversas formas de entrar no mercado financeiro, depende muito do objetivo de sua empresa. O que você espera obter?

Os olhos esquadrinham minha sala, como quem delibera, antes de voltar pra mim.

— Andei pensando que talvez seja a hora de ampliar nosso alcance de exportações, mas ainda não estou bem certo sobre a origem dos recursos para isto, se devo obtê-los de fora. Qual a sua opinião?

Puxo a camiseta mais para baixo, tampando um pouco das pernas; ele acompanha.

— Bem, Dani... *Daniel* — me corrijo rapidamente (e não perco a estreitada de olhos que recebo) — Há algumas opções neste sentido. Aplicar seus recursos num investimento bacana e utilizar a rentabilidade. Ou, se quer algo mais agressivo, pode abrir o capital no mercado e permitir que investidores grandes aportem no negócio — uma ideia surge, tentadora — Se você quiser...

Mas me freio, não tendo certeza se é moralmente certo seguir por este caminho.

— Se eu quiser...? — notando a hesitação, me incentiva a continuar.

O que eu tenho a perder?

— Bom, estou começando um negócio paralelo, de consultoria, para auxiliar empresas nesses

assuntos, e...

Ele meneia um aceno de cabeça.

— Júlia me disse — revela, sem fazer disto um grande evento.

— *Quando*, exatamente, ela te disse? — questiono, embalada por uma desconfiança.

— Há alguns meses, eu acho — dáde ombros, como quem diz “ que importância tem isto? ” — Por quê? Era um segredo?

Estudo-o um pouco mais. Júlia não abriria a boca sobre hoje com ele. Eu sei disto. Confio nela... Não, não. Ela *não* diria. Ele não veio aqui me fazer um favor, de jeito nenhum.

Aparentando reconhecer a direção de meus pensamentos, o sujeito franze a espessa sobancelha castanha dourada, e então sorri meio de lado, exibindo maturidade nas feições.

— Antes que coloque em cheque meus motivos, saiba que é algo que eu realmente quero para meu negócio. Você é a minha primeira opção, Katarina, por ser uma amiga em quem confio, mas se não aceitar, terei de contratar outra pessoa — o tom é muito seguro — Estou prestes a voltar para o litoral e gostaria de resolver isto logo.

“Uma amiga em quem confio”, ouvir isso incomoda, todavia, também confere veracidade à sentença. O que é um alívio, pois um cliente grande assim é tudo o que preciso. Meu futuro, desde esta manhã, se tornou incerto. Incerteza gera risco, risco gera crise, e crise gera caos.

Não, não sou tola de perder uma boa oportunidade.

— Tudo bem, se você quiser mesmo, eu posso te ajudar — embarco.

Daniel entrelaça os dedos e encara-me muito determinado.

— Sim, eu quero.

— Mas já aviso, meus preços não são exatamente baixos. Costumo trazer bons retornos, e cobro na mesma proporção — tendo isto esclarecido, sinto-me como a loba que sou. Honesta, mas uma loba.

Por baixo da barba, tenho um vislumbre dos dentes brancos no sorriso.

— Tubarões já nascem nadando... — diz, enigmático.

E me pergunto se ele sabe que minha empresa vai “nascer” com sua ajuda... sabe? Semicerro os olhos, avaliando-o uma última vez. Sua segurança é o martelo batido.

Levanto o queixo.

Ele também.

Por dentro, estou explodindo de felicidade. Uma vontade genuína de me jogar em seu colo e gritar obrigada, obrigada, obrigada!

— Acho que merecemos um vinho — levanto e vou para a cozinha.

Daniel acompanha, senta-se na banquetta do balcão que separa a mesa de jantar e a cozinha, ficando diante de mim. Para não me sentir desconfortável diante do repentino clima ameno, me

concentro em virar o saca-rolhas e abrir a garrafa. Despejo o conteúdo em duas taças e entrego a dele.

Por hoje, afasto de lado o significado de *quem* é ele e o *que* esse homem representa na minha vida, encaro-o apenas como a pessoa que vai me resgatar. Definitivamente, uma benção escondida.

Ele gira o líquido na taça e sorve um bom gole. Faço o mesmo. O sabor é maravilhoso.

— Na quarta-feira faremos um evento de inauguração de mais uma loja aqui na cidade. Alice está cuidando da organização. Haverá muita gente, gostaria que você estivesse lá também, para ir se familiarizando com os negócios, Katarina.

Deixo de pensar ou avaliar o lado negativo. Negócio é negócio.

Abro o pote de castanhas, retiro um punhado delas. Empurro-o para ele, oferecendo, e enfio uma na boca.

— Tudo bem — concordo, profissional, após mastigá-la — Estarei lá — bebo mais do vinho.

— Há mais uma coisa — diz mais sério, enquanto gira sua taça pela haste — Eu preciso que você vá para o litoral comigo, logo depois do evento.

Paro o movimento de levar outra castanha à boca, no meio do caminho.

— Desculpe?

Sua expressão se torna ilegível.

— O quanto antes você conhecer a sede, melhor. Tenho pressa para iniciar este projeto.

Espera lá.

Abandono o vinho, as castanhas, tudo. *Diabos*. Estava bom demais para ser verdade.

Aperto as mãos nas bordas da pedra fria que encobre o balcão.

— Somente por curiosidade: quando você diz ir ao litoral logo depois do evento, significa...?
— calma, faço questão de compreender.

— Que quero você na quinta-feira cedo na minha empresa, tratando de tudo o que for necessário com o meu pessoal para começarmos este projeto — não há qualquer outra opção sendo dada aqui.

Vou jogando a cabeça para trás, lentamente, respirando devagar. Encaro o teto, buscando por equilíbrio divino.

E volto a fitá-lo. Talvez, somente *talvez*, eu esteja exagerando no único pensamento que me ocorre.

— Veja, Daniel — explico com paciência — Eu não detalhei a você como funciona o meu trabalho e, neste caso, acho que dei uma ideia errada. A consultoria não precisa necessariamente ser presencial. Aliás, em oitenta por cento das vezes são apenas papéis e mais papéis, relatórios e e-mails, principalmente na fase inicial, você entende?

— Entendo — ele leva um punhado de castanhas à boca, pela primeira vez, e mastiga sem

pressa, antes de voltar a dizer — Mas quero acompanhar isto de perto.

Trinco os dentes, de frustração, pois sinto o desafio vindo dele, na maneira tranquila, no olhar falsamente sereno. Está bem ali. É um teste.

Encaro meus pés, descalços, sentindo, pouco a pouco, a incerteza de um futuro voltar a me rondar. Em qualquer outra circunstância, não haveria no que pensar. A decisão seria simples... Mas, entre nós, nada é.

A mão dele, morna, toma a minha por cima do balcão.

— Não tente procurar um lado negativo, Katarina — sua segurança e firmeza prendem minha atenção — Estou disposto a pagar o seu preço. É uma oportunidade de ter a autonomia que quer para o seu novo negócio — *droga! A Júlia andou falando demais, pelo jeito* — Então pense como uma empresária, antes de tomar qualquer decisão.

Pensar como uma empresária... Queria poder ser tão emocionalmente inteligente.

Expiro profundamente uma lufada de ar.

— Tudo bem. Eu vou pensar.

— Certo. Te darei até o final do dia de amanhã para que me responda. Do contrário, entenderei que a resposta é não e terei de contratar outro.

— É justo — resmungo, desenhando as imperfeições do mármore com a ponta do dedo.

— Eu jamais te colocaria em algo que não seja bom pra você — ouço-o dizer.

Subo meus olhos imediatamente para os seus, pronta para jogar em sua cara que a afirmação é uma mentira. Uma grande mentira. Ele já me colocou, quando mentiu por meio de suas atitudes que teríamos um futuro juntos. Desisto no último segundo, ao sentir a ferocidade de seu olhar em mim. É exatamente o que quer: uma brecha pra falar sobre o passado.

Ele não merece este reconhecimento. Daniel pode ser um bom cara, mas errou comigo. Disto ele não pode se safar, fingir que não fez nada.

Levo-o até a porta e nos atrapalhamos na despedida. Vou beijá-lo no rosto, os dois acabam indo com a cabeça na mesma direção e quase vira um beijo na boca. Recuo imediatamente e desisto.

— Tchau, Daniel.

— Tchau, Katarina. Senti sua falta... — adorna, numa voz macia.

Daniel

Saio do apartamento sustentando um miserável sorriso no rosto. O destino deu um empurrão para a situação, não nego. E sei que é só uma questão de tempo para que ela aceite. Katarina é inteligente. O que estou propondo a ajudará, e ela está ciente disto. Minha intenção esta manhã não

envolvia levá-la comigo, mas os eventos do dia alteraram o cenário. Tirá-la daqui é a coisa certa neste momento.

Por uma questão de reforço extra, pego o telefone no bolso e faço uma chamada.

— Ei, Dani, e aí, como foi?

— Fiz a proposta.

— Ela topou?

Acabo rindo.

— Você a conhece melhor do que isto, Priscila. Katarina é teimosa, ficou de pensar.

A mulher resmunga algo como “cabeça-dura”, e então volta a falar.

— Obrigada, de qualquer modo, Dani. Se eu puder, tentarei falar com ela... Essa situação com o tal imbecil pode ser pior do que penso, e, honestamente, acho que ela estaria mais segura fora da cidade, no momento.

À menção de sua segurança, meu corpo se retesa.

— Não se preocupe, Pini. Eu também me preocupo com ela e darei um jeito — nem que para isto eu tenha que esvaziar meus bolsos remunerando a pequena tubarão.

Apesar de o que Katarina quer me fazer acreditar, sua parede não é intransponível. Estou disposto a trabalhar duro e remover tijolo a tijolo.



Capítulo 12

Katarina

Ao fim de uma reunião tensa com o conselho, saio tendo a certeza de quem não há volta. Eu não me sentiria bem num ambiente rodeado de tantas raposas, cujo assunto mais importante é maquiar os números a enfrentar a situação de frente. O sistema se mostrou frágil demais. Apesar da devolução aos clientes, sem que eles nem sonhem que um dia foram roubados, e do afastamento de Alberto, a falta em si, cometida por ele, foi tratada com leviandade. Arrisco dizer que não é a primeira vez que valores são “provisoriamente” desviados. Por sorte, nunca antes em uma conta minha, eu tampouco permitiria.

Roubo continua sendo roubo, independente do nome que você queira dar a ele: empréstimo, contingência, ou qualquer das palavras enfeitadas que tenham usado.

Minha cabeça dói mais agora do quando cheguei. Penso em recusar o convite de Pini para o almoço, mas acho que preciso conversar um pouco.

Chego ao restaurante e a encontro distraidamente folheando o *menu*. Os enormes olhos verdes-esmeralda estreitam-se para as opções, mas ambas sabemos que a comida mais calórica da casa acabará em seu prato.

— Ei, garota... — ela abre o sorriso de covinhas tão logo me vê.

Desabo na cadeira livre diante dela.

— E então, como foi?

Massageio as têmporas.

— Um bando de raposas malditas. O cara rouba e eles abafam. Queriam me fazer assinar um termo de confidencialidade a todo custo. Aparentemente, o problema não é aquele mau-caráter imbecil, mas eu.

— Pensei que você chamaria a Jú pra ir junto.

Pego o cardápio.

— Achei melhor não. Embora devesse ter levado.

— Por quê? — ela inclina o rosto meio de lado, atenta.

— Porque, para cada sócio presente, havia dois advogados ao lado. *Imbecis* — rosno o xingamento.

Pedimos ao garçom hambúrguer e fritas, e um belo suco de laranja repleto de calorias. Se somos parecidas em alguma coisa, sem dúvida, é no apetite.

— E o que você decidiu? Sairá de lá mesmo?

Suspiro, profundamente.

— Há algo que eu gostaria de te contar. Preciso de mais uma cabeça para me ajudar a pensar, pois a minha já está incinerada.

Pini me encara, curiosa.

— Ontem, tarde da noite, recebi uma *visita*...

Conto tudo sobre meu convidado inesperado e a proposta. Dizendo em voz alta, percebo o quanto a ideia de estar ao lado dele me anima. Entre uma batata e outra, vou explanando para a mulher, que é uma irmã pra mim, meus medos, inseguranças, sentimentos. É tão, tão bom poder dividir. Eu me pergunto por que guardei meu lance com Daniel por tanto tempo.

— Katy, pelo que está me dizendo, sua decisão já está tomada, na verdade — ela diz por fim, após ouvir uma longa resenha.

Encaro o teto do lugar.

— Isto é o que me assusta... Minha *empolgação* excessiva.

— Gata, honestamente, independente do que tenha havido entre vocês, Dani jamais te prejudicaria. Eu confio nele e...

— Vindo de você, isto realmente significa muito — zombo, interrompendo-a.

Ignorando, ela continua.

— ...o cara está te oferecendo uma coisa legal. Há anos você fala em se dedicar ao seu negócio, por que não agarrar a oportunidade?

— Meu medo é sair desta ainda mais ferrada, Pini — esfrego as batatas pelo molho *barbecue* — Você sabe, o infeliz tem todas aquelas qualidades.

Ela ri de mim, balançando a cabeça como quem me considera um caso perdido.

— Lembre-se então de seu plano de amizade, oras. Você é esperta e vai tirar isso de letra. Daniel não saberá o que o atingiu, e no final, ainda te pagará uma boa grana.

— Pelo menos isto, não é?! — brinco — Ressarcimento financeiro por meu prejuízo afetivo.

Toco meu copo no dela, brindando ao meu passo incerto rumo a um futuro desconhecido, mas ciente da decisão tomada.



Decidida, chego em casa, pego o celular e envio uma mensagem para o número de telefone que me ligou esta manhã.

Mensagem: “Eu aceito sua proposta”.

A resposta vem em seguida.

✉ **Remetente:** Bastardo

Mensagem: “Boa decisão. Não esqueça que partiremos para o litoral logo após o evento. Leve sua mala com você”.

✉ **Destinatário:** Bastardo

Mensagem: “Tudo bem, levarei... Só, por favor, não me ferre de novo”.

Não sei por que fiz questão de escrever tal coisa. No fundo, quero apenas que ele saiba o quanto importa pra mim. Sou ressentida? Pelo visto, sim. No entanto, não pretendo ser pega de surpresa outra vez.

Espero pela resposta, numa expectativa desconcertante.

✉ **Remetente:** Bastardo

Mensagem: “Nunca foi minha intenção”.

Com ou sem intenção, ele fez. Espero não estar cometendo o segundo maior erro da minha vida.



Final da tarde, passo na floricultura da Alice para contar a novidade. Percebo o quanto a mulher parece feliz. Benjamin está fazendo bem a ela. É notável (e me preenche com certo alívio, achei este casamento um tanto precipitado, confesso). Conversamos um pouco sobre o evento da próxima semana, que estamos organizando em prol do centro comunitário de Dominic. Tivemos que adiar em função da viagem e depois do acidente dela, mas agora está tudo certo. Dominic, um cara incrível, do bem, merece nosso esforço.

Saindo da floricultura, ligo pra Júlia. A garota tenta disfarçar, mas a notícia a empolga, mais do que a mim. Apesar de sua risadinha, deixo claro que estou vendo esta situação como uma oportunidade de crescimento profissional, e nada mais. Uma mentira contada muitas vezes acaba virando verdade, não dizem?

À noite, faço a mala. Junto de roupas e sapatos sociais acrescento alguns itens de praia, roupas

leves, biquíni (porque, afinal, pretendo também tomar um solzinho!), protetor e bronzeador... enfim.



Capítulo 13

Katarina

Depois de algumas horas cuidando de meus cabelos e maquiagem, visto-me para o evento. Coloco um vestido discreto de mangas longas e deixo a sensualidade por conta do Louboutin preto de salto fino altíssimo e solado vermelho, meu melhor sapato, na verdade.

No endereço informado pelo GPS, estaciono onde consigo, em meio a tantos carros. Desço e olho para a loja enorme, num terreno só dela, iluminada por luzes coloridas que se estendem pela fachada trazendo a marca de Daniel. É impressionante, não nego.

Dentro, logo me deparo com Alice auxiliando na recepção dos convidados. Beijo-a no rosto e ela aponta para onde estão Benjamin, Júlia e Frederico, e também Pini, que veio com a Gabi. Ambas loiras e lindas como sempre, Gabrielle um pouco mais alta e magra. As mulheres têm aquele tipo de beleza natural estonteante, destacam-se onde quer que estejam. Júlia, castanha maravilhosa, não fica para trás.

Jú e Daniel não se parecem fisicamente, ela puxou ao pai nos cabelos escuros, e ele, por outro lado, de olhos verdes exóticos e cabelos beirando ao castanho claro quase loiro, puxou à mãe.

Atada à Alice, ando até onde nossos amigos estão. No caminho, observo o interior da loja. Tudo remete à aventura, das plotagens nas paredes à música pulsante. Dá até vontade de praticar um esporte.

— Você fez um belo trabalho, gatinha — sussurro para Ali.

— Obrigada — ela sorri suavemente — Sabrina acha que este é o evento mais legal que já fizemos.

Sabrina é sua atual sócia.

— O último é sempre o mais legal, não é? — pisco, cúmplice, e a enrosco pela cintura.

Ao me aproximar de nosso grupo, recebo elogios das meninas sobre meu visual. Aceito a taça de champanhe que o garçom oferece e viajo o olhar em volta, no meio de tanta gente, procurando algum sinal de Daniel. Não o vejo.

— Vestiu-se para impressionar — Pini cochicha, provocativa.

Viro metade do líquido geladinho para a garganta.

— São seus olhos, Priscila... — brinco — Há alguma comida por aqui?

— Lá — aponta para uma mesa do lado oposto — Alice encomendou canapés fantásticos.

— Bem, se minha presença aqui é necessária, mereço também algum prazer — sussurro,

fazendo menção à condição do bastardo.

— *Algun* prazer? Tsc, tsc... Continue se enganando, Katarina, quem sabe assim você se convença.

Reviro os olhos, rindo, apesar de tudo.

— Já volto.

Diante da mesa repleta de opções, fico em dúvida sobre o que escolher. Pequenas barquetes recheadas parecem apetitosas. Talvez comendo eu sane um pouco do nervosismo que senti durante todo o dia.

— Belo evento.

Viro o rosto, atraída pela voz muito próxima, e encontro um homem alto, forte, com ar esportista, servindo-se de alguns canapés.

— Sim, tudo está lindo — devolvo, simpática.

— Rico — ele desocupa a mão direita e a estende para mim.

“Pobre”, a piadinha vem na ponta da língua.

— Pode dizer — ele ri de um jeito charmoso, lendo meus pensamentos — É um comentário meio obrigatório, sabe? — sussurra, brincalhão.

Mordo um riso.

— Na verdade, eu ia dizer meu nome — pego em sua mão — Katarina.

— Nome forte, bonito — elogia, sedutor.

— Obrigada, Rico. O seu também é... — finjo pensar na definição, devolvendo o flerte de leve — *interessante*.

O cara abre um sorriso mais amplo. Sedutor. Em outra circunstância, eu adoraria saber mais sobre esse belo pedaço masculino de gente. Mas não hoje. Lembro-me, persuasivamente, de que minha presença aqui é profissional, paquerar *não* faz parte do trabalho.

— Preciso circular um pouco, Rico, a gente se vê por aí — dando uma piscadela, saio sem comer nada. *Droga!*

De longe, vejo Pini e Gabi papeando com dois bonitões. Paro então para analisar o entorno com um pouco mais de atenção e percebo que este lugar, na verdade, é um paraíso de pessoas atraentes. Homens atléticos estão por todo o canto, uma distração!

O que posso fazer se flertar está no meu sangue? É divertido paquerar de vez em quando.

— Rindo sozinha? — o som macio e muito familiar me surpreende por trás.

Sem necessidade de olhá-lo, meu corpo o reconheceria a milhas. Empertigo as costas e beberico a champanhe antes de me dirigir a ele, agora ao meu lado.

— Boa noite, Daniel.

— Noite, Katarina. Você está muito bonita — Deus, eu amo sua voz macia.

A proximidade me permite server (discretamente) seu cheiro delicioso. Meu corpo inteiro se liga numa velocidade extraordinária, feito um disjuntor aceso. Este homem me afeta de uma forma que não pode ser saudável.

— Obrigada, você também está...

Giro levemente o rosto para checá-lo, e perco o que eu pretendia dizer. O desgraçado é lindo. Camisa poá azul escura ajustada à sua excelente forma física, deixando transparecer um pedaço do relógio e as fitinhas da pulseira de couro sobre o pulso; jeans, cabelos grossos bem penteados num corte mais rente junto à orelha e maior em cima; a barba, no tamanho certo, contornando o maxilar quadrado e o sorriso que me desarma completamente. *Maldito bastardo bonito!*

— ...bem. Você parece bem — engulo depressa um pouco do champanhe para saciar a secura repentina.

— E então? Qual é a graça? — questiona com discreto bom humor.

Como sempre, em sua presença recente, um bichinho dentro de mim sente-se tentado a provocá-lo.

Sacudo o ombro de leve.

— Na verdade, estou impressionada com a quantidade de homens bonitos neste lugar. Eu me pergunto onde toda essa gente se esconde.

Não preciso olhá-lo para saber que o acertei. Ouço o grunhido. Noto-o mais duro ao meu lado.

— Trouxe a mala? — sua impassibilidade é uma boa máscara.

— Sim, está no meu carro, que por sinal foi devidamente abastecido e, os pneus, calibrados, senhor — brinco, numa continência.

Ele pisa um passo à frente e se vira completamente para mim, tomando posse de tudo. A taça em minha mão vacila, denunciando que não sou tão segura perto deste sujeito quanto exhibo.

— Você não vai precisar dele.

Derrubo o rosto meio de lado, pega de surpresa por seu tom.

— Por que não?

Pela maneira como me encara, profundamente, sei que estou prestes a não gostar da resposta.

— Porque você corre muito e meu carro é melhor para pegar a estrada — declara como um fato.

Dou uma risada abafada.

— Agradeço e vou fingir que não fiquei ofendida, mas não posso ir sem ele.

— Medo de uma carona comigo? — a audácia, misturada à zombaria, é exatamente o que me excita no filho da mãe.

Lentamente, levo a bebida à boca e saboreio o líquido fresco.

— Terei de retornar para um compromisso aqui, em alguns dias — explico, evitando seus

olhos penetrantes.

— Voltarei com você — diz, plácido, posicionando-se mais uma vez ao meu lado e analisando o ambiente, num ar de quem ganhou uma batalha.

— A ideia é tentadora... — resmungo com ironia.

De repente, um ponto vermelho atrai minha visão para a porta, e é quando eu a vejo. A *discreta* namorada modelo acaba de chegar.

Água fria cai cortante sobre a pele, figurativamente.

Nunca antes a expressão “quer aparecer põe uma melancia no pescoço” fez mais sentido. Vestida num longo vermelho, a fenda que sobe pela lateral de sua perna à virilha quase encontra o decote que desce do vão entre os seios até um pouco abaixo do ventre. Veio para causar reações, definitivamente. Poucos são os que não a notam.

Desnecessária.

— Acho que sua namorada chegou... — reflito, baixo, em tom doce, como se ela precisasse ser anunciada.

Penso ver um leve desagrado na expressão de Daniel – ciúmes, talvez (embora a ideia me cause náusea).

— Deixe-me aproveitar este pequeno paraíso de homens bonitos, com licença — sorrio, inocente.

Sem esperar, saio de perto dele, enjoada. Tolice da minha parte achar que tenho o direito de reclamar. São namorados, simples assim. A presença da mulher é a coisa mais natural.

Vou onde Júlia, Frederico e Benjamin estão.

— A mulher tem estilo — Jú cochicha próximo ao meu ouvido, em tom irônico.

— E pernas enormes — zombo, espirituosa — Poderia doar um pouco pra gente.

Rimos como duas adolescentes travessas.



Passo a meia hora seguinte conhecendo pessoas, conversando amenidades aqui e ali. Percebo que grande dos presentes têm relação com o negócio. São compradores, empresários, esportistas. Daniel encontrou um bom nicho, e é respeitado por essa gente. Por falar nele, não o vejo, tampouco a namorada, e no fundo até penso ser melhor assim. Desde que ela chegou, um pensamento martela em minha cabeça, feito um bate-estacas: será que Nicole também irá para o litoral? E pior, com a gente?

Não. Acabo de me decidir. Se ele for sozinho, irei no mesmo carro. Se ela for também, não há Cristo que me obrigue a aceitar a carona. De jeito nenhum.

O dilema mareja meu estômago.

Preciso de um banheiro, umedecer a nuca; talvez botar os canapés para fora.

Discreta, saio então à procura de um. A loja é tão grande que tenho de desviar das pessoas pelo caminho, afastando-me mais. Diante de uma porta, questiono a falta de informação de para onde ir, mas como nesta ala há somente ela, presumo que seja o banheiro. Ao abrir, todavia, descubro meu erro. Não é o que eu procurava... menos ainda o que eu gostaria de encontrar.

Num escritório bem mobiliado, me deparo com Nicole, em seu vestido vermelho escandaloso, ajoelhada na frente de Daniel, abrindo sua calça com desespero. Ele, inclinado sobre ela, a segura pelos braços. Poderia ser um simples flagra de um casal apaixonado, algo tão comum (cansei de presenciar cenas assim em barzinhos, baladas...), mas esta, especificamente, é perturbadora. *Perturbadora!* Como nada que eu já tenha presenciado.

Quero sair correndo, apagar a maldita visão da mente, mas não consigo. Simplesmente não consigo. Chumbo prende meus pés ao chão, fixando-os.

Estática, apenas assisto.

Acho até que grunho.

E é quando nosso olhar se encontra. A expressão em seu rosto vai de determinado para surpreso, rapidamente (bem, até eu estaria se tivesse sido pega em flagrante). O homem separa os lábios, talvez querendo me dizer algo, mas é tudo muito rápido.

Não espero para mais. Nunca fui uma boa *voyeur*, de qualquer forma.

Envergonhada, de rosto quente e um ardor apertando a garganta, sibilo um pedido de desculpas (ilógico) e me viro, saindo com pressa. A pressão apertando meu peito é pra lá de dolorosa. É óbvio que eles transam! Mas uma coisa é saber, outra completamente diferente é *vê-lo* ao vivo.

Nada me preparou pra isso.

Dói pra burro. Ensurdece, náuseia, mexe até mesmo com o senso de equilíbrio do corpo. O esforço para apressar os passos, um na frente do outro, em cima do salto, é duas vezes mais penoso.

Desnorteada, no caminho de volta, enxugo uma lágrima solitária com o pulso e... dou um esbarrão duro em alguém bem grande.

— Ei, Katarina! Também estou feliz em te ver de novo — Rico brinca.

Ao me observar, o tom muda.

— Está tudo bem?

Olho-o, mas não consigo de fato enxergá-lo. Minhas mãos e corpo tremem, nem mesmo sou capaz de coordenar um pensamento.

— Você quer ir lá fora tomar um ar? — oferece.

— Gente demais... Pre-preciso ficar sozinha — sussurro, enquanto me esforço para não decair.

— Não lá em cima, venha.

Gentilmente, ele pega minha mão e me conduz por um lance de escadas. Subimos para um terraço amplo, com grama sintética no chão e vasos enormes de plantas de verdade por todos os

lados. A noite fresca baixa sua névoa sobre o lugar.

Absorvo algumas respirações mais profundas, até que posso dizer qualquer coisa.

— Como você sabia? — aponto para o espaço.

— Eu estava aqui há alguns minutos, também precisava respirar longe de toda essa gente.

Encosto no muro, necessitando de apoio, e, num suspiro profundo, fecho os olhos. Ele ama a namorada. E não há nada de errado nisto. Aquele homem não é meu, nunca foi, na verdade. O que me incomoda é essa ilusão que meu corpo cria quando estamos próximos desde que ele voltou, uma falsa sensação de que ele, em algum grau, também é atraído por mim. Involuntariamente, acho que alimentei outra vez o sentimento. Esta dor só tem uma culpada: eu mesma.

— Melhor?

Abro os olhos e encontro a expressão preocupada de Rico.

— Aham... — lambo o lábio ressecado, perdida em minha pele — Ah, obrigada. Você foi muito legal...

— Fico feliz em ajudar — algo na maneira descontraída como ele diz isto me leva a refletir.

A vida deve ser leve.

Deve ser boa. Não um drama.

E eu posso ter o controle de meu coração. Talvez eu não verdadeiramente desejasse isto até então. Talvez eu não ame este Daniel de agora, e sim a memória do que fomos um dia. São suposições que só o tempo conseguirá confirmar. Não preciso ser prisioneira deste sentimento. E não vou ser.

— Me beija — peço, de supetão (até mesmo para mim).

— O quê? — o cara questiona com ar divertidamente curioso, como quem perdeu uma parte da conversa.

— Gostaria de me beijar, Rico? — formalizo o pedido, num gracejo.

— Mulher, você é direta, hein — diz em tom baixo, gostoso — Eu poderia gostar disto...

Por favor, me faça gostar!

Atendendo ao meu pedido não formulado, sua mão áspera se emaranha em meus cabelos, indo para a nuca, enquanto se aproxima de meu rosto, devagar, seduzindo, explorando o terreno.

Fecho os olhos, ignorando o ribombo no peito, e me concentro em viver o beijo com um estranho charmoso e agradável chamado Rico, que tem um cheiro bom e lábios macios, quentes. Levo a mão ao seu ombro para me escorar; quando percebo, estou presa contra o muro, sendo devorada, buscando isto também. Imagens do rosto do homem se misturam às de Daniel em minha mente, e eu me entrego mais às sensações. Vou fundo, tateando as costas largas, os braços fortes, buscando ter somente a excitação como guia.

Vou esquecê-lo. Preciso tirá-lo definitivamente de mim.

De repente, uma força muito superior a tudo o que tento administrar em meu interior me impele a abrir os olhos, parecendo magnetizada por um ímã... e o encontro ali, no topo da escada. Um Daniel lívido. Nosso olhar se cruza pela segunda vez na noite, em posições invertidas. Penso enxergá-lo com transparência: a raiva, a decepção, a mágoa, tudo no belo rosto. E, no segundo seguinte, ele dá as costas e some.

Ele me viu... e talvez, minimamente, eu também o feri.



Capítulo 14

Katarina

Sobrecarregada, afasto-me de Rico, tomando um pouco de espaço.

— Desculpe... — murmuro o pedido desconexo.

Rico aceita a distância.

— Pedir desculpas por me beijar não é lisonjeiro, Katarina — brinca.

Esboço um pequeno sorriso, sem muita energia.

— Katy — a voz cuidadosa de Júlia nos surpreende, atraindo meu olhar para ela, parada no topo da escada, no mesmo lugar onde seu irmão esteve há poucos minutos.

— Desculpe interferir, mas...

Volto-me para Rico, que compreende o pedido.

— Vou estar lá embaixo — diz, depois de deslizar os nós dos dedos por meu rosto.

— Obrigada — sibilo, antes que ele saia completamente.

Júlia e Rico se cruzam no caminho, ela dá uma rápida olhada nele, e vem até mim.

— Tá tudo bem? — questiona, sondando a situação.

Observo-a melhor.

— Por que está aqui, Jú? Aliás, como me achou?

Sua expressão ilegível me sonda por mais um instante.

— Júlia? — forço.

— O Dani... Pediu pra chamar você...

No segundo seguinte, o olhar curioso é substituído por um sorriso um tanto cúmplice — espertinho eu diria.

— Na verdade, Katy, ele me pediu pra te *arrancar daqui*, com estas palavras — revela, achando graça.

Oh...

— Ele viu... — ela aponta para trás, como se Rico ainda estivesse ali — Acho que ele viu vocês.

Engulo em seco e encolho os ombros, pela primeira vez na vida envergonhada em sua

presença.

— Só estou me divertindo, amiga.

Ela sorri.

— Eu sei — seus dedos correm por meu cabelo, ajeitando-o no lugar — Acho que ele não gostou de saber disso. Bem, se quer minha opinião sincera...

— Você sabe que quero, diga...

Ela dá de ombros, convencida,

— Ele está com ciúmes de você, Katy — afirma, convicta.

A hipótese é expressada com tamanha naturalidade que me traz uma certeza muito desconcertante de que Júlia sabe sobre nós.

— Desde quando...? — questiono, sem precisar elaborar.

A mulher entende a pergunta e revira os olhos, lógica.

— Você é minha irmã, garota. E, por uma coincidência genética, ele também. Sempre desconfiei, mas... — ela lança seu braço por cima do meu ombro — Não precisamos falar sobre isto *agora* — reforça o “agora” — Vim mesmo para dar o recado, amiga. Ele disse que está te esperando no carro.

— Sim, já vou. Só preciso passar no banheiro antes, estou uma bagunça.



Perto da porta, despeço-me delas com uma promessa de ligar quando eu chegar lá, para avisar que estou bem. Então saio para a noite que se tornou mais fria. Envolver os braços ao redor do meu corpo, caminhando pelo lugar cheio de carros. Não demora, eu o avisto. Sozinho, encostado do lado de fora de um Jeep Wrangler preto, destes modelos novos. Daniel tem os braços cruzados sobre o peito, olhos duros encarando fixamente o chão. Aliás, toda a sua postura é rígida, o que me causa certa hesitação antes de me aproximar completamente.

— Oi... — murmuro, cuidadosa.

— Vamos — diz em tom impassível, mas capto a frieza. Seus olhos tampouco se direcionam a mim.

Bem, eu nem sei o que pensar. Sinto-me como quem cometeu um pecado, uma criança que fez algo errado.

Respiro fundo, ainda com uma decisão em mente.

— Mais alguém vai com a gente? — apesar de cuidadosa, preciso perguntar. Eu não mudei de ideia sobre compartilhar um carro com o casal.

Seu rosto sobe vagarosamente até encontrar o meu. Engulo a saliva seca, desconfortável, e, por

instinto, aperto mais os braços ao meu redor. É como vê-lo transparente para mim. A mandíbula cerrada, olhos tempestivos. O cara está chateado.

— O que você acha? — o som cru de sua voz, grave, controladamente baixo, corrobora minha suspeita.

Ei, *eu* não fiz nada de errado. Aceitei seu acordo de ir ao litoral, estou aqui disposta a pegar carona com ele, mesmo contra tudo o que acho aconselhável... Não tenho que me sentir encolher, envergonhada, como estou.

— Que seja somente nós dois — respondo honesta, petulante, até.

Minha afirmação é recebida como certo deboche, ou comedida tentativa de parecer indiferente. Para ser sincera, detesto este olhar falsamente condescendente que recebo. O infeliz demora tanto a responder que suspeito até estar atrasada: sua primeira-dama provavelmente já está bem acomodada ali dentro.

— Tudo bem, entendi... — aceito, relaxando os braços ao lado do corpo e erguendo o queixo — Sigo vocês no meu carro.

— Você vai comigo — intercepta meu primeiro passo, numa voz explicitamente fria — Não há mais ninguém aqui.

Algo em mim se divide. Uma parte, aliviada por saber; a outra, orgulhosa, não gosta nada desta imposição irônica em seu tom. Ele não manda em mim. Ninguém manda.

— Acho que mudei de ideia, prefiro ir te seguindo.

O ensaio de sorriso sem vida ou humor em sua expressão me obriga a cerrar os punhos.

— Cuidado, pois também posso mudar de ideia...

Paro, inerte, como quem acabou de levar uma bofetada.

— O que... o que foi que você disse, Daniel? — indago muito, muito calma.

— O que ouviu.

Piso um passo à frente.

— Você está me ameaçando?

Encaramo-nos num tipo de duelo de indignação. A verdade é que esse cara é sempre bem-humorado, nunca demonstra perturbação, mas agora, sinto-o também em seu limite. O que me assusta um pouco, não nego.

— Estou te dando uma escolha.

O bumbo surdo em meu peito é enlouquecedor. Um desejo muito grande de cravar as unhas em seu rosto vem em chamadas até as pontas dos dedos. Quem esse maldito pensa que é? Quanta humilhação ele acha que posso aguentar?

— Pois para mim, isto parece uma ameaça, e acredite, eu não sei lidar muito bem com elas... — aviso, entre os dentes.

O imbecil se descola do carro e também vem um passo à frente, intimidante. Ficamos ambos nariz contra nariz. Posso até sentir a respiração quente que sai de suas narinas tocando minha pele. Tremo de raiva, do quanto eu odeio esse cara. Alguém que esfrega sua felicidade em meu rosto, que pensa poder voltar e fazer tudo do seu jeito. Dane-se minha carreira, minha falência, eu já me levantei outras vezes antes, não será nenhuma novidade. O que não posso é suportar isso.

— Vá para o inferno, Daniel — rosno, decretando meu estado de espírito — Ouviu bem? Vá para o inferno!

A veia de sua carótida pulsa ritmada quando ele inclina a cabeça sutilmente de lado.

— Eu acho que já fui, não é? — desafia.

— Então vá de novo!

— Por que está tão irritada, Katarina? O que te chateou tanto?

— Não estou irritada, só não vou deixar nem você, nem ninguém, me dizer o que eu devo ou não fazer, me ameaçando.

Olhos selvagens se estreitam, estudando minhas feições.

— Pois para mim, isto tem outro nome...

Rio, seca.

— Ah, tem? Qual?

— Ciúmes. E se você não entrar neste carro, encerrando essa exibição estúpida de infantilidade, terei certeza de minha teoria.

— Ora... seu... seu! — quebro o contato visual e inclino a cabeça para encarar o céu — Não seja ridículo!

— Tudo bem — de repente, seu tom amansa para um assustadoramente leve — Então vamos — e se afasta, calmo, indo até a porta do passageiro e abrindo ela para mim.

Atordoada, perco a coesão de raciocínio por alguns segundos. Mas o que ele...?

Feito uma estátua, não me movo. Abro a boca, nada sai. Fechado. E abro de novo.

— Nós estávamos brigando. Você não pode simplesmente cessar uma discussão assim!

Rindo, satisfeito consigo, ele ainda se atreve a franzir um beicinho deliberativo, fingindo refletir, e é claro, zombando de mim.

— Não considero “brigar” a palavra certa. Acho que “esclarecendo pontos de vista” soa melhor. Agora, por favor, queira me agradecer com sua presença — aponta o interior do carro, com um floreio cavalheiresco — Antes que a chuva nos pegue na estrada.

Orquestradamente, um relâmpago clareia o céu. Tão conveniente...

— Tenho que pegar minhas coisas no carro — resmungo.

— É claro. Eu te ajudo — oferece. Maldito seja!

Colocamos as duas malas pequenas dentro do bagageiro de seu Jeep. Antes de eu me afastar e

ir para a porta do passageiro, seus dedos quentes envolvem meu pulso, com pouca força, mas o suficiente para que eu preste atenção.

— Mesmo um homem como eu tem um limite, Katarina — diz bem perto ao meu ouvido.

A afirmação arrepia os pelos da nuca, sobressalta o coração, enerva e emociona, numa mistura que somente este cara é capaz.

— Então não devemos testar os limites um do outro, Daniel. E tudo sairá bem.

Evito o clima estranho, me desprendendo e indo assumir meu lugar. Dentro do carro, bem instalada, atada ao cinto, lembro-me de algo importante. Meus planos ao sair de casa esta noite não envolviam ficar sem meu carro. Preciso dele, e se fui forçada a estar aqui, devo devolver a gentileza.

— Tenho um evento na próxima terça, trate de me trazer de volta — cuspo de má vontade.

Indiferente, ligo o rádio no moderno painel. Passo as estações e escolho uma que me agrada. Aumento o volume propositalmente. Se ele me quer aqui, que seja com música.

Daniel desliga o som, utilizando o botão no volante.

— Meu carro. Minhas regras — repete as palavras mesquinhas que eu mesma já usei.

Encaro seu perfil duro, concentrado na direção ao sair com o carro pelas ruas. Eu vou matar este cara, vou empurrá-lo deste carro em movimento e fazê-lo virar uma pasta no asfalto. Será a mais bonita de todas.

Esfrego o rosto com as duas mãos.

Tudo bem.

Caprichosa, busco o plano B. Abro a bolsa e fuço procurando o que preciso, até que encontro meu celular e os fones de ouvido. Corro a *playlist* e desenrolo o fio. Sorrindo de satisfação.

Até que uma mão rápida apanha o aparelho de mim e leva para seu lado, depositando no compartimento de sua porta.

— Oh!

Pisco, desacreditada.

— Você é um bastardo, Daniel, sabia disso?

— Cuidado com a sua boca — avisa, parecendo inabalável.

Bem, se vamos por aí...

— Por falar em boca, como vai sua *namorada*? Por que ela não está aqui com a gente?

Ele me olha de relance, letalmente.

— Para sua informação, não estamos mais namorando.

Finjo que a informação não me afeta.

— E decidiram isto antes ou depois daquele boquete? — minha ironia tem uma pitada de veneno.

O imbecil sorri, pequeno, meio de lado, provavelmente captando meu tom de despeito inadequado.

— Eu não recebi nenhum boquete, Katarina. O que você *acha* que viu foi eu impedindo minha ex-namorada de se humilhar oferecendo sexo. Terminamos há alguns dias — a fala é forçadamente despreocupada — Eu não a esperava lá.

Sei que o assunto o perturba. O infeliz é gente boa demais para se satisfazer com a humilhação de quem quer que seja.

E, por um momento, meu arsenal de respostas boas se esvazia. Eu entendo Nicole. Por ele, acho que teria feito igual, infelizmente.

Opto por atacar, é sempre a melhor defesa para gente como eu (não tão nobre, por assim dizer).

— Sua vida amorosa não me diz respeito, mas vou te deixar um aviso, Daniel, e é melhor você levar a sério — digo pausadamente para que não haja dúvidas — Nunca mais se atreva a me ameaçar, principalmente usando minha carreira. Não sei em que tipo de homem você se transformou, mas não vá tão baixo comigo, pois poderá ser dar mal.

Ele me dá outra encarada, antes de se voltar para a estrada.

— Eu não quis te ameaçar, eu só precisava que você movesse sua bunda teimosa — revela, seco, porém em tom sincero.

— Não quis, mas ameaçou... — rosno.

O volante é apertado entre seus dedos.

— Jamais te prejudicaria, Katarina. Quando deixar sua mágoa de lado, verá isto também.

Infeliz!

— Não guardo mágoa de você, Daniel, não se superestime assim... — mudo meus olhos para a janela, evitando que ele enxergue a mentira em mim.

— Então beijar aquele cara não foi sua maneira de revidar?

Vejo meu reflexo incomodado através do vidro. Lambo os lábios, pensando seriamente no que dizer.

— Sabe — respiro fundo — Um dia eu te amei... amei pra caralho. Pensava em você o tempo todo, Deus, cheguei a acreditar que eu enlouqueceria de tanta falta que você me fez — arranho uma sujeira invisível no painel à minha frente, buscando não trair minhas emoções — Hoje, não mais. Eu te deixei ir. Então tudo o que faço é apenas porque quero fazer. Eu quis beijar Rico, e o fiz.

Ouçoo expirar profundamente. Penso até que não dirá nada... Até que...

— Você finalmente quer falar sobre o passado?

Sinto a armadilha sendo preparada. Mordo a parte de dentro da bochecha.

— Não.

— Tudo bem. Quando estiver disposta a ser honesta consigo mesma, conversaremos.

Argh!

— Sou honesta, Daniel. Se não fosse, não te diria o quanto você me ferrou quando me deixou naquela cama sem nunca olhar para trás. Você me quebrou.

Atinjo-o como um soco na curva do queixo. É a sensação que tenho. Uma pequena vitória.

— Se te ajuda a se sentir melhor, não há um único dia em que eu não pense nisso — diz, rouco, em um tom tão honesto que me toca a alma.

Pisco repetidas vezes, até afugentar lágrimas inadequadas que ameaçam surgir.



Capítulo 15

Katarina

Depois de viajarmos por pouco menos de três horas praticamente em silêncio, imergidos em nossos pensamentos, observo-o estacionar em frente a uma casa grande de dois andares, com paredes revestidas de vidro e altas palmeiras enfeitando a entrada. Um gramado perfeitamente cortado e iluminado se entende pelo quintal, e um caminho de pedras leva até a porta.

É lindo, mas...

— Aqui não é um hotel — constato sem emoção, esperando ele me dizer que vai me levar para um.

— Não. É a minha casa. Você vai ficar aqui, comigo.

— Olhe, acho que não é uma boa ideia...

Parecendo verdadeiramente cansado, ele desata o cinto.

— Não crie uma guerra em troca de nada. A casa é grande e você é uma amiga, não tem porque ficar em um hotel.

E aqui está a coisa de amiga, de novo.

Penso em protestar, mas algo na maneira como me encara, num pedido não pronunciado, vindo diretamente dos olhos, me impele a me calar.

— Eu vejo as fagulhas entre nós, Katarina, esperando por uma palavra, um olhar, algo bobo, para iniciarmos uma discussão. Se quisermos que funcione, devemos os dois fazer um esforço. Eu quero que dê certo, você me entende?

Sim, eu entendo. No fundo, quero o mesmo. Tenho de saber separar as emoções do que realmente está em jogo: meu futuro.

Acato com um aceno de cabeça. O diabinho ao lado do meu ouvido, no entanto, despeja ideias nada ortodoxas. Não vou mentir, já fantasiei estar sozinha com ele em uma casa.

— De minha parte, farei o meu melhor — e estou dando a minha palavra aqui.



O interior da casa me impressiona, tanto a arquitetura quanto a decoração. Sofás amplos trazem conforto à sala aberta que se separa da cozinha por uma ilha grande, de pedra clara brilhante,

refletindo a luz. O piso feito de um tipo de porcelanato transfere a iluminação por todo ele, e um pé-direito bem alto faz pensar que a casa não tem limite. Televisão e equipamentos de som e videogame tomam parte de uma parede.

O espaço que o cara tem aqui é masculino e elegante.

O detalhe que mais impressiona é a visão para o quintal. Atrás da parede de vidro há uma área com piscina ampla e iluminada, cercada por um deque de madeira. Ao fundo, o cenário se perde na imensidão do mar escuro pela noite. É o barulho dele que o torna reconhecível.

Uau!

— Que belo lugar você tem aqui — assovio, verdadeiramente impressionada.

— Eu gosto também — diz, baixo, parando ao meu lado em frente à parede de vidro.

Encaro-o de soslaio, em seu próprio espaço, combinando com o lugar. Bonito de tirar o fôlego, tal como a natureza. Eu não teria imaginado uma combinação melhor.

Suspiro.

— Onde eu vou ficar? — questiono num timbre afetado.

— Venha.

E eu o sigo, vendo-o caminhar à minha frente, segurando as malas. Ao subir as escadas, não consigo tirar os olhos da bunda redondinha, até que Daniel para diante de uma porta e a abre, oferecendo-me passagem. O quarto amplo, com poucos móveis, tem um aspecto muito confortável. A cama ao centro é grande e convidativa. Cortinas semiabertas mostram as janelas que dão para uma sacada de vidro de frente ao mar.

— Vou deixar você descansar enquanto tomo um banho e preparo alguma coisa pra gente comer — sua voz sedosa chega bem perto de minha nuca, eriçando os pelinhos da região.

Minto se eu disser que nossa proximidade, o modo como fala e o fato de estarmos em um quarto não me excita. Nem consigo respirar de tão alerta e sensível.

Não tendo capacidade de coordenar palavras, apenas meneio a cabeça, concordando.

Sinto sua presença atrás de mim por mais um tempo. Até que se afasta.

Libero a respiração presa.

Acho que, definitivamente, ficar na mesma casa não foi uma boa ideia. Tremendo, procuro na mala meus produtos de higiene e vou para o banheiro, revestido de ladrilhos brancos e verde-esmeralda, numa combinação harmoniosa. A água morna opera milagres sobre a pele. Gemo baixinho, satisfeita, deslizando a bucha ensaboada numa carícia macia contra todos os pedacinhos de meu corpo. Dou uma atenção especial ao ponto pulsante desejoso por ser tocado.



Um pouco mais aliviada de toda a tensão, principalmente sexual, retiro as roupas de dentro da

bolsa e avalio minhas opções. Aquele meu lado que pensou em Daniel noites a fio se remexe, inquieto, louco para pôr um pouco de lenha na fogueira faiscando entre nós. Ainda enrolada na tolha, pego uma mensagem de Pini que chega com um conselho, para terminar de atíçar meu espírito já mortificado.

✉ **Remetente:** Pini

Mensagem: “Garota, não pense muito. Viva”.

Maldosamente, visto o short jeans curto de cóis alto e uma miniblusa que cobre do estômago para cima; a peça já foi um camisão largo, branco, com o tecido bem fininho. Cortei as mangas e parte do comprimento e fiz dele uma roupa fresquinha de usar dentro de casa. A cereja do bolo fica por conta da ausência do sutiã. Não é uma jogada honesta, mas é, para mim, um tipo de vingança doce e tardia.

Descalça, caminho para fora do quarto e vou me guiando. A cozinha tem plano aberto para a sala, e é outro cômodo de impressionar... Contudo, para a minha ruína total, nada se compara à cena bem diante dos meus olhos: Daniel, de costas, sem camiseta e usando apenas uma bermuda, com as costas definidas e os braços grandes cobertos de tatuagens que eu nem sabia existir. Seus cabelos, úmidos do banho, derrubam algumas gotas de água, as quais deslizam sobre a pele bronzeada.

O infeliz também não joga limpo.

Tampo brevemente o rosto entre as mãos... maldito seja!

Como em uma daquelas cenas em *slow motion*, ele se vira pra mim, sorrindo de um jeito bonito, do tipo sensual, sem esforço. O peito grande e bem construído traz o começo da tatuagem incrível de um dragão que se estende para a costela.

Dou um passo atrás, incerta sobre as próprias pernas. Nada me preparou pra isso, nem meus melhores sonhos e fantasias sexuais. Minha boca seca. Engulo a saliva, lambo meus lábios e nada parece devolver a umidade (que foi direto para um ponto mais pulsante de meu corpo).

Arfo, discretamente ofegante, ante meu pior e melhor pesadelo. Isto só pode ser brincadeira.

— Fiz sanduíches — ele sorri, sexy, satisfeito com a minha reação, pelo jeito.

— Ó-ótimo... bom — atrapalho-me, tentando forçar naturalidade.

Ele arqueia a sobancelha, divertido.

É óbvio que Daniel não é bobo, ele deve estar totalmente acostumado com a reação que provoca nas mulheres. Ninguém com um rosto e um corpo destes é ingênuo.

Tenho vontade de esbofetear meu próprio rosto traiçoeiro, derretida ao primeiro movimento de ataque do oponente. O cara está solteiro agora. Mesmo sem precisar verbalizar, ambos sabemos o jogo acontecendo aqui.

Devagar, lambo os lábios mais uma vez e, num movimento pensado, junto meus cabelos, enrolando-os e fazendo um coque no topo da cabeça. A miniblusa sobe junto, roçando minha pele,

dando um vislumbre de uma pequena parte dos meus seios.

O sorriso brincalhão de seu rosto se esvai, seus olhos aumentam de tamanho.

Rá!

— O que foi? — pergunto inocentemente, olhando para trás, simulando procurar sobre meus ombros o motivo de sua reação.

Dani não diz nada, mas me encara, forte, duro, como seu eu fosse um prato de comida e ele um homem faminto.

Caminho para mais perto e me sento numa banquetta alta, de design moderno, em frente ao cara. Um erro. O perfume característico e banho tomado são uma combinação venenosa para meu olfato.

— E então? — pergunto, amigável — Amanhã você pretende me colocar em contato com alguém específico?

Ainda me encarando com profundidade, ele movimenta sutilmente o queixo barbudo, afirmando.

O pano de prato em suas mãos é deixado de lado. Ele se escora no balcão.

— Vamos visitar as instalações e vou te levar à fábrica onde produzimos as pranchas e parte dos equipamentos de mergulho. Quero que conheça o negócio.

— Legal — assumo o lado profissional (agradecida por ter esta fuga... não me sinto tão corajosa agora) — Eu tenho uma espécie de roteiro de metodologias e documentos para que a empresa possa abrir seu capital.

— Imaginei que tivesse — brinca, adotando o clima.

Ignoro a provocação leve.

— É um processo um pouco longo e exige dedicação, pois teremos que submeter a empresa ao conselho que fiscaliza este tipo de situação. Todos os balanços e as contas precisam estar absolutamente conciliados.

— E estão, Katarina — afirma, seguro — Tenho pessoas muito boas que trabalham comigo. Tudo é feito para crescermos com planejamento — o danado me lança um olhar mais aguçado — Eu planejo *tudo*.

A última frase soa um tanto subliminar. Ele *planejou* me ter aqui?

Empertigando-me, pronta para a reação, busco meu lado espirituoso.

— Que bom ouvir isso — dou meu melhor sorriso de compreensão — Eu também planejo. Tudo.

Sim, isto foi um alerta.

Nossos olhares se trincam. Ele me encara e eu sustento. E aqui está... a terrível tensão sexual, tão forte que pode ser sentida transbordando os poros.

Eu me conheço muito bem. Se eu continuar aqui, em dois tempos estarei agarrada ao seu corpo,

entregue a essa sua virilidade que me desconcerta, me excita, faz o coração ricochetear feito louco, como agora.

Sei que não é amor. Mas é um desejo insuportavelmente carnal o que corre entre nós agora, como raios de energia.

Recuar, meu cérebro grita em estado de alerta.

Sou fraca, é a verdade.

Não confio em mim numa situação destas.

— Eu preciso dormir — sibilo, virando-me para descer — Estou cansada, desculpe.

Antes que eu seja capaz de me mover, Daniel está diante de mim.

— O que foi? — murmura, como uma cobra sorrateira, enquanto descansa as mãos nas bordas da bancada, ao meu redor — O que mudou?

Ainda que não esteja me tocando, eu o sinto em cada fragmento de meu corpo. Meu peito reage com rajadas descompassadas.

— Daniel...

— Você não está com fome, Katarina? — sussurra, desafiando o fundo dos meus olhos.

Com a mão tremendo desesperadamente, toco seu peito, quente feito brasa, na intenção de afastá-lo. Ao senti-lo sob minha palma, percebo que nunca na minha vida eu quis algo tão forte e intensamente quanto eu o quero neste momento. É apavorante me sentir assim.

— Não...

— Por que não? — o hálito fresco roça meu rosto.

Nada jamais me pareceu mais excitante na vida.

O monstro diante de mim inspira, agitando a criatura ainda pior que habita meu corpo.

— Eu quero tanto te beijar, menina, tanto — revela numa maldita voz rouca.

Meu Deus, não.

Tremo e me arrepio dos pés à cabeça.

Fecho os olhos, procurando uma fuga.

— Olhe para mim.

A queimação que atinge minha garganta é descompassadora.

— Nós queremos isso, carinho — sussurra, colando os lábios contra minha orelha, e se afasta para soprar a minha boca — Me deixe te beijar.

Desmancho, como uma parede que recebe uma bola de chumbo contra o ponto central de sua estrutura, rompendo e desabando tudo.

— Então beije — murmuro.

Espero por um ataque faminto, mas o que recebo é o contato quente e fluído de seus lábios contra os meus. Ouço sua respiração ofegante. Cega, tato sua nuca e me seguro nela, como quem agarra uma tábua de salvação. Sua língua invade minha boca e atinge mais do que isto: meu coração.

Nos beijamos.

Depois de quase dez anos, nossas bocas se encontram.

Relaxo contra seus braços agarrando-me para si. No instante seguinte, estou sendo depositada de bunda sobre o balcão. Abro as pernas e envolvo sua cintura.

Gememos, os dois.

Agarro-o com força.

Ele me segura, fundindo nossos corpos juntos.

A fome em Daniel reflete a minha própria. Angústia, tesão, ressentimento, tudo se confunde dentro de mim. Quando ele deixa minha boca e derruba a testa contra a minha, arfo, tendo a certeza de que nunca conseguirei esquecer este maldito cara.

Lágrimas borram a visão.

Se eu despisse minha alma ressentida, será que ele continuaria acreditando que um beijo resolve tudo?

Toco novamente seu peito, com a mesma intenção de alguns minutos antes. Desta vez, levo a ação adiante.

— Eu quero parar...

Meu rosto é apanhado entre seus dedos. Olhamos a verdade e todo o peso dela, um no outro. Daniel meneia a cabeça e aceita... talvez determinado a me dar uma trégua, mas não a vitória. Não contesto. Sinto-me incapaz de pensar com clareza. Sacrifiquei uma rainha, com este beijo, mas ainda tenho um tabuleiro inteiro.

Saltando do balcão, com sua ajuda, deixo-o para trás e calmamente subo os degraus.

À noite, rolo de um lado para o outro, inquieta. Nada resolve ou traz sono. Meu corpo está em estado de alerta. Fecho os olhos, revivendo o beijo, e, sem pensar muito, deslizo a mão para o local onde eu gostaria de tê-lo neste momento.



Capítulo 16

Katarina

Depois de um banho gelado, me arrumo e desço para enfrentar as consequências de minhas decisões. São sete e meia da manhã; embora ele não tenha me dito um horário específico, preferi não me enrolar mais.

Para minha surpresa, Daniel já está na cozinha. Vestido com camiseta e jeans, prepara o café tranquilamente. Ao imaginar sua rotina aqui, sozinho, sou tomada por aquele sentimento de saudade de algo que não vivi. De querer ter feito parte de sua vida. Sei, é uma tortura desnecessariamente autoinfligida.

Sorvo o aroma do café.

— Bom dia — digo sem jeito.

O homem se gira para mim. Não consigo imaginar o que se passa por sua mente, o rosto não dá nenhum indício.

— Bom dia, Katarina — a voz é amena — Preparei nosso café.

Seu olhar então me avalia a partir de baixo, subindo com tranquilidade. Desconfortável, aliso uma ruga invisível na saia lápis, e depois na blusinha de seda azul com alças finas. Mesmo sem entender por que, também arrumo meu rabo de cavalo, verificando se os fios estão no lugar.

Percebo que a atenção volta aos meus sapatos de salto alto.

— Sabe por que eu escolhi este lugar para fixar a sede da minha empresa, Katarina? — questiona com certa amabilidade.

— Para ver lindas garotas de biquíni o dia todo? — palpite zombeteira, tentando quebrar o gelo.

— Não — sinaliza um movimento de cabeça, ameaçando um sorriso — Para evitar ternos, gravatas e estas malditas roupas que as pessoas dizem ser adequadas ao trabalho — sua mão aponta meu corpo — Você não precisa se vestir desta forma aqui.

Estufo o peito.

— Vestir-me assim faz parte do negócio, Daniel, eu não estou aqui a passeio — não deixa de ser um recado.

— Tudo bem. Mas é minha obrigação alertá-la de que tenho planos para apresentar as instalações a você. Terá de andar bastante. Seus pés aguentarão sobre estas coisas?

Feito uma loba, sorrio.

— Você se surpreenderia do que uma mulher é capaz de fazer usando saltos.

Guardo a malícia e me dirijo para a mesa de refeições. Sento e espero que ele também o faça, antes de me alimentar com todas as coisas que o homem disponibilizou. Omelete, frutas fatiadas, café, leite e torradas feitas aqui.

— Você sempre prepara seu café da manhã? — escolho deixar o clima leve, conversando sobre amenidades.

— Você não?

— Infelizmente não. Para ser honesta, sou extremamente preguiçosa pela manhã. Fico mesmo com um café de cafeteria e tudo bem.

Segurando uma xícara de café quente próximo ao rosto, ele me estuda.

— A alimentação é o que te garantirá energia para o dia.

Enfio um pedaço de queijo na boca.

— Minha energia vem do café, por sorte.

— Você gostava de trabalhar lá?

Deixo o garfo de lado e o encaro com mais atenção.

— E como sabe que não estou mais na empresa?

Pego algo como uma discreta hesitação.

— Deduzi... você aceitou vir comigo.

Estreito os olhos, e, por hábito, tamborilo os dedos contra a mesa.

— Fale a verdade. Alguém te contou, não foi?

— Posso ter escutado qualquer coisa assim, ontem, na inauguração.

— Humpf...

Respiramos fundo, ambos.

— Sobre ontem à noite — começa a dizer.

— Nada aconteceu ontem à noite — corto-o, encerrando o assunto, e enfiando mais comida na boca (melhor alternativa).

Sorvendo o café sossegadamente, Daniel me lança uma encarada muito reveladora.

— Eu sei o que fez depois que entrou naquele quarto. Mas se quer fingir que não significa nada, tudo bem.

Quase engasgo com o pedaço de melão.

— Eu faço muitas coisas em um quarto, mas nenhuma que seja da sua conta — elevo o queixo, petulante.

Ele se aconchega relaxadamente na cadeira, numa postura irritante, pronto para começar o

jogo. Coçando a barba de tamanho agradável, tenta ocultar o familiar sorriso matreiro.

— Quando meu nome é pronunciado entre gemidos, eu acho que é da minha conta.

O quê?

Não, eu não fiz isto.

— Nomes são meros detalhes — digo, desdenhosa, e abandono de vez a vontade de comer.

— Eu poderia ter te ajudado — encolhe os ombros, risonho.

Bufando, inclino meu corpo para ficar bem perto do seu. Fuzilo-o.

— Sou bastante exigente, Daniel. Acredite, *você* — percorro-o com olhar — não poderia.

Inabalável, o sujeito não perde o humor.

— Se permitir, posso me esforçar em demonstrar que eu poderia sim, Katy, seria um prazer — me chamando por um apelido, o infeliz quer mesmo é provocar.

— Vai sonhando...

— É o que eu mais faço — e se levanta, retirando a xícara da mesa — Acho que podemos ir para o trabalho.

Imbecil.



Chego à sua empresa e duas coisas são bastante impactantes pra mim: a primeira é o tamanho do negócio que Daniel criou sozinho, impressionante mesmo, e a segunda é o ambiente de trabalho. A atmosfera é dinâmica, você percebe o envolvimento de cada um, a satisfação em fazer parte da equipe. Algo incomum de ser ver nas tantas empresas que já visitei.

Observo Daniel cumprimentando a todos da mesma forma, de igual pra igual. Impossível meu coração não se encher de mais admiração. Vê-lo me orgulha, saber que ainda é o mesmo cara honesto e generoso, sem perder a humildade, o conjunto que tanto amei.

Sou apresentada às pessoas como uma amiga de infância que vai ajudar a ampliar os negócios. É assim que ele fala de mim, e não estou chateada por ser chamada de amiga, simplesmente pelo orgulho presente em seu semblante.

Depois de um percurso pelos setores administrativos, sou levada à sala bacana onde um moreno de boa aparência está ao telefone. Assim que o cara nos vê, faz um sinal com o dedo, pedindo um minuto. Observo-o melhor, do tipo fortão, rosto barbeado, bronzeado. No geral, muito atraente.

— E aí, mano, bom dia! — o homem contorna a mesa para cumprimentar — Como foi a viagem?

— Boa, mas toda aquela fumaça e barulho me fez sentir falta de casa — Daniel ri, batendo nas

costas dele.

São amigos, pelo jeito.

Minha presença então é notada.

— Esta é Katarina — ele me apresenta, com uma mão possessiva em minhas costas — Ela é consultora e vai ajudar a gente com aquela questão que te falei.

Daniel desce a atenção para mim.

— Katy, esse é o Matheus, nosso diretor financeiro, e um amigo.

Coloco um sorriso simpático e estendo a mão.

— É um prazer, Matheus. Acho que conviveremos bastante pelos próximos dias.

— Eu espero que sim — o homem brinca, confiante, e aperta minha mão.

De repente, Daniel diminui a distância entre nossos corpos com um deslizar de mão até minha cintura. *Ótimo*, ele acha que precisa marcar território. Guiada pelo bom senso (que quase não tenho), decido não fazer nada a respeito, por enquanto.

Combino com o diretor financeiro de retornar a esta sala assim que o *tour* acabar, para começarmos a analisar as etapas do processo. Daniel me leva pelos outros setores, até a produção, e vai me mostrando cada detalhe. Começo a me soltar e ficar mais relaxada à medida que mergulho em seu mundo.

Ao final da apresentação, vamos então para a sua sala, um espaço grande, mas sem aquela decoração espalhafatosa usual de um empresário da importância dele. É tudo simples, *clean*. Tem sua personalidade.

Pegando minha mão (fato que prefiro ignorar), ele nos guia para um sofá macio.

— E então, Katy, o que você achou de tudo?

Cruzo minhas pernas, arrumando a saia.

— Katarina, por favor — corrijo-o, educadamente.

Ouçoo um bufo contrariado.

Mordo a vitória no meu gesto egoísta. Sou uma ressentida, é mais forte do que eu, não posso fazer nada, não é?

Limpo a garganta.

— Estou impressionada, Daniel — revelo, absolutamente franca — E muito orgulhosa de você, por conquistar tudo isto sozinho, de verdade.

Noto-o um tanto desconfortável. Talvez não esperasse uma declaração tão sincera.

— Eu não fiz sozinho, Katarina, a maioria dessas pessoas está comigo desde o início, acreditaram e me ajudaram.

O comentário não surpreende.

Apesar de ter *stalkeado* Daniel, dissecado sua vida à distância, dentro de mim sempre houve uma vontade muito grande de saber mais sobre ele, por sua própria boca, não importando o quanto doa reconhecer que não fiz parte de nada disto.

Não consigo pensar num momento melhor.

— Daniel... será que posso te fazer uma pergunta?

Recebo sua atenção completa, como se nada mais no mundo importasse para ele.

— Claro que sim. Você tem liberdade para perguntar o que quiser, Katarina.

Mordo a bochecha, pensativa.

— Como? — gesticulo — Como você chegou a tudo isto?

Reflexivo, ele desvia os olhos para o chão, talvez decidindo por onde começar.

— Quando eu saí da casa dos meus pais...

Na frase, tenho de apertar os dedos da mão juntos, buscando momentânea distração. Foi nesta época que ele também saiu da minha vida. Maquio o desconforto e me mantenho firme, ouvinte.

— ...eu não tinha para onde ir. Não queria e nem podia buscar ajuda em parentes ou amigos. Com vinte e três anos, não era certo me escorar em ninguém. Sem muita opção, pelo menos até encontrar um trabalho, bico ou qualquer coisa que me sustentasse, passei uns dias morando na rua até que um sujeito me convidou a vir para o litoral. Era alta temporada, haveria mais trabalho e tal.

Balanço a cabeça, apenas para que ele saiba que estou prestando atenção.

— E eu vim — sorri, fracamente — Consegui um bico numa loja pequena de pranchas de surf. Com o tempo, o dono me ensinou a fazê-las também. Era um passatempo para ele, mas para mim foi uma grande oportunidade. Passei a produzi-las artesanalmente nos fundos de onde eu morava e teve uma aceitação bacana dos caras que iam naquele trecho da praia pegar as ondas mais altas. Conforme eles foram comprando, me davam *feedback* de como as queriam: uma inclinação diferente, maior, menor, ou uma largura, enfim... Acho que tive sorte e um foi indicando para o outro; quando vi, estava com uma lista de espera.

— Uma oportunidade que você soube aproveitar... — é o que tenho capacidade de resmungar, imaginando-o no trabalho manual, se esforçando em uma atividade nova. Um filho de família rica, estudado, jogou isto para o ar e foi atrás de começar de baixo.

— Foi uma época de... *ensinamentos* — noto-o escolher a palavra certa.

— Será que posso perguntar como foi que de um fabricante de pranchas no fundo do quintal você passou a isto, enchendo meus bolsos para se tornar ainda maior? — brinco.

Sou contemplada por aquele olhar que me chama de “espertinha”.

— A demanda — explica — Primeiro as pranchas, depois acessórios, roupas. Conforme os surfistas iam pedindo, fui me interessando mais, pesquisando mais. Conversei com duas costureiras pequenas e fizemos alguns protótipos de roupas específicas, sob medida, para os mesmos caras que compravam as pranchas. Personalizávamos para eles, testávamos novos tecidos e materiais, refinávamos a qualidade a cada pesquisa e foi assim... Até que montamos uma fábrica de verdade,

com funcionários, clientes lojistas e a coisa toda...

— Quando você diz “montamos”, há sócios com você nisto? — de repente, percebo que eu não tinha cogitado a possibilidade.

Ele me olha com mais atenção.

— Bem, não. Sou sozinho. Mas todas as pessoas que começaram comigo ainda estão no negócio. As duas costureiras montaram uma confecção grande que me atende exclusivamente e empregam centenas de funcionários. O homem que me deu oportunidade em sua loja e ensinou o ofício hoje é dono de três lojas exclusivas com a minha marca...

— Todos cresceram com você — complemento.

— Sim.

Sorvo uma grande respiração.

— Sua trajetória é impressionante — este elogio vem de dentro do meu coração — Eu imagino que não foi fácil.

Ele tira os olhos de mim e volta a encarar o chão, distante por alguns segundos, perdido em alguma lembrança.

— Romper com a vida que eu tinha antes foi a segunda coisa mais difícil que já tive de fazer... — revela, num tom de voz baixo.

Recebo então seu olhar profundo, penetrante, mirando minha alma, me desnudando.

— A primeira foi me afastar de você, Katarina — conta com dolorosa franqueza.

Se ele soubesse como foi pra mim quando ele simplesmente sumiu da minha vida... No começo, eu não entendi como foi que tudo mudou tão rápido, ficava tentando pensar em onde eu havia errado e, ao mesmo tempo, cultivava esperanças de que a qualquer minuto ele fosse voltar. Mergulhei numa fase ruim que demorou a passar. A dor parecia física. Eu ficava chorando pelos cantos, enquanto fingia para as pessoas que estava tudo bem.

Não é exagero dizer que dói só de lembrar.

Abaixo a cabeça, covardemente.

— É passado — murmuro, sem emoção.

Ele não diz nada, mas o peso e a energia de seu olhar me encobrem como um manto pesado, sufocante.



Passo o restante da manhã com Matheus, recebendo informações, falando um pouco sobre o que precisarei. Sem poder evitar, almoço com Daniel, mas o pouco assunto entre nós se resume a trabalho.

Um pouco antes das quatro da tarde, recebo uma mensagem dele em meu celular, dizendo que sairemos às cinco. É quando finalmente paro para refletir sobre o erro que eu estava prestes a cometer ontem à noite. Estar perto de Daniel é um perigo. A química que nos cerca é intensa, sensível à pele. Quanto mais tempo livre eu passar ao seu lado, mais complicado será.

Se voltarmos para a casa tão cedo, certamente ficar trancada no quarto não é uma alternativa que ele me dará. Estou no litoral, afinal de contas. Há sempre opções por aqui. Sozinha na sala de Matheus, pego o telefone, após uma lembrança.

— Katy — Pini atende — Como você está, gata?

— Bem, amiga, e você?

— Esse “bem” foi meio murcho, não? — brinca — Está tudo certo por aí?

— Sim, sim... Passei o dia na empresa dele. O lugar é enorme, Pini, você precisava ver.

— Eu imagino.

Segundos de silêncio pairam entre nós.

Expiro dramaticamente, entregando a situação.

— Agora tenho que voltar pra casa com ele, mas eu não quero, Pini. Quase transei com o cara ontem, nem quero pensar na força de vontade que precisei ter para me afastar...

— Se afastou? Tsc, tsc, que decepção, Katarina.

— Não brinque, Priscila. Estou realmente precisando da sua ajuda.

— Garota, você não quer que eu vá aí, não é? — a infeliz está se divertindo às minhas custas.

— Claro que não — bufo — Eu lembrei, na verdade, daquela menina que fazia pilates com a gente, a Paloma, lembra?

— Sim, uma garota legal, mas o que tem ela?

— Eu sei que ela veio morar no litoral, e preciso muito de uma companhia para um *drink* esta noite. Só consegui pensar nela.

Pini ri abertamente.

— Sinto informá-la, mas a Paloma se casou e foi pra Inglaterra com o marido, amiga.

— Droga...

— Lamento, irmã.

— Tudo bem, vou dar um jeito. Falo com você depois, tá bom? Te amo.

— Também te amo, gata... e, Katy?

Chama, antes que eu desligue.

— Sim, Pini.

— Se quer um conselho, procure aproveitar o tempo livre para se divertir. Dani ainda é o mesmo cara legal, deixe ele te mostrar isto.

— Eu me pergunto de que lado você está, irmã...

— Do seu. Sempre do seu.

Desligamos e me encontro no mesmo ponto de onde parti. Eu não posso ir pra casa e ficar tanto tempo com ele. Dez minutos e eu já estava enroscada em sua cintura, imagine indo tão cedo.

Há uma ideia surgindo timidamente... Não é boa, mas é única.

Procuro na internet pelo telefone e disco para o serviço de táxi da região. Combino e reforço a necessidade de que ele esteja pontualmente às quinze para as cinco na portaria.



No horário marcado, desço e o encontro me esperando. Perfeito.

— Para onde, senhorita? — o motorista, um senhor rechonchudo de bigode, questiona.

Excelente pergunta.

— Você sabe onde eu encontro um bar legal na beira da praia?

— Claro — diz, simpático — Há vários, mas acredito que a senhora gostará do *Corazón*, é mexicano.

Aceito a escolha. Pego então o celular e faço a coisa certa. Não posso deixar Daniel me esperando no estacionamento, acreditando que vamos pra casa juntinhos, feito um casal.

✉ **Destinatário:** Bastardo

Mensagem: “Daniel, não é necessário que você me dê carona, tenho um compromisso. Não se preocupe, amanhã cedo estarei em casa para irmos juntos à empresa”.

Eu sei... essa de “amanhã cedo” foi uma informação sugestiva. Acrescentei uma dose extra de crueldade à mentira. Minha consciência pesa, é evidente, mas o lado ressentido se satisfaz.

A resposta vem imediatamente.

✉ **Remetente:** Bastardo

Mensagem: “Que compromisso? Pare de gracinhas, Katarina. Já sei que saiu. Aproveite e peça ao taxista que te leve para minha casa. Há coisas que eu gostaria de falar sobre o trabalho!”.

Sobre trabalho, hein?

✉ **Destinatário:** Bastardo

Mensagem: “Desculpe, mas acho que não expliquei algo sobre o meu trabalho: não o faço 24h por dia. Também preciso de uma folga, independente da pequena fortuna que esteja me pagando. Falo com você amanhã”.

É provável que ele fique um tanto descontente, pensando que meu compromisso imaginário é com algum cara. Mal sabe que nem tenho pra onde ir.

Eu estaria mentindo se dissesse que este joguinho não me excita, pois o faz magistralmente bem. Principalmente quando estou agarrada ao celular, deste jeito, esperando sua resposta, que provavelmente será impertinente, do jeito que gosto.

✉ **Remetente:** Bastardo

Mensagem: “Este lugar é pequeno, Katarina, não se julgue tão esperta. Vá para casa ou eu te busco, a escolha é sua”.

Ele está blefando. É óbvio que não vai me procurar. E se meu compromisso fosse em um motel, ele me procuraria em cada um da cidade, em cada quarto? Claro que não.

✉ **Destinatário:** Bastardo

Mensagem: “Gostaria de vê-lo tentar. Saiba que estou desapontada. Não sabia que você era um chefe tão carrasco. Beijo”.



Capítulo 17

Daniel

Ela gostaria de me ver tentar. Que mulher frustrante! Quando penso que estamos prontos para abrir as cartas e derramá-las sobre a mesa, ela se retrai e volta a me colocar a maldita distância, atiçando, provocando... e mascarando o quanto se importa a ponto de vir comigo para o litoral, confiar em mim em relação ao seu futuro. Somente um tolo que não a conhecesse acreditaria mesmo que alguém é capaz de ameaçá-la e obter o que quer. Eu a conheço. Se ela veio comigo, não foi por temer perder este negócio. Katarina é corajosa demais para isto. Ela veio porque, assim como eu, quer dar uma chance para nós.

O problema é que é teimosa demais para reconhecer. É o meu trabalho fazê-la enxergar, mesmo que a cada oportunidade ela tente fugir.

— Oi, Dani... Por que será que eu imaginei que me ligaria? — Priscila atende ao meu chamado.

Entro e fecho a porta do carro.

— Para onde ela foi?

A mulher sopra uma respiração entediada junto ao microfone do aparelho.

— Que eu saiba, pedi que a levasse aí justamente para manter um olhar seguro sobre ela. Então me diga, você a perdeu?

— Não se faça de boba, Priscila. Katarina certamente avisou alguma de vocês para onde ela iria, ou com quem.

— Dani, me desculpa a sinceridade, mas não sou babá dela. Ela sai com os caras que quiser.

Um homem. A mulher marcou um encontro aqui, bem debaixo do meu nariz?

— Vou lembrar disto, Priscila, quando me pedir ajuda novamente.

— Meu amigo, coloque uma coisa na sua cabeça, quem está te ajudando sou eu. Ela é esperta? Sim, e eu me orgulho profundamente disto, mas se bem me lembro você também era. E a garota está em seu território. Use a cabeça.

Usar a cabeça é um conselho razoável quando Katarina está em causa.

Deslizo os dedos pelo cabelo. É isto o que aquela mulher quer, me ver perturbado.

— Obrigada por ser uma boa amiga e ter cuidado dela, Pini.

— Não fiz por você, Dani. Amo estas garotas. São minhas irmãs. Por isto te digo, pense muito

bem no que está fazendo, para não ferrar a cabeça dela, ok? Não é um conselho, mas um aviso.

Katarina

O motorista para numa região bem movimentada, de calçadão iluminado e diversos bares à beira-mar. Pago e dou uma gorjeta em agradecimento à boa escolha.

Entro no barzinho legal, ornamentado com um baita chapéu mexicano na entrada, ambiente de aspecto rústico, coberto de palha e chão de madeira. Peço uma água de garrafa. Não posso consumir álcool sozinha num lugar estranho e correr o risco de ter meus reflexos alterados.

Com a garrafa em mãos, retiro os sapatos e começo a andar na areia fofa. A brisa que vem do mar é relaxante, e a paz da imensidão do oceano é tudo o que eu precisava neste momento. Minha vida é muito agitada, por escolha minha, é claro. Gosto de pessoas, movimento, coisas assim levam embora o sentimento de solidão. Quando eu tinha dez anos, minha mãe morreu; foi uma das piores épocas da minha existência, meu pai ficou arrasado e mal soube como lidar com tudo o que estava acontecendo, tive de ser forte por nós dois, ainda criança. Por algum tempo, minha educação esteve nas mãos de babás, até que ele pudesse se recuperar.

Naquele período, foi a amizade de Pini, Júlia e Alice que me inspirou a continuar em frente. Eu sabia que aquelas meninas eram o lado bom da vida. Com elas eu me sentia em família, em casa. E também havia Daniel, que cuidava de mim, me ouvia, me protegia, e quando eu estava em alguma confusão, era pra ele que eu corria. O cara era uma de minhas pessoas favoritas no mundo.

Com quinze anos, numa tarde de verão na represa perto de onde morávamos, nós nos beijamos pela primeira vez. Aquilo foi... *surreal*. Mágico. Sou perfeitamente capaz de lembrar o que senti: a energia fluindo de meu estômago para o peito, enlouquecedora; a adrenalina; o desejo de rir e gritar... e o amor, construindo abrigo em meu coração permanentemente. Foi esta a sensação.

Depois daquele dia, as férias acabaram e ele retornou à universidade. Só voltamos a nos ver no feriado da independência, e por Deus, eu já não aguentava mais de saudade. No começo, acho que Daniel não levou muito a sério o que eu sentia, talvez tenha pensado que se tratava de paixonite adolescente, mas eu nunca tive dúvidas de que o amava.

Acredito que ele também tenha me amado, um dia.

E assim a gente seguiu vivendo um romance secreto, de férias e feriados, mas que se tornava mais intenso a cada período que podíamos passar juntos. Eu era dele e ele era meu... até a manhã seguinte ao dia de sua formatura.

Eu havia acabado de completar dezoito anos, e também já cursava a faculdade. Passamos a manhã e a tarde de sua colação de grau em Direito completamente juntos. À noite, após a cerimônia, combinamos de nos encontrar em minha casa. Meu pai estava trabalhando em alto-mar, na plataforma petrolífera, onde normalmente ficava isolado por longos meses. Teríamos a casa somente para nós... e, por fim, nossa primeira *noite* juntos.

Eu ansiava por isto. Daniel sempre me respeitou muito, neste sentido. Brincávamos, nos provocávamos com carícias mais íntimas, mas ele me dizia que deveríamos esperar, pelo menos até que eu ficasse mais velha. Seu cuidado era completamente em função do meu bem-estar. Eu o louvava por ser esse príncipe.

Completar a maior idade foi uma declaração de que eu estava e me sentia pronta.

E ele não me decepcionou. Foi, sem nenhuma dúvida, a melhor noite da minha vida. Ali eu descobri o que era ser mulher, feminina, querida, adorada. Naquele dia, minha alma se uniu à dele e selamos nossa união, pelo menos para mim.

Daniel me amou com devoção. Levou meu corpo a lugares que eu nem imaginava possíveis. E tomou meu coração para si. Vi o dia clarear, nua sobre seu corpo, adormeci em seus braços sabendo que tudo havia mudado entre nós.

E mudou.

Como uma piada ruim do universo, naquela manhã, Daniel discutiu mais uma vez com os pais, principalmente seu pai (um dos sujeitos mais opressores que já conheci); uma daquelas brigas horríveis que eles tinham, e foi embora... sem se despedir. Meu mundo desmoronou. Nem me abrir eu podia, pois fiz de nós um segredo só nosso, algo especial e que ninguém mais no mundo poderia saber.

Nos primeiros meses, eu tive esperança de que ele voltasse, ou entrasse em contato. Mas quanto mais o tempo passava, mais eu sabia que ele nunca voltaria. Caí numa escuridão profunda e não via maneira de sair dali. Sem que se dessem conta, foram elas, Alice, Júlia e Priscila, que me resgataram. Mesmo Júlia, que também estava sofrendo. Ou Priscila, que parecia mais distante naquela época, vivendo sua própria fase de algo que até hoje eu não sei o que era.

Esconder delas o que tive com Daniel é um remorso que ainda guardo. Eu poderia ter contado, mas me acovardei, e depois nunca mais tive oportunidade. Mencionar, ou sequer pensar no nome dele, me trazia dor.

Pisco atordoada quando me dou conta de que já escureceu. Não notei o tempo passar, sentada na areia, olhando para a imensidão agora negra do mar. Passo a língua por meu lábio e sinto o gosto salgado das lágrimas.

Estou ciente de que o que aconteceu entre nós não deveria ter um impacto tão forte na minha vida até hoje, afinal, quantas mulheres ainda amam os homens que lhe tiraram a virgindade ou a paixão da adolescência? Pouquíssimas, a maioria já fez a fila andar. Eu bem que tentei... inúmeras vezes. Depois de quase um ano, passei a sair com outros garotos, fui a baladas, viajei com as meninas, me aventurei em camas de desconhecidos... Enfim... Sinto que andei em círculos, para hoje estar hospedada na casa dele, perturbada deste jeito.

De repente, um casaco quente é colocado sobre meu ombro, assustando o inferno em mim. Dou um pequeno salto no lugar e olho pra cima.

Daniel.

Aqui.

— O quê? Como? — me atrapalho, sem presença de espírito suficiente para me recompor a tempo.

Silencioso, ele se senta ao meu lado, na areia.

— Como você me achou? — questiono em voz baixa.

Ele olha tranquilamente para o mar, inexpressivo.

— O taxista que te trouxe.

Que raio de taxista dá o destino de seus passageiros? E se Daniel fosse um assassino me perseguindo?

Finco os dentes no lábio inferior com força, tentando não explodir. Ainda estou processando minhas memórias que não são exatamente favoráveis a este homem.

Encaro o oceano, em silêncio, e percebo seu olhar mudando para meu rosto.

— Você estava chorando.

Oh, que gênio.

Respiro fundo.

— Eu não estava — refuto, sem emoção.

Sem considerar meu humor, seus dedos gelados deslizam o caminho da lágrima por minha bochecha.

— Por que fugiu de mim? — penso captar a derrota na voz baixa, rouca.

Não respondo. Ele deveria saber a resposta pra isso.

— Tudo para não ficar sozinha comigo? — insiste.

Continuo quieta. Recolho meus joelhos para junto do peito e enlaço os braços em volta das minhas pernas, numa posição de proteção.

— Fale comigo, menina — sussurra pertinho do meu rosto — Eu preciso ouvir de você o que quer esteja pensando. Grite, brigue, desabafe, mas não me ignore ou fuja de mim.

“Menina”.

Fecho meus olhos, pressionando-os com força, e trago ar em quantidade absurda, tentando evitar a queimação consumindo minha garganta.

Decidido a obter de mim o que deseja, Daniel se põe de joelhos em minha frente e segura meu rosto entre as mãos.

— Abra os olhos pra mim, Katarina — exige, baixinho — Enfrente o passado e olhe para mim. Não dá mais para fugir, nós precisamos falar sobre ele.

— Não... — sibilo, sem som.

— Por favor — aproxima a boca da minha, encostando-as — Por favor.

Faço o que ele pede, puramente porque sinto o mesmo desespero nele. Abro-os e encontro seus

olhos escuros fixados em mim, tentando me dizer o que sua boca não consegue. Os cílios alongados piscam pesados.

— Devemos enterrar o passado — peço.

— Você sabe que não podemos. Sabe que é ele que está aqui entre nós.

Eu, honestamente, não sei o que dizer. Falar sobre isso com ele nunca foi uma opção pra mim, mas hoje, especialmente, estou mais vulnerável. As memórias estão frescas na minha cabeça.

— Por quê? — é tudo o que eu posso querer saber, é a porta que abro para que ele finalmente me faça compreender.

Daniel entende o momento.

Um meneio de cabeça é a confirmação, para então assumir a habitual seriedade intensa.

— Tente apenas me ouvir com o coração aberto, ok?

— Ok — selo um tipo de acordo tácito.

Calado por alguns segundos, ele foca em meus joelhos, para então voltar a me encarar.

— Meu plano era te buscar...

— Entendi, eu só tinha que continuar esperando, então — ironizo, é inevitável.

Sou repreendida por um arquear de sobrancelha.

Prendo meus lábios numa linha fina.

— Eu te contei que morei nas ruas, mas não te disse que passei fome, fui roubado, espancado e não tive onde sequer me alimentar. Mesmo aqui, nesta cidade, durante alguns meses.

A dor que sinto é silenciosa, mas excruciante, pois mentiroso Daniel nunca foi.

— Lamento por isto — consigo dizer.

Permanecendo de joelhos, talvez com medo de que eu desista, ele continua.

— Meu único pensamento durante aqueles meses era que eu precisava de um trabalho para me estabelecer e voltar para você. E era isso que me guiava.

— Não poderia ter me ligado, mandado mensagem, qualquer coisa?

Recebo uma expressão de irônica desconfiança.

— Ambos sabemos o que você teria feito, Katarina. Você viria correndo, querendo me ajudar. Acha mesmo que eu permitiria que abandonasse a faculdade, seu futuro, suas amigas, para se afundar numa situação incerta junto comigo?

Minha língua pesa uma tonelada; mesmo assim, consigo rebater.

— Todos teríamos te ajudado, Daniel. Eu, o meu pai, a Jú.

Ele sacode a cabeça com evidente contrariedade.

— Não. Você não sabe o que meu pai me disse naquele dia e, mesmo sem querer, o quanto ele

me abriu os olhos para a vida. Eu era nada mais do que um moleque sustentado por ele, e não queria mais aquelas amarras. Não suportava mais elas. Eu precisava receber por mérito, provar a mim mesmo que aquele domínio não poderia me esmagar como fez a vida inteira. Que tipo de homem eu seria pra você, se saísse das asas dele diretamente para a de alguém me prestando um favor?

— Isto é orgulho.

— Pode até ser que sim, na época, o orgulho ferido de um jovem. Mas aqui fora, no mundo real, eu percebi que a vida era ainda mais dura do que estar na sombra de minha família. Ela me desafiou a não sucumbir. A lutar e agarrar os desafios. Por você. Para ser o cara que você merecia.

— Por mim, não, Dani, por você. Porque mesmo quando pensou que estava me fazendo bem, você nunca se preocupou em verificar — acuso com ressentimento.

Fecho os olhos, me proibindo de chorar. Ele não merece ver minhas lágrimas.

— Olhe pra mim, não fuja mais — exige — Você prometeu que me ouviria até o fim.

Por uma questão de justiça, abro, sem me importar em que ele veja nos meus olhos a dor que causou.

Seu tom amolece um pouco.

— Pensei que você estivesse bem — afirma enquanto seca minhas lágrimas — Eu conversava com a Júlia e ela nunca me disse que você não estava.

Ah, que piada maldita!

— Eu deveria ter mostrado a ela o quanto eu estava quebrada? Isso teria solucionado todos os meus problemas e evitado o sofrimento, por acaso? Pra você tudo se resumiu ao que sua irmã sabia, e não ao que você — enfio um dedo no peito dele — conhecia sobre mim!

Em seu olhar, encontro um misto de frustração e dor.

Dane-se a dor dele!

— Eu só quis o melhor pra você, Katarina.

— O melhor pra mim era ter você de volta! Não percebe? — grito em sua cara.

— Sim — rosna, através da mandíbula travada — Hoje eu percebo.

Pff... Sacudo a cabeça, negativamente.

— Seu arrependimento não muda nada. Você pegou meu coração e quebrou ele ao meio. Me deu o melhor e o pior dia da minha vida, numa fração de horas, como se tivesse planejado uma maldita despedida.

Pego o exato momento em que seu olhar vacila, em que o cenho franze, com culpa.

Ele não... Não pode ser...

Mas pelo jeito é.

— Você sabia que aquela seria a nossa última noite, não sabia? — o som fantasmagórico de minha voz é surpreendentemente estranho até mesmo aos meus ouvidos.

Vejo a resposta no assombro doente de seu rosto. Na culpa impregnada.

— Eu estava no limite, sabia que em algum momento eu deveria tomar uma decisão.

Subo o rosto para o céu estrelado e rio, sem vontade, de decepção e raiva.

— Você me usou.

Meu rosto é apanhado outra vez. Sua boca se cola à minha, num desespero evidente.

— Nunca mais repita isto, Katarina! Nunca mais!

— Como a sua consciência define o que você fez, Dani? Que desculpa você dá a si mesmo para me levar pra cama e fugir? Medo de que outro tirasse minha virgindade? — há tanto rancor que quase me sufoco com ele.

— Escute o que vou te falar, e escute com atenção, Katarina — nele, agora, há a raiva em retribuição — Eu te amei tanto, mas tanto, e de forma tão fodida, que abri mão de você para que seguisse a sua vida sem mim. Porque eu não poderia te dar nada, ouviu bem? Nada!

— Eu não queria qualquer coisa, seu bastardo maldito! Eu quis você, pura e somente você! Te amei como uma doente, ainda te amo como uma maldita doente e jamais te deixaria, entendeu? Jamais seria uma covarde como você foi comigo!

— Pelo menos admitiu que me ama, Katarina, pelo menos você reconhece para si mesma — grunhe com nossas bocas grudadas, sendo regadas com minhas lágrimas de raiva — Porque eu sou tão maldito, como você tanto diz, que sinto a mesma coisa. Que amo uma mulher que me odeia, e a todo custo quer me afastar!

Empurro seu peito; ele não se distancia. Soco o que consigo de seus braços, querendo me libertar.

— Você mente! É um mentiroso! Se fosse verdade, teria voltado bem antes!

É somente então que ele se afasta uma cabeça de distância e me encara, encara de verdade. Transparente.

— Eu voltei. Muitas vezes antes. Estive na sua formatura; no dia em que saiu com suas amigas para comemorar a compra do apartamento usando aquele vestido ridiculamente minúsculo cor de ameixa; na corrida de rua que você e Priscila participaram e você ficou com o quinto lugar.

Sinto meus olhos em órbitas, os lábios se abrindo, mas a voz não vem.

— Posso mencionar dezenas de outros dias que te vi a distância, menina — ele reconhece meu estado de apoplexia e vai amolecendo o tom, sussurrando, fazendo-me enxergar a honestidade — Eu estive lá e quis você como um maluco... Mas tem razão quando diz que sou um covarde, pois fui um, morrendo de medo de descobrir que não representava mais nada pra você.

— O que espera de mim? O-o que espera que eu diga?

— Você já disse, Katarina — desliza o dedo polegar sobre meus lábios — Já disse que ainda me ama, assim como eu ainda sou completamente maluco por você. A gente só tem que ajustar nossa vida, tentar encontrar um jeito de fazer dar certo.

— Fazer dar certo o quê?

— Nós dois juntos.

Meu estado emocional descarrega um pandemônio em meu interior; fico nauseada; cócegas ameaçam ruir a boca do estômago; o coração se fecha em um punho violento, me socando; a cabeça pesa como se eu tivesse levada uma paulada. Um inferno!

E, em meio a isto tudo, sua boca volta para a minha, desta vez lenta, decidida, roçando com calor, me torturando com palavras e sensações.

— Me perdoa.

Lambe, suga o lábio.

— Amo tanto você, menina.

Pressiona a língua, tentando entrar, entre uma mordiscada e outra

— Amo, ouviu bem?

Fraca, cedo.

Beijo-o, entregando minhas emoções. Puxo seu cabelo e me afogo no mar bagunçado de sensações que querem me sufocar, me consumir, me confundir.

Sua boca se afasta e beija meus olhos, sorvendo as lágrimas, cai para a curva de meu pescoço, tragando a pele como um homem que foi privado do que gostava por muitos anos. Jogo a cabeça para trás e gemo, perdida, revelando ao céu estrelado que sou fraca demais contra o que sinto.

Não percebo quando ou como, mas estou deitada na areia. Seu corpo grande encaixa-se ao meu, a perna apoiada no joelho descansa entre as minhas.

— Deus, que saudade eu senti de você. Que maldita saudade — grunhe tão rouco e selvagem.

Gemo, esquecendo que estamos numa praia, e esta, mesmo vazia, ainda é um local público. Esquecendo que prometi a mim mesma dar uma lição neste homem, fazê-lo pagar por anos de dor. Hoje, certeza eu só tenho de que, com Daniel, vai além de entregar o corpo em busca de sensações, como fiz tantas vezes antes.

Quando sua cabeça cai entre meus seios por cima da blusinha, descansando a testa ali, eu, perdida, respirando pesadamente, sei que estamos ambos ferrados e que não há volta.

— Vamos para a casa...



Capítulo 18

Katarina

O retorno de carro é feito em silêncio. Estou imersa em meus próprios pensamentos. Não sou capaz de entender as coisas que se passam na minha cabeça agora, estou excitada, isso é certo, mas ainda há muito a assimilar.

Daniel não força uma conversa, mas seus olhos me vigiam o caminho todo.

Sinto-me sufocada.

Frente à casa, antes que ele desligue o motor, desafivelo meu cinto.

— Eu preciso ficar sozinha — explico

Desço do carro e caminho para a residência, apressada. Quando minha mão encosta na maçaneta, Daniel já me alcançou. Seu toque firme nos meus braços me surpreende. Ele me empurra contra a parede e esmaga seu grande corpo contra o meu, me deixando sem saída.

O baque das minhas costas contra a superfície gelada quase não é sentido, porque meu coração atrai toda a atenção do meu corpo, com sua batida descompassada.

Sem cerimônia, ele desce seus lábios nos meus, duro, esfomeado, sugando tudo. Seu aperto firme me amolece, e por alguns instantes, tudo o que eu consigo pensar é em como eu não posso viver sem isso.

Depois de sugar toda a minha razão, o homem se afasta, me deixando sem fôlego e em estado de alerta.

— Tome seu tempo sozinha — a rouquidão decidida em sua voz é um aviso claro — Pense em tudo o que estamos perdendo, renegando o que sentimos, ok?

Minha boca cai aberta, enquanto Daniel some dentro de casa.

Ando para o quarto sem me dar conta de como. Em cima da cama, puxo os joelhos e os envolvo, deixando minha cabeça cair sobre eles, lutando para não ir atrás e pegar o que eu quero.

Daniel

Deixo as roupas na margem da praia e me enfio no mar. Preciso disto para não bater em sua porta e implorar que me deixe entrar. Dou braçadas, indo contra a violência das ondas; quanto mais

longe, mais necessário. Sinto os pulmões queimarem, a temperatura castigar meu corpo, e é o rosto dela que não sai da cabeça. Pelo menos hoje, finalmente, Katarina pôde me jogar suas mágoas, e pude falar do sentimento que me comeu vivo por todos estes anos.

Ela ainda me ama.

Antes mesmo de revelar, eu já sabia.

Vi a dor em seus olhos na primeira vez que me olhou, naquele jantar. Mas ali, por trás de tudo, também enxerguei o que ela tão valentemente tentava esconder. Seu *amor*.

Foi a esperança dele que me trouxe até aqui.

Que me fez trabalhar como um maluco.

Nunca perdi as esperanças. Cometi muitos erros de percurso, cheguei a desacreditar de uma saída para a gente, mas aprendi cedo que há coisas contra as quais não devemos lutar, assim como há aquelas em que acreditamos; destas, não há como fugir. Katarina e o que sinto por ela é do que não posso fugir.

O mar frio, que tantas vezes me ajudou a pensar, a acalmar a dor dilacerante da solidão, hoje castiga meu corpo do jeito que peço.

Tê-la aqui é uma vitória. Se a menina quer tempo, eu posso dar isto a ela. Esperei tantos anos, o que são horas?

Nada, desde que ela saiba que serão apenas isto: horas.

Se a menina quer pensar, forneci a ela bons motivos e argumentos.

Se ela decidir que não é o suficiente, darei mais. Viverei para fazê-la entender que sou, tal qual ela mesmo disse, doente por ela. Se ela está aqui, é porque quer tanto quanto eu, talvez não tenha percebido ainda, mas quer.

Katarina

Encontro-o na cozinha para o café da manhã, mas evito conversar. Estou indisposta, depois de não dormir nem por uma hora, vivendo e revivendo os acontecimentos. Besteira, estou mesmo é aterrorizada por querer tanto ceder e esquecer tudo.

Sirvo-me somente de uma xícara de café, preto e sem açúcar.

Algumas vezes nossos olhares se cruzam. Daniel está esperando algo de mim, eu vejo e sinto a expectativa na pele.

— E então? — ao ouvir sua voz grave, meu estômago revira.

Olho-o por cima da xícara.

Ambos em pé, em lados opostos do balcão.

— O quê? — desconverso, fingindo-me de tonta.

Já funcionou antes... Pelo jeito, não com ele.

— Você pediu pra ficar sozinha. Eu quero saber se, finalmente, se convenceu a dar uma chance pra gente — direto, como uma bala disparada por um *sniper*, sutil como um elefante numa loja de louças.

Fico tão surpresa com a objetividade, que não aguento e... dou uma risada. Alta.

— Puxa, homem, quanta sutileza — ironizo.

Sem achar graça, como esperava que seria, ele sorve o café antes de dizer:

— Eu já esperei tempo demais, Katarina. Você e eu temos que superar e seguir em frente, honestamente, não quero mais perder tempo. Para o inferno com sutilezas, não acha?

— Tsc, tsc, olha a boca — digo, brincalhona, apesar de tudo, repetindo a frase que mais escutei dele nestes últimos dias.

Ele move uma sobrancelha para cima.

— Convivência demais com certa espertinha de boca suja.

Mordo o cantinho do lábio. É tão *estranho* tomar o café da manhã com ele, na casa *dele*, e ainda ter uma DR logo cedo.

— Acho melhor a gente ir trabalhar, Daniel — argumento, encerrando nosso pequeno duelo matinal.

— Você ainda não respondeu — insiste, muito sério.

Reviro os olhos.

— Sim, eu me convenci que você gosta de mim e me quer de volta.

— E? — sua voz é um desafio impaciente

— E eu preciso pensar. Então me dê tempo pra isso.

Encerro o assunto e levo a xícara para a pia, onde a lavo.

Pego a bolsa e vou até seu carro para aguardá-lo. Obviamente, o homem não gostou da minha resposta. Mas é o que é.

Ao entrar, nem me olha. Imagino que paciência não é uma das muitas virtudes que a idade lhe trouxe. Não vou mentir, seu mau humor é algo que me faz querer rir, querer montar no colo dele e fazer cócegas em sua barriga até que ceda, como fazíamos no passado.

Dirigindo compenetrado e duro ao volante, só depois de alguns minutos ele resolve puxar conversa.

— Você acha que será muito complicado atender às exigências? — pergunta, tranquilo — Da empresa...

Enxergo uma ligeira duplicidade na questão.

Encaro seu perfil. Não posso me esquecer que sou sua contratada e ele está me pagando uma quantia exorbitante, aliás, mais do que é o justo. Antes de responder, no entanto, tomo uns segundos para analisar sua aparência. Tão lindo. Cabelos úmidos quase secando, jogados pra trás, desleixados e arrumados ao mesmo tempo. O homem é um pedaço delicioso da melhor torta do mundo.

— Sua empresa tem tudo muito organizado, Daniel, o processo vai levar a metade do tempo — explico, profissional.

Estamos sob uma nova atmosfera, que eu ainda não consigo definir.

— Eu tenho uma reunião com um fornecedor no final da tarde e pode ser que não termine cedo, Katarina — avisa, mais suave agora, enquanto estaciona o carro.

— Tudo bem, eu pego um táxi — me mantenho na linha, boazinha.

Percebo a olhada desconfiada, mas finjo que não.

Ah, homem... fugir de você é tudo o que não quero, sinto vontade de dizer.

Surpreendendo-me, antes de eu descer, ele me puxa pela nuca e me toma em um beijo ousado, rápido e firme.

— Bom dia — é tudo o que o bastardo sorridente consegue falar.

Estou sem ar ante a paixão ressurgindo no sorriso zombeteiro.

— Daniel... — reclamo, mantendo o hábito.

— Acostume-se — recebo uma piscadela atraente, filho-da-mãe!

Atraente pra cacete.



— Bom dia, Katarina! — Matheus me recebe em seu escritório, educado, contornando a mesa para me beijar no rosto.

— Bom dia, Matheus. Tudo bem? Será que você tem um tempo para analisarmos os detalhes dos balanços que mencionei ontem? — pergunto, gentil.

— Claro, sou todo seu — abre um sorriso limpo.

Um pouco insinuante, mas finjo que não noto.

Passo uma manhã de bastante trabalho. Os balanços financeiros se adequam às exigências, apenas um ou outro fator precisa ser corrigido de acordo com novas normas. Matheus, na verdade, é muito organizado e gosta do que faz.

— Você tem um bom controle das finanças, vai nos adiantar pelo menos um mês de trabalho. Acredite, isso é bem difícil de encontrar — digo, um pouco cansada.

Estamos há quatro horas mergulhados nestes números.

— A estrutura cresceu rápido, mas Daniel sempre manteve tudo com muito controle — revela

em um tom de respeito — Ele faz questão de que tenhamos tudo em ordem, você sabe.

— Faz tempo que você trabalha aqui? — pergunto, curiosa.

— Comprei a primeira prancha que ele mesmo fabricou — sorri de lado — Eu era sufista, mas não estava ganhando nem para me alimentar. Daniel me deu a oportunidade pra vir trabalhar com ele, quando tudo se resumia a uma salinha de três por três.

Seu tom de admiração mostra o quanto ele é leal a Daniel.

— Surfista... eu sonhava em ser surfista quando era criança — dou uma risadinha com a lembrança.

Cada etapa da minha vida vinha com um sonho diferente, mas o surf sempre me pareceu fascinante. Nunca entendi como um homem consegue se manter em pé em cima da prancha, dominando águas tão agressivas.

— Você sabe surfar? — inclina uma sobrancelha, curioso.

Balanço a cabeça com um beicinho.

— Nada — faço uma careta desolada.

— Ah, mas isso não pode ficar assim, precisamos resolver este problema...

Estreito meus olhos, curiosa.

— O que acha de uma aula, amanhã cedo, na praia em que você está?

— Sério? — agora pareço uma criança empolgada.

— Por que não?

— Seria muito legal — mal escondo o sorriso de orelha a orelha.

— Sim, só preciso alertá-la que gosto de ir cedo, que tal às sete?

— Fechado. Estarei pronta.

Eu sempre quis aprender. Se estou aqui, por que não aproveitar?

— Bem, acho que preciso avisá-lo que sofro de falta de coordenação.

— Sabendo nadar é um bom começo.

Conversamos mais um pouco sobre amenidades, tempos de universidade, coisas assim, até que ele indaga.

— Há quanto tempo você conhece o Dani?

Penso um pouco na resposta.

— Ele é irmão de uma das minhas melhores amigas de infância — respondo simplesmente — Júlia, uma irmã para mim.

— Por falar no diabo... — Matheus sorri, olhando por cima da minha cabeça.

Inclino-me na cadeira sobre os ombros e encontro o infeliz bonitão encostado relaxadamente

ao batente. Por sua expressão séria, me ouviu.

— Vamos almoçar, Katarina? — Daniel pede sem nada no tom de voz que indique seu humor.

— Claro — concordo, profissional.

Olho pra Matheus.

— Vejo você depois do almoço?

— Com certeza — ele se levanta, simpático.

Aliso a saia, pego minha bolsa e saio pela porta onde Daniel ainda está parado.

Com uma mão possessiva encostada nas minhas costas, ele me guia pelo amplo espaço lotado de mesas. Estamos indo ao estacionamento e não para o refeitório da empresa.

— Não vamos comer no refeitório? — questiono, discreta.

— Não. Eu vou te levar num lugar aqui perto — a voz é impessoal.

— Tudo bem — sorrio, amena, diante dos olhares das pessoas preparando-se para também para o intervalo.

O homem abre a porta do grande Jeep pra mim. Entro, passando bem perto do seu peito. O infeliz é cheiroso e todo durinho. Tudo nele é como um ímã que me atrai feito metal. Meu grande esforço de não tocá-lo é notado.

Quando Daniel assume seu lugar dentro do veículo, vira-se para mim, encarando-me de maneira um tanto decepcionada. Prendo a respiração, esperando o que sei estar por vir.

— Eu não sou só irmão da sua melhor amiga, Katarina. Somos muito mais um para o outro.

Enfrento seus olhos, com honestidade.

— O que você gostaria que eu respondesse, se eu mesma não sei, Daniel?

— Gostaria que ouvisse mais seu coração e tentasse não lutar tanto contra isto.

— Como se fosse fácil...

Ele toca meu joelho, com a suavidade de um carinho.

— Não é fácil, mas dê essa oportunidade pra gente. Você me ama e eu te amo, nada pode ser mais importante do que isso.

Eu não tenho como argumentar contra isso, não depois de tudo o que foi dito entre nós.



A tarde se passa como um vulto. Conheci algumas meninas na empresa que me convidaram para um *happy hour* depois do trabalho. Curti a ideia. Quanto mais eu ficar longe de Daniel nesse momento confuso, melhor.



Capítulo 19

Katarina

Já se passa das dez da noite. Estou sentada numa roda divertida ouvindo tudo quanto é história sobre os surfistas gatos e as aventuras destas moças, e é claro, estamos todas achincalhando as más escolhas amorosas de nossas vidas.

Como amanhã não vamos trabalhar, fico à vontade para tomar *drinks* e experimentar os coquetéis que elas indicam. Dispensei alguns caras paqueradores que tentaram se aproximar desde que chegamos. Hoje não quero flertar com ninguém. Só preciso de uma noite de garotas, risadas e álcool.

Como uma boa hóspede, deixei Daniel saber que eu sairia com elas, e então desliguei meu telefone.

Estou levemente alterada, e talvez pela primeira vez em três dias me sinto relaxada. Meus sentimentos sobre Daniel estão confusos, metade de mim quer esquecer tudo o que passou e viver o presente com ele, mas a outra metade, aquela com quem convivi nos últimos anos, não quer deixar a mágoa pra trás assim tão fácil. A única certeza que eu tenho é de que eu ainda o amo, e sou atraída por ele irremediavelmente.

O beijo, o contato, o cheiro, a presença, o sorriso... São tantas coisas das quais não gostaria de ficar longe. Eu gosto de Daniel, e os esforços para evitar isso são inúteis.

O álcool deve estar fazendo seu trabalho. Estou melosa, com uma vontade enorme de vê-lo. Pego o celular da bolsa e ligo o aparelho. Há quatro chamadas não atendidas, todas dele. Disco de volta.

— Oi, Katarina — ouço sua respiração calma, falando baixo.

— Oi, Dani... el — brinco com seu nome.

— Como você está?

A voz é atraente, como se estivesse sussurrando no meu ouvido pessoalmente.

— Bem... — mordo meu lábio — Com saudade de brigar com você... — flerto, cochichando lento.

— Nós não brigamos, Katy, só divergimos.

— Ok... estou com saudade das divergências — sorrio — E de você.

— Então me deixa te levar pra nossa casa.

Nossa casa.

— Não é uma boa ideia — mordo o lábio inferior.

— Estarmos juntos é sempre uma boa ideia.

Sinto seu timbre em minha pele como um cobertor macio que me aquece.

— Eu tenho medo de ficar sozinha com você — confesso.

Ouçoo sua risada baixa, gostosa.

— Por quê? — ele também está curtindo nossa paquera.

— Medo de não resistir — diminuo para um tom quase inaudível.

— Então não resista.

Oh, Deus...

Ficamos em silêncio, por um instante. Mordo mais forte meu lábio, segurando um sorriso que já está na minha alma.

— Eu não posso... — fecho os olhos.

— Você pode... Porque eu te amo, Katarina.

Suspiro.

— Eu também te amo, Dani... — pode ser o álcool, mas estou me sentindo tão completa repetindo isso.

— Vire-se. Estou aqui para te levar pra casa, menina.

Ainda com o telefone na mão, eu me viro devagar, tímida e excitada. Encontro-o encostado no bar, lindo de doer, me encarando como se pertencêssemos um ao outro. Estou tremendo, o coração palpitando.

— Há quanto tempo você está aqui? — sussurro no telefone, olhando-o.

— Muito — diz, rouco.

Exalo uma respiração afetada.

Caminho lentamente, com as pernas moles e um pouco tonta pelo álcool. Ele vem me encontrar na metade do trajeto. Seus olhos brilham com luxúria e algo que me parece adoração; somente ele já me olhou assim em toda a minha vida.

Suas mãos grandes e levemente ásperas seguram meu pescoço e a base do meu rosto.

— Você é minha — afirma baixinho, rouco. A respiração quente toca minha pele como uma carícia.

Fecho os olhos e encosto minhas mãos em seu peito, sentindo-o. De repente, é como se estivéssemos sozinhos. Nossos lábios se tocam, lentos, explorando as sensações. E eu o beijo, tomando a iniciativa pela primeira vez. É perfeito.

— Gosto demais de você, sabia?

— Eu também — sorrio, boba — E gosto disto... — roço mais uma vez meus lábios nos seus.

Voltamos para casa. Daniel dirigiu segurando minha mão, em silêncio – palavras não são necessárias.

Em pé na sala, estou zozza pelo álcool e ansiosa por antecipação.

— Você precisa descansar um pouco — me abraça por trás, encostando o rosto na curva do meu pescoço.

Balanço a cabeça lentamente, concordando.

Surpreendendo-me, Daniel me pega no colo. Pareço leve enquanto ele sobe os degraus, me apertando contra seu peito. Estou flutuando e, como se não pudesse ficar pior, sentindo que tudo é tão perfeito como eu sempre sonhei.

Ele passa direto pela porta do quarto de hóspedes onde estou e para em frente à outra porta.

— Daniel?

— Meu quarto — conta, parecendo feliz com a decisão.

Trago o ar com dificuldade.

O local está escuro, mal vejo os contornos dos móveis, a não ser a cama, banhada pela luz da lua entrando por uma enorme janela sem cortinas.

— Este é o seu lugar — afirma — Mas hoje você só vai dormir, Katarina — me deita na cama — E amanhã, quando acordar, eu vou me enterrar em você, profundamente, como desejei por anos. Você não imagina o quanto eu te quis, menina.

A ameaça atraente como o inferno me deixa ligada, desperta.

— Faça isto hoje... — apelo.

— *Shh* — percebo minha roupa sendo tirada — Durma, meu amor.

A última coisa que sinto é o lençol sobre mim e seu corpo me aquecendo. O sono vem fácil.



Acordo admirando o rosto bonito, dormindo e agarrado a mim como se disto dependesse a sua vida. Tenho vontade de rir e chorar ao mesmo tempo. Nem nos meus melhores sonhos eu o imaginava tão perfeito. Seus traços são fortes e marcantes. Ele construiu um corpo musculoso nesses anos todos. Além dos gomos, que fazem um lindo caminho do estômago até onde começa a cueca, as tatuagens dão um aspecto maduro e malvado. A pele tem um bronzeado natural, e até o cabelo fica bagunçado de um jeito atraente... o homem poderia ser um daqueles modelos da Calvin Klein, se quisesse.

E eu poderia ficar horas assistindo ao seu sono.

Putz!

A aula de surf!

Confiro o horário no celular dele sobre a mesinha de lado.

Com jeito, saio da cama em silêncio e corro para o quarto onde minhas coisas estão. Lavo o rosto e escovo os dentes. Visto meu biquíni branco que disfarça um pouco a falta de bronzeado, velho truque, ponho shorts jeans e camiseta por cima.

Tenho de avisar Daniel sobre a aula. Eu me esqueci de falar ontem... e estou sentindo que ele não vai receber muito bem esta história. Não quero brigar, mas não posso cancelar. Matheus foi muito legal se oferecendo e não há nenhum mal nisso. Desço pra sala à procura de uma caneta e a encontro próximo ao telefone.

“Dani, estou na praia tendo aula de surf. Desculpe não ter avisado antes, eu acabei me esquecendo”.

Pareço uma frouxa chamando pelo apelido e pedindo desculpas, mas vale tudo para não comprar outra briga. Estou querendo ficar em paz com ele e estabelecer sentimentos bons sobre o que estamos vivendo. Decidi tentar ser feliz. Simples assim.

Deixo o bilhete fixado na geladeira com um ímã e saio.

O mar fica a menos de cinquenta metros da casa dele. Não há nenhuma pessoa aqui. Começo a me alongar, até que Matheus chega, trazendo uma enorme prancha. O homem é um pedaço de mau caminho (seria hipocrisia negar). Não se compara a Daniel, mas bate um bolão.

— Bom dia, Katarina! — sorrindo, me beija o rosto.

— Bom dia e obrigada por vir, Matheus.

O homem solta a mochila das costas e põe no chão.

— Não por isso — se abaixa, abrindo-a — A primeira coisa de que você vai precisar é disto — uma roupa preta é retirada de dentro.

Ele segura me mostrando.

— Isto é uma roupa importante, que vai te proteger e evitar lesões e arranhões, mas não se preocupe, é bastante flexível — dá uma piscadela.

Observo o macacão feito de um tecido diferente, parecido com borracha. A peça é fabricada pela empresa de Daniel e é novinha. Tiro os shorts e camiseta e me enfio dentro dela. Matheus me ajuda a fechar o zíper nas costas.

— Nós vamos começar com o básico, Katarina, vou demonstrar alguns movimentos aqui na areia, antes de irmos para o mar, beleza?

Concordo, agradecida e empolgada.

— Eu trouxe uma prancha maior, ideal para iniciantes — ele mostra a enorme prancha, com um sol desenhado no centro — Esta prancha foi projetada pelo Dani para as pessoas que querem começar no esporte.

— É bem bonita... — digo, orgulhosa.

A prancha é deitada na areia fofa.

— O surf exige um pouco de equilíbrio e coordenação, sim, mas, acima de tudo, concentração — explica — A primeira regra, e talvez a mais importante: comece com ondas pequenas, o mar pode ser impiedoso.

Aceno que entendi. Droga, minha coordenação motora é péssima.

Matheus se deita sobre a prancha.

— É necessário que você se deite desta forma e comece a remar a partir de onde seu pé não toque mais o fundo.

Demonstra uns movimentos com os braços, simulando que estamos no mar.

— Tente você agora, Katarina.

Ele se levanta. Eu deito e imito seus movimentos, remando com os braços na água imaginária.

— Isto mesmo, quanto mais próximo você estiver da onda, mais você intensifica as braçadas, faça até onde a onda quebrar. Agora vem o próximo movimento, que vai te colocar em pé em cima da prancha.

Levanto e ele me mostra como. Eu devo empurrá-la rápido e com força para baixo, usando as palmas das mãos, na altura de onde meu peito estiver deitado. Firmar o pé necessita de velocidade e equilíbrio.

Treino algumas vezes os movimentos.

— Quando estiver em cima, flexione as pernas. É isso que vai fazer você se equilibrar — faço o que ele diz — Seus pés precisam estar no centro da prancha, e as pernas mais abertas e flexionadas.

Repito mais algumas vezes.

— É um pouco difícil, não é? — sorrio, achando muito divertido.

— Não, você já está entendendo a essência da coisa, cair e levantar faz parte do surf. Agora, vamos passar a parafina nesta beleza aqui — ele dá um tapinha na prancha — E ir para o mar.

Recebo suas explicações sobre como fazer.

— Pronta? — pergunta, confiante.

— Vamos lá, mestre — passo a mão na testa, suando.

Tranço os cabelos e entro na água fria.

Matheus faz uma demonstração prática, surfando em uma onda pequena. Parece tão fácil. Tento algumas vezes e caio todas. Ele é muito paciente, e me ajuda com cada caldo. Aos poucos, consigo ficar em pé, mas não por muito tempo. Quanto mais treinamos, mais remamos além das pequenas ondas. Ele prendeu a prancha ao meu pé, então quando eu caio, ela volta pra mim.

Uma onda um pouco maior vai se quebrar, é agora ou nunca. Remo com toda a força e inclino a prancha para embicar sobre a água, mas acho que me adiantei muito. Recebo uma pancada e sou

jogada em círculos frenéticos.

Matheus me apanha pela mão.

— Katarina — escuto-o me chamando, mas outra onda quebra na minha cabeça, me afundando mais.

Ele entra e me puxa para cima novamente, segurando firme minha cintura.

— Você está bem? — questiona, preocupado — Segure nas bordas da prancha — o homem apoia minhas mãos e eu seguro firme onde indica.

De cabelos bagunçados e grudados no rosto, depois de caldos seguidos, dou ao meu professor um sorriso torto, boba.

— Quase consegui, hein.

Ele ri, mas o cenho franzido permanece.

— Quer parar um pouco?

— Deixa que eu fico com ela, mano — a voz grossa de Daniel corta o ar.

Matheus e eu olhamos para trás, juntos. Daniel tem uma expressão de poucos amigos, em meio ao oceano tão claro quanto suas íris. Meu instrutor me olha, segurando uma risada.

— Acho que é melhor eu deixar ele seguir daqui, Katarina, ou o grande cara vai acabar me afogando — cochicha pra mim, divertido.

Seguro seu braço por cima da prancha.

— Muito obrigada mesmo, Matheus — aperto meu toque — Te devo uma. Quando eu estiver competindo nos torneios mundiais vou dedicar meu prêmio a você — pisco, engraçada.

Ele joga a cabeça pra trás e gargalha alto, se afastando. Daniel e ele trocam uma saudação e meu professor nada para a margem.

Meu *ainda-não-namorado-ciumento* vem nadando e fica atrás de mim, colado, me encoxando.

— Por que você não me disse que queria aprender? — pergunta rente ao meu ouvido, com o rosto colado aos meus cabelos.

Estamos totalmente unidos, minhas costas coladas no seu peito nu, enquanto bato suavemente os pés.

— Matheus me contou que já foi surfista e eu pedi pra ele me ensinar — inclino o rosto por cima do ombro, pra falar perto dele. Nossas bocas quase se tocam.

Estou começando a me empolgar com esta situação.

— Eu teria te ensinado — rosna, com os lábios tocando minha bochecha.

Arrepio-me inteira.

— Você está aqui agora — aproximo mais meu rosto do dele.

Daniel enlaça minha cintura, puxando-me para si.

— É assim que você ensina? — provoco.

— Por que saiu sem me acordar? — a boca colada no meu rosto.

— Porque você é bonito demais dormindo — revelo afetada.

— Katarina, Katarina...

A ameaça selvagem vibra em minha pele.

— Sabe como você poderia me ajudar? — sussurro, encostando o canto da minha boca nos lábios dele — Me ajude a tirar este macacão — de lado, olho-o nos olhos — Começou a esquentar aqui dentro.

Ao vê-lo puxar uma respiração forte, sei que atingi meu ponto.

Estamos fora da linha de ondas, além delas, longe da margem. Sempre quis saber como é transar no mar, com o bônus de ser com Daniel. Então é claro que meu corpo inteiro está energizado.

Sem pensar muito, ele começa a deslizar o zíper, lentamente, como um strip-tease. Afasto um pouco meu corpo da prancha para tirar os braços para fora da roupa e abaixá-la até a altura da cintura. As mãos dele sobem minhas costelas e encontram as laterais dos meus seios. Jogo a cabeça pra trás, apoiando em seu ombro e dando sinal verde para ele seguir em frente.

Daniel invade meu biquíni e segura meus seios nus. Seu gemido gutural me eletriza. Os mamilos ficam sensíveis com o toque e ele explora a tortura, massageando e beliscando.

— Daniel — gemo seu nome.

— Seus seios são perfeitos — rosna forte com a boca colada no meu ouvido.

Isto me arrepia até os pés.

— Eu os quero na minha boca.

— Dani...

— Você sabe como é bom segurá-los, menina?

Respiro com dificuldade.

— Eles foram feitos pras minhas mãos, são do tamanho exato pra mim.

Roça meu pescoço com os dentes, de leve.

— Eles são meus... Diga de quem eles são.

Os mamilos são beliscados. Eu poderia ir para o céu somente com isso.

— Diga, Katarina — exige, mordendo de leve meu pescoço.

— São seus, Daniel, se-seus! — ofego.

O homem tira uma das mãos e desce pela minha barriga, entrando por baixo do macacão e dentro da calcinha do biquíni.

— Será que seu corpo está gostando do meu toque?

Engasgo com a saliva quando ele encontra meu ponto sensível. O movimento é delicado e faz com que meus dedos dos pés formiguem, como agulhas. Apoiada na prancha, afasto um pouco mais minhas pernas, para facilitar, remando na água.

— Ah, Katarina, como você é quente.

Quase reviro os olhos de prazer.

— Você quer isso, *carinho*?

Mantendo o dedo friccionando o local que me leva à perdição, ele mergulha dois outros dentro de mim.

Oh, maldição!

— Responda — exige.

— Sim, Dani, por favor — choramingo.

A fricção, os dedos envolvendo-me e um beliscão no mamilo são certos em seu objetivo.

Seguro com força na borda da prancha, perdendo o controle.

— Estou chegando lá — gemo com os olhos fechados, escorada contra seu ombro.

A energia vem a partir do meu ventre, com rapidez, e explode pela coluna.

Grito seu nome, apaixonadamente perdida.

— Vire-se pra mim — pede baixinho, colado ao meu ouvido, após um instante só meu e de meu corpo.

Eu me viro, balançando devagar meus pés na água, entorpecida, e fico de frente pra ele.

Daniel sorri, malicioso, satisfeito.

No segundo seguinte, some de vista. Sinto então sua língua, por baixo da água, percorrendo um caminho a partir do meu umbigo, até a borda do biquíni. Contorço-me toda. Na superfície, oferecendo-me um olhar matreiro, ele afasta a peça para o lado e abocanha meu seio.

É tão bom que me agarro aos seus cabelos.

— Dani... — jogo a cabeça para trás.

Ele solta o seio e segura minha cintura, me puxando pra junto dele.

— Bom dia, Katarina — o sorriso divertido me derrete como vela aquecida.

Seu rosto está a uma polegada do meu. Lindo de doer, seus cílios grandes estão ainda mais curvados pela água, os olhos brilhando... É a visão mais excitante que eu poderia imaginar.

— Bom dia — sorrio abertamente, extasiada.

Enlaço seu pescoço e me lanço pra sua boca, beijo-o como se este fosse o último minuto da minha vida. Seu sabor é uma mistura de água salgada e menta, maravilhoso pra caramba. Sinto que, neste momento, necessito mais dele do que do próprio oxigênio. Daniel agarra minha nuca e dá intensidade ao beijo.

— Vamos tirar isso de você.

Devagar, puxa o macacão enrolado na minha cintura.

Mergulho e desprendo a prancha, retiro o macacão por baixo da água e volto a prender a cordinha em meu tornozelo. Subo à margem, acenando com a peça, fazendo graça.

O poder de seu olhar faminto é equivalente a uma droga.

Respiro com dificuldade, e o encaro, de verdade, fazendo-o saber que o que vou dizer é sério.

— Saiba que eu decidi ser feliz com você, Daniel.

As narinas lindas se abrem, exalando seu estado.

— E será. Enrosque suas pernas em mim, Katarina — ordena num tom gutural.

E eu faço, me enrosco inteira nele, como se fôssemos um só. Sinto-o afastar minha calcinha do biquíni para o lado. Meu coração ricocheteia, descompassado. Quantas e quantas vezes eu desejei que fosse *ele* dentro de mim, de todas as pessoas com quem já me envolvi.

Sua sunga é abaixada o suficiente. Através da água cristalina, tenho um vislumbre do tamanho. Melhor do que em minhas lembranças. O cume roça minha entrada... e, é claro, meu cérebro acende a luz vermelha.

Recuo o quadril para trás.

Ele inclina a cabeça para o lado, estreitando os olhos, confuso.

— Eu não faço sem preservativo, Dani — explico.

— Nem eu, Katy. Nunca transei sem. Não há riscos.

— E se eu engravidar? — desafio-o (por uma questão de curiosidade, pois tomo anticoncepcional).

— Ter filhos com você é o meu sonho — as palavras atingem meu peito.

— Espero que lembre disto quando meu advogado bater à sua porta exigindo pensão alimentícia.

— Maridos não pagam pensão — brinca.

A constatação me faz rir, de puro nervosismo. Esperto, ele se aproveita disto para me engatar de volta, pela bunda desta vez. Senti-lo se afundando dentro de mim, com uma lentidão quase cruel enquanto nossos corpos sacodem na água, é adentrar o paraíso.

Fecho os olhos, permitindo-me viver o momento.

— Abra-os — a voz abafada revela sua própria luta.

Obedeço para conseguir encarar seu rosto, parecendo tão enfeitiçado por mim quanto estou por ele. Nos envolvemos em uma bolha intransponível.

Apesar da minha umidade, seu tamanho machuca um pouco.

— Deixe-o dentro por um instante, para que eu me acostume — peço contra sua boca.

O sorriso convencido surge rasgando o lábio, torto.

— Você é minha, Katarina, aqui é o lugar dele.

Deus!

Como se fosse possível, fico ainda mais excitada.

Ele sai e entra de novo, fundo, repetindo e construindo um ritmo difícil delicioso. Exige que eu não tire os olhos dele, o que demanda mais força de vontade do que jamais pensei ser possível.

— Senti tanta saudade de você, tanta — ruge, loucamente rouco.

A declaração é o combustível para me incinerar em seus braços. Arrebento, lanço a cabeça para trás e me desmancho em espasmos deliciosos.

Não demora, seu jorro quente se espalha dentro de mim.

Não há mais volta. Estou literalmente sob suas garras, já que as mãos estão cravadas na minha bunda. Meu corpo, coração e alma estão sob seu domínio outra vez.

Abraço-o com toda a força, expulsando meus demônios e desconstruindo as barreiras que prometi manter entre nós desde o dia em que ele apareceu na minha casa.



Capítulo 20

Katarina

— Você consegue nadar? — ele pergunta, cuidadoso, arrumando meus cabelos para trás e ajeitando meu biquíni no lugar.

Aceno que sim, sorrindo fracamente. Minhas pernas estão moles, nem sei se consigo mesmo voltar pra margem nadando, na verdade.

— Fique parada, vou tirar a cordinha do seu pé — avisa e mergulha.

Sinto suas mãos no meu tornozelo, desencaixando a peça, e o homem ainda morde meu dedo. Seguro o macacão na mão e começo a nadar de volta para a margem. Ele está vindo atrás, trazendo a prancha e brincando como um garoto.

Paro na areia e assisto-o pegar uma onda, forte, bonito, experiente.

A sensação é de hoje ter meu coração preenchido outra vez. O dia em que estamos dando uma segunda chance para nós. Nunca vou esquecer o que passou. Foi o que me feriu que, de certa forma, me fez ser o que sou agora. Mas não quero sentir mais aquele gosto amargo e o vazio no peito quando eu pensar nele. Eu só quero me lembrar desse cara, rindo, se esforçando para me fazer feliz.

Se vamos ficar juntos ou não, é muito cedo para saber. Eu vou viver o hoje. Todas as lembranças ainda doem, mas o conselho da Pini está mais vivo do que nunca na minha cabeça. Se eu viver no passado não verei o futuro, e é ele que realmente importa.

Daniel se aproxima com água escorrendo pelo peito, cabelo bagunçado e uma expressão leve. Ele crava a prancha em pé na areia.

— Matheus escolheu bem o modelo. Esta prancha foi o nosso primeiro projeto.

Coloco meus cabelos de lado, torcendo-os e tirando o excesso de água.

— Ele disse que você projetou...

Dani sorri.

— Sim, o tamanho e o nariz são feitos para garantir mais estabilidade a quem está começando — seu jeito orgulhoso me enche de uma emoção que ainda não sei definir.

Os olhos claros (e que parecem mais cinzentos esta manhã) me vagueiam por inteira, e me dou conta de que é a primeira vez que ele me vê assim, quase nua, em muitos anos.

— Você está bem? — sonda.

— Melhor do que em um longo tempo — abaixo o rosto, de repente sentindo a necessidade de

me proteger do seu olhar que me conhece tão bem.

Eu não quis fazer referência ao passado, mas é como eu me sinto.

Pisando mais próximo, suas mãos seguram minha cintura.

— Nós estamos juntos agora, Katarina — toca meu rosto, inclinando-o para cima — Eu nunca mais vou deixar você sair da minha vida.

Encaro-o e, por mais louco que pareça, vejo sinceridade nele.

— Eu quero estar na sua vida também, Dani... Mas eu só te peço pra gente ir com calma.

Fato é que me sinto tranquila sobre nós dois, mas o medo ainda existe aqui dentro, não quero atropelar as coisas. Acho que meu pedido é válido.

— Vamos fazer do seu jeito, só não me peça pra ficar longe de você — pede baixinho, segurando meu queixo, olhando pra dentro de minha alma.

— Eu não quero ficar longe, mas não posso ficar tão perto, Dani. Antes você era tudo o que eu tinha... e sua ausência foi quase insuportável. Eu pedi muito pra que os céus me ajudassem a te esquecer, porque eu achava que não saberia mais conviver com aquela sensação de vazio.

Toco minha garganta para aliviar a queimação das memórias.

Aproveitando que tenho sua completa atenção, vou até o fim.

— Eu ainda te amo com a mesma intensidade, mas agora é diferente... Tenho como me preservar, e é minha obrigação me proteger — digo, sincera.

— Você não precisa se proteger de mim. Eu sou seu desde que nos beijamos naquela represa. Me afastar foi um erro, mas aprendi e tirei uma lição tão importante quanto a minha vida... Eu aprendi que te amo acima de qualquer coisa e não posso te perder.

Lágrimas nublaram minha visão. Pisco, espantando-as.

— Quero te mostrar uma coisa... — Daniel solta meu rosto e levanta um pouco o braço, apontando para uma tatuagem que dá uma volta ao entorno do membro, na altura do bíceps.

Aparentemente, é uma faixa de mais ou menos cinco centímetros, com algum tipo de desenho e escrituras antigas. Verifico mais atentamente uma faixa menor, e enxergo uma coisa que me faz perder a fala.

Meu nome, escrito em letras pequenas.

Separo os lábios, expirando devagar, sentindo que todo o oxigênio é insuficiente.

— Eu tatuei você no meu corpo, assim que eu parti, naquele dia.

— Dani...

— E a cada obstáculo que a vida mandava, eu olhava para seu nome e me lembrava que tudo o que eu estava fazendo tinha um objetivo.

Deixo as lágrimas caírem.

— Golpe baixo — digo, sorrindo e chorando ao mesmo tempo.

Daniel

Seguro seu rosto, fazendo com que ela olhe bem para mim e saiba que, independente de quanto maldito tempo eu deixei passar, nunca houve outra. Convivi com as consequências de minha decisão de deixá-la por anos, assisti à sua vida de longe, através dos olhos de minha irmã, e dos meus próprios nas muitas vezes em que a sondei a distância.

Este pedido de irmos com calma, em sua maneira, revela que ela está me dando apenas uma parte sua, mas não a si por inteira. E por inteira é justamente o que quero. Sem reservas.

— O que foi...? — questiona, entre olhos marejados e um sorriso pequeno.

— Você é linda.

Seus seios sobem e descem, numa respiração profunda.

— Se soubesse o quanto esse seu olhar penetrante mexe comigo — brinca, buscando refugiar-se no humor.

Observo à luz do dia, sem barreiras entre nós, cada detalhe de seu rosto. Os lábios largos, que sorriem facilmente, sempre exibindo certa malícia despreocupada; um olhar desatento, fazendo parecer que não há muito com que se importe, quando sei que é apenas uma máscara. O que vejo nela é uma mulher forte, constantemente preparada para defender a si e aos que ama. Íris rasgadas num tom castanho que, mais atentamente reparados, revelam nuances esverdeadas, lembrando uma floresta de tronco e folhas. A menina é transparente, gentil, doce.

Senti muita falta dela. Uma maldita falta que parecia me consumir.

— Quando estávamos lá — olho por cima de sua cabeça, me referindo ao mar — Você disse que decidiu ser feliz comigo.

— Bem... — encolhe os ombros — Com suas mãos em todos os lugares, não havia muito que fazer, não é? — o sorriso torto tenta retirar a importância do fato.

— Pois digo a você, diante dele, — aponto com o queixo o oceano em suas costas, com o respeito que merece — que nada é mais importante para mim do que sua felicidade. E se você decidiu me incluir nela, eu a honrarei.

Surpresa, os olhos se arregalam me sondando, e então, fugindo dos meus, ela derruba a testa contra meu peito.

— Maldito seja, Daniel. Você não joga limpo — recebo um soco de leve no estômago.

Seus braços me envolvem pela cintura. Abraço-a mais forte e descanso a minha cabeça contra o alto da sua.

— Acredite em mim, eu faria tudo por você, menina. Só me deixe provar.

Recebendo minha promessa, ondas altas, uma atrás da outra, arremessam-se contra a costa. Esse mar é testemunha de todas as vezes que me aventurei nele, enfrentando-o, desejando que ele

levasse de meu corpo a maldita sensação de vazio. No tempo dele, eu recebi Katarina de volta.

Katarina

Segurando meu shorts, a camiseta e o macacão, retornamos os poucos metros de volta para casa. Daniel guarda a prancha num suporte na varanda, e depois pendura a roupa de mergulho que recebi de Matheus.

— O que acha de um banho e então saímos para comer em algum lugar? — oferece, ao correr a porta de vidro e me oferecer passagem.

— Eu sei o que está tentando fazer... — provoco, me esfregando em seu peito ao passar por ele — Você está doidinho para me levar ao chuveiro, não é?

O infeliz ri alto, poderoso.

— Não há um só lugar desta casa em que eu não tenha planejado estar com você, carinho... — desonesto, ele roça os nós dos dedos por cima do biquíni, ericando meus mamilos.

— Tsc, tsc... Eu deveria ter desconfiado de suas intenções maquiavélicas quando apareceu lá em casa...

Consigo dar dois passos longe dele, para ser trazida de volta pela cintura.

—Você quer mesmo falar sobre “intenções maquiavélicas”? Devo lembrá-la de que me recebeu usando somente aquele camisetão feio? — abaixa a cabeça para bem perto da minha — Não havia nada por baixo, Katarina. Nada.

Engulo em seco, entre um estado de humor e consternação.

— Sentar-se ali, descaradamente, exibindo as evidências, foi para me torturar, não foi?

Encho meu peito de orgulho.

— Em minha defesa, eu não o convidei. Estava pronta para dormir... — dou de ombros.

Recebo uma mordidinha na clavícula.

— Espero que saiba que planejei uma vingança.

Rindo, não escondo a surpresa.

— Ah, é?

Enquanto questiono, a boca agora corre solta por meu ombro, colo, até encontrar o mamilo durinho coberto pela peça branca.

— Uhum... — resmunga, abocanhando meu seio.

Seguro seu cabelo, em busca de apoio.

— Você é desonesto — acuso num fio de voz.

— Somos, minha querida. Somos dois desonestos... — sinto o laço do biquíni sendo desamarrado nas costas.

Sem que eu me dê conta de sua intenção, estou sendo guiada, de ré, alguns passos até encontrar a única viga visível da casa, na curva em L entre a cozinha e a porta dupla para a varanda, atrás de mim. A temperatura fria da coluna de concreto, onde sou encurralada, refresca o calor de minhas costas.

O laço do biquíni em minha nuca também é desfeito. Habilidoso, Daniel retira a peça por completo, me deixando com os seios nus a bel prazer. Afastando o tronco alguns centímetros, embora me espremendo com o quadril, ele confere sua obra. Mamilos enrugados pela água fria do mar saúdam-no, rígidos.

Rindo, volta a abocanhar o outro. Simultaneamente, suas mãos correm meus ombros, braços, até que se unem às minhas, entrelaçando nossos dedos nas laterais de meu quadril. No toque, percebo que a parte de cima do biquíni ainda está em seu domínio.

E, quando minhas mãos são guiadas para trás da viga, eu finalmente entendo sua intenção.

— Não... você não...? — boba, questiono tarde demais meus pulsos sendo atados atrás da viga de concreto, utilizando o que até então me cobria. O filho da mãe usou o meu biquíni para me amarrar!

Oh, meu bom Deus...

Assisto-o se afastar completamente, deixando meu corpo exposto sob sua análise controlada. O que denuncia a diversão é o sorriso torto, numa mistura de moleque travesso e homem perverso. Lindo e endiabrado.

Reprimindo uma arfada, olho para meu corpo, coberto apenas pela calcinha branca do conjunto, e imobilizado.

— Você tem sido má comigo desde que nos reencontramos, Katarina... — o tom de voz ligeiramente rouco é despreocupado, zombeteiro, contrastando radicalmente com a fome escura em seus olhos.

Entrando no jogo, sorvo frações longas de ar, que movem meu peito para cima e para baixo. Sou uma mulher consciente do corpo que tem. Não é perfeito, há culotes e gordurinhas em locais indesejados que nem todo o exercício do mundo é capaz de tirar, mas aqui, submetida ao seu controle, sinto-me dona do poder (apesar de eu ser a única amarrada, é claro); e gosto de ser apreciada. Um sinal disto é que já estou úmida ante seu exame.

— Eu não chamaria de má, poderia definir talvez como... — delibero, franzindo o lábio — *personalidade forte*. Às vezes isto é um problema, sabe?

Astuto, arqueia a sobrancelha como quem diz “Isso, brinque e vamos ver quanto dura”.

— Evitou-me o tempo todo durante aquele jantar — movimenta-se sem pressa — Me submeteu a horas de música ruim e um comportamento rude; colocou nossas vidas em risco, dirigindo naquela velocidade...

— Música ruim? — interrompo — Tsc, tsc, você ofende meu bom gosto, querido.

Tendo um objetivo mal em mente, ele ignora.

— Chamou-me de mais adjetivos do que sou capaz de contar; jogou o que eu disse contra mim, se aproveitando de um pedido de paz ao me chamar debochadamente de “amigo” — meus pecados vão sendo pronunciados em voz alta, enquanto ele vai caminhando ao meu redor, plácido e sedutor — A pior de todas: divertiu-se às minhas custas naquela boate de um jeito que nem quero lembrar... — nesta, em especial, reconheço seu profundo desagrado.

— Mas não fui até o fim! — sinto-me impelida a esclarecer.

Por um momento, seu objetivo é deixado de lado pela surpresa. Daniel para de andar e me olha com mais atenção.

Imito seu sorriso torto.

O homem aproxima-se dois passos, apoia a mão na viga acima de minha cabeça, e abaixa o rosto, deixando nossos olhos numa mesma linha.

— O que foi que disse? — questiona, sereno como o voo de uma águia que em breve se alimentará de sua presa.

— O que ouviu. Eu não fui pra casa com aquele cara, me despedi dele na saída... — mordo o lábio, num sentimento entre envergonhada por admitir, e orgulhosa por saber que a informação o agradará.

E de fato acontece. Apesar da inexpressividade, o brilho caloroso nos olhos revela a satisfação. No entanto, logo é substituído por algo mais forte, mais quente: *revanche*!

Sem quebrar o contato visual, sustentando um brilho perverso, ele abaixa a cabeça e lambe meu seio, lento, gostoso, me encarando por baixo dos cílios volumosos.

— Você se divertiu me fazendo acreditar naquilo, não é?

— Nã... — recebo um mordidinha arisca — Sim!

— Era a sua intenção o tempo todo: o vestido curto, a maldita dança — sua boca vai trilhando beijos, subindo pelo colo, ombros, curva do pescoço — A saída debochada...

Opto por não comentar. Tenho a séria sensação de estar sendo guiada para uma armadilha.

Percebendo a decisão e satisfeito com o desafio, seu dedo comprido atravessa o vão entre meus seios descobertos, descendo devagar. Corre o estômago, umbigo, até se enfiar dentro de minha calcinha.

O grunhido que ouço do fundo de seu peito não é planejado. Sei que não. Ao me encontrar encharcada, percebo o aguerrido autocontrole que o faz trincar a mandíbula.

— Estou pronta para você, querido... — provoco numa voz sedosa, incentivando que ele tome o que quer de uma vez.

O infeliz ri, deixando claro que não me dará isto assim, tão fácil.

Ao senti-lo encontrar e friccionar o centro de prazer entre minhas pernas, desisto da brincadeira e me rendo. Abro-me um pouco mais, escoro a cabeça contra a superfície e gemo

baixinho. Determinado a me levar à loucura, Daniel beija o cantinho atrás do lóbulo de minha orelha, lambe, cheira.

— Ah, Dani... — gemo entrecortada.

Em vez de ir mais fundo, diante do meu estado sensível quase alcançando o ápice, o ritmo de seus dedos diminui, virando um roçar provocador.

Reclamo.

— Me provocar te faz feliz?

— Hã...? — necessito de esforço para me concentrar em suas palavras.

O dedo se afunda.

Deleito-me.

— Me provocar. Eu perguntei se me provocar te faz feliz, querida.

O dedo sai, a fricção para.

— Sim — cuspo, irritada pelo que ele está me negando — Faz sim, agora, por favor, não pare.

— Foi o que pensei... — reflete, tranquilo, sem tirar a mão de dentro da calcinha — Mas estas, infelizmente, não foram as únicas faltas cometidas, foram, Katarina?

Tento espremer as pernas juntas para ou prender sua mão e obrigá-lo a se mover, ou afastá-lo de vez e obter certo alívio.

— Teve também o beijo naquele imbecil.

— Sim — afirmo.

— Por vingança — ele acusa, macio.

— Sim — se ele quer revelações, que as tenha — Pois eu te vi receb...

— Interpretou errado e quis me ferir — acrescenta.

Minha paciência vai ao limite.

— Ah, para os diabos! Vamos lavar nossas roupas sujas depois! Olhe só pra você — aponto com o queixo para sua sunga volumosa — Todo duro, mal cabendo aí dentro. Vamos, homem, me pegue como eu sei que quer.

Assistindo ao meu desespero, seu *ânimo* aumenta de tamanho. O imbecil tem o controle da situação. Infelizmente, esta cena toda tem um objetivo e, enquanto ele não atingir, nenhum de nós terá o que quer.

Exaspero.

— Tudo bem, tudo bem, você tem razão — escolho mudar a estratégia — Eu errei, e se isto te faz se sentir melhor, fiquei péssima por usar aquele cara. Eu estava cega de ciúmes, ok?

Diabolicamente, ele sorri.

— Assumindo tão fácil? Oh, é claro: se não pode vencer o inimigo, junte-se a ele... — as

fricções voltam a ganhar o ritmo gostoso — Amo sua inteligência, sabia?

Argh!

Antes que eu possa abrir a boca e xingá-lo, a sua me toma. Sou beijada com ardor. Dani agarra meu seio, me tomando com completa devoção. Paralelamente, seus dedos se afundam dentro de mim.

Fagulhas emocionantes arranham meu estômago e ventre, fazendo-me contorcer presa à viga. Murmuro desconexa, desesperada por não poder tocá-lo como eu gostaria no momento, presa com os braços para trás.

Os lábios úmidos afastam-se dos meus e vão para minha bochecha, curva do queixo, orelha, olhos...

E então descem, para os seios, estômago, umbigo, até que dou conta da direção, quando a mão embaixo se liberta da pequena peça.

— Ah, Dani! — grito baixo, atordoada por uma necessidade surpreendente.

De joelhos aos meus pés, beijando minhas pernas, o interior das coxas, o homem desfaz os laços da calcinha. A frágil peça ensopada é arremessada para longe.

Antes mesmo do contato, sinto a respiração contra meu sexo. Fungando, soprando... até que dedos macios separam os lábios, e a língua lasciva chicoteia o ponto inchado.

— Deus do céu... — curvo-me absurdamente sensível.

— Olhe pra mim — exige.

Ciente de que corro o risco de ser frustrada mais uma vez, obedientemente me forço a fazer o que pede.

Olhando para baixo, encontro sob os espessos cílios o ponto de luz brilhante em olhos abrumados, como uma fogueira na escuridão.

— Suas brincadeiras me magoam, Katarina, me desrespeitam. O que devo fazer para que entenda? Me diga? — a afetação consternada está presente em seu timbre falhado.

O que dizer?

Ele quer algo de mim.

Está me confrontando com sexo.

Quando acompanho a língua voltar ao local inchado e lambê-lo prazerosamente a ponto de contorcer meus dedos dos pés, percebo o óbvio: ele não vai até o fim se eu não lhe der o que deseje.

— Eu errei, Dani. E vou parar, serei mais madura e pensarei melhor em minhas ações, se é o que quer ouvir, mas, por favor, *por favor*, termine isto de uma vez! — peço num ridículo tom entre choroso e mandão.

Pondo-se em pé num levantar determinado feito um foguete teleguiado, Daniel vem me fitar os olhos.

— Sim, é exatamente o que desejo ouvir! — rosna, rouco, áspero, revelador.

É somente então que me dou conta do quanto isto é importante para ele. O quanto as minhas atitudes o feriram. As brincadeiras, provocações, ações impensadas...

— Prometo a você — sussurro, desejando com todas as forças que minhas mãos estivessem livres e eu pudesse segurar sua nuca e beijá-lo, profundamente, intensamente, perdidamente — Prometo que te respeitarei como merece.

A necessidade desesperadora do beijo também é sentida por ele. Sua boca toma a minha, forte e furiosa. Ao tê-lo agarrando a minha bunda, pulo em seu colo, cerco sua cintura com minhas pernas, trazendo o grande homem para mim.

Sou brandida com ardor.

E, em seguida, tenho-o magistralmente duro e imponente me penetrando. Não há mais nada entre nós, nem mesmo a privação. Ao contrário da brincadeira travessa na praia, Daniel agora me estoca selvagememente. Empurrando nossos corpos contra a coluna, alcançando lugares que o esperam, que o clamam, ele crava em mim seu nome, sua marca, profundamente.

Nos perdemos, um no outro, em nós mesmos.

Promessas não podem ser quebradas.

Capítulo 21

Katarina

Desço do Jeep, ajeitando o shorts e a blusinha de seda, enquanto Daniel fecha a porta. Ele estende a mão para mim, aceito, entrelaçando meus dedos aos seus. É a primeira vez que andamos juntos, de mãos dadas, em público, como os namorados que nunca pudemos ser. Este clima leve, cúmplice, era algo com que sonhava encontrar. Apesar do que possa parecer, tenho um lado romântico dentro de mim, dominante até.

— Esse seu sorrisinho está começando a me assustar — o infeliz brinca, imitando o que eu disse a ele esta manhã, após a aula de surf.

Eu me pergunto como ele foi capaz de lembrar, depois de toda a *atividade* que passamos horas fazendo, até que nossos corpos miseráveis se viram obrigados a parar e se alimentar.

Sua artimanha de me amarrar daquele jeito foi meio que um modo de exorcizarmos alguns fantasmas. Compreendi que Daniel quer que eu o respeite, amadureça e não tente feri-lo a cada vez que me sentir acuada. Não poderia ter me pedido nada mais justo. Sei que me comportei mal com ele, desde o nosso reencontro.

Vejo meu reflexo nas lentes de seus óculos de sol, estou usando um também.

— Acredite, você tem mesmo motivos para estar assustado, Sr. Modelo Calvin Klein. Estou pensando em meios terríveis de represália ao seu golpe baixo desta manhã.

— “Modelo Calvin Klein”? Isto é seu jeito de dizer que me acha atraente, carinho?

— Sua humildade é uma das coisas que me faz amá-lo intensamente, sabia? — zombo, dando uma discreta cotovelada em sua costela.

— E minha tatuagem, pelo jeito... — mudando os olhos para nosso destino, ele tira sarro de minha adoração ao dragão cravado em seu corpo.

Um símbolo de luta e conquista, como tem sido sua vida.

— Venha, vamos entrar, acho que estão todos curiosos quando eu avisei que traria alguém comigo.

— Por Deus, não me diga que nunca trouxe nenhuma amiga, e que serei metralhada por perguntas! — dramatizo.

Recebo um beijo na testa.

— Não, nunca trouxe, e não para as perguntas. Aqui você se sentirá em casa.

E é um fato. Quando perguntei a ele o que fazia para se divertir na cidade, ele mencionou os

encontros das tardes de sábado no barracão. O que vejo me surpreende positivamente. Todas aquelas pessoas que trabalham com ele, inclusive Matheus, reúnem-se num churrasco pra lá de animado.

Sou apresentada às duas costureiras que Daniel contou serem as primeiras a trabalhar com ele, duas senhoras bacanas, honestas; e a mais pessoas que me recebem como convidada bem-vinda. Meu namorado (se é que já posso chamá-lo assim) é uma figura querida e respeitada, talvez em grande parte por sua simplicidade tão verdadeira.

Converso com uma pessoa aqui, outra ali, me junto às meninas que conheci ontem. Até que, quando percebo, estou envolvida no meio de uma roda, dançando todo o tipo de músicas, até salsas. Este ritmo, em especial, vem junto com uma letra sobre um cara dizendo que quer conhecer e se perder no corpo de sua amada, fazê-la gritar, clamar por ele. O ritmo e a tradução bumbam o coração, instigam a dançar, a sensualizar. Seguindo o que meu corpo pede, rodopio, rebolo, deixo meus cabelos esvoaçarem conforme a vontade do vento e a energia animada de todas estas mulheres.

Num intervalo pequeno, entre uma música e outra, capto o olhar cravado de meu homem em mim, fazendo-me ciente de seus pensamentos sujos. Lanço um beijo no ar. Ele pega e o guarda no coração.

Deus do céu. Eu amo esse cara!, quero gritar para que o mundo saiba o quanto eu sou completamente perdida por ele.

Meu guerreiro, que confrontou os pais, o mundo, e, talvez sem noção da coragem de seu ato, agarrou seu destino como um domador pegando os chifres de um touro.

Reflito, olhando-o a distância, que, dentre todas as pessoas no mundo, eu tenho a sorte de ser aquela que ele ama. Com ardor, com desespero, tal qual eu sinto. Daniel é a pessoa mais tranquila e equilibrada que conheço, sempre foi; o que poucos sabem é que, por baixo da superfície serena e do sorriso zombeteiro, se encontram águas tempestuosas, intensas. Nas quais eu submergi.

— Ele gosta muito de você — é uma das senhoras donas da confecção que diz ao meu lado.

Mudo a atenção dele para ela.

— Sou apaixonada por esse homem desde que eu tinha dez anos — digo, por alguma razão que nem sei entender. Sinto-me com a língua solta.

— Então você é a amada por quem ele esperou esses anos todos — reflete.

Abro a boca, admirada, e a fecho.

A mulher ri, diante de minha reação abobada.

— Ele disse? — questiono, curiosa.

— Não precisou. Todos sabem que o menino tem uma pessoa habitando seu coração. Foi assim desde que ele chegou aqui, magricela, ansioso por trabalho.

Penso na cena, uno às próprias revelações que Daniel fez e percebo o quanto ele precisou ser forte.

— Obrigada por tê-lo ajudado... — sussurro, porque, de alguma forma, sinto que devo isso a ela.

— Não há o que agradecer a mim. Cada pessoa que você vê neste lugar — o olhar vagueia pelo barracão animado — é grata a ele. Daniel mudou a vida por aqui. Quando ninguém acreditava, ele acreditou.

Olhamos as duas para nosso objeto de admiração, distraído, conversando com dois homens.

Um cara simples, vestido em chinelos, bermuda e camiseta, num traje que não ostenta o empresário dono do empreendimento de milhões, construído por ele do zero, no fundo de uma casa qualquer, longe do conforto da majestosa e esnobe família de advogados respeitados.

— Ele gosta de viver aqui... — o pensamento é expressado em voz alta, sem que eu me dê conta.

— Aqui é a casa dele, agora — ela diz.

E a minha é lá, onde nasci, onde minhas amigas estão.

Como fazer dar certo?

Não importa. Sou capaz de arranjar um jeito. Desde que estejamos juntos, sou capaz de descobrir um modo, sim.

Bebo o copo de cerveja.

Se Daniel escolheu a vida aqui, eu a viverei com ele.



Capítulo 22

Katarina

Espreguiço-me no sofá, perdida no tempo. Depois de um cochilo, acordo com Daniel tocando minha mão, traçando os contornos dos meus dedos, num roçar gentil, gostoso.

Minha cabeça está apoiada em seu peito, tão confortavelmente que nem tenho vontade de me mover.

— Oi... — sussurro, manhosa.

— Oi, menina preciosa.

Oh, Deus.

Os dedos macios floreiam o carinho por meu nariz e bochechas.

— Você também dormiu?

— É um pouco difícil dormir com você aqui — sou contemplada por um meio sorriso torto.

— Que horas são?

— Já se passa das sete.

— Caramba, aquele churrasco me derrubou... não me lembro de já ter rido e conversado tanto.

Sento-me, ajeitando os cabelos no alto da cabeça, embolando-os num nó.

— Eles também gostaram de você — revela, numa voz grave gostosa de ouvir.

Penso em fazer algum comentário espirituoso, mas me deparo com a vista emudecedora, através da vidraça, e sou hipnotizada por ela. A sensação é de que a bola de fogo laranja e amarela aconchega-se na linha do horizonte, parecendo pouco a pouco ser engolida por ela, e se rendendo a isto.

Como nunca notei o pôr do sol sob esta ótica antes?

— É fascinante como a beleza da natureza aqui é acentuada, não? — pego-me dizendo — O cheiro de mar; esta brisa refrescante que fica pela casa; as cores do céu em cada momento do dia; o cobertor de estrelas à noite. Parece que tudo aqui é mais intenso, mais vivo...

Daniel assovia, zombeteiro.

— O cochilo andou inspirando alguém.

Seguro seu queixo, alisando os pelos da barba baixa bem aparada.

— Acho que não foi bem o cochilo — insinuo, num tom sedutor.

Meu pulso é segurado. Ele planta um beijo casto sobre a pulsação, para logo em seguida meter uma mordidinha.

— Estava esperando que acordasse. Vou dar uma corrida agora, o que acha de vir comigo? — oferece, alisando o local.

Manhosa, faço um beicinho preguiçoso.

— Acho que vou checar meu telefone, preciso ligar pras meninas, saber como estão, ver alguns e-mails também.

— Como ficou a situação com seu antigo chefe? Ele tentou fazer contato?

Semicerro os olhos.

— O que você sabe sobre ele?

Desviando o olhar, ele se levanta do sofá.

— Sei que se eu fosse seu chefe, não deixaria você pedir demissão. Faria uma proposta para que ficasse, por isto quero saber se ele já está tentando te roubar de mim.

— Hmm... — investigo sua expressão, atrás de algo que o traia.

— Nada de “Hmm”. Agora, vá fazer suas ligações e fique à vontade para ter a próxima hora livre — inclinando-se para mim, ele me beija nos lábios, suave, antes de se afastar — Porque é só o que te darei, *amada minha*.

Rindo, reviro os olhos.

— Não sei o que foi mais pedante, essa coisa de “amada minha” ou sua suposição de que pode me dar um intervalo. O que acha que sou, Sr. Modelo, sua escrava sexual?

Sustentando uma expressão marota, ele segura meu queixo.

— Confesse, de qual delas gostou mais?

Dou uma risada alta.

— Acho que o “amada minha”... Pareceu romântico, sabe? — brinco.

Recebo um beijo mais intenso. Seguro sua nuca pronta pra puxá-lo para mim, mas o danado se esquiva.

— Preciso mesmo ir. Se eu não praticar exercícios, como garantirei uma boa resistência física para todas as suas demandas, minha senhora?

— Pelo que percebi, você parece muito bem preparado...

Sua resposta é uma risada gostosa, rica, que enruga seus olhos e aquece o coração.

— Uma hora. Nada mais.

— Promessas, promessas — zombo, ao vê-lo sair para a varanda, onde calça o par de tênis.



Caminho pela casa à caça do meu celular. Minhas malas ainda estão no outro quarto. Não sei se deveria tirá-las de lá e trazer para o dele. Talvez seja melhor não, este tipo de coisa vem com um convite... e, afinal, elas são somente isto, *coisas*.

Confiro as mensagens no celular, e as abro na ordem em que chegaram.

✉ **Remetente:** Júlia

Mensagem: “Oi, gata. Como estão as coisas por aí? Ligue quando puder. Saudade”.

Evito ligar porque sei bem que a espertinha está cheia de ideias em relação a seu irmão e eu. Talvez seja melhor contar a ela pessoalmente, na terça. Até lá, posso também acalmar meu ímpeto adolescente de querer dar pulinhos de vitória, e dizer que finalmente estamos juntos.

✉ **Destinatário:** Júlia

Mensagem: “Seu irmão está me dando trabalho. Saudade também. Você irá no evento de Dominic?”.

A próxima mensagem é de Gabi, checando como estão as coisas e avisando que deixou o carro na minha garagem. Amo essa mulher numa velocidade extraordinária. Vejo um pouco de mim nela, de Pini também. Gabrielle é divertida, leva a vida leve, mas também é esperta, decente, tem senso de justiça. Respondo combinando de encontrá-la na terça.

Priscila mandou uma mensagem hoje, durante a tarde.

✉ **Remetente:** Pini

Mensagem: “E aí, garota? Como estão as coisas? Deixe-me adivinhar: sol, mar e boas amizades, acertei? Ligue quando puder, e não me poupe dos detalhes mais sórdidos. Te amo, irmã”.

Quase posso visualizar o sorriso de covinhas ao digitar. Pini é esperta, provavelmente sabe como a história terminou.

✉ **Destinatário:** Pini

Mensagem: “Uma pista, irmã: tenho um coração malditamente fraco, o que se pode fazer? Te vejo na terça. Amo você”.

Abro então a mensagem de Alice.

✉ **Remetente:** Alice

Mensagem: “Oi, Katy! Como você está? Ligue quando puder para dar notícias. Sobre o evento, tudo está correndo bem. Amo você”.

Ligo então para Alice. Há detalhes que precisamos alinhar.

— Ei, gatinha.

— Oi, Katy, como está? Como estão as coisas por aí?

Culpa, sinto uma pontada dela atravessar meu peito.

— Ali... — morder o lábio, hesitante — Há algo que eu gostaria de te contar...

— Sim?

Sento na ponta da cama, tentando encontrar uma forma de revelar. Por alguma razão, preciso respirar fundo ao menos duas vezes, buscando coragem.

— Dani e eu... Bem, nós estamos juntos...

— Ah, que notícia boa, Katarina!

Ao contrário do que eu esperava, não há surpresa em sua exclamação, é mais como uma satisfação genuína. Será que...

— Você sabia?

Ouçó um som de riso.

— Suspeitei, quando ele foi embora.

— Ah...

— Talvez você não tenha se dado conta, Katy — diz com cuidado — Mas a simples menção do nome dele te fazia reagir diferente. Tô muito feliz que as coisas se encaixaram, e se quer saber, no fundo, sempre acreditei que vocês se acertariam.

— Só não imaginava que levaria tanto tempo, não é? — brinco.

— Tudo acontece quando tem de ser — o tom doce, mais sério, revela que é exatamente no que acredita — O importante é que agora se sinta feliz.

Reflito por um momento o peso de suas palavras.

— Você acha que eu não estava feliz antes? — questiono com honestidade.

Percebo que ela também para pra refletir.

— Acho que estava. Do seu jeito, sim, Katy... Mas havia uma parte de você...

— Que sentia falta dele, não é? — concluo seu raciocínio.

— Sim, amiga.

Inspirando profundamente, fecho os olhos.

— Eu estou com medo de não dar certo, Ali — revelo num fio de voz.

— Por que pensa que pode não dar certo?

Tento racionalizar os sentimentos que vieram junto da decisão de nos dar uma oportunidade. São tantos os temores para lidar. De ser apenas uma bruma momentânea; ou, em algum momento do caminho, eu descobrir que passei os últimos nove anos da minha vida cultivando uma utopia de amor e me decepcionar com Daniel (e, conseqüentemente, comigo também, por ter me prendido a este sentimento e não ter dado uma chance a mim mesma de viver algo com outra pessoa); e o pior deles: de que *ele* descubra que aquele sentimento adolescente era uma ilusão alimentada pela distância, e não o que esperava, afinal, mudamos muito.

Uma coisa é começar do zero, outra é ter a carga de um passado envolvendo distância, ressentimentos, um amor juvenil e suas aspirações e perspectivas não vividas.

Deus, quando foi que se tornou tão complicado?

— E-eu não sei... Quero dizer, parece real demais para quem já não considerava que isso pudesse acontecer outra vez, você me entende? — respondo por fim — Eu não esperava que teríamos uma nova chance.

— Sabe o que você me aconselharia numa hora destas, se a situação fosse ao inverso?

Mordisco o lábio.

Ela compreende e ri.

— Você, garota, me diria para ir fundo, com medo mesmo. E é isso. Viva este momento, foque nas razões do porquê pode dar certo, e não o contrário.

Desabo para trás na cama, rindo de seu comentário e de meu próprio estado, racional demais para alguém como eu.

— Você anda muito impulsiva ultimamente, Alice. Onde está aquela pessoa cautelosa?

— Eu sei, acho que Benjamin virou minha cabeça — brinca. Quase posso visualizar seu sorriso preso entre os dentes — E foi a melhor coisa que poderia ter acontecido.

— Entendo como é sentir isto. Daniel é a melhor coisa que poderia ter me acontecido também — revelo em meio a uma inspiração profunda, entrecortada, e irritantemente apaixonada.

— Então seja você mesma e se permita viver este sentimento. Que dure um dia ou uma vida, mas faça isto por si. Você merece ser feliz, Katarina. Sei que Daniel é um cara especial e não te decepcionará.

Ah, a fé e romantismo de Alice...

— Obrigada, Ali. Te contar me fez bem, desculpe ter guardado por tanto tempo.

— Não se desculpe. Agora, sobre o evento...

Alice e eu entramos no assunto. Na terça, realizaremos um jantar com objetivo de arrecadar doações destinadas aos projetos de empregabilidade e educação, coordenados pelo centro comunitário de Dominic. Muitos dos frequentadores serão beneficiados através de cursos, treinamentos e capacitação profissional.

Ao menos cinquenta pessoas de uma lista de clientes que passei a ela confirmaram presença. Todos querem o nome de suas empresas associado a pautas sociais, é claro. É uma publicidade positiva (e foi o que eu disse a cada um deles).

Depois de desligar, observo a imagem de minha amiga no telefone por mais um tempo. Júlia, Alice e Pini são como meu centro de gravidade. Minha família. As pessoas que sempre estarão lá por mim. E eu sempre estarei por elas. É um fato.

Abro então a última mensagem, de um número desconhecido.

Mensagem: “Você ferrou a minha vida”.

Um arrepio frio corre minha espinha. Não é preciso grande inteligência para deduzir o remetente e concluir que está com um telefone novo. A questão é: o que Alberto pensa fazer em relação a isto?



Depois de um banho, coloco o vestido longo e confortável, de alças finas. Aproveito para passar um pouco de batom e rímel. Verifico a hora e percebo que está quase acabando o “tempo livre” que meu carrasco em forma de anjo diabolicamente lindo tão gentilmente me cedeu. Generoso e altruísta, o que poderia ser melhor?

Quem diria: eu, permitindo que alguém me diga o que fazer... e *adorando* a ideia. É mesmo o fim dos tempos.

Numa sintonia perfeita com meus pensamentos, escuto um barulho no andar de baixo e me admiro com a pressa como minhas pernas me guiam para o topo das escadas, ansiosa por vê-lo. Mas as mesmas endurecem ao identificar que não é exatamente o que eu esperava. Aliás, não é *ninguém* que eu pensaria rever.

Deparo-me com a loira peituda, vestida em uma microssaia e top, reveladores. Seus cabelos escovados caem calculadamente soltos e sedosos pelas costas. O batom vermelho destaca lábios grossos.

Espere um momento... Aquilo que está arrastando para o centro da sala são... ma-malas?

O que ela pensa qu...?

Estrangulo um gemido de surpresa, mas não o faço muito bem. Um som similar a um grasnado de pato foge de meus lábios, chamando a atenção dela.

Seu olhar sobe na velocidade da luz e, ao me encontrar, posso ver com clareza os sentimentos atravessando seu semblante, indo de esperança, surpresa, choque à, finalmente, fúria feminina.

—*Você?* — reproduz um coxo entre os dentes, como quem verifica a sola do sapato e constata que pisou em cocô.

Lívida por um ligeiro instante, fico sem reação, a não ser pisar no primeiro degrau do topo, e depois no seguinte, descendo lentamente.

— Olá, Nicole — consigo que saia com tranquilidade, apesar de tudo.

— O que está fazendo aqui? — a infeliz cospe em majestosa e alta arrogância, tal qual faria a uma visita indesejada que aparece sem ser convidada.

“Seja você mesma”.

Estufando o peito, respondo, enquanto desço os degraus tão calma quanto a situação permite.

— Eu poderia perguntar o mesmo.

A despeito da aparente segurança, as pernas tremem, obrigando-me a usar o corrimão.

O que raios esta mulher está fazendo aqui?

Com expressão de nojo, ela cruza os braços diante dos seios fartos e saltitantes.

— Esta é a casa do *meu* namorado.

Chego ao primeiro degrau.

— *Ex*-namorado, você quer dizer — corrijo, educada, dando ênfase ao “ex”.

Seus olhos claros se arregalam, e então estreitam, jorrando lâminas afiadas.

— Escute aqui, sua vaca oferecida. Você cercou meu namorado de tudo quanto é jeito, não foi? — acusa — Rondou, rondou, até que conseguiu um fim de semana com ele às minhas costas — seu olhar viaja por meu corpo com desprezo; ela sai caminhando de volta para a porta, rebolando exageradamente — Mas isto é tudo o que terá!

Mantendo a fachada serena. Assisto, bastante curiosa, quando ela escancara a porta aberta.

— Vá, suma — aponta o dedo em direção à rua, exigindo friamente — Saia da casa do meu homem.

Hã?

— *Seu* homem? — inclino o rosto de lado, avaliando o nível de lucidez da garota — Por acaso *ele* sabe que é seu? — desdenho um aceno — Mulher, lamento dizer, mas essa erva que te venderam estava misturada.

Apesar de querer provocá-la, não deixo de pensar no motivo que dá a esta mulher tanta propriedade para chamar Daniel de seu, e aparecer aqui de mala e tudo. Afinal, eles não haviam terminado, inferno?

Reagindo à provocação, ela vem furiosa pra cima de mim, similar ao que um touro faria num lençol vermelhosendo acenado em sua frente. Engulo em seco, segurando minhas mãos unidas em

frente ao ventre, numa espetacular posição de tranquilidade que não reflete meu interior.

— Não fique no meu caminho, sua puta barata! Ou você sai por bem ou terei prazer em te colocar pra fora de nossa casa! As coisas podem ficar bem ruins — surpreendendo-me, o dedo magricela se afunda e empurra meu ombro.

Claro que sua vantagem de altura se mostra presente na força com que me desequilibra para trás, *ligeiramente*.

Sem me importar, piso um passo à frente. Sou uma brigona de bairro, este é o meu instinto. Perdi as contas de em quantas brigas me envolvi nos tempos de escola.

— Ruins como? — emprego um delicioso sarcasmo — Você vai arrancar seu fêmur gigante e sair brincando de espadinha comigo?

Sacudo os ombros, rindo de minha piada (Pini amará esta!).

Ira relampeia em seus olhos.

— Você se acha muito esperta, não é? — aponta o dedo bem próximo ao meu rosto.

Se eu tivesse bom senso, pediria educadamente que o abaixasse... “se”.

— Abaixе esta desgraça de dedo enquanto você ainda tem um, se não quiser passar o resto de sua vida contando somente até nove — rosno.

Demora alguns segundos antes de seu cérebro pequeno processar a ofensa.

E quando o faz, a traiçoeira me empurra pelos ombros com tamanha força que bato a lombar na ponta do corrimão. Dói pra caralho!

— Vá chamar de burra aquelas suas amigas desclassificadas!

Argh!

Voltamos aos tempos de adolescente. Um lado meu, o oprimido por uma sociedade que cultua a delicadeza feminina, se rebela, e grita “Briga! Briga! Briga”.

— Lave sua boca pra falar de minhas amigas! — deste ponto em diante, tudo o que sei é que ganho impulso e a atinjo com um empurrão que a arremessa alguns passos cambaleantes para trás, como num jogo de *rugby*.

E vendo que a desgraçada é feito uma árvore de pinheiro grande, me choco mais uma vez com ela, até que sua bunda magra cai estatelada no chão.

— E se afaste de nós! — por este “nós”, realmente não sei se quero dizer: minhas amigas e eu... ou Daniel e eu.

— *Katarina!*

A voz trovejante do próprio objeto de disputa ecoa pela sala junto da rajada de vento que vem da porta da varanda, por onde ele entrou, e sai pela porta da rua, arreganhada pela infeliz jogada ao chão.

Giro o rosto na direção dele e o encontro lívido de surpresa, olhando de mim para a garota

caída, e voltando a me olhar, consternado.

— Dani — a aproveitadora choraminga, similar a um filhote de gato manhoso precisando de ajuda para sair de cima do poste.

Sua expressão de vítima é absurdamente convincente. Abro a boca para desmascará-la, mas antes mesmo de eu poder dizer qualquer coisa, ela se antecipa.

— Essa mulher me agrediu, Dan. Não consigo nem mesmo levantar! — lágrimas reais de repente correm o rosto delicado.

Eu deveria estar me defendendo, mas estou presa ao fascínio de sua atuação.

Quando o olhar empoçado dela se gira para mim, dou um passo atrás, momentaneamente me sentindo a pior pessoa do mundo diante de tamanha fragilidade em seu rosto.

— Como pôde agir assim, Katarina? Você nem bem me deixou falar e já veio me agredindo! Acho que quebrou a minha bacia, e eu preciso estar em pé para trabalhar! — ela une as mãos em frente ao rosto e, em meio ao pranto, diz algo que entendo como — Minha mãe depende de mim! Você me tirou tudo! — não há raiva, somente uma inconsolável tristeza.

Pestanejo, paralisada.

— E-eu... — tento, mas nada sai.

— Eu só vim aqui porque precisava de um amigo, não tenho ninguém com quem desabafar e não suporto mais esta situação!

— Nic... — escuto o que penso ser atordoamento na voz rouca dele.

“Nic”?

— Mal coloquei os pés para dentro, ela me disse para sair, Dan! — a pobre soluça copiosamente — Disse que eu estava atrapalhando! Meu Deus — grunhe mais alto — Logo eu, que dou um duro na vida para não atrapalhar ninguém! Que seguro toda a barra sozinha!

Bem, ou fui eu a fumar a erva ruim e distorci os acontecimentos em minha mente; ou essa mulher não somente é uma bela modelo, mas tem um talento inato para interpretação.

Corajosamente, passo a fitar ele e o que encontro é... nada. Daniel não se digna a me dar um único olhar de especulação ou apoio. Sua concentração preocupada está absorta nela.

— Dani, e-eu não...

Tento; ainda sem me olhar, com um gesto de mão, ele me para.

— Por favor, suba, Katarina.

— Co-co.... O quê?

— Por favor, suba — repete entrecortado, como quem orchestra uma compenetrada calma com extremo esforço.

Não é mal-educado ou beligerante, tampouco amoroso, ou mesmo condescendente. É mais como: “Me obedeça, e depois que eu resolver isto aqui, verei o que faço com você”.

Argh!

— Sua mentirosa, diga agora mesmo o que aconteceu! — perco a razão e dou um passo firme em direção a ela, pronta para bater sua cabeça no porcelanato brilhoso até que conte a verdade.

— Pelo menos uma vez, você pode fazer o que eu peço? — é ele quem me intercepta com a voz gelada, irreconhecível.

Ah, francamente!

Eu poderia aceitar tudo, absolutamente tudo! Mas um cara que me conhece a vida toda, ou, pelo menos, deveria me conhecer, vai agora tomar partido de uma história ridícula destas e nem sequer me ouvir?

— Quer saber? Vão para os diabos! Vocês dois! *Para os diabos!* — aponto o dedo para ela — Você, sua miserável mentirosa do caralho — viro o dedo para ele — E você, seu bastardo burro! — berro — Vocês se merecem!

Saio pisando duro em direção à porta que ela mesma abriu pra mim.

— Katarina, pare agora mesmo! — o desgraçado grunhe. *Grunhe!*

Escuto o farfalhar de sua roupa se movendo.

— Dan, eu não posso me levantar! Ela quebrou a minha bacia! — a infeliz chora mais alto, numa disputa de quem chama mais atenção do infeliz.

Irritada, decido acabar com isso, antes que eu quebre mais ossos, de ambos.

— *Para os diabos!*

Acelero porta afora, mais furiosa agora, com a reação dele, do que quando a cretina mentirosa meteu um dedo no meu rosto.

— Maldito bastardo!



Capítulo 23

Katarina

Em frente à casa, ouço a voz dele chamando meu nome de maneira estridente, o que me estimula a ir para o mais longe possível. Olho para a esquerda onde só há faixa de areia e mar, e para a direita onde passa a rua que leva à avenida principal. Minha escolha é óbvia. A praia está vazia e escura, não há um maldito movimento onde ele mora, sua casa é afastada de tudo. Começo então a correr em direção à avenida. Uma quadra antes dela, no entanto, me dou conta de que não tenho nada aqui comigo. Bolsa e celular ficaram lá.

Voltar agora e testemunhar a prestatividade dele para com a “Nic” está fora de cogitação.

Os desgraçados não terminaram porcaria nenhuma!

Eu deveria ter vindo de carro, mas não, “se eu viesse ele cancelaria a proposta” (gesticulo, imitando o maldito tom que ele usou naquele estacionamento para me obrigar a vir de carona).

Chantagista infeliz!

Correndo o risco de ter minhas entranhas estripadas e fatiadas, ainda prefiro isto em detrimento de retornar àquela casa agora. Sou macaca velha. Não sobrevivi num mercado financeiro altamente machista sendo a garota frágil que quebra a bacia. Posso lidar com a falta de um teto para a noite, ou a ausência de dinheiro, ou mesmo o fato de estar numa cidade estranha.

Na dúvida do que fazer, de cabeça quente, bufando palavrões dignos de operários numa construção, corro um pouco mais rápido. Na avenida, ao avistar um carro, tomo a única decisão não recomendável a quem já assistiu a inúmeros filmes de terror.

Aceno pedindo carona.

Ai meu Deus! Eu enlouqueci.

Sabia que aquele bastardo me arruinaria. Estava escrito na testa bonita dele.

Para meu completo medo, o carro vem diminuindo a velocidade, até parar ao meu lado. Identifico o modelo: um fusca, amarelo, adoravelmente bem conservado. Reticente, flexiono os joelhos a uma distância segura, para espiar o condutor.

Avisto uma senhora de cabelos prateados, e, ao que parece, sorridente, ao volante.

Ela se inclina ao banco do passageiro e gira a manivela para abaixar o vidro.

Seu perfume de lavanda chega antes de sua voz.

— Boa noite, querida.

Apesar de gentil, noto a sutil desconfiança em sua sondagem.

Juntando as sobrancelhas de vergonha, dou um passo mais perto.

— Boa noite, senhora... — a timidez que me assola é um fiasco — Hmm, será que, bem... poderia me dar uma carona?

Observando-me por um instante, ela então sorri.

— Para onde?

Uma pergunta excelente.

Coço a cabeça, ainda tremendo de raiva.

— Um hotel? — encolho os ombros, não acrescentando a parte de “Que aceite abraços em forma de pagamento”.

Algo em minha expressão faz surgir um semblante de compadecimento nela.

— Claro, tudo bem, entre.

Puxo a maçaneta e entro. Enquanto ela me observa, sem ainda colocar o carro em movimento, ajeito o tecido do vestido no meu colo e encaixo o cinto. Noto que seu veículo por dentro é todo bem cuidado, cheiroso, enfeitado. Percebe-se o zelo da proprietária.

Quando engata a marcha de partida, dou um pequeno suspiro, mentalmente sobrecarregada.

— Como é seu nome, criança?

— Sou Katarina — estendo a mão — Obrigada por parar.

— Não por isso, Katarina — ela pega minha mão e dá um breve aperto — Sou Henriqueta — seu tom é caloroso.

Ajeito-me no banco e tento desviar as íris do olhar especulativo por trás da simpatia.

—Você sabe que é meio perigoso pedir carona, não sabe, criança?

Aceno com a cabeça, resignada.

— Eu precisava sair de lá — revelo, honesta — O homem que eu amo estava prestes a carregar a ex-namorada (ou atual, já não sei bem) no colo, como um salvador — gesticulo — A mulher é uma dissimulada. Foi ela quem começou a briga e distorceu os fatos. Mas o pior é ele não me deixar dar a minha versão, a senhora acredita numa coisa destas?

— Uma briga?

— É, ela me empurrou, aq-aquela vareta enorme e falsa! Por falar nisto, doeu pra caramba — inclino a coluna ligeiramente para massagear a lombar — *Ela* sim poderia ter quebrado um osso meu, e não eu o dela!

— Quebrar um osso?

— A bacia! Olhe que absurdo: disse que quebrou a bacia! Do que os ossos dela são feitos, de vidro...? — um som de horror sai da minha boca quando uma possibilidade me vem à mente — Deus amado! E se a mentirosa tem mesmo aquela doença, sabe qual? — empertigo com a possibilidade —

Doença dos Ossos de Vidro! A senhora já ouviu falar sobre isso? O que foi que ela disse, o que foi que a sem-vergonha disse? — batuco os dedos na têmpora tentando lembrar — Oh, meu pai: ela disse que não ia mais poder trabalhar!

— Doença?

— Não, não... mas é claro que não — descarto, sacudindo a cabeça — Quem tem Doença dos Ossos de Vidro não me empurraria com aquela força; não vai à academia; não cavalga ou bebe Coca-Cola depois do exercício físico. Todo mundo sabe que refrigerante compromete o cálcio.

— Coca-Cola?

— Sim! — gesticulo — A senhora acredita que ela disse que é “altamente recomendável” beber Coca-Cola depois do exercício físico? De onde foi que Daniel tirou essa mulher? De uma escola de modelos sem cérebro?! A senhora precisava ver a cara dela quando eu disse que se não abaixasse o dedo, eu o arrancaria e ela só poderia contar até nove!

Percebendo que a mulher não faz outra pergunta, olho-a e me deparo com sua expressão atordoada, mas com um leve brilho de divertimento nos olhos.

— Oh, Deus — tapo o rosto — Me desculpe! Eu estou falando e falando! É nervosismo. Eu estou realmente muito... *chateada* — me policio para não dizer nenhum palavrão em sua frente.

— Você não mora aqui, não é?

Nego com um balanço de cabeça e um suspiro.

— Eu vim a trabalho, na empresa do homem que eu... amo — dizer isto leva um desconforto ao estômago.

Noto a curiosidade dela se acirrar.

— Primeiramente, perdoe a minha falta de decoro, é que... — seu ombro se inclina de lado para perto de mim, como quem vai revelar um segredo — Adoro um mexerico.

Estreito os olhos, estudando seu perfil com mais atenção. Ela tem ares de uma avó fofinha, do tipo que cozinha bem e engorda os netos com prazer, mas...

— E quem não gosta, não é? — brinco, tirando a culpa de sua revelação.

— Sim — concorda, orgulhosa — Nesta cidade, as coisas quase não acontecem, a não ser que seja em alta temporada, aí todos os turistas fazem de nossa pacífica orla um pandemônio maravilhoso!

— Eu imagino... — que seja *maravilhoso*.

— Voltando ao seu caso, Katarina. Este cavalheiro é seu namorado ou é namorado da outra moça?

Batuco os dedos contra meu joelho.

— A explicação deveria ser mais simples do que a que vou lhe dar, mas: eu não sei. Veja bem, “voltamos” — gesticulo as aspas no ar — há menos de uma semana, depois de quase dez anos longe. E quando eu o reencontrei, ele namorava esta... *moça* (intragável) — moo entre os dentes o *adjetivo*,

num esforço tremendo de não vulgarizar os pobres ouvidos da senhora autoproclamada mexeriqueira — Ele me disse que havia terminado com ela, mas hoje a mulher me aparece lá de mala e tudo. E, perceba, ele *a* escolheu.

— A escolheu em que, exatamente? Um lado da briga?

— Sim. Ela distorceu os fatos e ele não me deixou falar — e é o que mais dói.

— Se me permite perguntar, qual foi o motivo da briga?

Escondo o rosto entre as mãos.

— *Ele...* — gemo de desgosto.

Eu jamais briguei por homem. Jamais! Este é o único orgulho que tenho, quero dizer, *tinha*.

— Então você os deixou lá sozinhos, Katarina?

Sinto a leve desaprovação em sua voz benevolente.

— É mais complicado do que parece. Passei quase uma década amando esse homem, depois de ele ter simplesmente evaporado da minha vida. Para ser honesta, vivi tantos anos magoada com ele, que agora, num momento assim, só consigo deixar que a mágoa prevaleça.

— Ele a ama?

Separo os lábios para responder no automático, e me pego sem saber o que dizer. Eu achava que sim. Até algumas horas atrás, eu *teria a certeza* de que sim, mas talvez não seja algo tão avassalador quando ele faz pensar. Talvez Daniel se sente, de alguma forma, culpado, ou em dívida comigo. Assim como se sentiu culpado por ver a *pobre* Nicole no chão.

Anos separados faz com que alguns conhecimentos que você julgava ter sobre alguém sejam enganosos. As pessoas mudam, o que não quer dizer que é ruim.

É complicado avaliar assim, de cabeça quente.

— Não sei... — respondo por fim — Mas estou impressionado com sua abordagem direta, dona Henriqueta — digo em tom reverenciador, apesar da brincadeira.

— Mexericos de amor são os mais agradáveis de saber — a mulher dá de ombros, sem timidez.

Mordo o lábio, desviando o olhar para o lado de fora, e me dou conta de algo muito... *interessante*. Esta senhora está guiando a menos de quarenta quilômetros por hora, muito diferente da velocidade em que a vi se aproximar. Eu arriscaria dizer que uma tartaruga poderia nos ultrapassar sem nenhum esforço.

— E você, Katarina, o ama?

Humpf.

— Sou doente por aquele bastardo.

A gargalhada gostosa da mulher inunda o veículo de um jeito absolutamente impressionante. Revigorante, eu diria.

— Sabe, não sei se eu te disse, mas sou professora aposentada.

— Ah, que bacana, uma profissão muito nobre.

— É, é sim, embora não devidamente reconhecida por esses governantes incompetentes.

— Sim, como se os miseráveis nunca tivessem frequentado a escola. Valorizam somente seus bolsos — resmungo com ela.

Henriqueta se apruma.

— O que eu gostaria de dizer mesmo é que História era a minha matéria. E a paixão da minha vida. Desde que eu me lembro por gente, sempre li muito, principalmente sobre a monarquia da Europa.

— Um gosto interessante — contemplo, acreditando que a senhora está tentando me distrair, o que é muito amável da parte dela.

— Sim, adoro tudo relacionado à aristocracia europeia. Os escândalos das coroas, romances clandestinos, sucessões de tronos e as perversões que envolviam aquelas sociedades em geral.

Engulo em seco. Não era bem o que eu esperava, mas...

— Seu nome me fez lembrar uma importante rainha. Catarina de Médici, uma italiana coroada rainha da França, pelo casamento com Henrique II. Sabe o que é interessante sobre ela? Casou-se muito jovem, aos quatorze anos de idade; seu esposo e rei era um infiel e valorizava na corte mais as opiniões da amante, Diana de Poitiers, do que as da própria esposa; Catarina teve uma porção de filhos, os que se tornaram reis eram fracos de caráter e saúde; mas ela estava lá, firmemente segurando sua família no poder. Após a morte do marido inútil, foi ela que representou os filhos fracos, ocupando por décadas o cargo mais importante da França, o de regente da nação. Em uma época de constantes conflitos e ameaças, Catarina foi considerada a mulher mais poderosa da Europa! — toma um fôlego — Você percebe a questão central?

A senhora relata a história com tanto entusiasmo, nomes e acontecimentos, que sinto um nó se formando em meu cérebro, e a questão que deixa no final é o agravante.

— Bem, é interessante... mas não entendi a... — aceno pra ela — *questão central*. Não tenho um marido infiel (nem fiel), tampouco filhos doentes, ou mesmo um reinado.

— Não, tolinha — me desdenha com a mão — O que quero dizer é que você é uma Catarina! Se ela fez tudo isso naquela época, veja o quanto você pode fazer agora!

Meu Deus, de onde essa senhora saiu?

— Sim, manterei isto em mente — sorrio, gentil.

— Veja, chegamos!

Observo que estamos em um lugar de ruas movimentadas e hotéis, estacionando em um especificamente.

Antes de sair, viro-me de lado no encosto, diretamente para ela. Acho que nunca conheci ninguém mais adorável do que Henriqueta, a dona de um fusca amarelo impecável, professora aposentada de História, amante de reinados europeus e suas depravações, e adoradora revelada de

bons mexericos (tão adoradora que permite-se dirigir mais lenta do que uma tartaruga).

Sinto até certa tristeza em deixá-la.

Seguro suas mãos e a agradeço com toda a honestidade.

— Acho que nunca conheci alguém tão interessante quanto a senhora, sabia? — por impulso, beijo-lhe as mãos.



Capítulo 24

Katarina

Entrelaço os dedos das mãos unidas em frente à barriga, enquanto caminho para a recepção do hotel, elaborando mentalmente argumentos que os convença a me deixar passar a noite e pagar somente amanhã, depois que eu recuperar minhas coisas na casa *dele*.

O saguão está praticamente vazio. Aproximo-me de um funcionário.

— Oi — cumprimento sem jeito.

— Olá, senhorita. Seja bem-vinda — o olhar do sujeito vai de mim para o meu entorno, procurando minhas malas, provavelmente — Posso ajudá-la?

Limpo a garganta. Duas vezes.

— Eu gostaria de um quarto... ãh, mas estou sem dinheiro aqui comigo — explico com cuidado.

O homem arqueia as sobrancelhas como quem diz, ironicamente, “E o que você espera que eu faça?”.

— Seria possível eu me hospedar e pagar amanhã? Saí às pressas da casa em que estava hospedada e deixei minhas coisas lá.

Sei que esta explicação não me favorece muito.

— Veja, senhora, eu gostaria de poder ajudar... Infelizmente, não posso hospedá-la desta maneira.

Uma solução me vem à cabeça.

— Será que se ligasse para uma amiga, pedindo os dados do cartão de crédito dela, vocês poderiam aceitar?

Notando-me com mais atenção, sinto que a recusa não está mais tão presente nele, não mais do que há dois segundos.

— Pode, não pode? — persuado sua provável deliberação — Já que a maioria das reservas de hotel a gente faz pelo cartão?!

Ele me estuda um pouco, antes de dizer, por fim:

— Espere um momento, por favor. Preciso verificar com o gerente.

Acompanho-o se afastar para a outra extremidade e se dirigir reservadamente a um homem na casa dos cinquenta. Enquanto eles conversam, recebo uma olhadela crítica por cima do ombro do gerente. Em expectativa, aguardo o julgamento de meu terrível caso de credibilidade.

Após alguns poucos minutos, o funcionário retorna com o veredito.

— Desculpe fazê-la esperar...

— Sem problemas.

— A senhora pode pedir à sua amiga, sim...

— Ah, que bom — interrompo.

— Se a transação for aprovada, poderei então fazer seu check-in, mas precisarei de um documento de identidade.

Pela misericórdia divina!

Inclino-me para mais perto dele, sobre o balcão.

— Moço, como eu disse, saí sem absolutamente nada. Mas sei o número do documento, posso dizê-lo, e amanhã apresentarei a você, eu prometo... — nesta última parte é uma súplica declarada, não me envergonha admitir — Por favor.

Dando uma olhadela de esguelha ao gerente, de costas, o rapaz move a cabeça, acenando uma breve confirmação.

— Muito obrigada — sussurro, ciente de que ele está infringindo alguma regra por mim.

E me dou conta de mais um detalhe...

— Será que pode também me deixar usar seu telefone? — encolho os ombros, mortificada.



— Alô? — Priscila atende, impessoal.

— Pini, sou eu — falo baixo.

— Ei, garota, tudo bem?

— Mais ou menos... Preciso de um favorzinho seu.

— O que foi?

— Eu meio que saí *apressada* da casa do bastardo e estou sem nenhum dinheiro aqui comigo.

— Quando diz “saí apressada” significa o que, exatamente?

Ao contrário do que eu esperava, não encontro nela a preocupação costumeira, como seria em qualquer outra situação. Minha amiga confia demais naquele bastardo!

— A modelo “nutricionista” apareceu na casa dele, acho até que estão se reconciliando agora.

— Ah, Katarina! Não me diga que você... Espere, onde está?

— Hotel.

Ouçó sua respiração profunda.

— Tudo bem, o que você quer que eu faça?

— Preciso do número do seu cartão de crédito para me hospedar.

Ela bufa.

— Amiga, eu amo você e vou sempre te apoiar, e sabe disso. Mas, às vezes, não dá pra te entender.

Noto que, apesar de tentar disfarçar digitando qualquer coisa no teclado, os ouvidos do recepcionista estão levemente inclinados para mim.

— Depois te explico tudo e você entenderá, acredite. Estou usando o telefone da recepção do hotel. Devo deixá-lo falar com você e pegar suas informações.

— Passe.

— Obrigada.

— Katy?

— Eu sei o que vai dizer... Não fiz bem em sair correndo, não é?

— Você deveria ter colocado *ela* pra correr — brinca.

— Tentei, mas não fui bem-sucedida.

Passo o telefone pra ele e espero até estar liberada. Ao receber o cartão magnético do quarto, a ideia de subir lá agora me desanima. Estou energizada demais e...

— Há um bar neste hotel?

— Há sim, senhora.

Hmm.

— Será que meu consumo lá pode ser incluído nas despesas da conta?

— Pode sim, senhora.

— Ótimo. Muito obrigada — agradeço em voz baixa, cúmplice.



— E então, depois de tudo, ele não pensou duas vezes em socorrer a mentirosa — termino o relato com a língua enrolada. Mando mais um pouco da bebida e grunho com o ardor — Caramba, es-esta coisa nunca vai parar de arder?

Meu acompanhante ri, achando graça.

— É destilado, eles raramente melhoram, não importa o quão bêbado estamos. Mas, voltando à sua história, você acha que o cara está se reconciliando com a tal modelo de peitos?

“Reconciliando”. A palavra dói mais do que a maldita bebida.

— Ou pior, talvez nunca tenham terminado. Por que vocês homens agem d-deste jeito?

Ele beberica mais de seu uísque.

— Talvez o problema não esteja em nós, homens, mas em vocês, o tão famigerado sexo frágil.

— O-o que quer dizer com isso?

Sustendo um ar ligeiramente divertido, ele explica.

— Vocês complicam tudo, misturam as coisas, interpretam como querem. Quem pode compreender o que realmente desejam se não dizem e saem correndo?

— Que besteira — levanto a mão num gesto desengonçado de desdém — Desculpas, desculpas e mais desculpas, é só o que sabem dar. Não importa se tenham passado uma década longe, sempree há uma desculpa. É por isto que eu prefiro sabe o quê? — bato meu ombro contra o dele, sentados lado a lado no bar do hotel — Sabe o quê? Sexo com desconhecidos, sem sentimentos, mentiras e decepções...

Uma risada gostosa vinda dele me faz beber mais da péssima bebida transparente.

— Nisto tenho de concordar.

Observo com mais atenção o sujeito ao meu lado, uma réplica do Ricky Martin, dono de um bom sorriso, só não consigo lembrar o nome dele.

— Eu queria se-sentir tesão por alguém como você, sabia? Mas nem isto eu consigo. Aquele bas-tar-do me arruinou, de novo.

— Se você quiser, posso te ajudar com isso — ele brinca, sedutor.

— É uma exce-lente proposta, Ricky, mas...

— Ela vai recusar — uma voz fria, cortante, vem acima de nossos ombros.

Ao reconhecê-la, meu corpo embriagado estremece, tentando expulsar o álcool e raciocinar. Arregalo os olhos e verifico por cima do meu ombro. Tranquilamente, Ricky Martin também olha por cima do dele.

Apesar da baixa iluminação, percebo que o bastardo tem o rosto retorcido por um desgosto mal contido, exalado por todos os seus poros, por baixo da inexpressividade. Seus ombros, braços e punhos estão contraídos, demonstrando que não há uma célula feliz em seu belo corpo. Eu nunca associei este homem a perigo, mas, em meu interior, sinto que o subestimei até então.

Engulo em seco, escondo a surpresa e volto a assumir uma postura de desgosto.

Olho para o meu parceiro de bar.

— É ele.

Sem mover a posição do rosto por cima do ombro, Ricky Martin olha de Daniel para mim.

— Pela cara dele, acho que você estava enganada sobre a reconciliação, Katarina — ele sussurra, divertido — É melhor eu subir agora.

— Fique, Ricky...

— *Katarina* — Daniel avisa perigosamente entredentes.

Sorrindo matreiro, Ricky Martin termina de golear o uísque e se levanta. Ele está hospedado neste hotel também.

Em pé, ao lado do bastardo, meu companheiro da última hora me lança um olhar aquecido.

— Se quiser, suba comigo... — deixa a sugestão no ar e pisca pra mim, mas sei que é uma brincadeira para provocar Daniel.

Penso escutar algo como “caia fora” do bastardo, ameaçadoramente perto de Ricky. Os dois se encaram por um longo minuto silencioso que me deixa de sobreaviso. É claro que o estranho é forte, mas Daniel, infelizmente, parece ainda mais. Eu bem gostaria de o ver levando um soco no belo rosto, ao pensar no “Oh, Nic!”.

Minha companhia vai embora dando risada. Homem ardiloso, este é dos meus.

Daniel me olha de cima. Noto a escuridão inconfundível em seus olhos.

— Vamos embora — ordena num tom muito baixo, letal, eu diria.

Pff...

Nem me dou ao trabalho de me levantar. Giro de volta à posição inicial, de frente para o balcão.

— Vá se ferrar — resmungo sem humor.

— Eu acho que já estou me ferrando, não é? — sua voz é sombria.

Engulo mais um pouco da bebida.

— Argh, maldita seja! — que ardência do caramba!

— Pare. Agora. *Katarina* — me arrepio com sua calma vinda em flechas afiadas contra meu pescoço — Levante esta bunda, vamos pra casa. Eu não estou brincando.

Não me mexo. É tão fácil vir aqui e lançar ordens, depois de tudo.

— Eu não vou a lugar nenhum com você — aviso com a desenvoltura que uma língua meio enrolada permite — Vá pra sua mentirosa peituda e me deixe.

Com a boca muito próxima ao meu ouvido, ao se inclinar, ele dá o que parece ser um último aviso.

— acredite, estou no meu limite. Você vem comigo sobre suas pernas ou meus ombros. A decisão é sua.

— Pff... Gostaria de te ver tentar.

Dois segundos é o tempo que leva para que meu corpo seja girado e levantado para fora do banco.

— Seu bastardo do car...!

Sou içada sobre seu ombro, tal qual ele ameaçou.

— Me coloque no chão, Daniel!

O infeliz não diz nada e começa a se mover comigo, como se eu fosse um saco de batatas. Soco suas costas; isto não o abala.

— Odeio você! — grito, me contorcendo.

As mãos quentes imobilizam minhas pernas.

— Bem, eu também não estou gostando muito de você neste momento, se te serve de consolo — resmunga num fino autocontrole — É melhor parar de se debater.

— Daniel, me põe no chão ou eu juro que...

— Jure à vontade.

Passamos pela recepção do hotel. Não tenho ideia do que o funcionário está pensando sobre mim agora, mal consigo ver seu rosto.

O ar frio da noite leva meus cabelos contra o rosto, atrapalhando a visão.

— Me coloque na porra do chão, Daniel! Que saco! Quem você pensa que é?

— O imbecil que chegou a tempo de evitar que você subisse para o quarto com um estranho — grunhe, e percebo a acidez e a ferocidade das palavras ditas.

Dói, sou levada para aquela maldita sensação de me reduzir a uma criança que fez coisa errada, como sempre quando o assunto é ele.

— Me põe no...

Calo ao sentir meu corpo sendo endireitado e os pés voltando à posição vertical. Estamos fora do hotel, ao lado do Jeep dele.

Sinto o álcool evaporando de mim na velocidade com que a raiva vai entrando.

— Uma palavra pra você, Daniel: vá para o inferno!

Diante de mim, mostrando a grande diferença entre nossas alturas e toda a potência de um corpo imponente e musculoso, ele cruza os braços sobre o peito.

— São quatro — rosna.

Hã?

— Quê? — perco a linha de raciocínio.

— Vá para o inferno. São quatro palavras. Você mal consegue contar, então pare de me testar e vamos pra casa — sua impaciência me diz que o homem está lutando firmemente para não explodir.

Sou *eu* quem deveria estar assim. Não ele.

— Oh, minha nossa! Você é tão inteligente, não é? Por favor, me ajude a contar quantas palavras têm em: volte pra sua puta mentirosa e me deixe em paz, seu bastardo do caralho!

O ar que expande suas narinas sai ruidoso. Vejo, dentro de seus olhos escurecidos, a chama vermelha, como uma fogueira numa noite sem estrelas.

— Já chega. Vamos embora.

Ele abre a porta do passageiro e espera que eu entre.

— Olhe. Olhe — repito, para reorganizar o pensamento, gesticulando no ar — Eu falei sério sobre você voltar para sua namorada. Não vou pra casa com vocês, não vou mais ficar nesta cidade, e não quero mais te ver. Nunca mais. Eu cansei de...

Num piscar de olhos, ele está tão perto que os lábios se encostam em minha testa.

— Não. *Suas* atitudes imaturas e impulsivas é que estão me cansando, Katarina — apesar da fúria, o que chama atenção é seu tom, de alguém que está realmente entregando a batalha — Se você quer mesmo fazer o que está dizendo, não te impedirei. Mas não será hoje. Você irá para a casa comigo e amanhã, depois de conversarmos, te deixarei livre para fazer o que quiser.

— Eu não vou voltar para aquela casa com vocês — rosno avisando que é melhor ele não insistir.

Levanto o rosto ao passo que abaixa o dele, ficando nariz contra nariz.

Dois gladiadores.

— Ouça, e, por favor, o faça com atenção — diz, num timbre absurdamente rouco e furioso — Não há mais ninguém naquela casa e você deveria saber disto. Pare com sua tentativa de colocar em cheque a força do que sinto por você. Faça, pense e diga o que quiser, suas palavras obviamente não estão sob o seu controle neste momento. Mas entre no carro agora mesmo.

— Não me diga o que fazer.

O mundo ao redor não existe mais: neste instante, há somente duas pessoas se encarando com ferocidade. Apesar de meus reflexos estarem levemente alterados, sou completamente dona do meu entendimento.

— Adiantaria alguma coisa? Você nunca me escuta. Prefere fugir, entrar num carro com um desconhecido, subir ao quarto de outro.

— Eu não...

De repente, ele esfrega o rosto com as duas mãos, tão frustrado que toca um ponto muito doloroso dentro de mim.

— Chega, Katarina, por favor. Pelo menos uma única vez, faça o que estou pedindo.

Sinto minha cabeça pender para baixo, como se um peso se alojasse na nuca.

— Ela está lá?

O olhar gélido responde.

Suspiro cansada.

— Tudo bem, eu vou. Mas amanhã tô voltando pra casa.

Deixo que ela entre primeiro. Dado seu estado, prefiro não arriscar que suba as escadas. Incapaz de conversar com ela agora, silenciosamente, a levanto nos braços e subo os degraus, mesmo contra seus protestos. No topo, deixo que ela vá para o quarto, sozinha. Desço, abro a porta da varanda e me sento em uma das espreguiçadeiras.

Observo o oceano negro até onde se pode ver. A brisa gelada proveniente dele não é capaz de me acalmar hoje.

Nada é.

Sinto o cansaço de alguém que bateu com os punhos diversas vezes numa parede, se machucou, e nem sequer criou uma lasca na estrutura de concreto.

O que eu faço com ela?

O que faço com a gente?

De todas as partes que Katarina decidiu me entregar, sua confiança não veio junto. Esta, ela preferiu me negar. E é justamente a que pode nos pôr em pé ou nos ruir de uma vez.

Esfrego meu rosto.

Se ela pudesse ao menos uma vez não reagir na defensiva. Se pudesse parar e olhar bem pra mim, saberia que o que sinto é um maldito desespero por essa mulher. Katarina tem o poder de me levar ao céu ou me ferir de um jeito com que ela talvez nem sonhe. E não dá para ser sempre assim; se não houver confiança, será como continuar tentando trincar uma parede indestrutível.

A chegada de Nicole não é realmente o problema.

A *desculpa* da chegada de Nicole, sim.

Sinto que é isto o que Katarina quer, uma desculpa, uma razão para dar embasamento à sua ideia de que não daremos certo juntos.

Quando ela saiu pela porta, acreditei que ela não iria tão longe a ponto de eu ter de encontrá-la num maldito hotel, bebendo despreocupadamente com um cara cujo objetivo era arrastá-la para a cama o mais embriagada possível.

Ela não quis esfriar a cabeça enquanto eu resolvia a situação em minha sala.

Ela quis revidar, porque é assim: está sempre disposta a não ouvir e tentar ferir em troca. Foi desse modo na fazenda, na maldita boate e na inauguração da loja.

Katarina em momento nenhum cogitou que eu a estava protegendo de Nicole, ao pedir que ela subisse ao quarto. Não pensou que *eu* conheço Nicole suficientemente a ponto de querer defendê-la dela, de seu drama, do fingimento, das consequências da briga tola entre elas.

Se eu não tivesse de correr atrás de Katarina, não teria enxotado Nicole da minha casa tão severamente, como fiz, e não teria escutado a promessa de que dali ela ia a uma delegacia prestar queixa da agressão. E Nicole levará isto adiante, sei que sim.

Ela não aceitou nossa separação como uma pessoa razoável; se tivesse, não apareceria na inauguração sem convite; não entupiria minha caixa de mensagem com queixas, choros e ameaças; e tampouco viria à minha casa.

Mas não importa o quão destrutivo é o comportamento de Nicole. A situação toda não tomaria a proporção que teve se existisse confiança entre Katarina e eu.

O amor não pode ser justificativa para suas atitudes. Não posso passar a vida tomando cuidado com cada passo, palavra, ação, com medo de que a mulher desista de nós. Errei ao deixá-la sem termos uma conversa, no passado. Talvez se eu tivesse explicado minha necessidade de partir, ela entenderia, não tentaria vir atrás de mim (como eu temia, na época) e estaríamos numa situação diferente hoje. Mas não foi assim. E não podemos mudar o que aconteceu.

Se o preço que precisarei pagar é o seu desrespeito constante e as suas tentativas de me ferir a cada passo, pode ser que eu já tenha perdido o seu amor há muito tempo, só não tenha me dado conta, na ânsia de querê-la de volta tão insanamente.



Capítulo 25

Katarina

Acordo com um zunido insuportável nos ouvidos. O som de um zangão, talvez. Sinto a cabeça mais pesada também, pálpebras doloridas... O que foi que eu fiz? De olhos fechados, vou pensando nos acontecimentos de ontem. Em todos eles. Eu gostaria de poder continuar dormindo e não ter de lidar com as consequências. Porém, já sou bem grandinha para fugir de uma luta... mesmo que esta seja a mais definitiva de todas.

Devagar, abro os olhos, piscando e me adaptando ao ambiente. Estou no quarto de Daniel, e sei que não foi aqui que me deitei. Em algum momento da noite, ele me tirou do quarto de hóspedes e me trouxe ao seu.

Pelo menos isto significa que ele não mentiu ao dizer que Nicole não estava na casa... do contrário, seria ela aqui, não eu.

Meu peito pesa, apertado; sei que não tem a ver com ressaca, e sim com os desdobramentos da noite – embora a náusea e a tontura tenham. Detesto esta sensação de me sentir pequena, suja, errada, de não saber como será o próximo minuto.

Do jeito que posso, em movimentos lentos, sento escorada à cabeceira e encolho os joelhos junto ao peito. Descanso a cabeça neles. Consciência pesa? Digo, de fato, ela pode causar dor física? E, de qualquer forma, por que é a minha pesando e não a dele?

— Como você está? — a voz fria de Daniel ecoa no quarto.

Levanto a cabeça com um esforço sobre-humano.

— Como eu pareço estar? — retruco, sem poder evitar.

Ele não responde. Percebo que o homem está se segurando para manter-se passivo. As labaredas em suas íris o denunciam.

— Onde você dormiu?

Ele estreita os olhos, pego de surpresa com a pergunta. Droga, nem mesmo sei por que a fiz.

— Onde você acha? — o tom controlado me diz que é exatamente o que eu imagino.

— Nem precisa responder. Eu não deveria ter perguntado, de qualquer modo. Ela está aqui, não está?

— Desculpe? — rosna com uma admirável calma, que consegue alertar meus sentidos ao perigo.

Não desvio. Encaro-o também, sustentando sua ferocidade controlada.

— Você está velho, não surdo.

Prendo a respiração ao acompanhá-lo pisar alguns passos determinados para dentro do quarto e parar na borda da cama. Há tanta tensão que o corpo todo a sente. Imóvel, não reajo enquanto acompanho com os olhos sua mão vir para apanhar meu queixo.

— Olhe para mim.

É provável que ele tenha sentido o tremor de meu corpo. Mas, valente, obedeço.

De perto, encontro sentimentos muitos mais intensos. Irritação, decepção, frustração. A expressão calma, lábios rígidos, cabelos penteados de qualquer jeito para trás, olheiras escuras circundando os olhos. Dani está uma merda. Assim como eu.

Seu polegar desliza uma única vez contra meu lábio inferior, mas recua, como se o contato o queimasse.

— Quero que se levante e me encontre lá embaixo para conversarmos — não há nada expresso no timbre grave, baixo — Você tem vinte minutos.

Ah, eu tenho horário para deixar a propriedade do rei?

Talvez percebendo a resposta insurgente vindo à beira da língua, ele me solta. Sem me dar chance, sai a passos tranquilos, fechando a porta atrás de si.

Tapo o rosto, tentando entender como foi que tudo desabou, depois de passarmos um dia tão fantástico.

Voltarei para casa. Por vontade minha, e dele também, pelo que parece. Não há nada de errado numa decisão de comum acordo e eu não deveria querer chorar, como quero agora.

Em seu banheiro mesmo, tomo uma ducha, deixando a água levar algumas lágrimas. Não quero pensar em nada, preciso ser objetiva. Tampouco devo me sentir culpada, pois tentei. Contra tudo, passei por cima do ressentimento, aceitei para mim mesma que o amo a ponto de querer tentar de novo.

Amor unilateral não é tudo.

Ao sair do banheiro, noto que minhas malas estão aqui. Não sei exatamente quando ele as trouxe, ou com que intenção. Talvez para adiantar meu trabalho. Procuro uma roupa que seja ideal para o momento. Não tenho completa certeza de que Nicole não está na casa, mas sei que Daniel não teria uma conversa séria comigo em frente a ela, isto eu posso afirmar. O homem pode ser um bastardo, mas não um canalha.

Na hora de escolher a roupa, meu orgulho o faz por mim. Se vamos ter “a conversa”, quero estar bem, quero que a última imagem que ele tenha de mim seja a de uma mulher atraente, confiante, bonita. Coloco sapatos de salto alto, saia lápis e blusinha de cetim rosé de tiras finas. Prendo o cabelo numa trança e aplico batom.

Há um tipo de brincadeira que faço quando estou numa situação ruim. Chama-se “Qual a pior coisa que pode acontecer?”. Nela, discorro todos os desdobramentos possíveis e destaco o pior. No caso de hoje, o pior é sairmos desta com mais ressentimento um do outro e nunca mais nos falarmos.

Se for assim, como posso minimizá-lo? Sendo honesta em cada palavra. Escutar o que ele tem a dizer, e falar o que meu coração tentaria esconder.

Tomada esta decisão, prometendo a mim mesma que não me alterarei, ao contrário, me comportarei como uma dama, desço.

Conforme vou me aproximando da sala, posso ver a mesa de café da manhã posta para duas pessoas, com a fartura comum ao desjejum dele. Meu estômago ronca, aturdido. Seria muito mais digno me dispensar depois de me alimentar... e até nisso o cara é uma boa pessoa (se bem que dois lugares podem não necessariamente me incluir).

Vejo-o parado em pé contra a parede, tomando calmamente uma xícara de café. Os tornozelos cruzados denotam serenidade. Avalio-o melhor: bermuda branca de linho e camiseta cinza; nos pés, um chinelo. Casual e bonito, como sempre.

Sinto também o peso de seus olhos em mim, de cima a baixo, lentos, avaliativos.

Respirando com dificuldade, de tão nervosa, faço uma varredura à procura da modelo. Nem sinal. Melhor assim.

— Vinte minutos não são quarenta.

Comportar-me como uma dama, ah, sim, isto mesmo.

— Sente-se e coma — diz, insondável, antes que eu rebata a primeira frase.

Ele acha mesmo que eu me sentaria e comeria tranquilamente?

— Vamos lá, Daniel, por favor, direto ao assunto — cruzo os braços e espero.

— Coma.

— Obrigada, realmente não tenho fome agora. Por favor, vamos conversar de uma vez — a despeito do que quero demonstrar, sinto-me ansiosa e amedrontada.

Assisto-o pousar a xícara no balcão da cozinha, muito sério, e vir calmamente em minha direção. Surpreendendo-me, ele apanha minha mão. O toque é suave e quente, ao contrário de sua postura, não menos firme ao me levar à mesa.

Eu poderia me debater e iniciar outra discussão, entretanto, teremos uma muito maior vindo aí. Beligerante, moendo o canto da bochecha entre os dentes, observo-o puxar uma cadeira.

— Sente-se. Só haverá conversa depois de se alimentar.

Consciente de que não está sendo dada uma opção, lembro do objetivo de amenizar as consequências da pior possibilidade. Opto por me sentar. Não serei nem melhor e nem pior por isto.

Sem falar nada, ele preenche um grande copo com suco de laranja e põe na minha frente.

— Obrigada — aceito a oferta. Com as mãos trêmulas, pego o suco e tomo em grandes goladas. O líquido desce como uma redenção bem-vinda.

Diante de sua espera paciente e silenciosa, rejeito qualquer outro alimento. Não conseguiria, de qualquer forma.

Ao descansar o copo vazio, deixo subentendido que estou pronta.

— Muito bem, vamos à varanda — ao dizer, vira-se e caminha em minha frente.

Sorvo algumas respirações profundas, limpo a saia, arrumo qualquer fio de cabelo fora do lugar e o sigo como um cãozinho domesticado, exceto pelo som dos meus saltos contra o piso.

De uma maneira estranha, sinto como se eu estivesse errada e prestes a levar uma bronca do meu pai; no sentido real da situação, ele deseja terminar o que quer que nós tenhamos de um jeito adulto, conversando, parece bom. Melhor do que na última vez, pelo menos...

O sol das dez da manhã nos acolhe. Por sorte, a varanda coberta nos protege dos raios. Eu me sento na lateral de uma espreguiçadeira confortável, e ele em outra, ao lado. Ficamos um de frente para o outro, os joelhos quase se tocando.

Ele emite uma expiração profunda, percebo no gesto o esforço para manter-se sereno, apesar do clima cortante.

— Muito bem — diz em voz suave, mas me encara com uma intensidade desestabilizadora.

Um nó se forma na minha garganta.

— Diante do que estamos fazendo, acho que podemos ser objetivos — incentivo que comece, controlando meu nervosismo através de respirações curtas.

Noto a estreitada curiosa de seus olhos.

— O que você acha que estamos fazendo? — o tom de voz neutro denota verdadeiro interesse em minha resposta.

Uma tortura.

Apoio as mãos nas pernas e as abro de palmas para cima.

— Tendo um encerramento. Você está me dispensando profissionalmente, e estamos tendo a conversa que põe fim ao... — nesta parte perco um pouco da coragem educadamente exposta — Você sabe...

Ele inclina o rosto pra mim, me olhando com mais interesse.

— É por isto que se vestiu deste jeito? — aponta minhas roupas com o queixo.

Sinto o rubor tomar conta de minhas bochechas, detesto demonstrar fraqueza.

— Há jeito certo de se vestir para esta situação? — dou a ele um sorriso torto.

Com borboletas radioativas entrando em meu estômago, observo-o se inclinar para frente, ficando muito, muito perto do meu rosto, e apoiar os antebraços em suas coxas.

— Você acha mesmo que, depois de tudo, eu deixaria você sair da minha vida assim, tão fácil? — existe uma profunda decepção escondida no ar ligeiramente curioso.

Meu coração, o pobre coitado, se fecha em punho contra meu peito.

— Você... eu... — tento elaborar uma frase que faça sentido, mas nada vem em minha defesa.

— É frágil assim o amor que você diz sentir por mim, Katarina? — olhos penetrantes me

estudam com profundo interesse pela resposta. Como se vidas dependessem disto.

Recebo a pergunta tal qual uma bofetada no rosto.

— Não pensei que meus sentimentos estivessem em causa aqui... — infelizmente o lado sem nobreza em mim pega a deixa de que a melhor defesa é o ataque, pondo a dama de lado.

— Ah, não?

Pressiono as mãos unidas, desconfortável, me sentindo encolher um centímetro mais a cada segundo encarando a intensidade nele.

Sorvendo uma grande quantidade de ar, Daniel desliza os dedos pela lateral da cabeça, como se estivesse tentando administrar os pensamentos em meio a uma situação absurda.

— Antes de mais nada, vou te fazer uma pergunta, e quero que reflita um pouco ao responder, saiba que é importante para mim.

— Faça.

— O que é maior dentro de você, o amor que diz sentir por mim, ou a mágoa?

Era a última coisa que eu esperava ouvir. A questão vem como um aperto firme em minha glote, dolorido, obstruindo tudo.

Tento respirar fundo, não consigo. Nem mesmo engolir a saliva. Por uns instantes, até os ouvidos se trancam, semelhante ao efeito de quando entra água neles.

— Respond... — a primeira tentativa sai inaudível, esforço-me um pouco mais — Responderei se antes me disser o que é maior para você, seu amor ou sua culpa?

Sério, como talvez nunca o tenha visto, ele me fita querendo enxergar através de minhas palavras, talvez tentando entender o mecanismo de funcionamento de minha cabeça.

— Você não faz ideia do quanto eu sou maluco por você, não é? — questiona com um misto de decepção e profunda reverência.

Meus olhos se enchem de lágrimas.

— E quanto à culpa? — ainda consigo dizer, apesar do fio de voz.

— Eu não posso mudar o passado. Não foi a culpa que me trouxe até aqui, mas a vontade de ser o melhor pra você. E se quer saber, honestamente, se for para te poupar de sofrer ao meu lado nos tempos mais duros, eu teria feito tudo outra vez.

Limpo com o pulso uma lágrima espessa que corre acelerada por meu rosto.

— Você deixou a Nicole?

Por sua expressão, a pergunta o ofende.

— Eu te disse que sim.

— Você se sentiu culpado por deixá-la?

— Não.

— Voc...

Ele me corta, seco.

— Responda à minha pergunta, Katarina. O que é maior dentro de você, o amor que diz sentir por mim, ou a mágoa?

Corro freneticamente meus olhos por seu rosto e camiseta, até chegar às minhas mãos no colo.

— Eu não sei — murmuro, franca.

Ele acena um movimento de cabeça, processando o peso do que digo.

— Quando desceu aquelas escadas, há alguns minutos, o que havia em sua mente sobre nós dois, no futuro? — questiona baixo, pensativo.

— Que não estaríamos mais juntos...

Noto o breve aperto de seus lábios; minha resposta o machuca fisicamente.

— E como se sentiu com isso?

Levo minha mão à garganta.

— Uma miserável, sabendo exatamente quanta dor e sofrimento eu terei me acompanhando para o resto de minha vida.

Não posso dizer o que sente ao ouvir. A fachada livre de emoções não permite.

— E, mesmo assim, estava tranquila em descer aqui e ter esta conversa, sem lutar, supondo que eu terminaria — não é uma pergunta.

Mas respondo mesmo assim.

— Sim.. — confesso, porque me comprometi a ouvir e dizer o que meu coração manda.

— Pelo que, *orgulho*?

Baixo a cabeça.

— Não... não sei...

— Você quer que eu termine com você, não é? Espera isto, para corroborar a sua falta de confiança em mim e poder finalmente justificá-la.

Sinto-me atacada. E impelida a contra-atacar.

— Eu acho que perdi uma parte desta conversa. Ontem, Daniel, você escolheu um lado, entre sua namorada e eu, sem ao menos me escutar. É assim que você descreve “confiança”?

— Não precisei te escutar para entender o que estava acontecendo.

— Ah, não? — pela primeira vez, deixo a ironia esvair pela boca.

— Não.

Fecho os punhos.

— Eu vi o que aconteceu — diz, seguro.

— Sim, eu batendo em sua namorada.

— Pare — avisa com propriedade — Pare de se referir a ela como minha namorada somente porque está irritada e quer me ferir.

— Que seja — resmungo, ciente de que ele está certo.

— Vi quando ela te empurrou e vi quando você revidou. A porta é bastante grande — aponta para as amplas portas de correr da varanda, de vidro.

Levo a cabeça para trás, surpresa.

— E, mesmo assim, deu a ela voz, e não a mim?

— Não dei nada a ela. Dei a você a possibilidade de se proteger dela e me deixar lidar com a situação.

— Me proteger dela? Você acha que não sei me defender?

— De um boletim de ocorrência? — questiona, dúvida.

Hã?

— É o que ela fará, Katarina. Se já não fez. Se você tivesse, pelo menos uma vez, me escutado, subiria ao quarto e me deixaria colocá-la num táxi de volta, sem maiores danos. Mas sua fuga desatinada me fez expulsá-la daqui e alimentar as ameaças que ela vem me fazendo desde que terminamos.

— Ela... Ameaças?

Penso um pouco. É óbvio que sim. A mulher não aceitou o fim deles, quem aceitaria?

Enquanto me deixa raciocinar, ele não diz nada. Mas me observa com determinação.

— Faz sentindo...

E, dito isto, dei a ele a vitória.

— Você consegue perceber que sua mágoa a fez ter um julgamento errado?

— Eu não...

— Se eu não tivesse chegado a tempo, você teria subido para o quarto com aquele cara?

Outra bofetada que me alarma e obriga a voltar a enfrentá-lo.

— Não — revelo com total firmeza, e certa aquiescência — Para ser sincera, nem todo o álcool do mundo me permitiria não comparar qualquer outro cara a você. E você sempre vencerá. Sempre venceu, mesmo quando era só uma memória no passado.

— Você estava lá, com ele.

— Flertando e acreditando que você estava aqui, com ela, e ainda com toda a raiva, eu não conseguiria me entregar a outro cara agora.

Ficamos os dois uns instantes processando nossa conversa, em silêncio. Vejo o quanto Daniel está cansado de meu comportamento. E o quanto eu mesma estou exausta de agir com um escudo em

frente ao meu corpo o tempo todo.

— Eu quero ficar com você mais do que já quis qualquer outra coisa na minha vida... — começo, em voz baixa — *Preciso*, na verdade — zombo com escárnio de mim mesma — Quando saí daqui ontem, eu só conseguia pensar em como queria poder voltar no tempo, ao momento em que cochilei nos seus braços. Nenhuma outra coisa me pareceu melhor.

— Mas na primeira oportunidade decidiu que me ferir era sua melhor defesa.

— Sim...

Seu lábio franze, de lado, processando o que eu disse.

— Você tem uma boa mira. Normalmente acerta no alvo. Foi assim na boate; na inauguração; ontem... — meneia a cabeça mais para si mesmo — Vê-la com outro cara é um bom jeito de me ferir, se você deseja este reconhecimento.

Com uma revelação tão aberta, ele consegue fazer eu me sentir a pior pessoa do mundo. Envergonha-me profundamente parecer tão mesquinha frente aos seus olhos.

Querendo desfazer o malfeito, pego suas mãos, num impulso, numa necessidade de contato físico.

— Eu tenho medo de você mudar de ideia a qualquer momento — revelo, abrindo-me por completo — Que esteja comigo por culpa, ou algo parecido; ou perceba que o que deixamos de viver no passado não era tão especial assim, afinal, era apenas uma utopia, justamente por não termos vivido; que se apaixone por outra e eu seja devolvida para a minha vida miserável sem você; tenho medo de morrer sufocada por gostar tanto assim de alguém; de dar a ele o poder de me ferir.

Um ruído profundo, grunhido ou respiração, não sei bem, eclode de seu peito.

— Pois compartilho dos mesmos medos, Katarina. Mas, ao contrário de você, eu não penso em fugir quando esse medo aperta o peito; penso em manter você junto a mim de um jeito que ninguém nunca possa levá-la. Te amo tanto que não consigo sequer imaginar a ideia de voltar a viver um dia separados.

Sem pensar muito, me vejo indo pra ele, para me sentar em seu colo. Estive prestes a perdê-lo, mas Daniel continua sendo meu.

— Me ensine a não fugir, a não querer me defender, Dani. A ser tão racional quanto você — seguro seu rosto entre meus dedos.

Ele zomba.

— Acredite, eu não sou nada racional. Fui eu a te arrancar nos ombros daquele hotel, lembra?

Apesar de mortificada, quero rir. Porque, se eu tivesse forças e a situação fosse o oposto, eu teria arrancado ele pelos cabelos de lá.

— Já que está confessando, vou te dizer que cheguei a cogitar a possibilidade de te jogar de um carro em movimento, ou qualquer outro tipo de morte, se um dia eu recebesse seu convite de casamento com a Nic-Mentirosa ou qualquer outra pessoa... — encolho os ombros — E depois fugiria para a Suíça.

Mesmo em nossa revelação de amor assassino, o homem consegue arranjar humor para emitir uma risada grave, rica, que aquece o peito e desce uma espécie de alívio célula a célula do meu corpo.

— Somos bem ciumentos, pelo que vejo.

Encosto o nariz no pescoço dele, da forma como desejei fazer desde que as coisas desandaram ontem. Abraço-o, envolvendo seu pescoço.

— Me perdoe, Dani... Perdoe a impulsividade, a imaturidade. Me ajude a ser a pessoa certa pra você.

— Você já é. Com seu mau gênio, a boca suja, a malcriação. Você é perfeita.

— Não o suficiente para não te magoar, e eu não quero mais este sentimento... Me ajude a ter equilíbrio e saber lidar com situações como a de ontem, a ter controle das minhas emoções e te ouvir.

— Basta que você olhe dentro dos meus olhos, Katarina — o som rouco é absurdamente transparente — Você vai ver o quanto te amo, o quanto é importante para mim, basta que dê ouvidos ao seu coração e olhe bem para mim.

— Se eu tivesse feito isto ontem...

Suas mãos enormes pegam meu rosto e me inclinam para olhá-lo de frente.

— Confiança é algo que não vem de graça. Devemos conquistá-la, merecê-la. Sei que precisarei trabalhar duro para ter a sua, menina. E eu farei isso, acredite quando digo que esse será meu objetivo de vida.

Tendo uma ideia, praticamente salto em seu colo.

— Você vai achar isto bobo, mas já li em livros e imagino que funcione na vida real.

Sorrindo, mais leve do que estive no início desta conversa, ele arqueia a sobrancelha, curioso.

— Chama-se: palavra de segurança.

— Eu sei o que é, Katarina — diz, condescendente.

Mordo o riso.

— Normalmente funciona para estipular limites no sexo, mas — dou de ombros — Como não quero ter nenhum limite com você — sedutora, corro o dedo por sua barba — Vamos usar uma para conter o *nosso* mau gênio.

— Nosso?

— Sim, vai, nosso, não é? — brinco — Certo, o fato é, quando eu estiver prestes a deixar de raciocinar (provavelmente por algo que você direta ou indiretamente tenha feito), você me dirá uma palavra que combinarmos, e eu me lembrarei imediatamente de nossa conversa de hoje e de como estive prestes a perdê-lo.

Desconfiado, ele me sonda, apesar do ar divertido.

— Lembrará mesmo? E simplesmente recuará? Humm, não sei não, é difícil de acreditar.

Encolho-me um pouco.

— Bem, não terá o mesmo efeito de me dar uma paulada na cabeça e me apagar, mas como esta possibilidade está absolutamente fora de questão, nossa palavra me obrigará a pensar, a *raciocinar*, melhor dizendo.

Deliberando num tipo de beicinho atraente, ele assente.

— Tudo bem, é um bom jeito de tentarmos. E, só por curiosidade, você já tem uma palavra em mente?

— Poderia ser uma bem obscena, não é?

— Melhor não. Você estaria muito irritada para ter presença de espírito. Acho que precisa ser uma que exerça um poder mais calmante sobre você.

— Ah, mas então *definitivamente* deve ser obscena, e tem a ver com uma parte de sua anatomia.

— Esqueça — bem-humorado, salpica o dedo em meu nariz — Se eu te falar do meu pau, na hora da raiva, você irá querer cortá-lo fora. Por que não... — seus olhos vão para a esquerda — “mar”?

Olho na direção apontada e vejo o oceano: agitado na margem, eternamente pacífico ao longe. É, ele realmente me acalma, e me faz lembrar deste homem.

— Mar. Definitivamente. E saiba que isto vale para você também. Quando estiver bem irritado, vou dizer nossa palavra de segurança e você terá de lembrar o que ela representa.

Lentamente, ele corre o nariz por meu ombro.

— Por mim, tudo bem. Sei que jamais precisará usá-la. Basta eu te ver e tudo muda de perspectiva para mim.

Oh, Deus...

— Isto foi lindo, seu bast...

Ele afasta a cabeça imediatamente e empertiga-se.

— Por falar nisto — se inclina pra frente, me levando junto.

Vejo-o mexer no bolso da bermuda e tirar meu celular de lá.

— Duas coisas, Katarina — segura o aparelho em frente ao meu rosto — Nunca mais saia sem documentos e sem celular novamente — recebo um olhar severo — E corrija meu nome em sua agenda.

A última parte é um tanto ranzinza.

— Hã? — escondo a graça por sua expressão acusadora.

— Somente corrija — diz, seco, exceto pelo brilho zombeteiro em sua íris.

Pego o telefone e, no segundo seguinte, compreendo a que se refere. Na tela do aparelho há chamadas não atendidas da Júlia, Alice e três de “Bastardo”.

— Oh... hã, sim...

Rapidamente, meus dedos trabalham para alterar, no entanto, inclino o celular em direção ao meu peito sem deixar que ele veja o que estou digitando. Depois que termino, Daniel retira o aparelho de mim e o apoia em cima da espreguiçadeira em que estamos sentados. Com a mesma mão, ele revira outro bolso da bermuda e apanha o próprio telefone. Vejo-o fazer alguns movimentos, já imaginando sua intenção.

Meu telefone começa a vibrar e logo uma música baixa diz que estou recebendo uma chamada. Na tela, o nome “Daniel Amor da Minha Vida” sinaliza.

O sorriso orgulhoso em seu rosto derrete até a última gota em mim.

Beijo-o com tudo o que possuo, agradecida por ter tipo uma nova chance. O medo que senti esta manhã, pensando que ele iria me deixar, é algo que não pretendo sentir nunca mais.

Aproveitando-se da privacidade causada pelo isolamento de sua casa, no instante seguinte, Daniel me tem debaixo dele, beijando-me, despindo minhas roupas elegantes.

— Deixar você — bufá baixinho — Onde raios você estava com a cabeça quando se vestiu pensando nisto? Aprenda algo sobre mim, meu amor: sou um homem obstinado. Não abro mão do que é meu.

— Deus do céu! — gemo, quando sua língua encontra o contorno do meu mamilo.

Nos braços deste cara redescobri que sexo e amor são mesmo coisas completamente diferentes.

Sexo é o que eu fiz por uma vida inteira, sem ele, com caras aleatórios. Sem sabor, só um êxtase vago, rápido e passageiro. Amor é o que eu tenho em seus braços, é emocionante, desperta cada parte do meu ser, dói e alegra célula por célula.

E amo fazer amor com ele. Só com ele.

— Jesus Cristo, Katarina! O que é isso?

Nua, de bruços, me espanto quando Dani se afasta bruscamente. Então sei exatamente a que ele se refere.

— Nic-Mentirosa tem uma boa força — brinco, ciente do grande hematoma em tons de roxo e preto em minha lombar, acima do bumbum.

— Eu deveria tê-la afogado... — ele grunhe.



Capítulo 26

Katarina

A segunda-feira no trabalho é produtiva, Matheus tem dedicado boa parte do seu tempo para aplicar os procedimentos no setor. Alguns dos gerentes também ficaram incumbidos de apresentar documentos, na primeira fase, que é a de ajustar a empresa aos padrões do órgão regulamentador.

Almocei no refeitório com algumas meninas. Dani tinha uma reunião fora, pouco o vi desde esta manhã. É meio da tarde quando a primeira mensagem dele chega.

✉ **Remetente:** Daniel Amor da Minha Vida

Mensagem: “Quer encerrar o expediente mais cedo e ir pra casa comigo?”.

Sorrindo, digito uma resposta.

✉ **Destinatário:** Daniel Amor da Minha Vida

Mensagem: “Proposta um tanto indecente para um chefe, não?
Saudade de você”.

✉ **Remetente:** Daniel Amor da Minha Vida

Mensagem: “Na verdade, eu não estava pensando em nada propriamente indecente. Você sim, menina má? Saudade também, não vejo a hora de chegarmos em casa”.

Mordo o sorriso, tentada a provocá-lo.

✉ **Destinatário:** Daniel Amor da Minha Vida

Mensagem: “Sempre penso em coisas indecentes com você. Aliás, estou pensando agora mesmo”.

✉ **Remetente:** Daniel Amor da Minha Vida

Mensagem: “Gostaria de compartilhar?”.

✉ **Destinatário:** Daniel Amor da Minha Vida

Mensagem: “Gostaria que eu compartilhasse?”.

Distraída, fecho um pouco a tela do notebook sobre a mesa em me concentro em esperar por sua resposta.

✉ **Remetente:** Daniel Amor da Minha Vida

Mensagem: “Por favor, sim”.

✉ **Destinatário:** Daniel Amor da Minha Vida

Mensagem: “Bem, penso em desabotoar o botão de sua calça, discretamente, no caso de alguém entrar aqui na sala e nos pegar no flagra, e...”.

✉ **Remetente:** Daniel Amor da Minha Vida

Mensagem: “E?”.

Puxa vida... Obviamente não foi uma boa ideia espetar um leão usando uma vareta. Sento-me desconfortável na cadeira.

✉ **Destinatário:** Daniel Amor da Minha Vida

Mensagem: “Eu o tiraria para fora, com discrição, colocaria em minha boca e... caramba, que calor terrível.

P.S.: o dono desta empresa deveria mandar arrumar o ar-condicionado”.

✉ **Remetente:** Daniel Amor da Minha Vida

Mensagem: “Dentro de sua boca?

P.S.: não há nenhum problema com o ar”.

✉ **Destinatário:** Daniel Amor da Minha Vida

Mensagem: “Sim, e o levaria profundamente... e”

— E?

Empertigo-me quando percebo que a questão não está mais na tela de meu celular, mas vindo diretamente do cara escorado ao batente da porta. Sua feição é de um homem dono de um ferrenho autocontrole, mas é o brilho diabólico em seus olhos que o denuncia.

— Deus do céu, Dani! Você quer me matar de susto?

Rindo, recebo aquele sorriso torto, malicioso.

— Desculpe, não foi a minha intenção — levanta a mão levemente para o ar, em sinal de rendição — Você estava tão concentrada na tela desse aparelho. Eu me pergunto o que poderia haver aí de tão interessante.

Inocentemente, inclino o rosto meio de lado e faço um raio-X por seu corpo, preguiçosa, deliberadamente lenta. Paro mais tempo do que o necessário num local muito específico e vejo que seu *ânimo* já chegou bastante estabelecido.

Arfo e lambo o lábio inferior, numa ação calculada.

O sorriso vai de dissipando, dando ares mais intensos ao rosto masculino simetricamente construído.

Sem quebrar nosso contato visual, ele fecha a porta da sala de Matheus e vem se aproximando da mesa onde estou a passos tranquilos. Seu corpo, contudo, está todo em posição de ataque.

Dentro da privacidade da sala fechada, sinto-me mais ousada.

Empurro a cadeira para trás, num convite para que contorne a mesa e se sente diante de mim sobre ela.

— Venha aqui, querido. Quero te ver mais de perto, passamos o dia longe.

— Você sabe que parece o tal Lobo Mau da Chapeuzinho Vermelho, não sabe, querida?

Amo esse climinha de provocação disfarçada.

— E, neste caso, você seria minha vítima? Sabe, por este aspecto, até que gosto da comparação.

Ao se aproximar, Dani realmente se senta na beirada da mesa, e se inclina sobre mim, abocanhando-me num beijo altamente excitante, como se não tivesse me visto em um longo período. Esta noite amanhecemos fazendo amor, das maneiras menos ortodoxas existentes. Um mostrou ao outro em ações o quanto o sentimento que nos une é insano, profundo, dilacerante. Não me imagino mais sem este homem na minha vida.

Gemo em sua boca, e quando ele se afasta, vejo na brasa queimando suas íris o meu próprio desejo.

— Dani...

— Katarina — recita meu nome numa segurança que sei que não sente.

Engulo em seco, realmente quente de necessidade.

Sua grande mão roça meu ombro, subindo delicadamente por meu pescoço, o qual massageia com grande habilidade. Em vez de me fazer relaxar, surte justamente o efeito contrário.

Seguro meu cabelo para cima, tentando refrescar um pouco.

Sentando, uma de suas mãos segura firmemente a borda da mesa, enquanto a outra arrasta os movimentos, devagar. O contato de nossas peles unidas é exasperador. Numa ação atrevida, o dorso dos dedos desliza de volta para baixo, sobre meu colo, e então por cima da blusinha, eriçando o seio.

Respirando com dificuldade, numa mistura de desejo e medo de sermos pegos a qualquer momento pelo dono da sala ou outro funcionário, gemo baixinho. É o que ele precisa para enfiar a mão por dentro do decote e beliscar o botão sensível.

— Dani...

Arqueio as costas e aperto minhas pernas mais unidas.

Ele ri, um som baixo, gostoso, rico.

Bem, se ele está me excitando e me deixando no limite, dois podem jogar este jogo.

Inclino o tronco para frente, aproximando-me dele. Enquanto me atíça, pouse as mãos em seus joelhos e subo vagarosamente, por suas coxas; no meio delas; no volume da calça que se encontra altamente revelador, mal cabendo ali. E quando toco onde quero, aliso com mais confiança. O formato certinho dele, duro descansado contra a perna, me impele a abaixar a boca e abocanhá-lo sobre o jeans.

— Katarina — meu nome é rugido num sibilo entrecortado.

Mordisco por cima do tecido, correndo os dentes de fora a fora, suavemente, mas com a pressão permitida.

— Quero tanto, Dani — ronrono.

— E-ele é seu — grunhe.

Acho que é a primeira vez que ouço-o gaguejar e, *Deus tenha piedade!*, é a coisa mais abrasadora que já vi.

Levo as mãos meio incertas até o botão; sem dificuldade, abro-o. Deslizo o zíper e, provocativamente, cheiro o local onde sua *boxer* começa.

A mistura de cheiros do amaciante na cueca e sabonete, misturada ao próprio odor naturalmente masculino de sua pele nesta região, tão característico, é algo que leva qualquer vestígio de bom senso embora.

— Seu cheiro... Não há nada que eu goste mais no mundo.

Não é um comentário para o qual espero outro, e, para ser franca, nem ouço se ele oferece algum. Indo puramente guiada por instinto, tiro-o para fora. A dureza altamente agressiva cai sem rodeios, apontando-me glorioso como quem me dá uma ordem. Engulo a saliva seca da boca e vou

me aproximando, atraída para meu próprio parque de diversões.

A princípio, lambo, numa tortura, em retorno ao que o homem fez comigo alguns minutos antes.

Daniel retesa.

— Shh... Descrição, meu amor. Alguém pode entrar a qualquer momento — tomo pra mim a liderança da situação.

Circundo os contornos da cabeça grossa no tom de vermelho-vivo. Dani emite um ruído forte. Inalo-o profundamente.

— Maldito cheiro bom! — silvo num sussurro.

A mão que estava dentro de minha blusinha se afasta e vai para a lateral do meu pescoço, sem saber o que fazer comigo. Ela me alisa a nuca, o ombro, segura a curva do pescoço.

De supetão, abocanho o topo de uma vez e prendo os lábios ao redor. Chega a fazer um barulhinho de pressão.

O homem chia.

Agarra-se mais forte à borda da mesa e segura meu pescoço.

— Menina...

Por baixo dos cílios, me atrevo a olhar para cima e encontro suas íris escurecidas presas em mim. A mandíbula parece cerrada numa força que nada poderia diminuir.

— Shh, amor — resmungo ao levá-lo uma vez para dentro até os limites possíveis.

E repito o movimento, colocando pressão e suavidade na medida em que seu corpo responde aos estímulos.

Num minuto, meus cabelos, antes soltos, estão embolados em seu punho e é ele que tenta dar o ritmo. Deixo que me guie, me contorcendo de desejo. Conforme vou sentindo seu estado de excitação beirando o alcance, através de sua aceleração nos quadris e das respirações curtas e ofegantes, estímulo-o ainda mais com a língua, as mãos massageando as bolas grandes e pesadas.

Gemo.

Ele também.

Ao tentar tirar para por seu clímax para fora, não deixo, aumento a compressão dos lábios e o obrigo a permanecer dentro.

Meu nome é grunhido com paixão, no tom que alcança apenas o meu ouvido.

Engulo tudo o que ele pode me dar, sentindo-o enfraquecer em mim. Então solto-o e lambo, terminando e entregando um trabalho limpo.

Suas mãos agarram minha nuca e pescoço.

— O que eu faço com você, menina? — agarra-me para um beijo.

— Me ame — aceito sua boca na minha com a mesma paixão.

— Não é possível mais do que eu já amo. Sou maluco por você.

Com ambos sem fôlego, sou olhada por baixo de pálpebras pesadas, de forma tão penetrante que meu coração ricocheteia contra a caixa do peito. Penso que nunca vou me acostumar e peço a Deus por isto. Quero sempre sentir este frio na barriga, o calor, a emoção, o pulsar mais forte somente por ver seus olhos nos meus.

— Venha comigo — estende a mão.

Tremendo, eu pego em seu toque.

Ele caminha para o banheiro privado da sala, me puxando com ele. Com uma mão ele empurra a porta aberta e me coloca pra dentro, fechando em seguida.

— O Matheus pode... — sussurro, ansiosa e excitada.

Sou calada com outro beijo profundo. Antes que eu perceba, estou sendo içada do chão e entrelaçando as pernas em sua cintura. Minhas costas são empurradas contra a parede. Dedos ágeis entram por baixo da saia e empurram a calcinha de lado.

— Jesus Cristo! Olhe só pra você — o som animalesco de satisfação me faz refestelar.

— Você me deixa assim, Dani...

Fecho os olhos ao sentir sua recuperação, a rigidez, e quando o tenho deslizando para dentro de mim, sinto que aqui é o seu lugar. Meu corpo clama por ele, sente-se vazio na sua ausência. Daniel cria uma fome em mim que só ele é capaz de saciar.

— Isso foi loucura, Matheus poderia ter aparecido a qualquer momento — falo, enquanto ele me limpa cuidadosamente.

— Não se preocupe, meu amor — diz, sem tirar os olhos do seu trabalho minucioso — Eu pedi que ele fosse a uma reunião por mim.

Abro a boca, surpresa com seu descaramento.

— Você... você mandou que ele fosse, só pra gente... — faço um sinal apontando pra sua mão segurando um papel toalha úmido entre minhas pernas — Pra gente...?

O sorriso zombeteiro brinca por baixo da barba.

— Eu teria ido pra casa, mas você não quis.

Dou um soco de leve em seu ombro.

— Daniel, isso foi golpe baixo. E nada profissional.

— Eu faço qualquer coisa pra ficar junto de você, Katarina — revela com súbita seriedade.



— É sério? — rindo, pergunto feito uma pateta — *Este* era o lugar em que você queria tanto

me trazer?

— Você logo entenderá. Vá e se troque. Estarei te esperando aqui.

Inacreditável. Quando penso que ele não pode me surpreender, eis que Daniel, após todo o mistério e a insistência para que eu saísse com ele mais cedo do trabalho, prova que sim, ele pode. Vou ao vestiário da academia de box e coloco a roupa que ele já tinha pego entre minhas coisas, em casa, no retorno de sua reunião.

Visto a calça, o top, a camiseta (dele, uma enorme, por sinal) e o tênis, prendo o cabelo numa trança firme, e saio para encontrá-lo.

O homem está à minha espera no centro de um ringue. Ele me aponta a escada lateral, subo, ele separa as cordas e entro em meio a elas, um tipo de octógono.

— Sua ideia romântica de um passeio envolve violência física, querido? — provoco.

A risada gostosa me faz rir também, ainda que eu não saiba a razão.

Ele beija minha testa, tão casto que, por muito pouco, não suspiro.

— Isto é para você... — me aponta um par de luvas cor-de-rosa — Não se preocupe, são novas. Estenda as mãos.

— Você as comprou *pra mim*? — faço o que ele pede.

— Sim.

— Quando?

— Esta tarde.

— Depois da sua reunião?

— Sim — roça o nariz por minha bochecha ao colocá-las em mim — Quantas perguntas, minha senhora.

— Bem, você há de convir...

— Sente-se.

Curiosa com o tom mais sério, observo-o um pouco mais e me sento no chão, de pernas cruzadas.

Daniel se coloca em minha frente, bem perto. Nossos joelhos se tocam.

— Dani...?

— Eu quero que hoje você bata em mim.

— *O quê?* — questiono, estridente — Bater? Em você? Por que eu faria isso?

Paciente, mas com um provável objetivo em mente, ele espera que eu me cale.

— Sua mágoa. Eu quero que ela vá embora.

— E acha que te socando vai resolver?

— Não totalmente, não sempre, mas por hoje quero que tente. Que extravase comigo, que se lembre de toda a dor que eu a fiz passar e me devolva em forma de socos, quantos quiser dar, com a maior força que puder.

— Não... E-eu jamais faria isso.

— Apenas tente, você verá o quanto é libertador.

Arqueio a sobrancelha, duvidando da sanidade deste homem. Quem em sã consciência dá a cara pra bater?

— Dani, eu não quero fazer isto.

Ele ri, meio de lado.

— Acredite, você *quer*.

— Não...

— Eu não voltei quando você precisou. Você chorou por dias a fio e não saiu de casa e eu nem me importei em te dizer se eu estava vivo ou morto.

— Pare — interrompo — Isto não vai fazer eu te...

— Todas as vezes que eu quis retornar, me acovardei.

— Pare, Dani.

— Fiquei rico, bem-sucedido, você tinha de ouvir Júlia contando sobre minhas vitórias, e ainda assim eu não voltei.

Sinto minhas bochechas esquentarem.

— Eu tinha seu telefone e nunca te liguei.

Levanto-me abruptamente. Essa brincadeira não está divertida.

Ele se ergue também e vem para perto, me provocando, como um lacaio cretino.

— Sei seu endereço desde que comprou aquele apartamento, e mesmo assim eu nunca apareci.

— Vivi minha vida aqui, como bem quis.

Tapo os ouvidos com a luva, ele não vai me tirar do sério. Não vai.

Querendo minha reação, ele empurra meu ombro de leve, o suficiente para irritar.

— Sou um bastardo. Um bastardo do caralho! Deixei você fora da minha vida, e voltei como se nada tivesse acontecido, trazendo comigo a Nic de seios falsos — repete o que eu mesma disse sobre ela.

Recebo outro empurrão de leve no ombro.

— Pare! Seu idiota, pare!

— Vai saber quantas Nics já passaram por minha vida.

Argh!

Não vejo mais nada. Se a intenção desse desgraçado era me tirar do sério, ele conseguiu. Num minuto estou dentro de meu controle; no instante seguinte, estou socando seu estômago, peito, braços, onde consigo atingir. Soco com toda a minha força, cega, gritando todas estas coisas que ele fez comigo.

— Você não me procurou! — golpe — Teve outras mulheres enquanto eu estava lá, esperando o dia em que voltaria! — mais golpes — Me excluiu completamente de sua vida — mais e mais e mais.

Até que estou exaurida, pingando suor e lágrimas.

A energia que emiti foi tão tensa, crescente e esmagadora, que uma onda de relaxamento vem brutalmente me atingir, tanto que nem mesmo sei como saí do octógono e vim parar em casa, sendo banhada cuidadosamente por ele, numa banheira ampla, com produtos cheirosos e água quentinha.

— Sempre que quiser, você poderá me atingir. Lá. Onde ficará toda a sua raiva e frustração. Aqui, em nossa casa, haverá somente o diálogo, o nosso amor e, principalmente, o respeito um pelo outro. Agora talvez você não entenda, está cansada demais para isto, mas amanhã verá como se sentirá melhor.

Vejo a dedicação em sua atitude. O planejamento. O cuidado em pensar em uma solução para meus ímpetos de imaturidade movidos pelo ressentimento. Por muito menos, ele já havia me ganhado quase que por completo. Hoje, obtive também o meu respeito.



Capítulo 27

Katarina

Apesar de toda a energia gasta naquele ringue, fizemos amor durante a madrugada, lentamente, saboreando e explorando as sensações. Dani fez desta uma noite minha, para dar atenção aos meus desejos mais íntimos. Juntos, estamos fazendo o desjejum, prontos para pegar a estrada logo depois.

Rimos de qualquer coisa boba, quando meu telefone toca. Júlia está me ligando. Sorrindo um pouco mais contida, pego o aparelho para atender.

— Bom dia, minha garota!

— Ei, que ânimo assustador é esse, tão cedo? O que tem na comida da fazenda? — provoco.

— Estamos na cidade. Fred veio comigo para hoje à noite.

— Hmm, entendi — insinuo, brincando.

— Sim, sim, um pouco disto também — confirma a malícia, como quem fala de uma transação profissional, é provável que Frederico esteja ao seu lado.

E eu aqui, com seu irmão, tendo a mesma diversão. Preciso contar a ela, esta noite, sem falta.

— Mas me diga, Katarina, como você está?

Quando ela me chama pelo nome...

— Bem, obrigada por perguntar, Ursinha Rosa — opto pelo ataque, mencionando um apelido que ela detesta — E você, como vai?

Daniel, rindo, revira os olhos, ciente do apelido.

— Bem, você sabe. Chegamos ontem à cidade, e passei a tarde nas consultorias do centro comunitário.

— Oh, legal. Estou morrendo de vontade de ir lá — revelo, honesta. Sinto os olhos de Daniel em mim, curiosos — Hoje é o evento, então acho que irei amanhã à noite.

— Ótimo! Vou junto. Verei com as meninas pra irmos todas — faz uma pausa, que sinto ser uma armadilha — E como vão as coisas com o meu irmão?

Eu sabia! Não tem como fugir dessa garota.

— Bem, você sabe... — sinto o rubor tomar minhas bochechas, como se eu ainda fosse aquela moleca namorando escondido — Seu irmão pode ser um pouco difícil às vezes, mas está sendo um bom chefe.

Saio pela tangente... ou ao menos tento, pois duas coisas acontecem: ele estreita os olhos e me lança um sutil descontentamento, e ela amolece a voz, como quem cria uma boa cama para o oponente

se deitar.

— Ele me ligou no sábado, parecia preocupado. Está tudo bem entre vocês?

Quem não a conhece, cairia como um patinho.

Sinto-me sufocar. A impressão que tenho é de que ele pode ouvir o que ela diz, e ela pode me ver neste momento.

— Tudo bem, Jú... E-eu... Ele foi um bom amigo me dando esta oportunidade.

Faz-se um silêncio de todos os lados.

— Hmm, certo. Que bom que estão bem, não é? Te vejo à noite, irmã — diz, entregando os pontos rápido demais — Amo você.

— Até a noite, gatinha. Amo você também. Mande um beijo para o Fred — sussurro e desligo.

Daniel está apertando a xícara tão firme entre os dedos que corre o risco de quebrá-la. Beberico um gole do suco, fingindo que não percebi.

Ignorar a energia densa é impossível, mas faço o que posso, até que, em menos tempo do que eu esperava...

— Por que não disse a ela?

Inclino meu rosto de lado, fingindo não compreender a questão.

— Disse o quê?

Ele bufa.

— Que estamos juntos — seu tom é do tipo “Não é óbvio?”.

Um pouco irritante. Onde estão minhas luvas e o ringue, por favor!

— Por que eu diria? — devolvo, insolente, contudo, logo me arrependo — Dani, nós ainda nem...

— Nem o que, *exatamente*, Katarina? — ao descansar sua xícara cuidadosamente na mesa, sei que um vulcão foi aceso.

— Sabemos o que estamos tendo — corajosa, termino o raciocínio, mas não sai com a segurança necessária.

— Como é?

Oh, droga!

— Dani, por favor, entenda, sim? — arranho um defeito invisível na mesa de vidro perolado — Vou vê-la esta noite e cont...

— Não, por favor, termine o que ia dizer. O que significa “não sabemos o que estamos tendo”?

Abro a boca para explicar, nada sai.

— Você não sabe o que estamos fazendo? *Não sabe?* — a serenidade enganosa é digna de louvor.

— Eu me expressei mal.

Dono do mundo, ele junta as mãos e entrelaça os dedos, apoiando os cotovelos na mesa.

— Por favor, amada minha, queira expressar melhor agora, estou bastante curioso por isto, na verdade.

— Você está sendo odiosamente condescendente... — aviso com calma em um leve aceno de paz.

— Sinto muito que te incomode, mas acho que seu bom amigo aqui, que fez amor a noite inteira com você, merece saber, não?

Sorvo uma respiração profunda.

— Eu quis dizer que não sei ao certo como apresentá-lo. Frente a frente direi a ela que estamos juntos, é isso. Entendeu? — procuro por naturalidade na explicação, nada de ironias ou brincadeiras.

— Na verdade, não — reflete, dificultando — Não entendo. Você não sabe ao certo como me apresentar?

Tamborilo os dedos, exasperada.

— Por Deus, homem! Não me envolva nesta armadilha. Diga o que espera que eu fale e falarei.

Não adianta, qualquer coisa que eu fale agora o aborrecerá. Vejo pela tensão em sua mandíbula.

— Se eu tiver que te dizer o que falar, acho então que não estou fazendo meu trabalho certo.

E, de repente, se levanta da mesa, dando seu café da manhã por encerrado. Faço o mesmo. Lavamos e secamos nossos talheres juntos, no mais absoluto silêncio. Observo de esguelha os músculos enrijecidos de suas costas.

E, sem poder evitar, abraço sua cintura, por trás.

— Não se chateie. Se você quer um rótulo, eu darei. Para mim, não é realmente importante, mas se para você é...

— Sim, pra mim é.

Reviro os olhos diante de tamanha rabugice, por sorte ele não pode me ver.



Ainda no clima tenso, pegamos a estrada. Logo nos primeiros quilômetros, vejo que ele conecta seu telefone ao sistema de som do carro. Mexe em alguns botões, dirigindo com apenas uma mão, e posiciona o aparelho no suporte. Não demora, o som de discagem envolve o ambiente.

Não quero acreditar no que penso que ele está fazendo. Encaro o lado de fora, pelo vidro, esperando, até que a voz da irmã o cumprimenta, animadíssima. Bufo. Quanta maturidade da parte de ambos, que surpreendente.

— Ei, grande irmão — a fingida diz forçadamente casual — Tudo bem?

Espio o perfil contendo um pequeno sorriso torto, que não alcança os olhos. Ainda está irritado, é um fato.

— *O que você está fazendo?* — sibilo, tentando salvar minha honra, inutilmente.

— Ei, maninha — o outro fingido corresponde à altura — Liguei mesmo pra te tranquilizar sobre sábado. Katy está bem, eu a encontrei. Estamos bem, juntos e bem.

O grito triunfante se amplifica no sistema de som.

— Eu sabia! Eu sabia! Que legal, Dani! — sua voz vai saindo em gritinhos — Eu estou tão feliz! Você nem imagina o quanto.

Apesar de tudo, tenho vontade de rir também, mas tapo a boca e me concentro em parecer impassível, pois, afinal, ele passou por cima de mim como um rolo compressor.

— Obrigado, irmã. Eu amo essa mulher, sempre amei e nunca mais quero ficar longe dela — diz, sério, olhando diretamente nos meus olhos.

Droga, tem como ficar indiferente? Estou transbordando de orgulho e amor por esse ser desprezível.

— Ela está aí com você, não está? — pergunta, rindo — Você está marcando território, tenho certeza. Katy, diga oi! — seu grito me avermelha.

— Oi, Jú — resmungo sem jeito.

— Eu te amo, irmã-cunhada! Isso é o que eu sempre quis, estou tão feliz por vocês, você não faz ideia do quanto!

Rio, mesmo contrariada.

— Obrigada, irmã, mas talvez eu mate esse bastardo antes mesmo do namoro completar um dia — fulmino Daniel com os olhos.

Ele se refestela, satisfeito, provavelmente consigo próprio.

— Ela quis dizer uma semana. Agora preciso de um pouco de privacidade com a minha garota aqui. Falamos com você mais tarde.

— Amo vocês! — é o que ela consegue dizer, antes dele desligar.

Mordisco o cantinho do lábio, encarando-o.

— Satisfeito? — questiono, séria — Isso fez com que se sentisse melhor?

Desvia o olhar da estrada e me encara, plácido.

— Sim. Satisfeito. Isto acaba com esse negócio de “não saber o que estamos tendo” — sua voz sai do triunfo para a determinação — Não somos um segredo, Katarina, não quero e não vou esconder de ninguém.

Eu deveria ficar chateada por sua atitude, odeio costumes machistas e dominadores. Mas meu coração está saltando do peito, emocionada pela força de seu sentimento por mim.

— Você já ouviu falar em Catarina de Médici? — aquela que enterrou um marido!



Capítulo 28

Katarina

— *You can be a sweet dream or a beautiful nightmare* — canto apontando pra ele, como se eu fosse a própria Beyoncé.

Rindo, ele bufa, fingindo desgosto.

— Onde eu estava com a cabeça quando te deixei escolher as músicas?

— *Músicas ruins*, como o senhor mesmo disse, lembra-se? — brinco — Como punição, terá de ouvir pelo menos uma hora delas!

— O fato de estar com você compensa o esforço.

Oh, droga.

— Você tem mesmo de dizer coisas tão legais, homem?

Ele ri em timbre rico, deliciosamente grave. Amo uma rusguinha tensa que acaba em sexo com Daniel, mas este clima leve, não há nada melhor.

— Você está feliz por voltar pra casa?

A pergunta me pega desprevenida.

— Sim, estou. Sendo sincera, estou com um pouco de saudades de meu apartamento, das minhas amigas... Contudo, amei a temporada em sua casa, garotão, e não vejo a hora de retornar — não sei se dei a resposta que ele esperava ouvir. Seu semblante não ajuda a descobrir.

Essa manhã, enquanto arrumava minhas coisas, ele se recusou a me deixar levar tudo, dando desculpas. Acabei então deixando metade de minhas roupas e alguns acessórios lá. O homem não verbalizou, mas pelo que senti, sua vontade é a de que haja uma conexão minha com a casa, talvez a vida lá, e um motivo para voltar.

— Desde que estejamos juntos, quero estar onde você estiver — acrescento.

Pronto, se a anterior não o convenceu, esta certamente o fez.

Recebo o aperto de seus dedos nos meus, uma mensagem de que estamos firmes e fortes. Parece besteira, mas mesmo gestos pequenos assim são como reafirmações de nossos sentimentos. Estamos tentando construir bases sólidas sobre uma estrutura que um dia ruiu.

A música acaba.

— Pronto para a próxima — zombo.

Consternado, meneia a cabeça, de bom humor.

— Vamos lá. Mostre o seu melhor.

— Você quem manda!

A próxima, por uma coincidência, também é de Beyoncé.

Ele suspira sofredamente.

— É isso que teremos a viagem toda? — arqueia uma sobrancelha, se divertindo, apesar de tudo.

Ao prestar atenção na letra de *Broken-Hearted Girl*, no entanto, se fecha, compenetrado na estrada.

Você é tudo o que eu achava que nunca seria

E nada como eu pensei que você poderia ter sido

Mesmo assim, você vive dentro de mim

Então me diga como é isso?

Você é o único que eu desejo que pudesse esquecer

O único que eu adoraria não perdoar

E apesar de você partir meu coração, você é o único

E apesar de existirem momentos em que eu odeio você

Porque eu não posso apagar

Os momentos em que você me machucou

E pôs lágrimas no meu rosto

E mesmo agora, enquanto eu odeio você, me dói dizer

Eu sei que estarei lá no final do dia

Eu não quero ficar sem você, amor

Eu não quero um coração partido

Não quero respirar sem você, amor

Eu não quero ter esse papel

Eu sei que amo você, mas me deixe dizer

Eu não quero amar você de nenhuma maneira, não, não

Eu não quero ser a garota de coração partido

— É só uma música, não quer dizer nada — sinto a necessidade de alertar.

— Tudo bem... Mesmo que quisesse dizer, ela também não quer ficar longe do cara.

No fundo, sua resposta me faz rir. Daniel, aparentemente, consegue tirar o melhor das coisas. Embora estejamos aqui, em paz, sinto o seu medo, pois reflete o meu próprio de que algo mude neste retorno à cidade, saindo da bolha em que vivemos em sua casa isolada.

Mas nada acontecerá.



Mais de uma hora de estrada, sem músicas, apenas nossa conversa amena, quando seu telefone toca. Ao apertar o botão no volante, ele atende em voz alta. Do outro lado há um fornecedor. Escuto a conversa deles, fingindo apreciar a paisagem fora do veículo. Não deixo de observar a maneira com que conduz a situação, seu jeito seguro e ao mesmo tempo respeitoso, e com quem quer que seja. Aposto a minha vida que ele ainda irá mais longe, e mesmo assim, permanecerá o mesmo homem honrado e admirado.

Seus pais são uns imbecis declarados por não conseguirem enxergar o quão bom e brilhante o filho deles é. Ambos os filhos. Júlia e Daniel tiveram que se afastar para encontrar a felicidade. Pais estúpidos dementes, não percebem a enorme perda de tempo e de vida bem diante deles.

— No que você está pensando? — meu companheiro sonda.

E só então me dou conta da ligação encerrada.

Incerta se devo falar, averíguo antes seu rosto.

— Estava pensando na tolice de seus pais, por não perceberem as pessoas incríveis que você e a Jú são...

Minha voz é baixa, cuidadosa.

Olhando pra estrada, seu rosto mantém a mesma expressão serena.

— Eu já deixei de pensar nisso há muitos anos, Katy...

— Você acha que algum dia eles vão cair em si e tentar se aproximar de vocês?

Ele faz um movimento com o lábio. Não é um sorriso.

— Talvez, um dia.



Pego-o analisando a casa, correndo os olhos pelos ambientes, mais relaxado, e também mais curioso do que a primeira vez que estive aqui. Hoje ele é um hóspede. Eu mentiria se negasse o quanto me agrada. No fundo, acho que também não estava pronta para me separar.

Por instinto, abraço sua cintura enquanto o olhar observador verifica meus porta-retratos.

Todos os momentos mais especiais estão emoldurados ali. Em sua maioria, estou com as meninas ou meu pai.

— Você tem alguma nossa? — questiona sem dar pistas de suas emoções.

— Não. Preferi não trazê-las para cá — mantenho a suavidade do clima.

— Estão na casa do seu pai ou você...?

— Não. Não me desfiz delas, Dani. Estão todas lá. Eu apenas não achei que seria bom ficar olhando, entende?

— Sim.

— O que não quer dizer que eu não lembrei de seu rosto, em detalhes, constantemente.

Mudo de posição para abraçar seu peito e ficar de frente pra ele. Descanso a bochecha contra seu coração.

— Por trás da barba, você tem um furinho no queixo, que eu adoro, se quer saber; seus olhos são verdes com riscas amarelas. Quando você ri, seu lábio de cima se parte ao meio, e te deixa atraente como o inferno. Seus cílios são tão grossos que parecem de mentira, mulheres matariam para tê-los.

Uma risada vibra embaixo de meu rosto.

— Achei que as mulheres fossem mais passionais em seus crimes. Jamais imaginei que cometeriam assassinato por tão pouco.

Soco de leve seu estômago.

— Você entendeu.

— Sim. Perfeitamente — ele beija o topo de minha cabeça — Agora me deixe falar sobre o que *eu* lembro de você, de olhos fechados.

Ansiosa por ouvir, permaneço quieta em nossas posições.

— Seus olhos são castanhos, mas, se reparar mais atentamente, percebe-se faíscas de verde, o que faz lembrar uma floresta nativa de árvores e troncos. O lado esquerdo de seu nariz contém uma cicatriz bem pequena, quase imperceptível, de quando caiu da casa da árvore que Alice tinha no quintal. Você normalmente penteia seus cabelos para o lado direito. Entre suas sobrancelhas, há dois pequenos vincos, que alertam qualquer desavisado sobre seu temperamento. Quando você ri, de verdade mesmo, uma boa gargalhada, seus olhos se fecham automaticamente...

— Ah, por favor — limpo uma lágrima ridícula e levanto o rosto para o seu — Pode parar, está bem?

Gentilmente, ele segura meu rosto entre as mãos.

— Eu sou seu, e você, por mais que ainda se resguarde, também é minha. Nós prometemos um ao outro.

— Senti muito a sua falta — e, desta vez, não dói dizer. É simplesmente um fato.



Capítulo 29

Katarina

Vestidos a caráter para o evento da noite, Daniel e eu deixamos meu apartamento pouco antes das oito. Meu acompanhante, prevenido, trouxe na mala um belo terno cinza, impecável camisa branca e uma gravata estreita preta. Eu me pergunto se ele é realmente consciente da beleza que possui. Ao vê-lo ajeitar o cabelo, quase que sem nenhum trabalho, percebi o quanto a vida é injusta. Mulheres passam horas entre maquiagem, cabelos, escolhendo a roupa certa, chega a ser deprimente.

Ao entrarmos juntos, de mãos unidas, no elevador, encontro o rapaz que mora dois ou três andares acima. Não sei bem o nome dele, acho que não lembro. O cara é um festeiro. Recusei alguns convites para suas festas, mas Rute me contou que certa vez teve de subir com a polícia, em função de uma queixa pelo som alto, e encontrou uma imensa e maravilhosa suruba acontecendo. Diz ela que eram tantas pessoas envolvidas que mal se sabia onde começava uma e terminava a outra, e que até mesmo os policiais (acostumados a ver todo o tipo de coisa) se chocaram.

— Boa noite, Katarina... — ele, ao menos, lembra meu nome, chamando-me com uma indolente intimidade que não temos.

O braço de Daniel possessivamente me puxa para junto de si.

— Noite...

— Você vai à reunião de condomínio na próxima semana?

A mão de Dani desliza em carícias por meu ombro e braço.

— Vou não... — limpo a garganta — Acho que estarei fora da cidade.

— Ah, legal. Viajando?

— Sim, com meu... *namorado*.

Sei que estou fazendo o dia do meu infeliz acompanhante. Se ele quer confirmação, que seja.

— Ah, bacana.

Dou graças quando o elevador finalmente chega ao estacionamento. O rapaz vai para um lado, Dani e eu para o outro.

— Se me apertasse um pouquinho mais, talvez ele notasse sua presença — reflito distraidamente.

— Querida, você tem um instinto quase que natural para os flertes. Não pense que não reparei. E acho até bem bonitinho.

Enrugo os olhos, olhando-o com um humor abobalhado.

— Bem, em minha defesa, sou uma pessoa simpática, não há muito que se possa fazer, não é?!

— Pessoas simpáticas não necessariamente atraem os homens como abelhas no mel, minha menina. Você tem mais do que isto, e sabe bem. O sorriso atrevido, a atitude livre.

— E isto te incomoda?

— Não — responde honestamente — Não posso brigar contra sua natureza. Eu seria um tolo se tentasse.

Antes que possamos dar mais alguns passos, no entanto, sou pressionada contra a coluna e beijada com ferocidade.

Arfo ao nos separarmos.

— O importante é que, ao final do dia, você saiba que é na minha cama que dormirá, e serei o único para você — diz, com a naturalidade de quem não roubou meio pulmão meu apenas com um beijo.

— Uma boa reflexão — ajeito o batom — Fico muito satisfeita que sejamos adeptos à monogamia.

Recebo um último beijo no pescoço

— Ou é isto, ou fará uma viagem para a Suíça e eu para junto dos anjos, se bem me lembro, não?

— Homem esperto!

Rindo, tolamente, ele abre a porta do carro para mim.



O local do evento é um elegante salão no clube. Alice escolheu bem. De mãos dadas com Dani, entramos para o espaço muito bem decorado e iluminado. De longe, vejo alguns rostos conhecidos. Para o bem de meu negócio, pretendo fazer um *tour*, no momento apropriado.

— Katy! — Júlia me surpreende, vindo às nossas costas.

Daniel e eu nos giramos para encontrá-la com Frederico.

— Ei, gatinha — mal tenho tempo de dizer antes de ser agarrada por seu abraço além de empolgado.

— Agora somos cunhadas! — vibra enquanto me aperta.

— Só não sei por quanto tempo — respondo, humorada.

Sem me soltar, ela inclina a cabeça para conferir meu rosto. Finjo exasperação.

— Seu irmão me deixa louca, garota. Tenho vontade de socar esse rosto bonito, quase sempre.

Daniel a puxa de mim, assistindo a nossa conversa.

— Quando ela diz isso, irmãzinha, só quer dizer que me ama tanto que nem sabe o que fazer comigo.

Os dois se abraçam; na verdade, Júlia dá uns pulinhos nos braços do irmão.

— Eu sabia! Eu sabia que ficariam juntos!

Daniel olha pra mim, e eu olho pra ele, sem saber o que dizer.

— E então?

— Então o quê? — questiono, acreditando que minha amiga fumou a erva de Nicole.

— Como foi a reconciliação?

Dani exprime um gemido de desgosto.

— Oh, Cristo, não. Por favor, esperem até eu estar longe para terem este tipo de conversa — zomba.

Cumprimento Frederico, um sujeito de quem aprendi a gostar muito, principalmente por ele fazer uma de minhas irmãs tão feliz. Dando-me uma expressão matreira, o danado também me parabeniza pelo namoro.

Os homens se unem numa conversa e tenho a atenção de Jú completamente voltada para mim. *Que maravilha.*

— Contarei tudo, garota, mas me deixe respirar, sim?

Rindo de mim, ela me abraça.

— As meninas já chegaram?

— Pini vem daqui a pouco com a Gabi, e a Ali já está aqui.

— Preciso falar com ela. Você sabe onde está?

— Lá, à sua direita, falando com aquelas pessoas — aponta discretamente para um grupo um pouco distante de nós.

Esperamos ela terminar para então nos reunirmos. Benjamin está notavelmente bonito ao lado da esposa. Um belo retrato de casal. Talvez ele nem se dê conta do olhar aguçado como cuida da mulher, de como presta completa atenção ao que ela diz, não importa com quem estejam. Era exatamente alguém assim que eu gostaria que ela encontrasse.

Depois de receber as congratulações pelo namoro (e só hoje percebo o quanto minha solteirice as preocupava), recebo de Ali algumas informações práticas sobre quem já está aqui, quais confirmaram presença.

Pode-se dizer que os investidores mais afortunados da cidade deram o ar de sua graça.

Ainda não vi Dominic.



Tiro brevemente Dani de uma conversa com Frederico e Benjamin só para deixá-lo saber que farei alguns contatos pelo salão, enquanto o jantar não inicia. Antes de sair, no entanto, recebo um beijo macio, gostoso, com promessas para mais tarde.

A despeito de o objetivo desta noite ser totalmente para angariar patrocinadores que ajudem o centro comunitário, não posso esquecer que agora sou uma desempregada oficial. Preciso que minha consultoria decole, e não seria nada mal se eu me mostrasse disponível para os negócios com alguns dos figurões que estão aqui. Eu mataria dois coelhos: conseguiria arrancar algum dinheiro deles para ajudar Dominic no centro comunitário, e faria um pouco de contato profissional.

O primeiro pequeno grupo que vejo em um canto já me é conhecido. Ao centro está Jorge Proadenspi, um senhor milionário dos cosméticos do grupo que leva seu sobrenome. Fui a primeira pessoa que administrou fundos de investimento dele, e fiz um bom dinheiro pra esse homem até bem recentemente.

— Katarina, que prazer revê-la! — ele eleva sua voz, assim que me vê, chamando atenção das pessoas que estão com ele.

— Olá, Senhor Proadenspi — ofereço minha mão, e ele recebe com um aperto entre as suas — Como vai?

— Vou muito bem, obrigado — ele diminui o tom para um mais discreto — Assim que eu soube de sua saída, tirei todos os meus papéis daquele escritório.

Estou quase certa de que somente eu ouvi.

— Pois é — apesar de constrangida, tento não demonstrar — Resolvi partir para meus próprios projetos, o senhor entende...

Ele me olha firme.

— Claro que entendo — acena com a cabeça — Eu mesmo pretendia te procurar, para tratar de minhas ações, ver se você tem interesse em continuar mantendo meus investimentos em seu novo escritório.

Quero fazer uma dancinha da alegria

— Será um prazer, senhor.

— Dê-me dois meses para ajeitar as coisas.

— Perfeitamente.

A confiança deste homem me deixa orgulhosa. E acende uma luz sobre uma nova oportunidade de ampliar meus serviços para o de administradora de fundos, também.

— Acredito no seu tino, Katarina — ele dá uma piscadela — Você é uma boa loba e já me rendeu bons retornos.

— Sendo um elogio, não é nada mal — brinco.

Escuto um barulho de alguém limpando a garganta ao nosso lado. Nós dois nos viramos para

mirar o homem mais repulsivo com quem eu já tive o desprazer de fazer negócios. Um playboyzinho asqueroso, que não tem o menor senso de legalidade. O imbecil desviou dinheiro de um fundo de pensão, onde foi apadrinhado pelo pai, um político da mesma espécie do filho. Ele me procurou, e, por um faro (que posso até creditar como proteção divina) recusei sua conta no último minuto. Poucos meses depois, ele e o corretor de investimentos que contratou em meu lugar foram processados por lavagem de dinheiro.

O sujeito, um colega, ainda está preso. Ele, filho de político, está por aí, frequentando a alta sociedade, sustentando esse sorrisinho sem escrúpulos.

— Boa noite, Katarina.

— Olá — digo, formal, sem mostrar muita simpatia — Não sabia que você estaria aqui, Igor — falo educada, mantendo as aparências.

O homem sorri, presunçoso.

— Um amigo em comum me informou sobre esta noite, e eu fiz questão de vir prestigiar o evento — sorri com seus dentes falsos e clareados ao extremo — E, é claro, deixar minha generosa contribuição.

— Ah, eu espero que sim. Agora, se me der licença.

Bem, pelo menos isso. O verme faz caridade, isso é bom.

— Antes, contudo, se tiver um minuto para conversarmos — olha para os figurões à nossa volta — Preciso de uma orientação profissional a respeito de um novo investimento.

É óbvio que ele não espera recusa ao dizer isto em frente a toda essa gente. Esperto.

— Ah, sim. Tenho seu telefone, e pode deixar, entrarei em contato com o senhor assim que possível.

Sorrindo, ele se inclina para mais perto, chegando próximo ao meu ouvido.

— Não seja covarde, Katarina — provoca baixinho.

— Não seja tão confiante, Igor — sussurro de volta, mantendo uma expressão agradável aos olhos de quem nos vê.

— Senhores, se me dão licença...

Fico aliviada por sair de perto dele. Ao levantar os olhos, me deparo com o crivo tranquilo de Daniel em mim. Sorrio a distância.



Circulo cumprimentando algumas pessoas, fazendo-me presente e deixando portas abertas para o futuro. Nunca é demais. Quando estou prestes a me mover de um grupo para o próximo, uma das moças contratadas por Alice para servir bebidas toca suavemente meu ombro.

— Com licença — chama discreta.

— Oi — viro-me para ela.

— A senhora é uma das organizadoras?

— Bem, não propriamente. Quem está organizando é a Alice. Acho que foi ela quem te contratou.

— Há um homem que pediu para te chamar. Ele a apontou. Disse que estão tendo um problema com um convidado, lá fora, mas pediu descrição.

Estreito os olhos.

— Ele te falou qual era o problema, ou quem era o convidado?

Ela muda a bandeja de um braço para o outro.

— Não. Segundo ele, estas pessoas que estão aqui são todas muito importantes, inclusive o convidado lá fora. Que seria bom evitar a exposição dele.

— Bem, sim. Onde ele está?

Ao seguir em direção à entrada de serviços, vou me perguntado o que poderia ter acontecido. Alguém que bebeu demais, talvez? Se bem que acho pouco provável, as bebidas aqui são espumantes leves e o evento começou recentemente.

Empurro a porta e olho em volta.

Não há ninguém, nada, exceto pela caçamba de lixo. Seja quem for, pelo jeito já foi embora.

Preparo-me para retornar e tenho a impressão de um vulto passando por trás de mim. Por cima do ombro, olho para a direita: nada. Quando vou checar o lado esquerdo, a sombra surge em meu campo de visão, encostando seja lá o que for no meio de minhas costas.

— Roubando os clientes de sua antiga empresa, Katarina?

Oh, merda!

Alberto.

Meu sangue gela terrivelmente rápido.

— O que você quer? — tomo o cuidado de não demonstrar medo.

— Vim apreciar sua nova vida de empresária, organizando evento com nossos clientes, depois de ter fodido a minha.

— Homem, eu não fodi nada. Você teve sorte da polícia não saber, tampouco os clientes.

— E eu? Você pensou que estava me deixando numa situação de merda? Fui obrigado a sair daquela maldita sociedade com uma mão na frente e outra atrás.

Nada de bom pode vir de uma conversa assim, menos ainda com uma arma apontada para as minhas costas.

— Eu fiz um juramento, Katarina. Eu iria para o inferno, mas te levava comigo.

Oh, não, obrigada, agradeço mas não quero, minha parte irônica consegue tirar uma piada

mental.

Ouçõ o som da arma sendo engatilhada. Tremõ inteira, ao passo que os joelhos enfraquecem.

— Eu perdi tudo. Não tenho mais família, trabalho, dinheiro. Estou devendo e é uma questão de dias para me matarem. Não tenho mais nada a perder. Se você me ferrou, eu vou te ferrar em troca. Vamos para o inferno juntos.

Dizem que quando estamos à beira da morte, nossa vida passa como um filme na cabeça. É verdade. Imagens de minha mãe penteando meus cabelos, mesmo debilitada pela doença. Meu pai, trabalhando feito louco, vindo nos ver a cada dois meses, e sempre com uma palavra inteligente, um bom conselho. Os pais de Alice e todas as vezes que me trataram com tanto carinho. Alice, Júlia e Pini, que são as melhores pessoas do mundo e fizeram minha vida ser muito feliz apenas por existirem, e tudo o que já passamos juntas. Deus, como será sem eles comigo? Gabrielle, a linda e brilhante mulher que me faz rir e querer estar em sua companhia. E Daniel, nosso encontro na represa; o primeiro beijo; os muitos outros que demos escondidos; nossa primeira noite de amor; o dia em que, debaixo do pé de cereja no quintal de Alice, descobri que ele foi embora; nosso reencontro; o amor em meio ao oceano; a conversa definitiva na espreguiçadeira; nossa palavra de segurança; e, finalmente, ele me dizendo detalhes de mim que somente meu espelho saberia. Sua devoção, seu amor forte, intenso e teimoso.

Eu vou morrer sem dizer o suficiente a estas pessoas o quanto as amo.

Bang!

Não, não é o barulho de um tiro, mas de um corpo sendo arremessado contra o metal. Mole, processando em *flashes*, vejo uma luta corporal entre Alberto e outro homem grande, de terno e gravata, cujo rosto não reconheço no escuro.

A arma cai para dentro da caçamba de lixo, onde o corpo de Alberto é pressionado.

Um soco acertado em cheio faz meu ex-chefe cambaleante ir se afastando, engatinhando pelo chão, até que dispara a correr.

— Katarina! — uma voz urgente, protetora, chega os meus ouvidos e, de tão atordoada, não consigo reconhecer num primeiro momento.

— Sou eu, Dominic.

— Dominic — quase desmaio em seus braços, mole de alívio.

— Ele te machucou? — sua voz macia tenta me transmitir segurança — Você está bem?

— E-estou... ele tinha mesmo uma arma?

A respiração do homem continua agitada pela briga.

— Acho que sim, mas ela caiu dentro da caçamba lotada. Pelo barulho, tocou o fundo. Terei de chamar alguém, ou a polícia.

Tapo a boca, tremendo sem controle.

— Polícia não, Dominic, há muita gente importante lá dentro, precisamos do dinheiro desses caras para o centro... um escândalo e eles irão embora.

— Ele pode voltar, Katarina, tentar recuperar arma. Você o conhece?

— Si-sim... É o meu ex-chefe, eu o denunciei na empresa.

Dominic desliza os dedos pelo cabelo, nervosamente.

— Vamos entrar, você não pode ficar aqui.

Tudo o que consigo fazer é dar alguns poucos passos pelo corredor, passando pelo pequeno jardim destinado aos fumantes. Minhas pernas não têm mais o controle da situação.

— Ele ia me matar, Dominic...

Acho que somente então a ficha cai. Apoiada ao peito deste homem, eu desabo num choro copioso por pensar que estive tão perto de perder tudo. Agarro o paletó do meu herói e soluço, como nunca chorei na vida. Minhas amigas irmãs, meu pai, Daniel. Eu perderia todos eles ao puxar de dedo de uma arma engatilhada.

— Você me salvou.

Dominic envolve os braços à minha volta, arrastando a mão confortavelmente por minhas costas num movimento acalentador, sussurrando palavras de conforto.

Não sei quanto tempo passa até Dominic me sentar no banco pequeno e solitário.

Ele se ajoelha diante de mim.

— Você pode ficar aqui por uns minutos, Katarina, só até eu chamar suas amigas?

O rosto bonito escondido por uma barba, cabelos penteados para trás, Dominic é meu anjo salvador.

— Po-posso.

Daniel, eu preciso dele, preciso abraçar seu corpo e saber que ele é real, que tive uma segunda chance com ele.

O que imagino ser nem cinco minutos depois, Pini e Gabi são as primeiras a aparecer.

— Oh, merda! — Pini geme, empalidecendo ao me ver — Mas o que foi que aconteceu?

— A-Alberto. Ele ve-veio aqui com uma arma.

— E-ele te machucou, Katy? — mais branca do que uma folha de papel, Pini se ajoelha diante de mim — Você está bem? Está machucada em algum lugar?

— Eu tô bem, Pini. Dominic me salvou.

Lívica, se dirige para o homem.

— Obrigada, Dominic. Muito obrigada.

— Por favor, fiquem com ela, eu vou chamar alguns dos seguranças para tirar aquela arma de lá.

— De lá aonde? Como ele chegou perto de você e ninguém viu? — Gabi questiona, tão petrificada quanto Pini.

Conto brevemente como fui chamada e o que aconteceu lá fora. Foi tudo tão rápido que não parece real.

— Pini, eu preciso ver o Dani, por favor, chama ele pra mim.

— Fique com ela, Pini, eu vou atrás dele — Gabi se oferece e não espera resposta, sai apressada.

Júlia, Frederico, Alice e Benjamin vêm. Gabi também retorna, mas nada de Daniel.

Alice parece prestes a quebrar. Sem uma palavra, ela me aperta contra o peito. Tão forte que não pensava que fosse possível.

Espero que ela se afaste para perguntar dele.

— Cadê o Dani?

Júlia, constrangida, me diz que ele foi embora há alguns minutos, e pediu que ela me levasse.

— Embora? — eu precisava dele, muito mesmo.

Ela se abaixa para mim.

— Parece que foi um assunto urgente, algo do trabalho, não sei bem. Ele não parecia legal... Sobre esse cara, Katy, eu te disse para ir à delegacia. Agora, de uma forma ou de outra, você precisa denunciá-lo. Amanhã mesmo vou entrar com uma ordem de restrição contra esse desgraçado.

Olho para meus amigos, todos encarando-me com mistos de preocupação e assombro. Detesto ser vista assim. Sou uma mulher forte. Não posso ficar encolhida e deixar que o desgraçado leve a melhor.

— Eu farei a denúncia — aviso, levantando-me com segurança.

— Vamos te levar pra casa, Katy. Você precisa descansar. Amanhã faremos isto sem falta.

— Jú, fique aqui com Alice, eu levo a Katy. Vou ficar um pouco com ela lá, até o Dani voltar — Pini se dirige às meninas — Dominic precisa de vocês aqui.

Reforço o pedido de Pini. A última coisa que quero é destruir uma noite que pode ser tão benéfica a um projeto lindo do centro comunitário. Tenho também uma dívida de vida com ele.

— Você o viu saindo? — pergunto a ela em seu carro.

Pini desprende o lábio do aperto de morte entre os dentes, para então responder.

— Não, amiga. Mas para o cara ter te deixado sozinha ali é porque o assunto era urgente. Não se preocupe, ele logo voltará.

— Tô com o coração apertado, Pini.

Noto que ela não responde de imediato, mas uma lágrima ligeira corre por seu rosto. Pini não é uma garota de chorar facilmente. Nem me lembro se já a vi fazer isto, na verdade.

— Eu também, Katarina. Mas por você... não sei o que faria se algo te acontecesse.

Tomada pelo ardor na garganta, mesmo depois de ter chorado contra Dominic, consigo dizer:

— Eu estou bem. Foi só o susto mesmo, nem acho que o cara realmente faria qualquer coisa contra mim.

E, ainda assim, nenhuma de nós está realmente tranquila esta noite.



Capítulo 30

Katarina

Entro na minha casa escura, sem nem sombra de Daniel. Por alguma razão, a descoberta me decepciona. Mas pode ter havido um problema grave em sua empresa, e ele não me encontrou para contar.

Tiro os sapatos, de repente me sentindo desgastada.

— Amiga, eu acho que vou me deitar um pouco...

— Você quer que eu fique aqui até o Dani chegar?

Abraço-a demoradamente, porque sinto que ambas precisamos.

— Não, eu tô legal. Foi só o susto mesmo.

— Sei que quer ele aqui, não é, garota?

— Sim... Achei que nunca mais fosse ver vocês, ou ele, Pini... Isso foi a única coisa em que pensei.

Ela me aperta um pouco mais forte, buscando tranquilizar-se também. Uma irmã de alma, de vida.

— Besteira, isso jamais vai acontecer. Vou conversar a Rute e contar o que houve. Acho bom ficarmos de sobreaviso.

— Tudo bem... Amo você, Pini.

— Eu também, garota... Eu também.

Não sei exatamente como, mas cheguei ao quarto, me despi e deitei na cama quentinha com um cansaço físico de quem correu uma maratona. Adrenalina baixando, provavelmente. Antes de adormecer, no entanto, reflito quanto aos pensamentos que passaram por minha cabeça quando pensei que seriam os últimos. Meu pai, minhas irmãs e Daniel não fazem ideia do quanto os amo.

De hoje em diante, vou viver para fazê-los saber.

Se Dani quer casar, eu também quero.

E quero passar o resto da vida cuidando de minhas amigas, mesmo que algumas delas já tenham quem o faça. Ver o olhar de desespero mudo de Alice, a raiva no semblante de Júlia, o quanto o rosto de Pini parecia contorcido de pânico. Eu não poderia pedir irmãs melhores. Ou uma vida melhor.

Penso em Alberto, e só consigo sentir pena. Uma parte minha está absurdamente culpada,

mesmo sabendo que *ele* me obrigou a fazer alguma coisa ao me incluir em seus roubos. Não havia volta.

Contra o lado racional, é a consciência que me guia a tatear o celular e mandar uma mensagem para os dois números conhecidos dele, inclusive o último.

✉ **Destinatário:** Alberto C.

Mensagem: “Não sinto raiva pelo que fez. Quero que coloque sua cabeça no lugar, por um momento, e pense nos seus filhos. Sempre há uma saída. Você é um cara competente, pode recomeçar. É o que estou tentando fazer também. Não foi o único a perder coisas com as suas ações”.

Espero que leia e reflita. É tudo o que posso fazer por ele.

Após enviar, aperto o telefone contra o peito. Daniel... devo ligar? Pelo horário, acredito que pense que ainda estou no evento. Decido digitar um texto.

✉ **Destinatário:** Daniel Amor da Minha Vida

Mensagem: “Já estou em casa”.

Emocionalmente cansada, acabo me rendendo ao cochilo, pelo menos assim o tempo passa mais rápido e, quando eu acordar, ele já estará de volta.



Desperto rodeada por uma bruma dormente, as têmporas latejam, as costas doem. No celular, verifico que já se passa das cinco da manhã. Daniel ainda não voltou. Disco seu número enquanto ando para a cozinha, precisando de um copo de água. O telefone chama até cair na caixa postal. Desligo sem deixar recado. Estou começando a me preocupar que algo de grave tenha acontecido.

Deito no sofá, em uma bola, encarando a janela. Imóvel, fico na mesma posição até os primeiros raios do dia invadirem as cortinas.

Às sete da manhã, ligo para ele outra vez, sem sucesso.

Às oito, Júlia me manda uma mensagem perguntando se pode passar aqui para irmos registrar a queixa. Respondo que ainda não. Não quero tomar uma decisão quanto a isso agora. Tenho esperança de que minha mensagem, de alguma forma, tenha despertado Alberto para a realidade.

Como eu esperava, ela me liga logo em seguida.

— Bom dia, amiga... Como você está?

Tirando energia do além, visto minha máscara de descontração.

— Melhor do que nunca, garota. Estou vendo a vida sob uma nova perspectiva, tô pensando em finalmente tomar coragem e saltar de paraquedas, o que acha?

— Katy — ela geme, repreendendo.

— Tô brincando, gatinha. Continuo uma medrosa em relação à altura.

— Sério, porque não quer ir à delegacia?

Suspiro.

— Você vai achar um erro, mas decidi dar uma chance para ele.

— Ah, por favor! — exaspera — Uma chance de quê? Te dar um tiro bem-sucedido, desta vez?

Eu entendo o que ela está tentando fazer. Também me preocuparia se fosse com qualquer uma delas. Porém, neste caso, meu instinto me diz para esperar.

— Jú, por favor, confie em mim...

— Katarina, leve a sério o que aconteceu. Acredite, eu vejo muitas coisas no tribunal. Na maioria dos casos, as vítimas erraram por subestimar seus agressores.

— Prometo que vou pensar, tudo bem? Eu só quero aguardar mais um pouco.

— Eu espero, honestamente, que saiba o que está fazendo — lamenta, contrariada.

Segundos de silêncio ficam entre nós.

— Jú... O Dani te disse o que aconteceu na empresa? Sabe se ele teve de voltar ao litoral?

— Ele não disse muita coisa. Parecia chateado, na verdade, e logo eu fiquei sabendo sobre você, não falei com... — ela faz uma pausa — Ele não te ligou?

Sinto uma pressão no peito.

— Não.

Pelo que conheço dele, Daniel é atencioso demais para me deixar no escuro, sem informações. Se antes eu estava alarmada, agora mal consigo respirar.

— Você acha que...?

— Vou tentar falar com ele, Katy, fique tranquila. Eu já te retorno — diz, sem alarde, mas sinto sua insegurança também.

Passam-se dez minutos e nada de notícias por parte dela. Penso em ligar de volta, ansiosa, mas em vez disto decido primeiro fazer contato na empresa. É possível que Dani tenha voltado às pressas ao litoral. Aliás, é a explicação mais lógica.

Conversando brevemente com Matheus, descubro que Dani não chegou lá, tampouco foi chamado de volta. Eles o esperam somente amanhã.

Encaro o chão tentando encontrar uma razão para a falta de informação. As possibilidades que vêm rondando minha mente são cada vez mais alarmantes.

Daniel não sumiria por vontade própria a não ser que...

Alberto.

Salto do sofá, sentindo um arrepio frio cruzar minha espinha.

Deus, por favor, por favor, não permita!

Eu preciso saber, preciso. Não posso ficar aqui parada enquanto aquele cara pode ter feito algum mal ao homem que eu amo.

Ligo para o número de Alberto, aquele novo. Chama pelo menos cinco vezes, até a voz amarga dele atender.

— O que é?

— Por Deus, Alberto, o que você fez com ele? O que você fez com ele? — estou praticamente gritando, andando desenfreada pela sala.

— Com ele *quem*, porra?

Parece verdadeiramente confuso e me faz parar.

— Com o meu namorado, Alberto — digo mais lúcida e clara que posso — Por tudo o que é mais sagrado, eu estava decidida a não fazer nada contra você, mas se fez alguma coisa com ele...

— Eu não sei do que você está falando, ok? Não faço a menor ideia! Se isso é uma armadilha...

Acometida por uma súbita tontura, tenho de sentar na pontinha do sofá.

— Jura que não sabe? Por favor, seja honesto, você não fez nada com ele?

— Não! Meu negócio é com você. Não ele. Apesar de que aquele filho da puta poderia ter quebrado a minha mandíbula com o maldito soco.

Sinto o ar retornando aos pulmões. Ele acha que estou falando de Dominic.

— Obrigada... — sibilo o agradecimento mais ilógico do mundo para o cara que tentou me matar.

— Você me ferrou, Katarina — resmunga com rancor.

Para os diabos!

— Cara, levante sua bunda e pare de jogar no mundo os problemas que você causou pra si. Eu estou desempregada por sua causa, lembra? Eu tinha um bom salário e agora não tenho merda nenhuma e nem por isto estou tentando atirar nas suas costas... *embora devesse* — a última parte cuspo com desgosto.

— Você parece estar se saindo muito bem — acusa.

— Não seja estúpido. Aquela gente estava lá por uma obra de caridade. Acha mesmo que qualquer um ali confiaria seu dinheiro a uma mulher desempregada? Pare de sentir pena de si mesmo e comece a usar a cabeça.

— Eu te odeio...

— Imaginei que amor é que não sentia mesmo, visto que colocou uma arma engatilhada contra mim — aponto, ácida.

— Seria uma morte mais rápida do que a que terei. Vou morrer por sua casa, sabia?

— Cara, está se ouvindo? Parece um garotinho rancoroso. Você é um homem, se levante e recomece! Há pessoas por aí que poderiam aproveitar o seu talento, encontre-as.

— Com meu nome queimado por você?

Deus, eu não deveria ter ligado pra ele.

— Acredite, existem sujeitos tão mau-caráter quanto você por aí, Alberto. Igor Justus, o filho do político, é um deles. Procure o infeliz e veja como lhe pode ser útil. Só, por favor, não mencione meu nome e não me envolva mais nas suas tramoias. Da próxima vez, poderá ser *eu* com uma arma apontada em sua cabeça, e não costumo errar.

O imbecil emite uma respiração ruidosa.

— Espero que esse seu namorado tenha te dado o fora — seu tom é um tipo amolecido de raiva.

— Boa sorte pra você também, embuste.

Um pouco mais aliviada, desligo. E, rezando baixinho para que Daniel me atenda, tento mais uma vez. Depois de alguns toques, penso que a ligação é atendida, mas ninguém diz nada.

Tendo o coração batendo ferozmente contra o peito, ando de um lado para o outro, agarrada ao celular.

— Daniel?

Demora até que um grave vem à vida.

— O que você quer? — soa rude, de um modo desproporcional.

— É você? — sussurro, confusa, ciente de que há algo fora do lugar.

— Quem esperava que fosse? Este é meu telefone, não é?

A grosseria cai como um balde de água gelada no meu corpo, assustando tudo em mim.

— Voc... você está bêbado? — minha voz fraca demonstra o espanto, porque é exatamente o que parece.

— E de que isto te interessa?

Caio sentada no sofá. Trêmula de alívio, porém, sentindo algo muito, muito quente e poderoso crescer dentro de mim.

— *O que me interessa?* Você pensou em ligar e dar notícias? Que merda está passando por sua cabeça?

— O que faço não é da sua conta, Katarina, nunca foi.

Eu não entendo...

— Por que está falando comigo deste jeito?

Silêncio.

— Responda. Por que está sendo grosseiro comigo?

Mais silêncio

— Maldita seja... — rosna, por fim.

Aperto meu nariz num beliscão forte. Eu devo estar dormindo, ou ter perdido uma parte muito importante da conversa.

— O que mudou desde a última vez que nos falamos? — indago com uma calma que me surpreende.

— Você não me merece — a voz grossa coaxa, bêbada — Não merece essa fodida dor que eu estou sentindo.

— Por Deus! Não está dizendo coisa com coisa! — exaspero — Que raio eu fiz pra te deixar assim? Onde você está?

— Esqueça que eu existo, Katarina, porque eu vou te esquecer! Maldição, eu vou te esquecer!

Balanço a cabeça, me recusando a acreditar.

Penso em dizer nossa palavra de segurança e fazê-lo raciocinar um pouco, mas está claro que querer que “mar” faça sentindo pra ele, neste estado, seria pedir demais. Algo aconteceu, é óbvio que sim. Embora não haja nada que justifique seu comportamento.

Minha cabeça está doendo como há muito não fazia. No momento, não tenho mais energia para lutar, nem por mim, nem por ele... nem por nós.

— Tudo bem, Daniel. Considere feito.

Desligo.

E desligo também minha mente. Sinto-me incapaz de pensar com clareza em qualquer coisa. Se ele está bebendo em algum lugar, em vez de estar aqui comigo, é porque escolheu assim.



Capítulo 31

Katarina

Sento-me no banco ao lado dele, assistindo ao lugar esvaziar. A noite foi bem cheia, o centro comunitário está se tornando cada vez mais frequentado. Tudo graças ao coração grande deste cara: Dominic, meu herói pessoal. Eu não poderia deixar de vir esta noite, mesmo me sentindo uma merda de pessoa depois daquela ligação. Tenho uma dívida de vida com o homem.

— Obrigada por ontem, Dominic... — digo, observando a conversa de um grupo mais distante.

— Não tem que me agradecer, Katarina — olhos surpreendentemente acinzentados, vividos, mudam para meu rosto.

Fito-o melhor. Um cara bonito, na casa dos trinta, a barba displicente cobrindo parte do rosto, os cabelos claros, mas não loiros, despretensiosamente penteados para trás. Por baixo da camiseta de mangas compridas puxadas até os cotovelos, posso ver parte de suas tatuagens cobrindo os braços. Um tipo de beleza masculina marcante, mas o que é de mais bonito nele é seu coração. Por vezes, observando-o à distância, eu me perguntei o que levava um cara desses a dedicar tanto tempo cuidando do próximo. Quem é assim hoje em dia? Poucas pessoas.

Eu poderia ter me apaixonado por ele. Facilmente. O problema é que meu coração nunca esteve desocupado. Se eu não tivesse enraizado esse amor em mim, há tantas paixões que poderia ter vivido. Amar Dominic seria fácil. Imagino quantas das mulheres que vêm aqui não têm justamente este motivo.

— Tenho sim. Você salvou minha vida. Não é todo dia que algo emocionante assim acontece — brinco, saindo dos pensamentos.

Noto uma ruga sutil em seu cenho. Preocupação, possivelmente.

— Você denunciou aquele cara?

Desencorajada, volto a observar as pessoas ao longe.

— Já sentiu pena de alguém que fez algo ruim por desespero?

Sinto seu olhar me estudando, sem expressar emoções.

— É o que está achando?

Suspiro longamente.

— Penso que eu deveria dar uma segunda chance a ele... — digo em voz mais baixa.

Ele franze discretamente o lábio para o lado, avaliando minha decisão.

— Acho que todos merecem uma segunda chance, Katarina, desde que honestamente *queiram* ter.

Arranho um desgaste na minha calça jeans.

— Meu instinto me diz pra não fazer nada contra o imbecil agora. As meninas estão chateadas com a minha decisão, mas sinto que é o que devo fazer.

— Você não está com medo de que ele atente contra sua vida novamente?

Suspiro.

— Para ser sincera, não... Parece excesso de confiança, eu sei.

Nosso olhar se encontra.

— Tomei muitas decisões por instinto, Katarina, e por experiência digo que você só saberá se foram acertadas ou não quando tiver de lidar com as consequências. No seu caso, a consequência é sua vida, pense se vale a pena arriscar.

Como uma boba impressionada com a capacidade deste homem de ser uma pessoa tão incrível, acabo dizendo o que penso.

— Eu te admiro, sabia?

Vendo-o estreitar os olhos discretamente, suspeitando que sou mais uma a vir dar em cima dele, antecipo-me em dizer.

— Não estou flertando com você, Dominic. Por favor, longe disto — faço graça.

Um meio sorriso brinca por baixo da barba charmosa.

— Não se justifique, já entendi.

— Por quê? Você quer que eu flerte?

Desta vez ele ri mais abertamente e sacode a cabeça, me achando terrível.

— Acho que prefiro as coisas como estão, Katarina. Você vive perigosamente, poderia colocar a minha vida em risco.

Lanço a cabeça para trás e dou uma risada mais alta. Desde que o conheci, é a primeira vez que o vejo brincar, principalmente com algo assim. O homem é sempre gentil, mas sério, do tipo que estabelece limites antes mesmo de você tentar invadi-los.



Não contei à Pini ou a nenhuma delas sobre a conversa bizarra que tive com Daniel ao telefone, esta manhã. Parece que a ausência dele nem foi tão sentida por elas quanto a minha decisão de não denunciar Alberto por enquanto. Infelizmente para ele, sinto que logo se envolverá em algum negócio com aquele playboyzinho bandido e seus problemas serão mais sérios do que a garota que o denunciou na empresa. Se Alberto não se emendar, verá que a prisão é muito pior do que uma sala

com engravatados o forçando renunciar.

O que me preocupa agora é o meu futuro. Obviamente, a assessoria à empresa de Daniel está descartada. Não sei se ele me indenizará ou cortará os pagamentos. O que me deixa novamente na posição anterior à sua primeira visita à minha casa: estou sem emprego, e tendo de mexer em minhas economias.

Pensei, repassei mil vezes aquele diálogo absurdo entre nós ao telefone e não consigo encontrar uma justificativa plausível para o seu comportamento. Nunca vi ou soube de Daniel embriagado. O que o levou a isso? Justamente ele, que falou tanto em não fugir, foi a primeiro a fazer. Num momento em que tudo o que eu mais precisava era estar dentro de seu abraço.

Se eu permitir que o lado ressentido retorne, ele dirá que me deixar para trás é um velho hábito daquele homem. Mas desta vez será diferente. Por mais que meu coração esteja apertado a ponto de doer, eu me recuso a sofrer. Não vou.

Ora, necessito de um pingo miserável que seja de amor-próprio!

Se para ele uma conversa como a que tivemos não significou nada, não sou eu quem implorará para compreender suas razões infundadas.

Prefiro esperar que a bebedeira cure e ele volte a raciocinar... com sorte, a usar o cérebro.



Depois de revirar na cama de olhos abertos, semelhante a uma coruja, logo pela manhã de quinta me deparo com uma mensagem *dele*. Sem abri-la, imagino que seja um pedido de desculpas. Ansiedade consome meu corpo por completo. Se ele estiver admitindo que errou, eu vou entender. Eu já errei com ele desde que nos reencontramos, então o bastardo tem crédito para isso. O que dizemos numa bebedeira nem sempre deve ser levado em consideração.

É com esta expectativa que deslizo o dedo na tela do celular.

O que leio não é nada do que esperava.

✉ **Remetente:** Daniel Amor da Minha Vida

Mensagem: “Você está ATRASADA! Seja profissional e venha para a empresa terminar seu serviço. Tenho uma equipe toda trabalhando nos documentos que exigiu”.

Preciso relê-la para ter certeza de que entendi corretamente. A caixa-alta utilizada na palavra “atrasada” é colocada como um grito, como se o maldito estivesse berrando comigo. O desdém no restante da mensagem, me dizendo para ser *profissional*, qual é a porra do problema dele?

Agora está mais do que claro que ele está chateado comigo, e tenho a consciência tranquila quanto ao motivo... Só não consigo deixar de me perguntar sobre o que ele pensa que eu fiz para merecer o tratamento rude que vem me dando.

E o pior: ele parece esperar mesmo que eu saia correndo daqui para obedecer à sua ordem tão grosseiramente colocada.

Não. Isto não está certo.

Se ontem eu nutria alguma esperança de prosseguir com o projeto na empresa dele e exibi-la no meu portfólio para novos clientes, agora sei que as chances estão arruinadas. Independente do que ele diga.

Colocando a cabeça no lugar, faço a única coisa que considero certa nesta situação:

✉ **Destinatário:** Daniel Amor da Minha Vida

Mensagem: “Bom dia. Infelizmente, estou me retirando do projeto. Indicarei uma empresa competente para prosseguir com os trabalhos já realizados, sem que haja qualquer atraso no cronograma, ou alteração de custos. Farei a devolução do valor já pago a mim ainda hoje.”.

A resposta vem na sequência.

✉ **Remetente:** Daniel Amor da Minha Vida

Mensagem: “Você leu a cláusula sobre multa em caso de rescisão?”.

Não... Ele não...

Leio as palavras expressadas com tanta impessoalidade e só consigo pensar no quão decepcionante é ele tentar usar isso contra mim. A multa rescisória foi uma exigência minha, para caso ele mudasse de ideia (na hora, parecia uma provocação justa a fazer). O valor é altíssimo. Eu perderia minhas economias o indenizando. O imbecil provavelmente sabe disto.

Penso em ligar e parar com essa molecagem de mensagens, mas eu me conheço, perderia o controle facilmente e, por orgulho, acabaria dando todo o meu dinheiro. Decido enviar uma última mensagem, esperando que ela lhe devolva o juízo.

✉ **Destinatário:** Daniel Amor da Minha Vida

Mensagem: “Por que está fazendo isto comigo?”.

A demora na resposta dá esperança de que ele finalmente esteja refletindo. Dura pouco.

✉ **Remetente:** Daniel Amor da Minha Vida

Mensagem: “Quando você assume um compromisso, espera-se que cumpra sua parte. Você tem até

amanhã às oito para estar aqui. Caso contrário, considere que executaremos a multa”.

Seguro o aparelho quase que colado ao rosto, como se a proximidade pudesse revelar o que não estou enxergando. Há algo como uma indireta pessoal aí, e...

Ah, vá para os diabos! “Caso contrário, considere que executaremos a multa”, quem ele pensa que é para me tratar com base em ameaça?

Jogo o aparelho na cama. Ando pelo quarto, tremendo de raiva. Quem é esse imbecil ocupando o lugar do cara perfeito com quem passei a última semana? O que raios puseram na bebida do infeliz que o fez sumir daquele jeito do evento e se transformar nesse cão odioso?

Bato os dedos nas têmporas, tentando lembrar o que pode ter mexido com ele. Uma explicação ínfima me surge, mas é tão podre e pequena que nem mesmo um bastardo como Daniel a consideraria.

No momento em que o desprezível Igor Justos estava ao pé do meu ouvido me ofendendo, eu ri, mantendo a maldita fachada, e o ofendi também. Vi que Daniel estava nos olhando, mas, *caramba!*, ele me conhece melhor do que isto para não ter se tocado de que eu estava odiando a situação.

Qualquer olhar atento veria o meu desprezo por aquele sujeito... Contudo, foi a última vez que vi o bastardo.

Não.

A teoria é tão absurda que eu a descarto no mesmo momento. Pego o celular de volta, decidida a não agir com a cabeça quente. Já fiz isto vezes demais.

✉ **Destinatário:** Daniel Amor da Minha Vida

Mensagem: “Tudo bem. Estarei aí pela manhã.

P.S.: pelo menos você não está bêbado, sem dizer coisa com coisa, não é?”.

✉ **Remetente:** Daniel Amor da Minha Vida

Mensagem: “Acredite, eu preferiria estar”.

Um tapa doeria menos.

✉ **Destinatário:** Daniel Amor da Minha Vida

Mensagem: “E eu preferiria que esse imbecil que tomou o seu lugar fosse embora e trouxesse o Daniel de volta”.

✉ **Remetente:** Daniel Amor da Minha Vida

Mensagem: “Para quê?”.

✉ **Destinatário:** Daniel Amor da Minha Vida

Mensagem: “Pra me dizer que eu não estava errada quando deixei você retornar à minha vida”.

✉ **Remetente:** Daniel Amor da Minha Vida

Mensagem: “Talvez o erro tenha sido meu”.

Dói. Dói pra burro. Aperta o peito, tranca a glote, queima os olhos, e todas aquelas reações que fazem parecer que o mundo está prestes a cair sobre a minha cabeça.

Certa vez, ele me disse que todos têm um limite. O meu chegou. Um amor complicado não pode perdurar a vida toda, e o nosso durou tempo demais. Eu já deveria ter esquecido esse cara há muitos anos. Não importa como, ou o que eu tenha de fazer, eu vou esquecê-lo. *Preciso* esquecê-lo.

Friamente, tendo todas as emoções administradas (embora eu ainda não saiba por quanto tempo), ligo para o mesmo hotel de alguns dias antes e reservo uma diária. Amanhã à noite pretendo retornar.

Altero também seu nome na agenda para apenas “Daniel” – mesmo que tentada a substituir por outra palavra no lugar.



Capítulo 32

Katarina

Ao chegar ao hotel, o dia ainda não tinha amanhecido. Tomei banho, me vesti, e levei a mala de volta para o carro. Depois do trabalho vou direto embora.

Antes das oito, estaciono em frente à grande sede da empresa. Não é fácil estar de volta, mas, em meu consolo, nada na vida é. Além de que não durará para sempre. Hoje planejei fazer uma reunião com os principais gestores, pegarei os documentos e levarei para casa. A organização deles não precisa ser aqui. Posso vir uma vez por semana e será o suficiente.

O lugar ainda está parcialmente vazio. Conforme vou andando para a sala de Matheus (e meus saltos vão fazendo barulho), encontro um ou outro chegando e se estabelecendo. Cumprimento e sigo meu caminho. Antes de entrar, bato duas vezes na porta. Matheus sempre chega mais cedo.

Encontro-o com o sorriso jovial de sempre. Ilustro um em meu rosto também. Ninguém precisa saber que estou uma porcaria por dentro.

— Bom dia, Matheus.

— Katarina! — ele se levanta e contorna a mesa, ficando de frente pra mim — Bom dia — planta um beijo educado no meu rosto — Eu pensei que você só viria mais tarde.

— Por sorte, encontrei a estrada vazia — revelo em tom ameno — Será que eu posso...? — aponto para a cadeira em frente à sua mesa.

— Fique à vontade, mas temo que logo terá de se levantar.

Franzo as sobrancelhas, curiosa e constrangida, tomada pela sensação de que Daniel me dispensará e Matheus tem ciência disto. A questão é: Dani seria cruel para me fazer viajar até aqui apenas para isso?

Buscando manter-me imperturbável, sorrio.

— Por quê?

— Uma sala foi reservada a você — diz, jovial — Se quiser, podemos ir até ela.

Bem, eis uma surpresa.

— Cla-claro, hã... Se você puder me mostrar...

Gentil, ele me oferece passagem e depois caminha lado a lado comigo pelo corredor formado pelas estações de trabalho.

— E as aulas de surf? — puxa assunto.

— Acho que eu não levo muito jeito, não é? — brinco.

Superficialmente relaxada, porém com uma crescente ansiedade, noto que estamos nos guiando para a sala de Daniel.

— É uma questão de prática, e pelo que me lembro, você conseguiu o mais difícil: ficar em pé sobre a prancha.

Vou me sentindo mais desconfortável a cada passo. Evito demonstrar, resmungando alguma banalidade qualquer, e sorrio para Matheus vez ou outra.

— Venha, é esta aqui.

Passamos em frente à porta de Daniel, que se encontra fechada, e paramos na próxima. Que beleza. Minha “nova sala” é ao lado da dele. Quando Matheus abre, não deixo de perceber que parece recentemente decorada. O sofá pequeno e a luminária ao lado são novos.

— Dani pediu que preparassem na semana passada. Até que foi rápido — ele diz ao perceber minha discreta surpresa.

— É, foi, e ficou muito boa.

Até nisso ele pensou: num canto bonito para mim dentro de sua empresa. Respiro profundamente; não consigo absorver o bastante para relaxar.

Coloco sobre a mesa os documentos que ele me entrega, minha bolsa e o notebook, então sento-me com Matheus no sofá e explico que minha presença diária não será necessária, combino um mecanismo de envio de documentos, de modo que não interfira na rotina diária dele. Eu preciso conversar com Daniel, explicar como serão os procedimentos antes da primeira auditoria, de um jeito que ele entenda que não é mesmo essencial que eu fique constantemente aqui. Ambos sabemos que, antes, sua intenção era outra ao me fazer ficar.

— Eu preciso passar algumas informações ao Daniel, Matheus. Você poderia verificar em que horário ele pode falar comigo, ou acha melhor que eu peça à secretária? — apesar de meu tom ameno, noto que o pedido o intriga.

— Tudo bem, pode deixar que eu vejo sim... — seus olhos me sondam com mais atenção — Desculpe a pergunta... Vocês brigaram, não foi?

Sinto-me desconfortável, não com Matheus, mas comigo mesma. Estava evitando ter de pensar em como será minha vida sem esse cara, e agora, estando aqui, sinto uma inexplicável saudade do que ainda teríamos para viver juntos. Parece loucura, eu sei. Fato é que o futuro não será melhor, a menos que eu o esqueça de vez, e, honestamente, não sei como fazer isto.

— Desculpe, eu nem deveria ter perguntado — ele se antecipa — estado do cara já diz por si.

Noto um sorriso de pesar no rosto do homem. Ele é um bom amigo de Daniel; isto, de certa forma, me conforta.



Submersa, verificando os papéis que Matheus entregou, vou me sentindo encolher a cada nova página. Desde que ele saiu da sala, há cerca de cinquenta minutos, estou sendo trazida para uma realidade que me pega completamente desprevenida. Página por página, culpada como o inferno, me dou conta de coisas que eu já deveria ter suspeitado, mas não o fiz, envolta em uma maldita bruma até então. Solto os papéis e escondo meu rosto entre as mãos, exprimindo um gemido profundo, incapaz de qualquer outra coisa.

Por que eu não suspeitei de algo assim?

Ou mais, por que *ele* faria algo assim?

Atordoada como estou, tenho a sorte de alguém escolher justamente este momento para bater à porta. Duas batidas leves, que me obrigam, mesmo lívida, a respirar fundo e deixar as mãos caírem para o apoio de braços da cadeira, fingindo que estou perfeitamente em ordem, como se eu não tivesse sido nocauteada.

Um “entre” é mal sibilado pelos meus lábios, o que provavelmente não produz som algum.

Assim que a porta se abre, no entanto, me dou conta de que o tal “nocaute” de poucos segundos antes acaba não passando de cócegas perto da cena que se apresenta diante de mim. Nada além de *cócegas*.

Deus tenha piedade, é possível um coração se partir, de fato, fisicamente, em milhões de pedacinhos em apenas um instante?

É a sensação que tenho quando Daniel entra pela porta e eu o vejo por inteiro.

O cara está uma merda.

Uma verdadeira merda.

Seus olhos têm um aspecto sombrio, cercados por olheiras fundas de quem não dorme há dias — eu arriscaria dizer que desde terça-feira. A barba cresceu um pouco e não foi aparada. Os contornos dos ossos na altura das maçãs do rosto também parecem mais salientes.

Ao encontrar seu olhar vazio, sinto um ardor insuportável me comer a garganta, tão forte que chego a lacrimejar. Por que alguém se inflige esse tipo de sofrimento? O que, de tão grave, o levou a este estado?

Ainda da porta, encaramo-nos por um ligeiro instante que parece uma eternidade, até que ele quebra o contato.

— Você não precisa mandar recados quando quiser falar comigo — diz numa voz profunda, organizada, sem nenhuma emoção aparente, ao virar-se para fechar a porta.

Noto o leve tremor em sua mão e a rigidez de suas costas.

Abaixo a cabeça e aliso minha saia por um momento, antes de subir a atenção de volta para ele.

— Bom dia, Daniel... — ter de chamá-lo assim, sem intimidade nenhuma, demanda mais esforço do que jamais pensei.

O olhar vazio viaja pela sala redecorada. Noto respirações curtas atravessarem suas narinas.

Ele está ferido. Seriamente ferido, e eu nem sei o que fiz.

— Matheus me disse que você virá uma vez por semana... — comenta sem me olhar, e não há qualquer raiva ou grosseria, é só uma inexpressividade forçada, como se lutasse para não demonstrar que minha presença o magoa.

Eu não posso simplesmente assistir a isso e fingir indiferença.

— Será que a gente pode conversar? — pergunto no alto de um sussurro, que é o que a glote se trancando permite.

Ele acena que sim com a cabeça, encarando um objeto inanimado na mesa.

— Sobre nós... — explico.

E nosso olhar se encontra.

Por instinto, levo uma mão ao meu próprio peito, querendo amenizar o que sinto, porque fato é que a dor dele dói mim de maneira absurda. E não posso tirá-la de nenhum de nós sem saber como a coloquei ali.

Os lábios por baixo da barba se apertam, e depois se separam, e sorvem o ar como se seu nariz não o fizesse com eficiência.

— Eu prefiro não — sua rouquidão miserável é um punhal no meu peito.

Num esforço visceral de me manter em pé, concordo com a cabeça, lentamente. Eu poderia gritar, exigir, chacoalhá-lo para trazê-lo a razão, mas sei que nada disto surtiria efeito. Daniel está me bloqueando para o lado de fora.

— Tudo bem... E sobre a empresa, nós podemos conversar?

Recebo um mover de queixo e um sibilo de “ok”, que tenho de ler em seus lábios.

Junto todas as folhas em que estive mexendo desde que cheguei. Com cuidado, deslizo pela mesa e as coloco em sua frente.

Ele as pega e corre os olhos pela primeira página, devagar, provavelmente ganhando tempo para acalmar as emoções.

— São os balanços... — diz naquele mesmo tom profundo.

— Sim, são — vendo que ele não pretende se sentar, eu me levanto.

Ao analisar os números, tive uma grande surpresa, e não posso, de maneira nenhuma, permitir que Daniel cometa um erro tão sério, somente porque, há alguns dias, numa situação diferente, quis me trazer de volta à sua vida.

— Você tem dinheiro suficiente para abrir mais três sedes iguais a esta, se quiser — começo — Muito mais dinheiro do que conseguiria ao abrir o capital de sua empresa e deixar estranhos se apropriarem de algo tão bem-sucedido que você construiu sozinho.

Noto seu corpo se tornando ligeiramente mais rígido.

O que ele esperava? Que eu não fosse ver? Esse é o meu trabalho!

— Eu não posso deixar que cometa este erro somente porque quis me trazer para cá.

Os olhos intensos permanecem nos papéis, talvez em nada específico ali, pois é claro que conhece a fortuna que tem. Sua mandíbula está cerrada daquele modo duro, tenso.

Mantendo a voz serena, prossigo.

— Você não precisa de investidores, ou vender ações, nada destas coisas. Seguramente, seu capital é saudável para fazer a expansão que mencionou quando me procurou — respiro bem fundo (tanto quanto é possível diante da densidade entre nós) — A necessidade de recursos foi uma desculpa. E eu seria altamente irresponsável se permitisse que siga em frente com isto. Esta empresa *não* precisa. Sua fortuna lhe garante a estabilidade de que carece para abrir novas ramificações em outros países, se assim desejar, sem a ajuda de capital de fora.

As folhas vão sendo abaixadas lentamente.

— Você me disse que não entendia de investimentos, Daniel, mas sei que entende perfeitamente bem. Tanto que fez alguns muito bons, inclusive — aponto para os papéis.

Finalmente, ele volta a me fitar. Sinto os joelhos enfraquecerem, e não posso evitar o marejo que empoça meus olhos.

Encho o peito outra vez, ciente de que estou findando aqui as desculpas que tínhamos para nos ver.

— Não vou mais prestar consultoria a você. Estou te informando e quero que saiba que não é por absolutamente *nada* pessoal, mas porque não faria sentindo, ou pior, até te prejudicaria. Pagarei a multa rescisória, pois foi o que combinamos — aceno um gesto — E, na hipótese de você não querer aceitá-la, eu pagarei mesmo assim.

Ele não diz nada. Permanece me olhando daquele modo fodido, que arrebenta meu coração e me faz querer chorar.

— Estou me despedindo de você, Daniel. Todos os documentos que me foram entregues estão nesta pilha — aponto para a mesa — E prometo que os enviados por e-mail serão destruídos.

Como ele continua silencioso, maldito seja, eu me obrigo a permanecer falando.

— Vou embora agora. Se me permitir, antes, em gostaria de me despedir de alguns de seus funcionários — sorrio, tristemente — Foram pessoas bacanas comigo... — explico.

Droga! Será que ele não vai abrir a boca?! Estou a ponto de limpar os olhos com as mangas do blazer, e o infeliz não vai dizer nada?

Sem outra opção, sou eu a quebrar o nosso contato visual, encarando a mesa.

— Obrigada por querer me dar uma oportunidade tão legal. Por pensar em mim e me estender a mão quando eu precisei, mesmo sabendo quais seriam as consequências para sua empresa.

Inclino-me então para pegar a bolsa pendurada no encosto da cadeira. Fecho o *notebook* e o coloco dentro dela.

Não há mais nada para fazer ou dizer.

Ele também não tem nada a falar.

— Obrigada, Dani — sinto a necessidade de reforçar ao passar por ele e ir para a porta.

A estátua de um deus grego ferido não se move.

E eu vou, com a certeza de que nunca mais haverá um “nós”, nem profissionalmente, nem pessoalmente. Nunca mais.

Do lado de fora, um soluço baixinho escapa de meu peito.



Capítulo 33

Katarina

Saio da avenida das praias e me encaminho para a estrada. Estou chorando tanto e tão copiosamente que minha visão volta e meia borra. O cara estaria disposto a cometer um erro enorme, deliberadamente, somente para me ajudar, ou pior, para estar ao meu lado. Maldito seja! Quem faz algo assim na vida? Quem é tão bom?

Solução, sentindo o ardor comer a garganta com mais força.

O que, afinal, o deixou ferrado daquele jeito? Por que o bastardo cabeça-dura não me diz o que há de errado? Por que me deixou ir, sabendo que não há mais volta?

Eu não entendo. Não consigo racionalmente entender.

Você é um bastardo, Daniel!

Fecho os olhos e ainda posso ouvir suas palavras naquela conversa à beira da piscina: “Você acha mesmo que, depois de tudo, eu deixaria você sair da minha vida assim, tão fácil?”; “Você não faz ideia do quanto eu sou maluco por você, não é?”.

Se ele não ia me permitir sair, por que deixou?

Se é tão maluco por mim, como disse, por que não fez nada para impedir nosso fim?

Deus, eu cheguei ao meu limite.

Por favor, tire esse homem do meu coração. Por favor. Não posso suportar a ideia de conviver com essa dor pelo resto da vida. Não é justo comigo.

Contraditoriamente ao pedido, meu coração se contrai mais forte.

E choro, mais forte também.

De repente, um carro vem da pista da esquerda e se enfia em minha frente. Tendo a visão distorcida pelas lágrimas, por muito pouco não bato em sua traseira. Seguro mais forte o volante entre os dedos, enquanto limpo os olhos com a parte interna dos braços. Preciso diminuir a velocidade.

O veículo se mantém diante do meu, piscando para o acostamento livre, mas não se dirige a ele.

Parece estar fazendo de propósito.

— Vá de uma vez, infeliz!

É quando percebo que, na verdade, o carro me impedindo de seguir está querendo me fazer

parar ao lado da pista. O veículo é muito familiar... um Jeep. Dele, com toda a certeza. Chorando tanto, eu via apenas os contornos, mas é ele sim, mesmo sem enxergar a placa, reconheço o adesivo.

O que Daniel está fazendo?

Aciono o pisca, sinalizo para a direita e guio para a extensa faixa de acostamento.

Ele também.

Desligo o motor, abaixo o vidro e, retirando o cinto, acompanho o homem saltar do Jeep e vir a passos ligeiros para mim.

Sua abordagem no trânsito foi tão inesperada que não tive tempo de me recompor. Estou uma bagunça entre lágrimas, nariz escorrendo, olhos inchados.

Ao chegar à minha janela lateral e me ver neste estado, algo explode em seu rosto. Então, pela primeira vez na vida, assisto ao meu Thor em suas próprias... lágrimas.

É... surpreendente.

Ele abre minha porta e me arranca de dentro sem que eu nem saiba bem como. Quando me dou conta, estou presa num abraço forte. Meu próprio estado emocional transcende, choro mais; mais profundo; mais intenso.

Volto a ser aquela garota de dezoito anos que retornou para a casa, depois de saber pela boca da melhor amiga que seu amor foi embora para nunca mais voltar, e chorou agarrando o travesseiro, achando que a dor assustadora em seu peito iria matá-la.

Afastando os cabelos grudados em meu rosto, segurando-me para ele com nossas lágrimas se misturando, Daniel finalmente deixa que um som selvagem, animalesco e profundo exploda de seu peito.

— Eu não posso deixar você ir embora. Não posso. Não vou aguentar mais dez anos sem você, menina.

Seus lábios colam nos meus; não é um beijo, é um apertar desesperado.

— Você não me ama, mas eu tenho amor suficiente para nós dois, Katarina. Eu tenho. Aceite ele, aceite ele, por favor, aceite este maldito amor!

— Meu Deus, *como* você pode achar que eu não te amo, cara?! — grito em sua boca — Você é maluco? Qual é o seu problema?

— Eu vi você — a pressão de sua boca produz uma voz abafada — Vi com aquele cara!

Assimilo suas palavras e mal posso acreditar. É claro que era *essa* bobagem. Que ele achou que eu tivesse dando corda para aquele vigarista asqueroso.

— Você está *louco*, Dani? Eu nem sequer o toquei! Eu tenho nojo daquele cara!

Parecendo realmente um maluco, olhos transtornados, ele afasta a cabeça e nega, para mim, para si, não sei bem.

— Você estava no peito dele, Katarina. Agarrada a ele naquele corredor. Eu vi, eu vi.

Pisco, aturdida.

E-ele está falando de Dominic...

Não do ladrãozinho.

Oh, Deus.

— Eu vi, amor — sussurra, como se minha reação de surpresa agora fosse a de quem foi pega na mentira — Você não precisa negar...

— Dani — tento, mas a voz sai por um fio — Dani...

E então, sem conseguir gerir corretamente minhas emoções, eu rio. Entre lágrimas, eu acabo rindo, pra valer. Soluço e dou risada, tudo ao mesmo tempo.

Segurando meu rosto, o homem diante de mim novamente interpreta errado.

— Você quer ficar ele? Eu juro, Katarina, se você quer mesmo isso, te deixo voltar para este carro e você nunca mais me verá. Só diga, por favor, diga em voz alta.

— Dani... — soluço — Você não percebe o engano que está cometendo?

Os olhos verdes, transparentes pelas lágrimas, arregalam-se e estreitam-se, sem compreender.

— Aquele cara tinha acabado de salvar a minha vida — revelo.

É como se meu corpo de repente o queimasse. Dani se afasta um passo. Olha bem para mim, procurando cabimento no que ouviu.

Lindo, conturbado, ferido.

— O-o que você está dizendo? — questiona numa profunda voz rouca, embargada.

— Que você estava prestes a me deixar por um erro.

Limpo meus olhos e nariz com a manga do blazer, empurro o cabelo grudado para longe do rosto.

— Dominic me salvou de levar um tiro — revelo, serena, porque, apesar da injustiça que este homem cometeu, acima de tudo, eu quero primeiramente tirar a sua dor.

Ela dói em mim.

— Eu denunciei meu ex-chefe por desvio de dinheiro. Ele foi ao evento armado para se vingar de mim.

A cor vai sumindo do rosto de Daniel. Mesmo as olheiras clareiam, sem vida.

— A garçonete me disse que um cliente estava com problemas lá fora e eu fui. Não havia ninguém, até que eu senti a arma nas minhas costas. Dominic me impediu de levar um tiro ali, naquele beco.

Dani esfrega o rosto, como quem sai de um sonho ruim e entra num pior.

— Eu vi a vida passar diante dos meus olhos. E você era grande parte dela... Fiquei tão feliz e, também aliviada e perturbada, desabei no peito dele e chorei, por tudo o que eu tinha acabado de

correr o risco de perder.

— Me perdoa — leio em seus lábios, em meio à expressão de dor física — Me perdoa... me perdoa... me perdoa.

Sou eu a recuperar nossa proximidade. Piso um pé à frente, encosto as duas mãos em seu peito, e respiro fundo.

— Há quanto tempo você não dorme, Dani?

Piscando por baixo de cílios naturalmente grandes e pesados pelas lágrimas, ele me encara perturbado, lívido, como se não esperasse essa pergunta.

— Desde aquele dia — confessa, por fim.

Sinto uma pontada mais forte moer meu interior.

— Podemos ir para a sua casa? Lá a gente descansa e depois conversa, o que você acha?

Depois de um instante de total letargia, ele finalmente reage.

— Vamos no meu carro. Vou pedir que busquem o seu... — apanha a minha mão como quem nunca mais vai me soltar.

Aceito do seu jeito, sem questionar, pois tudo o que realmente preciso agora é fazê-lo se sentir melhor. O resto teremos de resolver depois, inclusive nossa situação.

Chega de morrer um milhão de vezes em cada engano.



Capítulo 34

Katarina

Cinco minutos de carro e chegamos à casa dele. Daniel não espera entrarmos: ao descer, ele me pressiona contra a lataria, envolvendo-me num abraço apertado. Sua testa se apoia no alto de minha cabeça. Encosto a bochecha em seu peito, ouço as batidas ritmadas de seu coração, o que me penaliza. É isto o que causei nele. Exatamente a mesma força e poder que ele tem sobre mim.

Somos dois loucos, e um dia poderemos morrer disto, se não arranjarmos um jeito de fazer funcionar.

— Me perdoa... — ele murmura com profundo abalo.

— Cara, nesse ritmo, a gente vai pirar antes mesmo de chegarmos ao primeiro aniversário — opto por amenizar o clima.

— Falei tanto sobre ter sua confiança, e não dei isto a você.

— Sim, não deu.

— Agi como um imbecil.

— Agiu mesmo — vou falando e mordendo o lábio.

— Tenho colocado a responsabilidade sobre você, mas sou eu quem não te merece.

— É, não mesmo. Mas disse que *eu* não te merecia, ao telefone — continuo, em tom leve, querendo que essa carga densa saia de seu corpo.

A verdade é que posso lidar com sua grosseria, irritação... só não posso, de jeito nenhum, lidar com sua dor. E isso é amor, quando o sofrimento do outro dói mais do que o nosso próprio.

— Eu estava fodido quando disse aquilo.

— Olhe a boca, sim?

Dani afasta a cabeça para trás. Sobe a mão pelo meu rosto, tocando-me no queixo, e me olha de um modo penetrante, como quem procura algo em mim.

— Por que aceitou vir comigo, sabendo que eu te julguei mal?

Lambo o lábio, pensando na resposta. Não é difícil de compreender o motivo.

— Porque era exatamente o que você faria. Lutaria por nós. Apenas retribuí quando tive a oportunidade — revelo, livre de brincadeiras — Eu vi a mágoa em seus olhos e, naquele momento, entendi o que você enxergou nos meus também, por todo esse tempo. Você me fez perceber o peso deste sentimento e o quanto ele pode destruir uma vida inteira de felicidade.

Sua mandíbula se aperta, os lábios se contraem, com evidente dor.

— Não se envergonhe de errar, Dani. Não somos perfeitos; eu, menos ainda. Sou a suja falando do mal lavado, entende? — encolho os ombros, fazendo uma pequena graça.

— O que devemos fazer para não ter de passar por momentos assim, Katarina? — seus olhos claros desviam-se dos meus e vão para o lado, para o mar — Eu não suporto, *não suporto* a ideia de ficar mais um maldito dia afastado. Já ficamos tempo demais.

Sinto uma aceleração dolorosa no peito. Uma dor boa (se existe alguma).

— Sei lá — dou de ombros.

Ele volta a me encarar, encarar de verdade. Um músculo de sua face salta, como quem comprime a mandíbula.

— Você quer mesmo ficar comigo? — o timbre profundo, grave e rouco, contém uma insegurança refreada.

Desço o olhar para sua camisa, procurando ali a resposta.

— Sinceramente? — encolho os ombros.

Inspiro.

— Não acho que seja mais uma questão de querer, Dani. Para mim, se tornou uma necessidade. Quando entrei no meu carro, há alguns minutos, uma dor muito forte veio consumindo todos os lugares possíveis de meu corpo de uma maneira absurda. Sabe o que é não conseguir nem respirar direito? — pergunto francamente.

Seus lábios se franzem numa linha torta, antes de responder.

— Sei muito bem.

— Eu não quero mais sentir ela. Sou covarde demais para dor. Posso lidar com raiva, grosseria, truculência, mas não posso lidar com dor. Nem minha, nem de alguém a quem eu amo.

Noto um bolo se formando em seu pomo de adão, que sobe e desce, como se Daniel estivesse engolindo algo sólido.

— É isso o que causo em você? — há uma enorme profundidade na questão. Um interesse genuíno.

Nego com a cabeça, enquanto expiro uma respiração longa.

— Não. Sua ausência, sim.

— Pois bem — em seu tom de voz, há muita determinação, o que me impele a prestar atenção — Quando você saiu daquela sala hoje, eu percebi algo que mudou tudo para mim. Você é uma mulher livre, Katarina. Seus sentimentos são. Eu não posso querer te prender a mim numa promessa do que quer que seja, ou exigir qualquer coisa, mesmo que fidelidade. Isso deve partir de um querer seu.

Estreito os olhos, tentando entender aonde ele quer chegar com isto.

— Você me dará quantas partes suas quiser dar. Não serão palavras que mudarão isso. E se é assim que tem de ser, é como será.

— Vo-você está dizendo que aceita uma possível *infidelidade* minha? — me assombra a interpretação.

Ele sorve o ar com lentidão, e seu peito vai crescendo no processo.

— Olhe bem para mim — exijo.

Relutante, ele o faz.

— Você perdeu a porra da sua cabeça, ouviu bem? — rosno lentamente, para que seu cérebro afetado compreenda — Olhe bem para mim, homem! Eu estou te dizendo que morri mil mortes sem você, e vem me dizer que aceita que eu tenha outro?

— Eu não disse que aceito que tenha outro. Disse que você tem um espírito livre.

— Mas não sou a porcaria de uma infiel! Eu não quero ter outro!

Ainda perturbado, ele esfrega o rosto entre as mãos, e então as desliza pelos cabelos.

— Eu estou disposto a receber o que quiser me dar, Katarina. Só não quero mais ficar longe, não entende? Não quero sentir medo de te perder a todo o momento. Se, pra isso, tiver de aceitar coisas assim, sei lá — sacode a cabeça — Inferno! Por você eu aceitaria.

Agarro sua barba, obrigando que ele me encare.

— *Nunca*. Você nunca aceitará algo assim, nem de mim, nem de mulher nenhuma, ouviu bem? Mais do que minha fidelidade, você tem minha lealdade. Se meu jeito espontâneo te incomoda e te faz ter ideias assim, eu posso mudar, por você eu posso.

— Não quero que mude, Katarina — abrandando o tom — Quero que continue sendo você, pois assim estará feliz.

Meu peito aquece violentamente.

Suspiro densamente.

— Isso é uma grande demonstração de amor, e eu agradeço. Mas não haverá outro, fique seguro sobre isso. Estou te dando a minha palavra de que nunca haverá outro, Dani.

Ele mordisca o lábio, esfrega a barba e depois o rosto todo.

— Não, não haverá outro. Eu nem mesmo sei por que estou dizendo estas coisas.

Deslizo as mãos por seu peito e pouso sobre o coração.

— Eu sei... ausência de sono. É uma merda e faz a gente deixar de pensar direito.

Dani passeia os nós dos dedos por meu rosto.

— Acho que tem razão... sim, tem. Agora, por favor, me conte certinho o que aconteceu com esse filho da puta do seu ex-chefe. É isso o que dá não ter denunciado ele à polícia, Katarina. O cara desviou grana em seu nome, você deveria ter prestado queixa.

Arqueio as sobrancelhas.

— É mesmo?

— Claro que sim, no mínimo ele estaria preso, neste momento.

— Engraçado, eu não lembro de ter comentado qualquer coisa sobre esse assunto com você.
O infeliz tem a capacidade de bufar.

— Eu já sabia... — revela, cansado.

— Ah, sabia? Como?

Júlia, hein... pequena linguaruda.

— Priscila.

— Oi?

— Ela me ligou, contando o que o cara fez com a sua sala...

Cruzo os braços sobre o peito, perguntando-me o que mais os dois conversaram.

— Você me trouxe para cá para fugir dele, não é?

Pff... é óbvio!

Dani deixa o olhar correr de volta para o mar, antes de retornar.

— Ela estava preocupada. Eu também fiquei. Trazer você foi a coisa certa a fazer.

Deixo os braços caírem para o lado, exasperada.

— Meu Deus, Daniel! E até onde você iria com esta história de me deixar abrir o capital da sua empresa?! Você, por um momento, pensou na merda que isto seria para o seu negócio?

Ele dá de ombros, mirando-me profundamente, por baixo dos cílios pesados e das manchas escuras na pele ao redor dos olhos.

— Se com isto eu estivesse te mantendo segura, não importa — diz com tanta segurança que me comove. Quero beijá-lo e chutar suas bolas ao mesmo tempo.

E eu pensando que ele me queria aqui apenas para me reconquistar. Como sempre, vindo dele, era algo muito maior. Era para a minha proteção.

— Obrigada — é o que consigo dizer.

— Não me agradeça por cuidar de você, é meu dever.

Mordo um risinho.

— Isso foi bem bonito, sabe?!

Respirando profundamente, ele dá um sorriso torto.

— O que aconteceu depois que o *tal Dominic* te salvou? — noto certo desdém ao pronunciar o nome do meu herói — Aliás, como ele fez isto?

Relato tudo a partir da saída para a área de serviço, até a chegada das meninas. Ele escuta atentamente, a expressão mais dura a cada minuto.

— Eu deveria ter estado lá por você.

— Não tinha como saber, Alberto foi meio sorrateiro ao inventar essa história. Sabia que eu teria sido discreta e iria sozinha. O infeliz me conhece.

— A polícia não chegou a tempo, pelo jeito...

— Não...

Ele me interrompe.

— Inferno, o cara ainda está por aí.

— ...Pedi que não chamassem.

De repente, Daniel me olha como se mais uma cabeça estivesse brotando do meu pescoço.

— Como é? — questiona em alerta, numa calma forçada surpreendente.

Lá vamos nós.

— Eu o deixei ir e tivemos uma conversa depois.

— Katarina! — rosna, destemperado.

Visto uma máscara plácida.

— Se vamos discutir isto, será que pode ser lá dentro?



Capítulo 35

Katarina

Subo até sentir a borda grossa e macia beirando a saída e mergulho novamente. Cavalgo com lentidão, absorvendo em minhas células o contato de seu corpo dentro do meu. Dani me segura pelos quadris, os dedos fincados em minha pele, guiando-me. Espalmo as mãos em seu peito firme e úmido, e o uso como apoio para repetir o movimento. Nossos gemidos se misturam, o meu livre, o dele um ruído fugindo do aperto em sua mandíbula. Nenhum de nós quis dormir, a necessidade de estarmos juntos foi mais avassaladora, ambos precisávamos da confirmação.

— Amo você, Dani, amo muito.

Subitamente, ele nos gira, deixando-me de costas na cama. Suas mãos vão para os lados da minha cabeça, o rosto junto ao meu. Os olhos verdes agora estão negros, sérios, fitando a minha alma enquanto me penetra.

— Nunca houve ninguém além de você, e nunca haverá.

Estoca mais fundo, arqueando nossos quadris juntos.

— Quando estou aqui, enfiando em você, sinto que é exatamente onde eu nasci para estar. Você entende isto, Katarina? — grunhe, poderoso.

Não consigo responder qualquer coisa quando ele afasta ligeiramente o tronco e leva a mão para entre nós, alcançando o local inchado e pulsante, esfregando com a sutileza e a pressão exatas. Fecho os olhos, me lançando ao encontro dele e de seu corpo.

Daniel chicoteia a língua sobre meu mamilo.

— Olhe para mim, amor.

— Ah, Dani! — reclamo, lutando para atender ao pedido.

Outra chicoteada macia, seguida de um mordisco levemente doloroso.

— Me perdoa.

A garganta seca, porque eu realmente não esperava.

— Não há o queeee — perco a linha de coerência quando a fricção lá embaixo me lega a receber agulhadas por todo o ventre — Deus do céu!

— Diga que me perdoa.

— E-eu perdooo... oh, por favor!

Seu quadril se lança mais forte, mais duro, tocando-me profundamente.

Agarro as pernas ao seu redor e me gingo para o seu ritmo, num impacto barulhento e gostoso. Finco as unhas em suas costas molhadas, ele grunhe de prazer. O que começou na parede da sala, termina comigo gritando seu nome sobre a enorme cama, e recebendo suas promessas sibiladas contra meu pescoço, em mordidas levemente doloridas.

Quando se afasta, sinto-o cravar mais fundo e se libertar, num urro baixo, animalesco, reafirmando sua natureza.

— Eu vou te fazer muito feliz, Katarina — diz por fim, ao desabar sobre mim, encontrando outra vez a curva do meu pescoço, onde se aconchega.

Abraço-o, sentindo as batidas unidas e compassadas de nossos corações acelerados.

— Você já me faz, Dani — revelo, em respirações curtas.

— Te deixar para trás foi a coisa mais difícil que eu já fiz na vida. Passasse o tempo que passasse, nunca ficava mais fácil.

Seus lábios quentes estão colados à pulsação de minha carótida.

— Foi por uma causa necessária — aliso o cabelo de sua nuca — E, se ficou alguma mágoa em mim, hoje você se redimiou — reflito.

Dani se descola alguns centímetros, olhando-me com interesse.

— Você foi me buscar no caminho — explico, com seriedade — Sinceramente, acho que se me deixasse ir de vez, seria o nosso fim definitivo. Mas você me mostrou que é capaz de ficar e lutar por nós. Fez exatamente o que eu esperava de você — afasto uma mecha do cabelo caída sobre seus olhos.

Um sorriso torto, atraente, corta o canto de seus lábios.

— Se você soubesse qual era a minha intenção, não teria tanto apreço por meu caráter assim...

Levanto a sobrancelha, curiosa.

O sorriso aumenta, convencido.

— Eu estava decidido a te sequestrar, mulher. Te levaria para uma casa que tenho numa praia mais isolada e te manteria lá. Ninguém te encontraria.

— Nem mesmo a Pini?

O sorriso vira uma gargalhada profunda, doce e quente.

— Principalmente a Priscila. Ela é muito ameaçadora quando quer. Você precisava ouvir as coisas que ela me disse quando aceitei ajudá-la.

Semicerro os olhos, achando graça.

— *Aceitou ajudá-la, é?* Sou um caso de caridade?

— *Ela* precisava pensar que sim. Aquela mulher é o tipo de pessoa para quem você não quer dever um favor. Sempre foi assim. Eu não podia beijar os pés da Priscila e agradecer por estar me ajudando a te trazer de volta pra mim. Ela me tripudiaria.

Mordo a vontade de rir

— Minha garota é esperta — afirmo, orgulhosa.

Ainda dentro de mim, mas em estado de descanso, Dani me observa com atenção, parecendo contemplar os detalhes do meu rosto.

— Você pode não acreditar, ou gostar do que vou dizer, mas eu tinha confiança de que ficaria bem. Sofreria, é claro (pois se gostasse de mim a metade do que eu te amava, sentiria aquela dor te rasgando também)... Mas, no fundo, eu deixei você em boas mãos. Vocês quatro são como uma corrente de elos muito fortes. Indestrutíveis.

Respiro entrecortado, emocionada por alguma razão.

— Cada uma ali tem uma característica que complementa a outra. A doçura, ou a racionalidade, ou a ousadia, ou mesmo a força. São elementos que se apoiam e dependem para funcionar com equilíbrio.

Arranho seu peito suavemente.

— Deixe-me adivinhar... eu sou a racionalidade? — brinco.

Ele comprime o lábio, zombeteiro.

— Não? Oh sim, é claro, que estupidez a minha. Eu sou a doçura, é óbvio — vendo a sobancelha castanha se levantar, continuo — Então é certo que sou a força. É isso.

Notando-o à beira de uma risada, levo as unhas mais para baixo, e para baixo, suavemente, arranhando seu mamilo, depois os gominhos do peito, então os traços sutis de pelos logo abaixo... até senti-lo crescendo dentro de mim, de mansinho, curtindo a brincadeira, trazendo o desejo de volta.

— Se sou a ousadia, devo fazer por onde receber este título, não?

Levanto a cabeça e lhe lambo o mamilo.

O que era um progresso crescente, se transforma outra vez numa barra de aço, preenchendo, exigindo espaço. Quando começa a se mover, maciamente, relaxo o tronco, mas contraio os músculos internos em torno dele.

— Hum, isso é bom. Faça de novo — pede na fala rouca que eu adoro.

Aperto-o outra vez. Ele cerra a mandíbula.

Percebendo o quanto estou agradando, vou contraindo os músculos internos, como se pudesse esmagá-lo feito um punho fechado. Bendita Pini que nos levou a tal aula de pompoarismo!

— Vamos morar juntos — diz entre os dentes cerrados quando uso um pouco mais da força dos músculos vaginais.

Relaxo, perdendo o foco.

— O quê?

— Não pare — me dá um beijo forte, e depois uma mordida no lábio inferior — Continue...

— O quê você disse, Dani? — prendo de leve.

— Vamos morar juntos — repete, alisando meu mamilo com um belisco provocativo e movendo o quadril num ritmo preguiçoso.

— Aqui ou lá? — questiono, e ele sabe a que me refiro.

Aperto um pouco mais forte.

— Nos dois lugares — diz. Relaxo, para então vê-lo grunhir com outra contração intensa — Podemos ficar aqui, nesta casa, e manter um apartamento na cidade. O que já tenho, ou o seu. Ou compramos um. Você quem decide, Kat... — aperto sem piedade, num tranco duro — Mulher!

— Por mim, acho que pode funcionar — digo simplesmente.

E dou o golpe de misericórdia que a professora ensinou na aula.

Lembro-me da voz gralhada, mas prestativa, dizendo àquela sala cheia de mulheres suadas e segurando um peso enorme entre as pernas: “Homem nenhum aguenta este movimento, vamos lá, três, dois, um, puxem!”.

Puxo para dentro e o cerro. Meu nome é uivado em seus lábios... Não me parece prazer; na verdade, isto tem mais cara de dor.

Deus do céu! Que eu o preserve inteiro, por favor!

Espero um pouquinho antes de perguntar.

— Daniel — mordo o lábio — Você está bem?

— Uhum...

Daniel

Escorado ao balcão, vejo-a descer a escada, cabelos molhados, os mesmos shorts e pedaço de camiseta que usou na primeira noite em minha casa. Naquele dia ela estava pronta para me provocar, mal sabia que eu já estava provocado muito antes. Hoje, no entanto, lhe faltam opções de vestuário.

Guardo um sorriso.

— Isto mesmo, se divirta. Você me deixou sem opções, Sr. Modelo de Cuecas.

Arqueio a sobancelha, escondendo-me atrás da xícara.

— Acho que está enganada, minha senhora. Se bem me lembro, eu te pedi para deixar suas coisas aqui. Você quis levar quase tudo, recorda?

Ela inspira profundamente, dramática.

— Tem razão... como sempre — e não me pareceu um elogio.

— Quero te levar para uma aula de surf — digo, tranquilo.

Ela morde o lábio, sacana, transparecendo os pensamentos em sua cabecinha ativa.

— Sei bem que tipo de aula você quer me dar, Dani. Lembro da última. Apreendi coisas bem importantes ali, na verdade. Nenhuma relacionada propriamente ao surf.

Deixo a xícara de lado e me encaminho para ela, passo a passo, sem presa, apreciando a vista. A mulher vai se contorcendo, esperando o bote. Seguro seu quadril, deslizo os dedos pelo estômago liso e subo por baixo do pedaço de camiseta. Encontro mamilos livres, durinhos. Brinco com eles, revezando entre um e outro.

— Suba, coloque um biquíni e me encontre lá fora, ok? — aspiro o cheiro maravilhoso de seu pescoço, principalmente no canto mais quente atrás de sua orelha.

Amo esse pedaço de sua pele.

Ela enlaça meu pescoço e tenta me puxar para si. Katarina quer quando ela quer... O que é quase sempre, para o meu agrado. Mas não agora, ou, pelo menos, não *ainda*. Tenho planos para ela.



Ao me ver, ela vem rindo, feito uma garotinha vidrada em aventura. Escoro contra o guidão do *jet ski*, esperando por sua aproximação. Não vou negar que seu semblante me faz regozijar de orgulho. E que homem não ficaria vendo uma mulher igual Katarina admirando-o como se ele fosse o que há de melhor no mundo?

— Gosta do que vê? — provoco.

Seu peito sobe e desce, suspirando, sonhadora.

— Gosto muito, se quer saber. Tanto que tenho vontade de partir sua cabeça ao meio, só para ver se fica menos atraente.

Assovio, surpreso com a declaração de amor *à la Katarina*.

— Você sabe ser romântica como ninguém.

— Não, meu bem. Sou prática. Se você soubesse a quantidade de lacraias oferecidas por aí, entenderia o meu ponto de vista — rindo, diz, convencida.

Laço sua cintura e a puxo para mim.

— Amo esse seu lado ciumento, sabia? — afundo o rosto em seu pescoço.

— Ah, bom Deus, se vai fazer isto, por favor, espere até que eu dê uma volta nesta belezinha — se contrai contra o meu corpo em seu biquíni escandalosamente branco.

— Você sabe que ele fica transparente na água, não sabe? — resmungo, insatisfeito, contra sua pele.

— Ainda bem que ningu... — “ninguém viu”, era o que ela diria, se não tivesse usando esta peça infame na aula com o imbecil do Matheus.

— Exatamente — lembro, sem muito humor.

— Bem, pelo menos não me negou a parte sobre “eu dar uma voltinha nesta belezinha”. Isso é promissor.

Dou uma risada baixa.

— Sim, é — mordo a pele cheirosa antes de me separar — Você dará. Na volta, se for uma boa menina.

Ela dá um tapinha na própria testa.

— Aí está o problema. Nunca fui uma boa menina.

Salpico um beijo em seu nariz, que contém algumas poucas pintinhas de sol.

— Por sorte, gosto de você exatamente como é.

Seus braços magros me contornam pela cintura.

— Você sempre sabe o que dizer, não é?

— Eu tento — brinco, afastando-me para apanhar o colete.

— Vamos te proteger, antes de tudo.

Seu olhar verifica, com desconfiança, o item na minha mão.

— Por que só estou vendo um deles?

— Porque somente você utilizará — digo concentrado, colocando o item nela.

— Por quê?

— Porque estou dizendo.

— *Argh!* — ouço um tipo de grunhido estranho e engraçado sair de sua boca bonita e apertada.

— É para sua segurança — afivelo as duas faixas cruzadas e dou um passo atrás, checando minha bela mulher, de calcinha e colete. Uma visão pra ferrar o autocontrole de um homem.

— Tudo bem. Vou aceitar, desta vez.

Volto a rir.

— Vai aceitar uma ova. Você só quer me agradar para pilotar na volta, minha senhora.

Ela tenta cruzar os braços sobre o peito, mas o colete inflado não ajuda.

— Você quem fabricou? — aponta para si.

— Aham... Agora venha.

Coloco-a no *jet ski* e empurro para a água. Monto e conduzo para longe das quebras, onde o mar é mais tranquilo, quase sem ondas. É um dos pontos de que gosto, quando preciso relaxar. Quando quero extravasar, prefiro enfrentar as ondas violentas, elas extraem o que necessito.

Desligo o motor e me lanço na água. Convido para que ela venha também. O ponto aqui parece raso em função da transparência que permite ver o fundo, levando à enganosa sensação de que estamos a poucos metros do solo. Sem medo, ela se joga. O colete não permite que afunde, no

entanto.

— Me ajude a tirar — pede.

— Não.

— Homem, eu sei nadar! — exaspera.

— Sim, sei disto. Mas aqui não é seguro. Abaixo da superfície, há um fenômeno de redemoinhos que pode tragar o mais exímio dos nadadores de surpresa.

Observo-a arquear a sobrancelha e enrugar os lábios, desacreditando.

— Então por que você está sem colete?

— Por que conheço perfeitamente bem o lugar. Agora, o que acha de aproveitar um pouquinho o bom tempo?

— Não acho que podemos aproveitar qualquer coisa com isto — mostra a peça alaranjada, tentadora.

— acredite, estou certo de que podemos, meu amor — seguro seu rosto entre as mãos e penteio o cabelo escuro para trás. Os olhos de floresta observam-me com atenção.

— Dani, pode parecer besteira, mas aqui, em meio a essa água, você consegue ficar ainda mais bonito como?

Circulo sem corpo, me encaixando atrás dela.

— São seus olhos, menina...

Mordisco a parte que consigo de sua pele. Esse colete é realmente uma porcaria no meu caminho.

— Você se lembra de onde estávamos quando demos o nosso primeiro beijo? — acaricio seu quadril.

— Aham na represa — diz, entrando no clima.

— Quando mergulhamos, você não faz ideia da bagunça que estava o meu peito. Parecia um louco, desejando te tocar de maneira furiosa... Não sei como eu consegui aguentar.

Ela ri.

— Na verdade, você me perseguiu e praticamente me agarrou contra o muro, se bem me lembro aquilo não foi exatamente “aguentar”.

— Não, mas também não foi metade do que eu queria fazer com você. E veja, agora eu a tenho aqui, afastada de tudo, indefesa, à minha mercê. Me diga, o que eu deveria fazer contigo, menina?

Sinto sua respiração falhar.

— O que quiser. Como você disse, estou à sua mercê.

— Boa garota.

— Eu sou mesmo. Posso ser até melhor do que isto, Dani — sua mão vem sorrateiramente para

as costas, testar-me. E encontrando o que quer, enfia-se por dentro da sunga, me tocando.

Cerro o aperto na mandíbula, controlando meu ímpeto. Eu a trouxe aqui por um motivo.

— Este lugar em quem estamos é muito importante para mim — revelo, contra sua orelha — Por vezes, eu vim até aqui, a braçadas, apenas porque precisava de algum alívio para a dor miserável que eu sentia por não estar com você.

— Dani — ela sussurra, admirada.

— Aqui, cansado, eu gritava minha frustração. Este mar é testemunha do tanto que eu te desejei, do quanto te amei à distância.

— Ah, Dani — ela se gira para ficar de frente comigo.

Dou um beijo arrastado por seu lábio, uma distração para o meu objetivo, e a encaro para que ela veja a verdade em mim.

— E hoje, em frente a ele, eu gostaria de assumir um compromisso com você.

O cenho se franze, curiosa com algo que encontra em minha expressão.

Sorrindo, abro um pequeno compartimento em seu colete. Os olhos de floresta acompanham meus dedos, em expectativa. Num determinado momento, pego um estremecer nervoso de seu queixo.

Antes de retirar o objeto, beijo a pontinha de seu nariz, para acalmá-la... ou me acalmar, não sei bem.

E então pego o anel. Uma joia que comprei com o primeiro dinheiro de verdade que fiz com a empresa. Quando bati os olhos na peça, eu sabia que seria dela. Naquela época, eu estava pronto para ir atrás da menina, mas minha covardia me fez decidir esperar. Katarina estava numa fase de festa e curtidão com suas amigas, preferi que ela descobrisse mais da vida, se aventurasse... dei a ela uma oportunidade de viver, talvez até de conhecer alguém. Por sorte, estamos aqui hoje. Aconteceu como tinha de acontecer.

Noto seus olhos se arregalarem ao encontrar o anel, formando enormes esferas castanhas com riscas esverdeadas. A boca carnuda abre, fecha, e abre outra vez. Riria se também não estivesse nervoso.

— Gostaria que você recebesse este anel como símbolo do compromisso entre nós.

— Daniel — ela exprime enquanto falo.

— Namoro, casamento, é você quem me dirá quando estiver pronta. O importante, para mim, é que o mantenha em seu dedo, olhe para ele ciente do homem que ele representa, e o quanto este homem te ama, Katarina.

Meu coração soca a parede torácica, furiosamente acelerado. Esperei muitos anos por este dia.

— Deus, que golpe mais baixo — murmura num tipo de riso choroso; pego a sua mão trêmula e coloco a joia em seu dedo anelar.

Beijo sua palma, e então seus lábios.

— Ah, Dani! — ela me enlaça, e acho que esta é a primeira vez que vejo Katarina

monossilábica, sem um comentário espertinho para arrematar.

— Quando tiver interesse, verifique a data no interior dele — instigo sua curiosidade.

A mulher não espera eu terminar de dizer. Retira o anel do dedo e confere a inscrição. Espero para saber se reconhece. Tenho a sensação de que ela ofega, afetada. Quando me encara, sinto a potência de um golpe certo diretamente no coração.

— O dia em que nos beijamos pela primeira vez. Você lembra...

Lambo os lábios, orgulhoso pra caralho.

— O dia em que minha alma encontrou a sua. Como poderia esquecer?

Ela devolve o anel apressadamente ao dedo e se lança sobre mim, numa explosão.

— Meu Deus, eu tinha certeza de que você faria algo assim, sabia?! Tinha certeza! Eu ficava tentando imaginar como seria, mas *cara!*, você conseguiu me surpreender! No mar? Sério? Enfia-me um colete horroroso e guarda um anel nele! Dani, isso foi muito legal! É por isto que te amo.

Gargalho; só ela poderia ser tão franca num momento destes.

— Achei que me amasse por eu ser um modelo de cuecas.

— Ah, com certeza, sim! Não se engane, sou extremamente interesseira, meu bem.

— Eu também — pego-a pela cintura, pronto para mostrar o quanto sou ganancioso por seus sorrisos, suas deixas sacanas, seu corpo e, principalmente, seu coração.

Pois nenhum tempo que eu tenha passado separado dela foi suficiente para tirá-la do meu. Katarina estava destinada a ser minha, longe ou perto, minha e somente minha.

— Minha — rosno, consumindo-a num beijo.

Nos meus pés, sinto a carícia de uma corrente marítima, parabenizando-me por finalmente recuperar o amor desta mulher.

Ao abraçá-la, sibilo um obrigado ao grande senhor das águas.



Epílogo

Katarina

Deitada no ombro de Daniel, no sofá da sala, circulo os canais da televisão, apenas por uma questão de fazê-lo. Dani está me provocando, a princípio com uma massagem nos ombros, que ambos sabemos onde vai parar. Passamos os últimos quatro dias separados, ele no litoral e eu aqui. Tive compromissos na assessoria a um cliente importante, não deu para fugir. Em situações assim, ele sempre dá um jeitinho de vir, mas coincidiu de também ter algo importante por lá.

Ficar distante cria sentimentos duplos: uma saudade insuportável, principalmente durante a noite; e uma excitação maior ainda por nos encontrarmos. A cura para o mal é estarmos assim, juntos, se tocando, sentindo o calor um do outro.

— Amor, você por acaso não está se esquecendo de que o casamento de sua irmã está quase aí, não é? Lembra que combinamos de sair para comprar um terno novo...

O infeliz mordisca minha orelha.

— Eu já tenho um terno...

— Sim, um de cor cinza extraordinário em seu corpo, mas que já usou algumas vezes antes. Não queremos que descubram que você só tem ele, não é? — me contorço em seu colo.

— Eu não me importo — enfia a língua dentro do ouvido. A língua!

Sempre jogando sujo.

— Acredite, alguém com tanto dinheiro quanto você às vezes também pode se dar ao luxo de investir em uma roupa bacana, além de todos esses jeans, bermudas e camisetas...

Sua mão desliza por baixo de uma camiseta sua que cortei para fazer uma miniblusa.

— Gosto de jeans, bermudas e camisetas. Acho que você também gosta. Esta aqui era uma de minhas preferidas — belisca meu mamilo, provocativo.

— Dani — reclamo — Você fica muito bom de olhar nestes trajes diários, mas precisa mesmo de um terno novo. Combinamos de ir hoje.

Quando percebo, estou virada de frente para ele, montada em seu colo.

— Vou usar uma roupa nova destas quando for o dia de nosso segundo casamento — levanta minha blusinha, mas não a tira de mim; segura, deixando os seios expostos somente para si — Por falar nele, você está demorando a marcar a data.

— Segundo casamento? — ofego quando sua língua chicoteia meu seio.

— Aham — murmura com a boca cheia. E então se afasta o suficiente para poder explicar — Você sabe muito bem que tivemos nossa cerimônia naquele dia, no mar. Aquilo vale para todos os efeitos.

— Dani, não seja — abocanha de volta, sugando o mamilo — traiçoeirooo... Se nos casamos lá, você não foi leal. Se me lembro bem, você disse...

Ele se afasta outra vez.

— Que o anel era um símbolo do compromisso entre nós... Ali, em frente ao mar, o que você achou que seria? Uma festa do biquíni, meu amor?

— Você não pode dizer a uma noiva que ela esteve em seu próprio casamento depois que a cerimônia acaba.

— Ah, não? — lambe o outro — Puxa, pensei que você estava entendendo a coisa toda. Até a consumação foi feita ali, para não restar dúvidas de que era válido.

Em um arquejo de prazer, dou uma risada alta.

— Neste caso, se já somos casados, não precisamos efetuar outra cerimônia, não acha?

Recebo uma mordida de leve.

— Não seja condescendente, meu amor. Seu pai e amigas precisam de uma festa.

— Então é tudo por eles?

Num gesto fluído, ele me gira, deitando-se sobre mim no sofá.

— Boa tentativa. Mas ainda teremos um segundo casamento. Vou te torturar todas as noites, até que finalmente marque uma data.

Abraço seus ombros.

— Se suas torturas forem assim, meu bem, se prepare para um longa e terrível espera.

— É você quem sabe. Estou pronto para termos nossos bebês. Quer que eles não tenham nenhuma imagem do casamento dos pais?

— Argh! Ok. Vamos marcar.

— Sua inteligência é uma das razões de eu ter me casado com você, Katarina.

— Humpf... Pensei que fosse meus peitos, já que você se comporta feito um maluco quando eles estão à mão.

— Uhum... — resmunga com a boca ocupada.

Oh, droga, por que isto é sempre tão bom?

A resposta é simples: porque é com Daniel. Nunca foi assim com nenhum outro. Já estamos juntos há algum tempo e a necessidade não diminui, pois é *ele* aqui. O primeiro e último pensamento do meu dia. O homem que, a cada abraço, faz eu me sentir protegida, amada, como em nenhum outro lugar.

— Eu amo você, bastardo — sussurro baixinho.

— Cheguei à conclusão de que esta palavra quer dizer muitas coisas, *carinho* — se afasta para arremeter novamente — Faça aquilo comigo.

E eu faço, por conhecê-lo, saber de seus gostos e querer agradá-lo. Dani é meu homem, meu amigo, meu companheiro. A pessoa que me faz querer voltar para casa todas as noites, independente de onde esta seja: aqui, com minhas amigas, ou lá, cercada pelas pessoas que o amam e admiram.



Enquanto isso, no noticiário da televisão na sala...

A Polícia Federal, com autorização do Supremo, cumpriu hoje o mandado de prisão preventiva do deputado Igor Justos, bem como o de busca e apreensão na residência e gabinete do político recém-empossado. Igor é acusado de crimes como peculato, lavagem de dinheiro, corrupção passiva e associação criminosa, de acordo com o Ministério Público. A situação dele se complicou depois que seu braço direito, Alberto Luiz Rossoni, aceitou fazer uma delação premiada. Seguindo os caminhos do pai, Igor Justos entrou na política em...

Fim

Agradecimentos

Aos profissionais que trabalharam comigo para tornar este livro possível: Kátia Regina Souza, revisora competente que sempre contribui de forma significativa, Denília Carneiro, diagramadora e querida amiga, dona de um sotaque que amo, e Murilo Guerra, capista que captou a essência da série. Vocês são demais.

À Jhenifer Barroca, por tudo o que representa pra mim, principalmente por ser irmã, amiga, conselheira, alguém tão fundamental em minha vida.

Às pimentinhas, pela amizade, por compreenderem meus momentos de exílio, por todo o amor e companheirismo. Esta série tem grande parte de vocês nela.

Aos leitores, que receberam tão bem estas amigas e demonstram tanto carinho e respeito comigo. Sem vocês, nada disto seria possível. Saibam que também têm o meu respeito e a minha dedicação em cada linha que escrevo.

Sobre a próxima publicação:

Leia um trecho de Priscila, quarto livro da série

Priscila

— Você vai gostar deste lugar, Pini — Gabi afirma enquanto passamos pelos seguranças — Mauro, o cara que trabalha comigo, disse que foi difícil conseguir as entradas.

— Depois de você falar por tantos dias, é o que eu espero, garota — provoco.

Lançando uma piscadela atrevida, ela segue rebolando, em seu vestido preto ajustado ao corpo, pelo longo e estreito corredor de paredes revestidas com um tipo de tecido aveludado vermelho, vistoso. Somado à baixa e tremulante iluminação, e fazendo jus ao nome na fachada, *El Diablo*, o lugar invoca o pensamento de como seria a entrada do inferno. Diabolicamente atraente, feito para seduzir as pobres almas indefesas pela luxúria. A ideia leva um arrepio excitante à espinha.

Eu estava precisando disto. Uma noite num lugar novo, o frescor do desconhecido. Ando muito entediada ultimamente, e se não fosse por Gabrielle, as coisas poderiam ser piores. A garota é a única amiga solteira que me restou. Alice está casada, Júlia praticamente, e Katy, também noiva, mantém um pé aqui e outro no litoral. Minhas amigas de infância, irmãs por escolha, estão se assentando na vida, encontrando seus caminhos. Estou feliz por todas elas, muito mesmo... Mas fato é que eu realmente não havia percebido o quanto estava me sentindo sozinha. Até agora.

Gabi se inclina para falar próximo ao meu rosto, tanto para se fazer ouvir em meio à música alta que escutamos conforme vamos andando, quanto porque não quer que mais ninguém ouça.

— Ouvi dizer que este lugar pertence a mafiosos — debocha, num cochichado descrente — Embora eu acredite que sejam apenas boatos para assustar garotas inocentes como nós — ela bate os cílios, docemente malvada.

Impossível não rir. Eu realmente amo essa menina!

— Sinto-me tentada a voltar correndo — brinco.

Ao final do corredor, nos deparamos com a ampla boate, verdadeiramente deslumbrante, luxuosa. Não é apenas a decoração quente, em tons de vermelho e preto, maliciosamente remetendo ao pecado, tampouco a iluminação inovadora, pulsante, ou a música em batidas que alcançam o peito... vai além, é a energia. Meu corpo a sente correndo pela pele.

Assoviano baixinho, a garota ao meu lado certamente tem a mesma reação.

— Caramba, Priscila, como é que a gente não conhecia este lugar...

Balanço a cabeça, concordando. É exatamente o pensamento que tive.

— Gabi, lembre-se do que combinamos... — ressaltou, talvez mais para mim do que para ela mesma.

Movendo um aceno de cabeça lento, ela confirma.

— Nada de exagerarmos, concordo. A última vez fez um dano no meu cérebro. Outra daquelas e eu morro.

— Acho que eu também...

Nossa saída de duas semanas antes quase me custou um cliente. Mal conseguia me concentrar no que o infeliz dizia, tal meu estado de ressaca. Em minha defesa, foi ele quem ligou num sábado de manhã exigindo me ver. Quem diz que publicitários não dão duro, certamente desconhecem a profissão. Não bastasse ter de criar algo extremamente surpreendente a cada nova campanha, ainda preciso lidar com um ambiente altamente elitizado, dominado por homens. O que só me orgulha de ser mulher.

— Pini, aquilo ali é uma...

— ...cascata — complemento, surpresa com o que parece ser um local para os convidados se refrescarem e caírem de vez na perdição.

Ela sacode a cabeça.

— A gente não vai acabar ali.

— Não. De jeito nenhum... — olho-a de soslaio, enquanto abafamos inutilmente uma risada.

Rindo de nós mesmas, cúmplices, pisamos para dentro do caldeirão do demônio, pronto para sucumbir nossas almas.

Nossa primeira parada é o concorrido bar, onde homens e mulheres impecavelmente bem-vestidos trabalham freneticamente para atender à demanda. Leva um tempo até termos nossos martinis em mãos, para então circularmos e explorarmos o lugar, realizando a tediosa tarefa de nos desviar da atenção de todo imbecil por quem passamos. Eles são o lado ruim destes lugares, com certeza.

Mais um ou dois *drinks* depois, estamos nos rendendo à pista de dança. Impossível ser diferente, a pulsação vibrante das batidas nos atrai como abelhas no mel. De olhos fechados, deixo o mundo para o lado de fora e movo meu corpo, de um lado ao outro nos quadris, permitindo que a energia flua por minha corrente sanguínea. Num momento destes, todos os problemas simplesmente somem, e você só consegue experimentar a sensação poderosa de liberdade crescendo mais e mais a cada instante, levando-a a te guiar como se ninguém mais pudesse ver.

Sentindo a boca seca, e é isso o que me obriga a me situar, aproximo-me do ouvido de Gabi e pergunto se ela quer algo do bar. Leio a palavra “água” em seus lábios. Exatamente o que preciso também.

Grito que já volto, e saio para buscá-las.

Com dificuldade, dando uma empurrada de ombro aqui, outra ali, encontro um lugarzinho no balcão do bar. Gesticulo ao garçom ruivo vindo em minha direção.

— Duas águas, por favor!

Aparentemente sem me escutar, ele passa direto e se encaminha a um cliente a alguns metros. Espero por outro funcionário e repito o movimento e pedido. Nada. Faço a tentativa mais duas ou três vezes, sem sucesso. Então encho os pulmões, pronta para gritar mais alto, se este é o único jeito... e só não o faço pois sou momentaneamente distraída por um vulto silencioso, que logo toma forma de um braço estendido sob um blazer escuro, bem ao meu lado. Assisto a dois dedos morenos, juntos, sacudirem, sinalizando um gesto simples no ar.

Seguro a vontade de rir e dizer “Boa sorte, nunca virão até você só com isso”, todavia, o inacreditável acontece: o apelo quase imperceptível é visto e imediatamente acatado.

— Ah, qual é...? — assovio, girando a cabeça para encontrar a pessoa que obteve um injusto feito...

...e calo-me, por um ligeiro momento, ao me deparar com impressionantes olhos claros (conquanto não consiga distinguir exatamente a cor em meio à sombra da iluminação fraca), encarando-me fixamente. São tão fortes e penetrantes que parecem vidro, sob cílios grossos. Desvio-me deles para contemplar um nariz de traços retos, poderoso, em harmonia com o formato quadrado de seu rosto bronzeado. Sobrancelhas bastas se movimentam sutilmente, como se estivessem conversando comigo. É quando me dou conta de um sorriso torto em seus lábios. Um maldito sorriso convencido, quase imperceptível, mas que carrega certo desafio – *perversidade*, eu diria, lembrando histórias de belos anjos caídos, lindos e maus por natureza.

Desconcertada, fecho a cara, estreito os olhos de leve, como quem diz “Tá me olhando assim por quê?”.

O infeliz interpreta corretamente e sorri. Sorri! De lado, presunçoso, parecendo satisfeito por minha varredura em seu rosto.

— Não há de que — diz numa voz profunda, baixinha, que numa outra situação me faria refestelar.

Pisco aturdida, tanto por sua frase sem sentindo, quanto pelo pensamento inconveniente.

— O que disse?

Confiante, ciente da boa figura que tem, tranquilamente acena para algo atrás de mim.

— O *barman* — explica, apontando para o homem parado do outro lado do balcão, esperando por nós — Agora ele está aqui, você pode fazer seu pedido — baixa os olhos, reverenciador — E não precisa me agradecer.

Noto um sotaque carregado nas palavras – não que ele não domine nosso idioma, mas é algo forte, intrínseco. Eu diria que sua nacionalidade é de algum país europeu onde não se fala inglês. Certamente, não é francês ou italiano, eu saberia. Raios, eu nem mesmo deveria estar tentando descobrir.

Verifico de relance o funcionário pronto para receber nossos pedidos, e volto a encarar o gringo. Sentindo-me obrigada a reagir, elevo o queixo, numa postura forçadamente desapaixorada, então abro um sorriso que não passa de um mover de lábios.

— Por favor, você primeiro — ofereço, tão arrogante quanto ele.

Em reconhecimento, o sujeito meneia a cabeça negativamente, sustentando aquele ar sério, de um jogador sem pretensão de perder.

— Faça seu pedido, linda.

“Linda”. Apesar de eu detestar adjetivos toscos assim vindos de um estranho, na boca desse sujeito, somado ao tom de ordem, soa pessimamente... *atraente*. Não sei, talvez seja o sotaque, ou o desafio implícito...

Permitindo que a curiosidade leve a melhor, semicerro os olhos e corro um escrutínio mais adequado. Ele é grande, uma cabeça mais alto do que eu em meus saltos, de ombros largos e postura confiante. Relaxado, uma mão descansa dentro do bolso e a outra se escora no balcão, os pés cruzados um em frente ao outro. Também é magro (eu poderia apostar que há um tronco firme por baixo do paletó, colete, camisa e gravata); suas coxas são fortes, percebo pela espessura agarrada sob a calça do terno. Um exemplar cru de masculinidade, emoldurado por um belo rosto feito para atrair. Porém de olhos *gélidos*, tão frios quanto o pior dia de inverno.

Dá a sensação de que falta algo ali. Alma, talvez.

Um predador.

É esta a definição que me vem à mente, e, com ela, aquela sensação muito familiar de alerta. São poucos os que a invocam, e em momentos cada vez mais raros, mas quando acontece, não há uma única célula de mim que não desperte em estado de atenção. É instintivo.

Não gosto de me sentir assim.

Discretamente, respiro fundo, afugentando os sinais, e por uma questão de autopreservação, faço a única coisa que minha intuição exige, ensurdecadora.

— Obrigada, mas não pedi sua ajuda, *lindo*... — cuspo com calculada indiferença, e giro nos calcanhares.

Saio sem as águas, com a boca ainda mais seca do que antes; contudo, agora tendo o coração batendo violentamente contra o peito, não por qualquer atração, mas pela sensação de ânsia de vômito que as lembranças promovem em meu interior toda a maldita vez.

De costas para ele, deixo escapar um suspiro trêmulo.

Sem intenção, esse gringo me trouxe a detestável sensação de vulnerabilidade. Odeio o que ela faz comigo, principalmente, odeio o quanto me faz parecer fraca.

Meio desnorteada e necessitando de um mínimo de privacidade, caminho através da pouca visibilidade na direção onde as placas apontam o banheiro. Entro no espaço feminino lotado, cercado de espelhos por todos os lados, e vou direto a uma pia – por milagre, a única vazia.

Como quem busca redenção, agarro firmemente a borda de granito, abro a torneira, molho a mão e a levo à nuca. Ao sentir as gotículas frias escorrerem por dentro do vestido, correndo bem-vindas pelas costas, fecho os olhos por alguns instantes, praticando uma receita bem simples: respirar fundo e desviar o pensamento para coisas que me fazem bem. Um truque que aprendi com o tempo, na verdade. É isto ou enlouquecer. Acredite, eu já estive dos dois lados.

Somente quando me sinto no comando outra vez é que encaro meu reflexo lívido no espelho. Se eu for honesta, confesso que evito me ver assim, perceber que a garota do outro lado não é tão forte quanto quer ser, que já foi ferida e não pôde fazer nada. Em alguns momentos, eu a abomino por isto.

Tendo os sentidos e as emoções devidamente organizados, retorno para junto de Gabrielle. Minha amiga não questiona a ausência das bebidas, tampouco explico.

— Sente isto, Pini? — Gabi move-se ao ritmo das batidas, os longos cabelos platinados acompanham o balançar.

— Sim, garota... eu sinto — fecho os olhos e me deixo levar também.

E vou assim, música atrás de música, até que recebo um cutucão na costela. Abro os olhos (que eu nem me dei conta de estarem fechados), embaixo das pálpebras pesadas, para verificá-la, corada, suada, apontando para alguém atrás de mim.

Por cima do ombro, vejo um garçom parado, carregando uma bandeja com duas garrafinhas de água.

Sem expressar palavras, arqueio a sobrancelha e questiono sua presença estagnada feito um Âs de Copas.

— Uma cortesia do senhor Nikolaevich — diz, num modo exageradamente profissional.

Olho pra ele e para as garrafas. Puxo uma delas, sem sutileza, e confiro o lacre. Aparentemente está intacta, mas nunca se sabe. Com a quantidade de histórias que a gente escuta de homens cafajestes tentando drogar mulheres em lugares assim, é passível de nunca aceitar nada das mãos de estranhos.

Devolvo a garrafa à bandeja.

— Obrigada. Por favor, diga a este senhor *Nik-Sei-Lá-das-Quantas* que agradecemos — inclino o corpo, aproximando-me do ouvido do homem, para que me escute bem — Mas quando quisermos, pegaremos nós mesmas.

E com isso, deixo o pobre garçom de boca aberta, sem saber o que fazer. Volto a dançar, todavia, já não consigo relaxar. Este tal Nik-Nome-Difícil, provavelmente, é o mesmo cara do bar, o

gringo.

Dominada por uma certeza visceral, tão forte quanto a batida desta música, sinto que aqueles olhos frios, perigosos, estão me observando de algum lugar. Não preciso procurá-lo para saber. É inexplicável, e alastra arrepios por minha pele em todos os lugares, como se sua vigilância fosse onipresente. Mentir que não me excita, apesar de tudo, seria ridículo, pois me pego em um incomum estado de ansiedade (embora admitir me impressione muito). Eu poderia culpar o álcool, se de fato tivesse consumido uma quantidade significativa, o que não aconteceu.

Diabos! Quem é capaz de ser ao mesmo tempo tão atraente e tão intimidante? Ou o sujeito te desperta desejo, ou medo, as duas coisas juntas não é certo. Definitivamente não é certo.

Contrariando toda a racionalidade que há em mim, vejo-me com vontade de provocá-lo. Atiçá-lo. Quero fazer com que perceba que, com ou sem água, ele é o último cara com quem eu terminaria esta noite. Suscitante, finalmente aceito as investidas de um sujeito me rodeando há alguns minutos, e danço com ele. Detesto sua mão possessiva em meu quadril, mas ignoro e me movo lentamente, sensual.

Buscando alcançar aquele ponto de distanciamento dentro de mim, fecho os olhos, porém, a única coisa que consigo é pensar no rosto de belos traços masculinos, hostil, desafiando-me com apenas um menear de sobrelance.

Estou tão perdida nas divagações que, quando me dou conta, o homem comigo simplesmente desapareceu no ar, como se abduzido por um extraterrestre. Olho para a direita e para a esquerda, e nem sinal dele. Gabi, também dançando com um belo cara, provavelmente nem percebeu.

Que tipo de imbecil deixa a parceira de dança assim e some?

Bem, me poupou trabalho, no final das contas.

Ainda com aquela sensação de ser vigiada, engato uma nova dança com outro sujeito; de novo, uma mão pegajosa se cola em mim. Fecho os olhos, eriçada em todos os lugares, sempre com a expressão fria e ao mesmo tempo quente daquele maldito gringo cravada na mente... e o inesperado acontece: após duas músicas, outro parceiro se afasta, sem deixar vestígios.

Devo estar sofrendo de uma séria crise de alucinações. O que havia naqueles martinis? Homens não desaparecem assim, do nada.

Frustrada, de boca seca, desisto. Aviso a Gabi que vou buscar nossas águas e, desta vez, estou determinada a trazê-las comigo. Objetivamente, vou me enfiando em meio às pessoas até obter meu lugar ao sol, no bar. Segura, estendo o braço, uno dois dedos e aceno com eles no ar, tal qual vi o gringo fazer... inutilmente.

Se eu fosse um homem grande com ar de perigoso, talvez funcionasse.

— O que uma mulher precisa fazer para conseguir uma bebida neste lugar?— grito baixo, começando a não gostar mais tanto assim de *El Diablo*.

— Aceitar quando alguém gentilmente lhe envia uma é um bom começo — aquele sotaque gringo gostoso de ouvir... *outra vez*.

Tremores se alastram por meu corpo com grande intensidade, feito um choque elétrico,

daqueles leves, mas que o retorcem num instante.

Sobressaltada pela proximidade da voz rente ao meu ouvido, viro rapidamente para trás. Um erro, pois fico encurralada entre o homem e o balcão. Perto demais, estamos a um palmo de nos tocar.

— *Você*. De novo — finjo desgosto, embora uma parte de mim talvez o esperasse.

O olhar aquecido, impiedoso, busca o meu.

— Acho que não me deu oportunidade de me apresentar — seus lábios movem-se numa provocação sensual, zombeteira até — Eu me chamo Gael Nikolaevich.

Inspiro discretamente, tentada a desvendar os elementos de seu hálito, uma mistura refrescante de menta e vodka.

— Ah, sim, Nik, o cara *gentil* das águas — rosno com forçado desdém.

Pego um vislumbre de dentes alinhados no que parece ser um sorriso — apesar de não minimizar o perigoso iminente em seu rosto.

— Gentil não é como as pessoas costumam me definir, senhorita...?

Não revelo meu nome, pelo contrário, cerro os lábios. E minha recusa só o faz olhar-me mais atentamente, por baixo dos cílios longos, como quem encontra um enigma a ser desvendado.

A partir do brilho no olhar frio, sinto-me impelida a desestimulá-lo.

— Ok, o senhor já fez sua exibição de masculinidade, agora, por favor. *Se. Afaste*.

— Aceite uma bebida comigo — ignorando-me, diz num forte sotaque. Não é um pedido, e sim um tipo de ultimato.

Acabo rindo. É errado, principalmente quando você quer dissuadir alguém, mas... *por Deus! De onde este cara surgiu?*

Não sei como as coisas são na terra dele; aqui, no entanto, é sempre necessário um mínimo de tato numa conquista. Você não pode chegar ao seu alvo de interesse, agarrá-la primitivamente pelos cabelos e sair dizendo “Mim quer você”. Não importa o quão atraente você seja.

— Olhe — explico, calmamente — Estou impressionada com suas técnicas de conquista, é sério. Mas, eu realmente não quero uma bebida sua.

— Por quê? — leio em seus lábios masculinos.

Corro um olhar desdenhoso por seu belo corpo (ou a parte dele que posso ver, tão próxima como estou).

— Não estou interessada em você, entende?

O olhar glacial vai perdendo um pouco da frieza e ganhando temperatura. Humor, eu diria.

— Ah, não?

Engulo a saliva, sobrecarregada com o desafio.

— Não. Você não faz meu tipo.

Sua reação me pega desprevenida. Em vez de irritar-se com o desaforo, o que ouço é uma risada gostosa, rica, que lança um calor gostoso pela pele. Por um instante, fico me perguntando como seria beijá-lo, correr os dedos por seu cabelo negro aparentemente macio, deslizar os contornos magníficos de sua estrutura óssea facial, sugar os lábios cheios.

Que confusão dos infernos! Quero socá-lo na traqueia para que se afaste e, ao mesmo tempo, provar sua boca.

Este lugar. É a única explicação.

— Pelo que eu pude ver, senhorita — traz atrevidamente a boca junto ao meu ouvido, roçando meus cabelos com o nariz — Os que fazem o seu tipo não parecem gostar de dançar com você — seu divertimento está estampado nas ondas de provocação que arrepiam minha nuca.

Maldito seja!

É evidente que esse gringo assistiu à minha dupla rejeição na pista de dança.

— E, por isto, você acha que pode tentar?

— Não. Mas estou disposto a fazer um acordo.

A energia de seu corpo, o perfume amadeirado gostoso, o movimento de seus lábios... todos estes elementos queimam uma secura no meu céu da boca em antecipação, e me obrigam a perguntar.

— Qual?

Sei que a curiosidade é o meu erro.

— Se, dentro de uma hora, ainda estiver sozinha, você aceitará um *drink* comigo — seu hálito sopra quente e me envolve numa bruma macia — E uma dança também.

Semicerro os olhos, fascinada com sua segurança.

— E por que eu aceitaria isso?

— Porque, do contrário, insistirei até que ceda. Sou um homem persistente — apesar da fala absolutamente presunçosa, a expressão serena revela uma verdade da qual ele não se envergonha.

Troco de um pé para o outro.

— Deixa eu ver se entendi: na sua opinião, eu preciso ter um homem ao meu lado a qualquer custo, seja um estranho ou você, é isso? — uso toda doçura irônica que possuo.

— Não. Não pretendo te ver com um estranho.

Reprimo um gemido exasperado.

— Então...? — arqueio a sobrancelha.

— Você quer o que estou propondo, mas tenciona tornar isto mais difícil pra mim. Neste caso, estou te dando a oportunidade de perceber, no seu tempo.

Observo seu rosto impassível com mais cuidado...

— Gringo, de onde foi que você surgiu?! — acabo tendo de morder forte o lábio para não rir.

Esse cara mexe comigo. Para o bem e para o mal. Apesar do perigo exalando por seus poros, partes de mim que não deveriam se deixar abalar umedecem e esquentam. Acho que nunca me deparei com alguém assim antes. Lobos maus costumam sorrir e ganhar pelo convencimento... homens como ele, no entanto, não escondem o que querem, lançam as cartas abertamente. O que é ainda mais aterrorizante.

Sua atitude primitiva consegue fazer o impossível: tornar-me tentada ao desafio.

Por que não? Na verdade, seria muito interessante ver sua confiança quebrar ao meio, quando perceber que a tarefa que me deu não é tão difícil quanto pensa. Posso até me ver com outro enquanto sinto seu olhar intimidante contemplando minha vitória.

— Tudo bem — respondo, decidida — E só para que fique bem claro... — acrescento com seriedade — Nenhuma das alternativas acabará em nós dois transando. Se este é o seu objetivo, desista.

Recebo um sorriso muito mal-intencionado.

— Eu não pensei nesta opção, mas a ideia é tentadora — ah, esse maldito sotaque ligeiramente rouco...

Um calafrio corre minha espinha dorsal, num misto de tentação e medo.

— Agora se afaste — empurro de leve seu peito — E cumpra sua palavra.

Em vez de fazer o que eu peço, ele apoia suas mãos terrivelmente quentes por cima das minhas, segurando-as sobre o peitoral firme, e se aproxima ainda mais, tanto que tenho a sensação de que me beijará. No último minuto, contudo, move-se para meu ouvido.

— Eu espero que você também cumpra a sua, Krasavitsa — a ameaça grave eriça os pelos do meu braço — Você verá que posso ser um excelente dançarino — provoca, acrescentando uma malícia primitiva ao timbre grave.

Traindo minha postura confiante, estremeço a ferro. O gringo percebe, satisfeito... e se afasta, caminhando elegantemente dentro do terno escuro, deixando atrás de si promessas indizíveis enquanto lhe abrem caminho. Mulheres o observam, gananciosas; homens, em reverência.

Quem é esse cara, afinal?

Escoro no balcão do bar como se minhas pernas de repente não fossem nada além de gelatina. Um mau presságio volta a me consumir, com a certeza de que esta é uma decisão da qual me arrependerei.

Recado da autora

Gostou desta história? Caso sim, ajude-me a levar Katarina e Daniela mais leitores. Compartilhe com um amigo, indique o livro, publique sobre ele em suas redes sociais... E, se puder, deixe sua avaliação na Amazon, ela é muito importante.

Para mais informações sobre este e outros livros, aqui estão as minhas redes sociais:

Wattpad: Anne Marck

Instagram: @Anne.Marck

Grupo no Facebook: Romances da Anne Marck

Página no Facebook: Anne Marck

Twitter: @AnneMarck